

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional

Fabiana Braun

**O DESAFIO DA INTEGRAÇÃO SOCIOESPACIAL DE
HAITIANOS EM LAJEADO/RS (2010 – 2020)**



Porto Alegre
2020

Fabiana Braun

**O DESAFIO DA INTEGRAÇÃO SOCIOESPACIAL DE
HAITIANOS EM LAJEADO/RS (2010 - 2020)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional. Área de concentração: *Planejamento e Espaço Urbano e Regional.*

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Inês Gomes Miron

Porto Alegre
2020

CIP - Catalogação na Publicação

Braun, Fabiana
O Desafio da Integração Socioespacial de Haitianos
em Lajeado/RS (2010-2020) / Fabiana Braun. -- 2020.
218 f.
Orientadora: Luciana Ines Gomes Miron.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa
de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional,
Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Imigrações Internacionais Contemporâneas. 2.
Haitianos. 3. Integração Socioespacial. 4. Gestão
Municipal. 5. Escala Local. I. Ines Gomes Miron,
Luciana, orient. II. Título.

Fabiana Braun

**O DESAFIO DA INTEGRAÇÃO SOCIOESPACIAL DE
HAITIANOS EM LAJEADO/RS (2010 - 2020)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional. Área de concentração: *Planejamento e Espaço Urbano e Regional*.

Porto Alegre, 30 de outubro de 2020.

Prof.^a Dr.^a Luciana Inês Gomes Miron
Orientadora | PROPUR /UFRGS

Profa. Dra. Rosmari Cazarotto
Examinadora Externa | Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES)
Departamento de História e Humanidades

Prof. Dr. Fabian Scholze Domingues
Examinador Externo | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Departamento de Economia e Relações Internacionais

Profa. Dra. Inês Martina Lersch
Examinadora Interna | PROPUR | Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura

Porto Alegre
2020

Dedico a todos os imigrantes haitianos

Ao meu pai, por tudo.
Aos meus filhos.
Aos encontros e desencontros da vida.
Aos reencontros!

MOTIVAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é o resultado de um ciclo de descobertas e aprendizados. Após morar durante vinte anos em Porto Alegre/RS em função de estudo e trabalho, em 2013 retornei para o Vale do Taquari, região que nasci e fui criada. Mesmo que, por vezes, eu retornasse como visitante para a região, ainda era comum caminhar nas ruas da cidade e ouvir pessoas se comunicando através da língua alemã. Dessa vez algo tinha mudado nas ruas de Lajeado: se antes a paisagem urbana da cidade era predominantemente composta por uma população de etnia branca, agora, uma negritude vinha a somar presença no mesmo espaço urbano, trazendo consigo o som de um idioma diferente, uma comunicação que parecia a língua francesa, mas diferente do francês. Chamava atenção a grande concentração de negros em determinados locais da cidade e, logo chegou a notícia sobre a vinda de imigrantes haitianos em busca de trabalho nas indústrias da cidade. Essa nova realidade urbana despertou a minha curiosidade em cursar o mestrado; em compreender como as dinâmicas globais emergem no espaço local de uma cidade como Lajeado, que mantém características de cidade pequena de rotina prosaica. Assim, a motivação para o desenvolvimento desta pesquisa foi a possibilidade de contribuir na área dos estudos urbanos no que se refere ao fenômeno dos deslocamentos humanos, mais especificamente dos fluxos migratórios laborais internacionais contemporâneos e como tais fluxos impactam na escala local das cidades destino. Agora, ao final deste ciclo, cabe agradecer aos que fizeram parte desta caminhada e merecem reconhecimento.

À minha família, meus pais Inke (*in memoriam*) e José Adão pelo apoio e educação que foi me dada. Às minhas irmãs Ana Solange e Luciana que me apoiaram mesmo sem entender muito bem o que eu pesquisava e como isso se relacionava com arquitetura e urbanismo. Aos meus filhos, Enrico e Martín, por me ensinarem o que é amor incondicional. À Dra. Ieda Kelbert, pelos pousos em Porto Alegre e pelo carinho, você é uma referência de vida! À Karine Colling, amiga que sempre liga não importa os anos e a distância! À Simone Class, pela parceria de “mães” e drinks! Ao amigo Alexandre Schmitt, pelas risadas gastronômicas e *pulled pork*! Aos colegas do Espaço ANC, pela paciência. Aos demais familiares, amigos e vizinhos, por compreenderem as minhas ausências.

À secretaria do PROPUR, nas pessoas de Mariluz Grando e Paula Fischer por toda a dedicação e assistência prestada no período em que fui mestranda. Ao corpo docente do PROPUR, minha admiração e agradecimento por todas as contribuições para a construção deste trabalho. Em especial aos que foram meus professores nas disciplinas cursadas, pela dedicação, amor e competência em ensinar o saber: À professora Heleniza Campos Ávila pelas aulas sobre território, região e rede urbana. Ao professor Éber Marzullo, pelas aulas de sociologia do território. À professora Livia S. Piccinini, pelas aulas de introdução ao estudo da legislação e políticas públicas no Brasil. À professora Clarice Maraschin, pelas aulas de uso do solo e estudos configuracionais. À professora Inês Martina Lersch, pelas aulas de fundamentos metodológicos da pesquisa. Ao professor Fábio Zampieri, pelas aulas de introdução a geoprocessamento e as questões urbanas e regionais.

Às instituições onde busquei dados, Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Biblioteca da Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS, Biblioteca da UNIVATES. Ao Núcleo de Apoio Estatístico - NAE da UFRGS. À prefeitura Municipal de Lajeado, na figura das secretárias e secretário do prefeito Marcelo Caumo e demais gestores das áreas de Assistência Social, Planejamento Urbano, Saúde e Educação, por verem importância do tema e da participação nas entrevistas; em especial à equipe da saúde da USF Centro-Praia nas pessoas da coordenadora Ana Gleisa Carnelutti e das agentes Aline Hauschild e Denise Ramos nas entrevistas, dados disponibilizados e pelo acompanhamento em campo. Aos pastores haitianos das Igrejas Haitianas de Lajeado, na figura de Simon, Abadias e Raymond que me permitirem acesso aos cultos e à sua cultura. À haitiana Bensile Teus, pelo seu trabalho nas traduções das entrevistas em crioulo.

Aos colegas de PROPUR, que foram de suma importância nas disciplinas cursadas, por compartilhar comigo o conhecimento, dúvidas e angústias. Aos amigos e colegas de orientação Josiane Scotton e Wagner Mazetto pela cumplicidade. Aos demais colegas orientandos pela força durante a evolução desta pesquisa. À Aline Sheibe pelo auxílio com o mapa axial de Lajeado. A Bruno Gallina pelo auxílio com os mapas georreferenciados. À Nathalia Danezi pelo auxílio na revisão e formatação da pesquisa. Aos amigos Eclea Morais, Lúcia Melchior, Alice Rauber e Ana Seixas pelos cafés conselhos.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS/PROPUR), pela oportunidade.

Aos professores Fabian Scholze Domingues, Rosmari Cazarotto e Inês Martina Lersch, por aceitarem o convite e se disponibilizarem a participar da banca de defesa.

À minha querida orientadora professora Luciana I. Gomes Miron, pela dedicação e determinação transmitida neste ciclo. Pela competência nos ensinamentos durante o estágio docente, nas aulas de fundamentos metodológicos da pesquisa e nas aulas de projetos urbanos, gestão e desenvolvimento. Você me ensinou a persistir e organizar de forma objetiva os meus pensamentos! Te agradeço pelos encontros de orientação, pelos conselhos e, principalmente, pela sua paciência comigo, por ter acreditado em mim e nesta pesquisa.

E por fim, eu dedico um agradecimento especial à querida professora e amiga Andrea da Costa Braga pelo incentivo e dedicação. Por sua competência nas aulas de Introdução à Sintaxe Espacial, minha primeira disciplina no curso; aulas que me levavam para lugares distantes como Aleppo, Síria, Turquia e Itália e também lugares perto como Porto Alegre, Lajeado, o bairro e a vizinhança. Você foi quem me apresentou os primeiros livros de Barth e Massey e mostrou que seria possível unir arquitetura, cidade e relações sociais. Você acompanhou, mesmo depois da sua mudança de Porto Alegre para o Rio de Janeiro; não só o meu processo de mestrado, passando pela seleção, pela qualificação; como também você acompanhou a minha vida e seus desdobramentos. Eu te agradeço por indicar os primeiros caminhos desta pesquisa. Pela sua generosidade e amizade, a minha gratidão.

“A vida é uma navegação num oceano de incertezas passando por arquipélagos de certezas.”

(EDGAR MORIN, 2019)

“Não muito longe [...] vivia uma mulher idosa que tinha morado a vida toda na mesma casa. Seus pais a tinham levado para aquela casa quando ela nasceu [...] ao longo desse tempo todo ela não se mudara; viajara, isso sim, mas nunca se mudara, e, no entanto, parecia que o mundo tinha se mudado, e ela mal conhecia a cidade que existia em torno da sua propriedade. [...] e ela sabia os nomes de quase todo mundo em sua rua, e a maioria tinha estado ali por muito tempo [...] mas com o passar dos anos elas começaram a mudar cada vez mais depressa, e agora ela não conhecia mais ninguém, e não via motivo para se esforçar nesse sentido, pois as pessoas compravam e vendiam casas como quem compra e vende ações, e a cada ano alguém estava de partida e alguém estava chegando, [...] havia em volta todo tipo de gente estranha, gente que parecia sentir-se mais em casa do que ela própria [...] e quando ela saía de casa tinha a impressão de também ter migrado, de que todo mundo migra, mesmo que permaneça na mesma casa a vida toda[...].
Somos todos migrantes através do tempo.”

(MOHSIN HAMID, 2018)

“... as crianças haitianas entre 10 e 13 anos falavam mais de três idiomas e todas tinham saído do seu país após o terremoto. Algumas delas estavam viajando com seus pais há anos, passando por vários países. Sobre a cidade de Lajeado, as crianças falaram sobre o bairro, a rua, casa, a escola, a fábrica e do vai e vem cotidiano de suas vidas; falaram sobre a família aqui e dos familiares que ficaram lá; também das pessoas daqui e das diferenças. No começo da conversa estavam acanhadas e pensativas até que foram indagadas a falar sobre as diferenças de comida do Haiti e de Lajeado. As crianças sorriram e motivaram-se, dizendo que o hambúrguer de Lajeado é diferente, os salgadinhos industrializados e a maneira de fazer pastel também são diferentes (parece que a massa do pastel no Haiti é mais lisa). Uma delas falou que no Haiti não tem lasanha como em Lajeado, a outra disse que no Haiti tem lasanha, porém em Lajeado, todos têm a possibilidade de comer” (ENTREVISTA EM GRUPO/2019).

RESUMO

A imigração laboral contemporânea é uma realidade global e dados mostram que esses deslocamentos se intensificaram em direção às cidades. O debate atual envolve agendas sobre o desenvolvimento sustentável das cidades destino de imigrantes. No Brasil, a imigração haitiana impôs desafios aos municípios, que receberam contingentes inesperados de pessoas. O Objetivo desta pesquisa é compreender como ocorre a integração socioespacial de imigrantes laborais contemporâneos haitianos em cidades brasileiras. Foi selecionada para objeto de um estudo de caso a cidade de Lajeado, localizada na região do Vale do Taquari, no estado do Rio Grande do Sul – Brasil. Lajeado é uma cidade de origem de colonização europeia do século XIX e, atualmente, é destino de imigrantes laborais contemporâneos haitianos para trabalhar nas indústrias frigoríficas exportadoras para mercados globais. Trata-se de um estudo de caso de caráter exploratório. Inicialmente, foi mapeada a territorialização dos imigrantes haitianos em Lajeado. Em sequência foram realizadas entrevistas com três grupos de representantes da cidade: gestores municipais, população local e imigrantes haitianos. Entre os resultados da pesquisa, verificou-se que existem outras fronteiras além da geográfica a serem vencidas pelos imigrantes, pois a diferença cultural e de linguagem entre os grupos foram indicadas como os principais desafios para a integração socioespacial de haitianos em Lajeado. A contribuição da pesquisa é aproximar os estudos migratórios para o campo do planejamento urbano e da gestão municipal, na escala local das cidades brasileiras.

Palavras chave: Imigrações Internacionais Laborais Contemporâneas; Haitianos; Integração Socioespacial; Gestão Municipal; Escala Local.

ABSTRACT

Contemporary labor immigration is a global reality and data show that these displacements have intensified towards cities. The current debate involves agendas on the sustainable development of cities destined for immigrants. In Brazil, haitian immigration posed challenges to municipalities, which received unexpected contingents of people. The objective of this research is to understand how the sociospatial integration of contemporary haitian labor immigrants occurs in Brazilian cities. The city of Lajeado, located in Taquari valley region, in the state of Rio Grande do Sul - Brazil, was selected for the purpose of a case study. Lajeado is a city of european colonization origin of the 19th century and, today, it is a destination for contemporary haitian labor immigrants to work in the slaughterhouse industries exporting to global markets. This is an exploratory case study. Initially, the territorialization of haitian immigrants in Lajeado was mapped. Subsequently, interviews were conducted with three groups of city representatives: municipal managers, local population and Haitian immigrants. Among the results of the research, it was found that there are other boundaries beyond the geographic one to be overcome by the immigrants, since the cultural and language difference between the groups were indicated as the main challenges for the sociospatial integration of haitians in Lajeado. The contribution of the research is to bring migratory studies closer to the field of urban planning and municipal management, at the local scale of brazilian cities.

Keywords: International Contemporary Labor Immigration; Haitians; Sociospatial integration; Municipal Management; Local Scale.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	25
1.1. CONTEXTO E JUSTIFICATIVA.....	28
1.2. PROBLEMA DE PESQUISA	32
1.3. QUESTÕES DA PESQUISA.....	36
1.4. OBJETIVOS DA PESQUISA	37
1.5. DELIMITAÇÕES DA PESQUISA E O OBJETO EMPÍRICO: A CIDADE DE LAJEADO/RS	37
1.6. IMIGRAÇÃO HAITIANA NA REGIÃO DO VALE DO RIO TAQUARI.....	41
2. IMIGRAÇÕES LABORAIS CONTEMPORÂNEAS	45
2.1. IMIGRAÇÕES LABORAIS INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS NO BRASIL.....	47
2.2. A INTEGRAÇÃO SOCIOESPACIAL E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	53
2.2.1 O Transnacionalismo	53
2.2.2 Políticas Públicas, Governança Pública e Governança Interfederativa	56
2.2.3 Gestão Municipal.....	59
2.2.4 Integração Socioespacial	62
2.2.5 O acesso à cidadania	65
2.2.6 Alteridade, Hospitalidade e Etnicidade	66
2.2.7 O Território e a Territorialização.....	70
3. O HAITI: UMA HISTÓRIA DE LUTAS E DIÁSPORA.....	73
3.1. IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL	79
4. MÉTODO.....	85
4.1. ESTRATÉGIA DE PESQUISA	85
4.1.1. Os bairros de ocupação de imigrantes haitianos	86
4.2. O CENTRO ANTIGO.....	92
4.3. OS TRÊS GRUPOS ESTUDADOS (Unidades de Análise).....	97
4.4.1 Grupo 01: Gestores municipais	97
4.4.2 Grupo 02: População local	98
4.4.3 Grupo 03: Imigrantes Haitianos.....	98
4.5. DELINEAMENTO DA PESQUISA	98
4.5.1 Etapa A: Compreensão – Definição do Estudo de Caso.....	99
4.5.2 Etapa B: Desenvolvimento - Coleta de Dados.....	102

4.5.3	Etapa C: Consolidação dos resultados	109
5.	RESULTADOS	111
5.1.	LINHA DO TEMPO DOS HAITIANOS EM LAJEADO/RS	111
5.1.1.	Fase homem sozinho (2010-2013).....	111
5.1.2.	Fase do Estranho (2013-2014):.....	112
5.1.3.	Fase Abismo (2016).....	113
5.1.4.	Fase Resistência (2017-2018).....	113
5.1.5.	Fase Reunião Familiar / Covid 19 (2019-atual)	114
5.2.	O QUE DIZEM OS GESTORES MUNICIPAIS?.....	116
5.2.1	O que dizem os gestores da Assistência Social	119
5.2.2	O que diz a área do planejamento e gestão urbana	126
5.2.3.	O que dizem os gestores da Saúde.....	131
5.2.4.	O que dizem os gestores da Educação	134
5.3.	O QUE DIZ A POPULAÇÃO LOCAL?	139
5.4.	O QUE DIZEM OS IMIGRANTES HAITIANOS?	147
5.4.1	Entrevista 01 (individual).....	149
5.4.2	Entrevista 02 (individual).....	153
5.4.3	Entrevista 03 (individual).....	154
5.4.4	Entrevista 04 (individual).....	157
5.4.5	Entrevista 05 (individual).....	158
5.4.6	Entrevista 06 (em grupo).....	161
5.4.7	Entrevista 07 (em grupo).....	162
5.4.8	Entrevista 08 (em grupo).....	163
5.4.9	Entrevista 09 (em grupo).....	165
6.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	169
6.1.	POLÍTICAS PÚBLICAS	171
6.2.	TERRITORIALIZAÇÃO.....	174
6.3.	ALTERIDADE.....	177
7.	CONCLUSÕES.....	183
7.1.	SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	186
	REFERÊNCIAS	187
	APÊNDICES	199
	APÊNDICE A.....	201
	APÊNDICE B	203

APÉNDICE C	205
APÉNDICE D	207
APÉNDICE E	211
APÉNDICE F.....	213
APÉNDICE G.....	217

1. INTRODUÇÃO

Ainda que a maior parte da população mundial permaneça no país de nascença, cada vez mais as pessoas estão imigrando em busca de melhores oportunidades, principalmente de trabalho (OIM, 2019). Contudo, a figura do imigrante é extremamente diversa, envolvendo múltiplas culturas e classes sociais (HAESBAERT, 2011), bem como desencadeando complexos processos transnacionais.

Dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2019) estimam que, atualmente, os migrantes internacionais representam aproximadamente 272 milhões¹ de pessoas. Esse número representa 3,5% da população mundial atual e um aumento de 23% se comparado a 2010, quando havia 220,78 milhões de pessoas (3,2% da população mundial em 2010). Os imigrantes laborais representam a maior parte desses fluxos migratórios; são pessoas que se deslocam com a finalidade de trabalhar em outro país (OIM, 2019).

Atualmente, o debate em torno da imigração internacional, tem chamado a atenção pela grande quantidade de notícias veiculadas nos meios de comunicação globais (mídia impressa, TV e Internet), as quais abordam: i) o aumento dos fluxos migratórios; ii) a intensidade com que as pessoas se deslocam; iii) os locais para as quais se destinam; e iv) os conflitos resultantes desses fluxos nas cidades destino.

Saint Julien (2004) entende a migração como uma das dimensões da mobilidade das populações que é definida por uma mudança de local de residência. É caracterizada por provisória ou permanente e pode ser sem restrições ou, restringida, quando o migrante não tem liberdade para migrar. Está relacionada a um território de partida e a um território de chegada ou destino. O mesmo autor explica que o processo migratório pode ser interno ou externo. A migração interna ocorre dentro do mesmo território nacional. Já a migração internacional transpassa fronteiras de países e, geralmente corresponde às faixas migratórias mais longas.

¹ Os países listam sistematicamente apenas as entradas legais de estrangeiros em seu território, por isso os dados são imprecisos sobre o número total de estrangeiros que entram ou saem de um país (SAINT JULIEN, 2004).

Então a migração relaciona-se a um território de partida e a um território de chegada ou destino e nem sempre é uma busca por supostas melhores oportunidades de vida. Sobre essa relação com migração internacional, Handerson (2020) aborda o conceito de “cidades de instalação”.

O autor diz que nem sempre o migrante é bem-vindo e acolhido nos lugares por onde transita, instala-se e reside. Por isso, muitos reivindicam o direito de livre circulação, o direito ao trabalho, à educação, à saúde, etc. Em outras palavras, o migrante reivindica, ao mesmo tempo, os Direitos Humanos como cidadão do mundo e o direito de ser nas sociedades de instalação (HANDERSON, 2020).

Por motivos jurídicos, há uma categorização legal quanto à definição do status da pessoa que está em um processo migratório internacional, isso para assegurar direitos e deveres por parte do país destino: o emigrante, o imigrante e o refugiado (ONU, 2020). O emigrante é a pessoa que sai de um país para residência e trabalho, já o imigrante é a pessoa que entra em um país para residência e trabalho (ONU, 2020).

Há ainda dentro do status de emigrante e imigrante, a categorização de refugiado. A Convenção de Genebra, de 1951 – foi a convenção da ONU para criação de um Estatuto do Refugiado. Esse evento considerava a situação dos refugiados na Europa após a Segunda Guerra Mundial. É um tratado global que define o que é um refugiado e esclarece os direitos e deveres entre a pessoa refugiada e o país que a acolhe (ONU - ACNUR, 2020).

A Convenção de Cartagena, de 1984 onde países signatários da América Latina, admitem “ameaças generalizadas de violação dos direitos humanos” como condição para a concessão de visto de refúgio (ampliando assim o estabelecido pela Convenção de Genebra; ambas convenções não abordam refúgio por motivos de perigo ambiental. (ONU - ACNUR, 2020).

No contexto do Brasil, a Lei Brasileira² do Refúgio 9.474/97, baseada nas Convenções de Genebra e Cartagena, define que refugiada é toda pessoa forçada a deixar o seu país de origem, devido ao temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social, opiniões políticas e em razão de violação de direitos humanos (ONU - ACNUR, 2020). O refúgio é um conjunto de regras de acolhimento e proteção a quem

² http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm

sofre risco de vida e, portanto, não pode continuar vivendo no seu local de nacionalidade ou residência. (ONU - ACNUR, 2020).

Dentro do status de refugiado³, existem as categorias de: i) solicitante de refúgio; ii) deslocado interno; e iii) retornado. Tais definições indicam se a pessoa: i) é solicitante de refúgio; ii) está em deslocamento no país de origem; ou iii) está retornando ao país de origem em virtude de esse retorno não representar mais risco de vida (ONU, 2020).

A Figura 01 representa essa classificação dos tipos de movimentos migratórios.

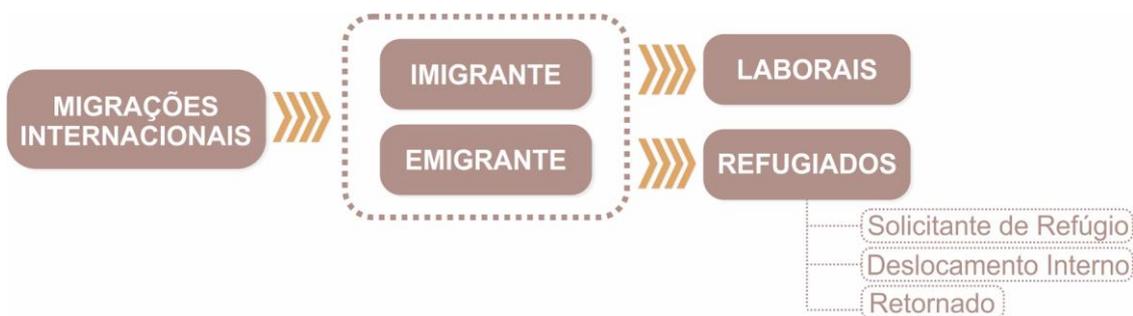


Figura 01: Classificação dos tipos de movimentos migratórios.
Fonte: Da autora, baseada em ONU (2020).

A chegada dos imigrantes envolve processos e fluxos complexos de uma escala global para uma escala local. Nesse sentido, Sayad (1998) explica a complexidade dos processos migratórios contemporâneos como um fato social total, que envolve tanto o país de origem como o país destino, de forma transnacional.

Toledo de Souza (2020) acredita que que as pessoas não migram de forma espontânea e sim por necessidade. Nessa perspectiva, o autor entende que os migrantes são pessoas em fuga, em busca de melhores condições de vida não oferecidas no país de origem, independente de existir uma categorização legal quanto à definição do status da pessoa. O autor enfatiza que o desejo de uma pessoa migrar, o esforço pela sobrevivência, e a necessidade de reconstruir a vida é permeado por vulnerabilidades e esse processo ocorre no território das cidades.

O Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT, 2016) afirma que dois terços da população global devem viver em cidades até 2030. Nesse sentido, a ONU (2020) tem concentrado esforços para conscientizar governantes do

³ Autores que abordam o tema dos refugiados em relação ao meio urbano: MACÉ, Marielle (2018); AGIER, Michel (2006).

mundo sobre a chegada de imigrantes nas cidades e, assim, enfatiza a importância das cidades estarem preparadas para receber essas pessoas em termos de acolhimento e integração à população local.

O debate atual envolve agendas sobre o desenvolvimento sustentável das cidades frente aos novos desafios em relação aos contingentes populacionais. O Pacto Global para uma Migração Segura⁴ (ONU, 2020), com a participação de 146 países membros da ONU, definiu 23 objetivos e medidas concretas através da cooperação internacional entre países. Dentre as pautas desse pacto se destacam a migração segura até a cidade destino e a alteridade em relação à diferença, como combate ao preconceito e à xenofobia. A pauta das agendas aborda os mecanismos de coleta de dados mais precisos sobre os números da migração, a fim de desmistificar as notícias falsas (*fake news*) e a desinformação que visam influenciar o público e o discurso político geralmente associando migração internacional à insegurança nacional, ao terrorismo, à violência e às desigualdades.

O presente capítulo aborda o contexto e a justificativa, seguido do problema de pesquisa, das questões, dos objetivos, das delimitações. Por fim, a estrutura do trabalho é brevemente descrita.

1.1. CONTEXTO E JUSTIFICATIVA

Para Patarra (2005; 2006), a partir da década de 90, com as políticas neoliberais, houve a ascensão do pensamento de um mundo sem fronteiras, com efeitos positivos da expansão dos mercados globais. Porém, diversos eventos dramáticos relacionados à segurança nacional em fronteiras, guerras, migrações e racismo acionam debates sobre alteridade, hospitalidade e cidadania, retratando como consequências a fragmentação e o fechamento de fronteiras.

Mezzadra (2012) aponta que a imigração é um campo marcado por uma tensão estrutural entre, por um lado, o conjunto de práticas subjetivas pelas quais a mobilidade do trabalho se expressa; e, por outro, a tentativa do capital de impor um controle sobre essas mesmas práticas com a fundamental intermediação do Estado. Dessa maneira, o autor aponta que há muitas outras fronteiras, além das geopolíticas, a serem vencidas.

⁴ O Brasil abandonou este pacto no início de 2019 (VILLARREAL, 2019).

Segundo Sassen (2010), os efeitos de conexão da globalização geram as condições materiais que fazem da imigração uma opção. Para a autora, desde os anos 1990 aumentou a exportação organizada de trabalhadores, recrutados por empresas, governos ou traficantes. Na opinião da mesma autora, a globalização da economia possibilitou uma pressão crescente, entre empresas e países, para a diminuição de custos e o aumento da competitividade, a qual contribui para a criação de condições que podem demandar o recrutamento de trabalhadores migrantes por baixos salários, propiciando, dessa forma, a precarização das relações de trabalho.

Boaventura de Souza Santos (1999; 2010) agrega com esse discurso quando diz que a precarização do trabalho atinge principalmente os imigrantes porque a proteção do trabalhador é cada vez menor, já que a questão econômica e a reestruturação das relações laborais permitem que se retirem direitos anteriormente conquistados pelos trabalhadores. Em decorrência da retirada dos direitos, “[...] o trabalho perde eficácia como mecanismo de integração num sistema de desigualdade para passar a ser um mecanismo de reinserção, num sistema de exclusão” (SANTOS, 1999, p. 19).

Isso quer dizer que a imigração laboral contemporânea se faz presente em um sistema globalizado de economia mundial, no qual os países periféricos dependem dos países desenvolvidos e ricos; entretanto essa imigração retrata uma ambiguidade, porque ela interfere no estado de bem-estar social (PENNIX, 2004). Ao mesmo tempo em que os países ricos necessitam de mão de obra, a presença desses trabalhadores demanda dos governos ações restritivas de entrada nos países, onde o imigrante é visto como o estranho, o de fora, desencadeando conflitos e preconceito por parte da população autóctone.

Fatores como desigualdades e exclusão de pessoas e grupos levam a considerar a necessidade de pensar a imigração internacional em termos de direitos humanos como postula Santos (1999). Neide Patarra (2005) complementa e justifica essa necessidade:

É preciso se reconhecer o novo, difícil e conflitivo papel dos Estados Nacionais e das políticas sociais em relação aos processos internacionais e internos de distribuição da população no espaço, cada vez mais desigual e excludente; há que se tomar em conta as tensões entre os níveis de ação internacional, nacional e local; enfim, há que se considerar que os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global (PATARRA, 2005, p. 24).

Complementarmente, Braga (2013) resume esse contexto:

O parâmetro de ordem do nacionalismo está subjacente a quase todos os conceitos relacionados à migração porque está correlacionado à forma de representação dominante na atribuição de identidade e pertencimento que define o status dos que chegam, dos que migram e a forma como estes são incluídos, se integram à sociedade que os acolhe, trazendo o debate para o plano das diferenças culturais e das formas de classificar grupos sociais, na qual o migrante é categoria social implicada na forma como integração social, econômica e política dos indivíduos é transformada na vida cotidiana. [...] Dominação, racismo, hegemonia e heteronomia polarizam o debate e a discussão sobre integração, as formas de integração, inclusão e exclusão social (BRAGA, 2013 p.217).

De acordo com Braga (2013), temas relacionados às diferenças entre grupos, identidade, etnicidade, integração e exclusão tornam-se recorrentes nos estudos das ciências sociais. Lopes de Souza (1995; 2003) enfatiza que é na espacialidade das cidades que essas diferenças entre grupos e formas de apropriação social do espaço, como a territorialização, demandam ações do poder público. Massey (2000) complementa:

O espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossa atitude frente aos outros, nossa política. Afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos um sentido de lugar. Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea de outros (MASSEY, 2000, p.15).

No contexto das imigrações internacionais contemporâneas, a integração socioespacial de estrangeiros é de grande importância porque estaria vinculada aos *layers* de relações sociais e vínculos globais e locais – vínculos globais como o país de origem e país destino (transnacional), redes de imigração e informação; e vínculos locais como a cidade, o bairro, a vizinhança (MASSEY, 2000, 2005). A integração social e econômica do imigrante está diretamente relacionada com local de habitação - bairro, vizinhança, infraestrutura existente (BRAGA, 2013). Assim, a integração socioespacial evita um ônus para a gestão municipal como também apontam Braga (2013) e Massey (2000, 2005): a segregação urbana, a guetificação ou a marginalização de grupos.

Rinus Pennix (2004) aborda políticas de integração para imigrantes e retrata reivindicações de imigrantes que emergem no urbano, na escala local. O autor diz que se as autoridades municipais não abordarem tais questões por sua própria iniciativa, eles podem ser forçados a fazê-lo por crises emergentes, levando tais reivindicações até as esferas de governos estaduais e federais.

Exemplos como *Inner city* (centro da cidade)⁵, como são chamados os centros das cidades, no Reino Unido e Estados Unidos; ou os *banlieues problématiques* (subúrbios/bairros problemáticos)⁶ como são chamados na França, são exemplos das consequências da inserção de novos imigrantes em nível do bairro e vizinhança, que por falta de integração socioespacial, podem gerar conflitos entre grupos, bem como novas demandas para a gestão municipal das cidades. Por outro lado, mostram que também podem promover políticas locais. Nesse sentido, esses exemplos podem ser vistos como forças *botton up* para a convergência de políticas que contemplem as necessidades dos imigrantes, de acordo com Pennix (2004).

Mezzadra (2012) concentra estudos relacionados à cidadania e integração de imigrantes em cidades destino e revela as limitações e dificuldades decorrentes do fato de que os debates críticos sobre o tema das migrações estão concentrados em estudos europeus e que é preciso considerar outras histórias e experiências, especialmente migrações ‘Sul-Sul’ (imigrantes de países do Centro e Sul do planeta buscando países do Sul para migração). Para o autor, “este argumento é não apenas útil em si mesmo, mas também nos ajuda a problematizar a forma com que costumam ser analisadas as migrações na Europa e no ‘Ocidente’, promovendo um exercício metodológico crítico e descentralizador” (MEZZADRA, 2012, p. 75).

Esse contexto justifica o estudo da migração haitiana para o Brasil, por ser uma migração recente que envolve um processo complexo, com interfaces e interações multiescalares, transnacionais, que tem influenciado fortemente governantes e gestores nas tomadas de decisões políticas. Um processo que permite a interação e cruzamento de diversas áreas científicas, como, por exemplo, as relações internacionais, a história, a geografia, a demografia, a economia, a sociologia, o direito, a psicologia, entre outras. Entende-se que

⁵ *Inner City*: a parte central de uma cidade desvalorizada onde geralmente há problemas vinculados à pobreza, falta de trabalho e diversidade étnica. As habitações de péssima qualidade. Locais relacionados à desigualdade e exclusão social e violência. <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/inner-city>

⁶ Subúrbios/ bairros ao redor de Paris, refere-se aos bairros com alta concentração de população imigrante, onde surgem episódios de violência. Esses episódios são considerados como um problema delimitado no espaço e no tempo, confinado a essas regiões periféricas (MATTIOLI, 2011). Um exemplo disso são os imigrantes argelinos (Argélia – ex colônia francesa - negros africanos) na periferia de Paris. O bairro de Clichy-sous-Bois é um notável exemplo dos *banlieues problématiques* localiza-se à uma distância de 15km de Paris e, em 2015, houve uma agitação civil vinculada à violência em Clichy-sous-Bois, afetando os principais pontos turísticos de Paris (MATTIOLI, 2011).

o estudo da imigração contemporânea haitiana para o Brasil merece ser ampliado para uma melhor compreensão do fenômeno na escala local, das cidades.

A partir do contexto explicitado, este trabalho contempla um estudo de imigração Sul-Sul quando aborda a imigração haitiana em cidades brasileiras. O estudo do fenômeno migratório leva em conta a entrada (imigração) de estrangeiros nos países destino (internacionais), com objetivo de trabalho (laborais). Em um recorte temporal contemporâneo (a partir de 1980), essa contemporaneidade é baseada no estudo de Castles e Miller (2009), que definem essa temporalidade como o início das migrações contemporâneas com a expressão: “A era da migração [...]” - “*The age of migration [...]*” (CASTLES E MILLER, 2009, p. 09, tradução nossa). A Figura 02 representa essa classificação na construção da pesquisa, a partir classificação dos tipos de movimentos migratórios e do recorte temporal.



Figura 02: Representação da construção do foco da pesquisa, a partir classificação dos tipos de movimentos migratórios e do recorte temporal.

Fonte: Da autora, baseada em ONU (2020).

1.2. PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa trata da integração socioespacial de imigrantes haitianos em cidades brasileiras. Braga (2013) explica que há um sistema de interfaces e interações multiescalares que se refere aos fluxos imigratórios e suas intensidades, redes e relações

de poder sobre a organização social, representação política, economia, demografia e apropriação social do espaço. Nesse cenário, as cidades contemporâneas transformaram-se em territórios de disputa de poder e de resistência entre grupos distintos. Essas relações apresentam subjetividades que culminam em situações antes não demandadas pelas cidades brasileiras e que podem fazer emergir disputas e conflitos, afetando o desenvolvimento das cidades. Complementarmente, Baeninger e Peres (2017) apontam esse contexto:

[...] um campo de forças e disputas que perpassam espaços migratórios entre origem-etapas-destino-trânsito, agentes e atores institucionais, relações socioeconômico-políticas transnacionais – processos estes engendrados na conformação social dessa migração internacional. Assim, o processo migratório não retrata somente a crise no país de origem, mas revela também a crise no país e nas cidades destino, despreparados para enfrentar essa migração (BAENINGER E PERES, 2017, p. 122).

Baeninger e Peres (2017) apontam que a imigração haitiana desencadeada pelo terremoto⁷ no Haiti, coloca o Brasil na rota das imigrações internacionais contemporâneas, pela intensidade e demandas geradas por esse fluxo. Esse fato também expõe o Brasil a um contexto que Helion Póvoa Neto resume:

À medida que esses contingentes foram se estabelecendo nos centros urbanos [...], foi se tornando impossível ignorar tanto a sua presença quanto os desafios que impunha: necessidade de regularização e integração, problemas de exploração laboral, e um certo estranhamento social quanto aos “novos estrangeiros” que o país recebia (POVOA NETO em MARTNS, 2019, p. 10).

Martins (2019), quando aborda as estratégias de mobilidade e permanência dos haitianos no Brasil, aponta como principal estratégia a busca pelo trabalho porque oferece “recursos, garantias de sustento e sobrevivência – aquilo que realmente o migrante almeja” (MARTINS, 2019, p. 120). Nessa perspectiva, entende-se que a integração socioeconômica do imigrante na cidade destino é fundamental.

A dimensão transnacional dos processos migratórios deve ser considerada na compreensão dos processos de integração na cidade destino. Nesse sentido, devem ser observados (MASSEY, 2000 e 2005; BAENINGER; PERES, 2017; BRAGA, 2013;

⁷ “O Haiti foi atingido por um terremoto de magnitude 7 na escala Richter em janeiro de 2010. Com epicentro a 15 km da capital, Porto Príncipe, segundo o Serviço Geológico Norte-Americano, o terremoto é considerado o mais forte a atingir o país nos últimos 200 anos. Dezenas de prédios da capital desmoronaram e deixaram moradores sob escombros. Importantes edificações foram atingidas, como prédios das Nações Unidas e do governo do país. O Haiti é o país mais pobre do continente americano.” <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/o-pais-acabou-diz-haitiano-no-brasil,e9f86355ccea310VgnCLD200000bbcebe0aRCRD.html>

POVOA NETO, 2012): i) os processos de integração entre os grupos que cruzam fronteiras geográficas; ii) o envolvimento dos imigrantes com os dois países simultaneamente (de origem e de destino); e iii) como as interações sociais cotidianas operam localmente possibilitando ou barrando a integração socioespacial dos imigrantes.

Entende-se então que é na espacialidade que as interações sociais entre imigrantes e população local ocorrem (BRAGA 2013). Essas interações sociais nem sempre são harmônicas, como argumenta Fredrick Barth, quando diz que as diferenças na identidade cultural entre grupos que coexistem no mesmo espaço representam barreiras (BARTH, 1998). Para Barth, o problema da etnicidade ocorre em oposição ao que não é familiar ou é estranho para um grupo em relação ao outro. Assim, idioma, visões políticas, econômicas, religiosas e sociais emergem como barreiras nas relações sociais cotidianas de grupos distintos, sendo um fator importante a ser analisado no contexto da integração socioespacial de haitianos em cidades brasileiras.

Braga et al. (2014), no estudo das interações entre grupos em relação ao espaço urbano, argumentam que o processo de integração desempenha um papel importante no cumprimento das expectativas dos imigrantes em relação à interação com a cidade destino. Dependendo de como ocorre o processo de integração, podem surgir paisagens étnicas, enclaves, guetos e bairros interétnicos (BRAGA et al., 2014). Tal relação pode se configurar como um quadro oposto ao da integração socioespacial, que é a segregação⁸ socioespacial.

O processo de integração ocorre na espacialidade, o que demanda a necessidade de abordar o conceito de territorialização como fator importante para a integração socioespacial de imigrantes. O geógrafo Haesbaert (2011) aborda a dimensão territorial cultural, com o conceito de “multiterritorialidade”, a qual abrange os diferentes grupos ou indivíduos engajados na construção de territórios flexíveis e multiculturais. Assim, existem “outras fronteiras” além da geográfica, relacionadas à integração socioespacial.

A busca dos imigrantes laborais haitianos por melhores condições de vida através do trabalho em cidades brasileiras relaciona-se às questões como: i) acesso à cidadania (a

⁸ Segregação: o ato ou processo de segregação: o estado de segregação. A separação ou isolamento de uma raça, classe ou grupo étnico por residência forçada ou voluntária em uma área restrita, por barreiras às relações sociais, por instalações educacionais separadas ou por meios discriminatórios de ordem (MERRIAM DICTIONARY, 2020).

regularização migratória de imigrantes indocumentadas) que propicia acesso a direitos sociais no país de acolhida; ii) alteridade frente à diferença; iii) territorialização de grupos; e iv) acesso às políticas públicas. Essas questões, acredita-se, deveriam oportunizar a integração socioespacial dos imigrantes. Assim, forças disruptivas, ou contrárias, ocasionariam a segregação socioespacial, como mencionado anteriormente.

O Brasil não possui uma política clara para integrar diferentes comunidades culturais (DE MORAES; DE AGUIAR, 2018), como também não tem clareza sobre o status do imigrante. Embora o país seja conhecido por receber todas as culturas e etnias, ocorrem tanto a discriminação, quanto a segregação (MOURA, 2016); o que reduz as chances no mercado de trabalho, por exemplo, prejudicando a integração de imigrantes (MENEZES, 2020).

No Brasil, talvez um dos maiores desafios atuais em relação à imigração haitiana seja percebido na escala local das cidades, as quais têm se defrontado com o recebimento de contingentes populacionais de uma escala global. Assim, as cidades destino tem enfrentado a pressão das necessidades (demandas) e reivindicações dos haitianos de forma *bottom up*⁹.

O contingente de haitianos que chegou ao Acre em meados de 2011, com auge em 2013, desencadeou de forma emergencial a tomada de decisões políticas entre prefeitura, governo estadual e federal. Na escala nacional as decisões políticas tentaram abarcar os conflitos entre os grupos e as questões envolvendo os direitos humanos (OLIVEIRA, 2017). Além disso observou-se o rápido deslocamento destes imigrantes para outros estados e cidades do Brasil (MARTINS, 2019).

Exemplo disso pode ser visto na cidade de Lajeado, no Rio Grande do Sul, tornando-se destino de imigrantes haitianos devido à oferta de trabalho nas indústrias frigoríficas locais. A presença de haitianos em determinados bairros e nas rotinas da cidade ocasionou um estranhamento pela população local e relatos de preconceito e racismo, em virtude de haitianos serem negros e pobres (DIEHL, 2017).

⁹ *Bottom up* significa “de baixo para cima”, já o termo o *top down* é significa “de cima para baixo”. O próprio termo já explica como acontece a prática na organização e nos processos de gestão (REIS, 2019). No caso das reivindicações dos imigrantes, o termo *bottom up* quer dizer que essas reivindicações são demandadas pela base, pelos próprios imigrantes. Essas demandas são consideradas e levadas para instâncias de decisão superiores de gestão municipal e tendem a retornar para os imigrantes como decisões políticas.

Dessa forma, entende-se que a abordagem do tema das imigrações laborais internacionais contemporâneas, a partir do foco da integração socioespacial de imigrantes haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo na cidade de Lajeado/RS, poderá contribuir para o melhor entendimento do impacto dos fenômenos imigratórios nas cidades destino, especialmente para o Brasil.

É na coexistência entre as diferenças culturais que permeiam os conflitos, mas também é nesse mesmo lugar comum, que pode surgir uma riqueza de possibilidades, incorporando desenvolvimento e progresso para as cidades (TOLEDO DE SOUZA, 2019). Nas cidades contemporâneas, essas complexidades precisam ser consideradas, e será através do conhecimento das incertezas que se chegará à compreensão (MORIN, 2011).

Entende-se como lacuna de conhecimento, a necessidade do estudo da integração socioespacial de imigrantes laborais internacionais contemporâneos na escala local das cidades, visto que o espaço urbano é dinâmico e plural (multicultural e multiescalar), está em constante mudança e é propício à novas descobertas.

1.3. QUESTÕES DA PESQUISA

Diante do problema de pesquisa apresentado, a seguinte questão principal de pesquisa é proposta:

- **Como ocorre a integração socioespacial de imigrantes laborais contemporâneos haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo?**

As seguintes questões secundárias originaram-se do desdobramento da questão de pesquisa principal, a fim de auxiliar no desenvolvimento do estudo:

- Como ocorre a integração socioespacial de imigrantes laborais contemporâneos haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo, na cidade de Lajeado?
- Quais os mecanismos empregados pela gestão municipal de forma a contribuir para o atendimento das demandas de integração socioespacial de imigrantes laborais contemporâneos haitianos em cidades brasileiras?

1.4. OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo principal da pesquisa é: **COMPREENDER como ocorre a integração socioespacial de imigrantes laborais contemporâneas haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo, na cidade de Lajeado/RS.** A partir disso, os objetivos específicos propostos são:

- **DESCREVER** como é a integração socioespacial de imigrantes laborais contemporâneos haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo, na cidade de Lajeado;
- **IDENTIFICAR** os mecanismos empregados pela gestão municipal de forma a contribuir para o atendimento das demandas de integração socioespacial de imigrantes laborais contemporâneos haitianos em cidades brasileiras.

1.5. DELIMITAÇÕES DA PESQUISA E O OBJETO EMPÍRICO: A CIDADE DE LAJEADO/RS

Este trabalho tem como foco a compreensão como ocorre a integração socioespacial de imigrantes laborais contemporâneas haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo, na cidade de Lajeado/RS.

A cidade brasileira de Lajeado/RS¹⁰, localizada na região do Vale do Taquari, distante cerca de 120 km da região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul é o objeto empírico desta pesquisa. O Rio Grande do Sul é um dos estados brasileiros que mais receberam imigrantes haitianos, destacando-se a Região Metropolitana de Porto Alegre e da Serra Gaúcha, Rio Grande e o Vale do Taquari como principais destinos (UEBEL, 2016).

A região do Vale do Taquari é formada por 36 municípios (CODEVAT, 2020)¹¹, vinculados ao COREDE que é relacionado ao Planejamento Urbano e Regional (COREDE, 2020)¹² do Vale do Taquari tem atualmente 369.710 habitantes (FEE, 2018)

¹⁰ Lajeado foi considerado a cidade com maior desenvolvimento socioeconômico do estado do Rio Grande do Sul em 2014 (A HORA, 2015). Isso fez com que neste período a cidade tivesse uma alta taxa de empregabilidade, tornando-a uma das primeiras opções-destino dos imigrantes haitianos no Vale do Taquari.

¹¹ CODEVAT: Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari.

¹² COREDE: Conselho Regional de Desenvolvimento.

e ocupa área de aproximadamente 4.826,4 km² (FEE, 2015) com alta densidade demográfica (68 hab./km²) em relação à média do Estado (37,96 hab./km²). Segundo o IBGE (CENSO/2010) o PIB regional é de 7,8 bilhões e o *per capita* de R\$20.007,04, superior à média nacional (R\$19.766,33).

A Figura 03 a seguir representa o município de Lajeado no Estado do Rio Grande do Sul e na Região de Planejamento Estadual: COREDE do Vale do Taquari. Localização do Estado do Rio Grande do Sul no Brasil:

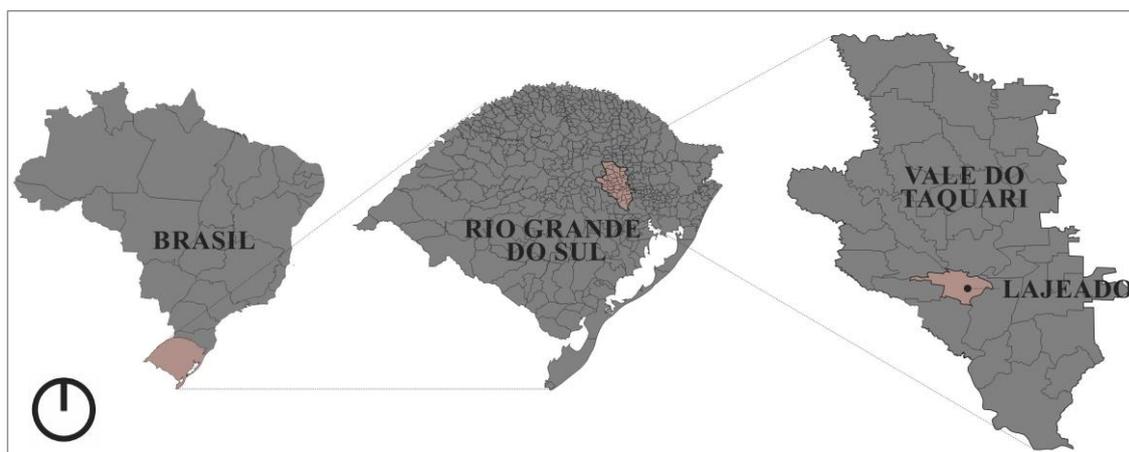


Figura 03: O município de Lajeado no Estado do Rio Grande do Sul e na Região de Planejamento Estadual: COREDE do Vale do Taquari. Localização do Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Fonte: Elaborado pela autora, sobre base georreferenciada.

A cidade de Lajeado foi fundada por imigrantes europeus (maioria alemã e açoriana), no século XIX, que, através da agricultura de subsistência, utilizavam o transporte fluvial para intercâmbios comerciais. Nos anos 1970, a região do Vale do Taquari recebeu investimentos federais através dos Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDES) para fortalecimento da rede urbana regional e infraestrutura rodoviária com vistas ao seu desenvolvimento (universidade, hospitais) e à contenção do êxodo rural em direção às metrópoles (SCHEIBE et al, 2015).

A infraestrutura rodoviária passou a estruturar o território, superando as redes fluvial e ferroviária. A conexão entre as rodovias federais e estaduais, a Estrada da Produção (BR 386) e ERS 130 (Figura 04), no território municipal de Lajeado contribui para o seu papel de capital regional através de alta acessibilidade regional, da diversidade da indústria, comércio e serviços e da intensidade de intercâmbios e comutação intermunicipal. Assim, Lajeado se configurou como polo industrial regional e cidade universitária, o que faz com

que grandes fluxos de pessoas se deslocam diariamente para a cidade, gerando novas rotas e pontos de interesse (SCHEIBE et al, 2015).



Figura 04: Vista aérea do entroncamento rodoviário (BR386-ERS 130) no perímetro urbano de Lajeado/RS.

Fonte: Prefeitura Municipal de Lajeado / RS – (PML, 2019).

Atualmente, Lajeado é uma cidade com mais de 85 mil habitantes (IBGE, 2020), com área urbana correspondente a 99,63% do território municipal (Censo IBGE, 2010). Segundo a Região de Influência das cidades - REGIC, (2018); IBGE, (2020), é considerada uma cidade média atuando como capital regional C¹³ na hierarquia urbana.

A vinda de haitianos para Lajeado/RS não ocorreu de forma lenta e gradual, surgindo um ou dois, mas pelo contrário, aos olhos da população local foi uma grande quantidade de imigrantes que chegaram “repentinamente”, impulsionados pelas redes de contatos e solidariedade étnica dos imigrantes que é eficaz, principalmente provenientes do advento das atuais tecnologias como os smartphones e as redes sociais na internet, que possibilitam uma comunicação instantânea entre o grupo e familiares no Brasil e no Haiti (DIEHL, 2017).

Em Diehl (2017) vemos que a respeito da questão étnico-racial, Lajeado é composta prioritariamente por brancos, descendentes de alemães. Deve-se também destacar que em 2010¹⁴, o censo demográfico indicava que cerca de 8,6 mil pessoas (aproximadamente 2,5% da população total) do Vale do Taquari eram negras. No período considerado como o auge da imigração na região, que foi entre 2013 e 2014, somaram-se à população negra

¹³ Centros urbanos com alta concentração de atividades de gestão, com alcance menor em termos de região de influência em comparação com as Metrôpoles (REGIC, 2018; IBGE, 2020).

¹⁴ Não está computado o número de imigrantes haitianos, pois o censo/2010 foi antes do fluxo para a região.

local cerca de 4,4 mil imigrantes negros que, desde 2012, migraram para a região (DIEHL 2017). Houve relatos da comunidade local sobre a apropriação do espaço público da cidade por imigrantes negros, e muitos comentários sobre estarem em áreas comuns aos habitantes locais, que estes deveriam ir para a periferia nas vilas (DIEHL, 2017).

Segundo o CRAS não há dados precisos sobre o número de imigrantes haitianos em Lajeado, porque o sistema de cadastro federal CadÚnico, quantifica somente estrangeiros e cadastrados, não especificando qual a origem do estrangeiro. Dados do CRAS estimam que, em 2020, cerca de 800 imigrantes haitianos estavam vivendo em Lajeado, na maioria, seguidores da religião evangélica¹⁵, que acessavam os serviços públicos de assistência social, saúde e educação.

Sobre a religião, importante salientar que, diante das dificuldades diárias para enfrentar a vida, os haitianos encontram na religião um sentido de existência. É um dos pilares dos haitianos, tanto no país de origem quanto no de imigração. Suporte que adquire nova significação no contexto de integração na cidade destino, onde a inserção social é difícil. Para a reprodução e fortalecimento das redes de troca e de solidariedade da qual são portadoras, as igrejas têm a função simbólica de manter o vínculo com o Haiti. (AUDEBERT, 2012).

O estudo de Braun et al. (2018) demonstra que em Lajeado, na área antiga do bairro Centro, há o surgimento de uma centralidade étnica emergente de imigrantes haitianos. Através de observação empírica, as autoras constataram a presença de haitianos nos espaços públicos (ruas, parques e praças). A partir disso, foram delimitados essa cidade e esse bairro para esta pesquisa. Considera-se que, esta pesquisa, na escala local, possa contribuir para a compreensão de como ocorre o fenômeno da integração socioespacial

¹⁵ O propósito desta pesquisa não foi aprofundar o estudo sobre a prática religiosa dos imigrantes haitianos no Brasil. Observou-se que, nas entrevistas, a maioria dos haitianos diz ser praticante da religião Evangélica Pentecostal ou Assembléia de Deus; quando indagados sobre o vodu, os entrevistados não respondiam. O capítulo 3 retoma de forma sucinta a religião no Haiti, onde o Vodu é uma prática religiosa de origem. O vodu esteve presente na história do Haiti; na batalha pela independência do país, inclusive atribuindo a esta prática religiosa a vitória do Haiti na batalha (HANDERSON, 2020). Ribeiro, (2020) diz que o vodu é, principal prática religiosa no Haiti, porém no Brasil não é professado publicamente pelo estigma existente na sociedade. O documentário gaúcho, premiado na mostra gaúcha de curtas-metragens, na 46ª edição do Festival de Cinema de Gramado, indica a presença da prática e rituais vodu na região do Vale do Taquari. Sugere-se que o estudo sobre este tema precisa ser específico e aprofundado. Link documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=u6xj2NrUGQ4>

de haitianos em cidades brasileiras, a partir da consideração da territorialização do grupo na cidade de Lajeado.

1.6. IMIGRAÇÃO HAITIANA NA REGIÃO DO VALE DO RIO TAQUARI

Em 2017, quase 12 mil dos 89 mil haitianos que estavam no Brasil, buscaram regiões do Rio Grande do Sul como destino (RIBEIRO, 2000). Como mencionado anteriormente, o Vale do Taquari foi uma das regiões que mais recebeu imigrantes haitianos no estado do Rio Grande do Sul. No Vale do Taquari vem se acentuando, nos últimos anos, o problema da falta de mão de obra nas indústrias de alimentos, cooperativas e empresas de construção civil (MEJÍA; CAZAROTTO, 2016).

Complementarmente, de acordo com os dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), o número de trabalhadores imigrantes internacionais (sendo os haitianos o maior grupo) no Vale do Taquari passou de 60, em 2010; para 1.310, em 2018; representando um crescimento de 2.183,3% no período analisado (CAZAROTTO e SINDELAR, 2020). Já, dados da mídia impressa local estimam que, de 2010 a 2019, entraram 1758 haitianos na região (JORNAL O INFORMATIVO DO VALE, 2020)

Dados estatísticos precisos sobre a população de origem haitiana na região do Vale do Taquari/RS não estão disponíveis. As empresas empregadoras estimam que os haitianos representem em torno de 70% dos imigrantes contemporâneos na região, dentre outros grupos de imigrantes - senegaleses, bengales, indianos e afegãos - (0,18% da população total). Segundo gestores de empresas frigoríficas da região (informação verbal)¹⁶, entre 2011 e 2015 houve aumento na oferta de empregos para imigrantes no setor frigorífico, com pico em 2013. Em 2016, segundo o Centro de Referência Assistência Social (CRAS), as tendências recessivas na economia brasileira aumentaram o desemprego atingindo em média 15% dos imigrantes haitianos na região.

O Vale do Taquari se destaca pela produção agrícola, produção de aves e suínos. Os imigrantes haitianos concentram-se principalmente nas cidades onde há plantas frigoríficas que, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – (MAPA, 2019), são: Lajeado; Estrela, Arroio do Meio, Encantado, Teutônia, Poço das Antas, Westfália, Roca Sales e Bom Retiro do Sul. A oferta de empregos formais não

¹⁶ Essas informações foram obtidas informalmente através de contato telefônico com o setor encarregado pelas vagas de trabalho nas indústrias frigoríficas.

qualificados na indústria de transformação (frigoríficos e abatedouros) é uma perspectiva de trabalho oferecida para os haitianos da região. A Figura 05 mostra as cidades do vale que se destacam pela presença de indústrias frigoríficas como BRF (*Brasilian Foods*), Minuano Alimentos, Dália Alimentos e Languiru.

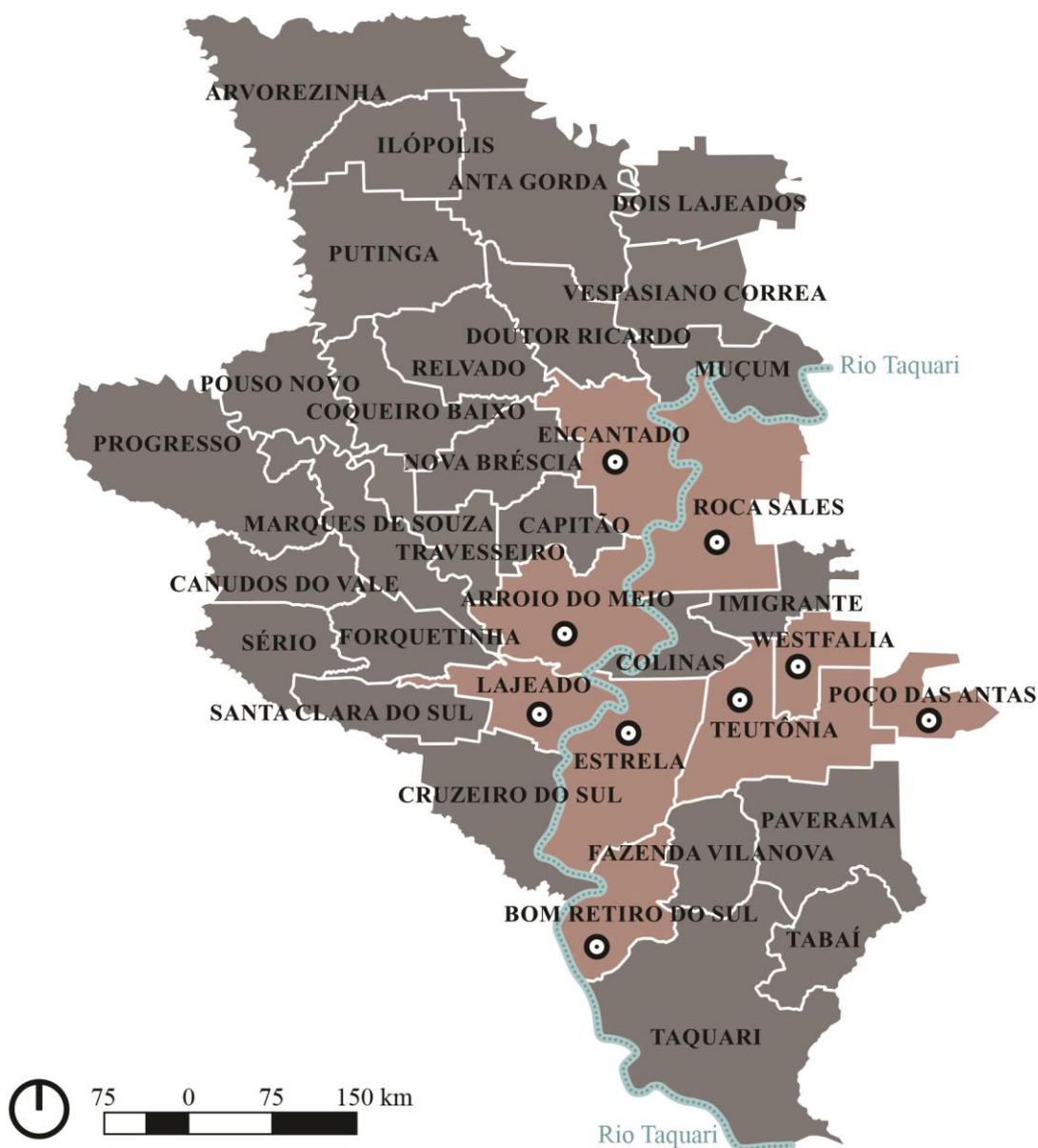


Figura 05: Cidades da região do Vale do Taquari que se destacam pela presença de indústrias frigoríficas.

Fonte: Elaborado pela autora, sobre base georreferenciada, baseado em CODEVAT (2020).

Mejía e Cazarotto (2016) argumentam que a demanda da mão de obra haitiana em municípios do Vale do Taquari demonstra que a força de trabalho internacional, com conhecimento técnico não se limita aos grandes centros. Regiões e cidades de menor porte

também revelam crescimento econômico, necessitando de mão de obra; nesse cenário, os haitianos exercem atividades manuais, pouca qualificação e baixa remuneração. As autoras afirmam também que, os haitianos preferiram ficar nas cidades da região e, quando havia oferta de trabalho nas granjas, em áreas rurais, os imigrantes não aceitavam; reforçando assim, a importância das áreas urbanas das cidades para os imigrantes.

Nas cidades do Vale do Taquari, os haitianos têm a possibilidade de acesso ao mercado de trabalho formal, e às políticas públicas (educação, saúde e assistência social). Boas oportunidades de integração econômica e vantagens em relação à Região Metropolitana de Porto Alegre; como por exemplo, os aluguéis a preços mais acessíveis e a facilidade de deslocamentos entre as cidades a baixo custo. Assim, como mencionado, a cidade de Lajeado destaca-se, entre as cidades da região, como destino atrativo para imigrantes haitianos em diáspora do Haiti.

A seguir, será apresentada uma breve revisão de literatura sobre as migrações laborais de forma a compor um referencial teórico para fundamentar a escolha dos constructos adotados neste estudo frente ao problema de pesquisa.

2. IMIGRAÇÕES LABORAIS CONTEMPORÂNEAS

No passado, a imigração internacional era possível como forma de estratégia política para povoamento de áreas para a proteção dos limites geográficos de determinado país ou por motivos de mão de obra (SEYFERTH, 2007).

Gradativamente, as cidades passaram pelo processo de expansão e com a industrialização ocorreu a passagem de uma sociedade agrícola para uma sociedade industrial. Dessa forma, além de concentrar parcela significativa da população, as cidades se transformaram em centralidades de poder e em fonte de benefícios; e com o passar do tempo ocorre a passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade urbana (LEFEBVRE, 2006). Essa sociedade urbana tornou-se cada vez mais complexa, assim como a relação entre os movimentos migratórios e cidades se tornou mais complexa.

Com esse rápido crescimento das cidades, já no começo do século XX, analisava-se a relação dos estrangeiros no espaço urbano e a potencial diversidade que se assinalava com a mistura de raças e etnias. Argumentava-se sobre a natureza propriamente mista de todas as raças, sobre a importância do contato e das migrações para as civilizações, ao contrário do que sugerem as teorias evolucionistas (ZANFORLIN, 2013), que consideravam o discurso eugênico, na busca de uma raça pura.

Harvey (1992), ao analisar as transformações político-econômicas pelas quais passou o sistema capitalista mundial na metade do século XX, aborda os processos globais que reestruturaram as formas de vida nas cidades, os quais desencadearam diversos fenômenos sociais e, dentre eles, a imigração internacional, através da busca por trabalho.

Como mencionado, no começo dos anos 90, as imigrações internacionais assumem importância crescente; impulsionadas pelas transformações sociais, políticas, culturais da época. Surgem desigualdades regionais acentuadas e crescentes conflitos, principalmente pela constituição econômica de mercados integrados, ou livre comércio como o *North American Free Trade Agreement* (NAFTA)¹⁷, a União Europeia e o Mercado Comum do

¹⁷ Tratado Norte-Americano de Livre Comércio, um bloco econômico formado pelos Estados Unidos da América, Canadá e México. Foi criado em 1994. Fonte: <https://www.fazcomex.com.br/blog/nafta-saiba-mais/>

Sul (MERCOSUL)¹⁸ (PATARRA, 2006). Dessa forma, pode-se dizer que a partir desse período, há o crescimento das imigrações internacionais por motivo de trabalho numa nova economia de mercado, globalizada.

As migrações internacionais contemporâneas, segundo Castles e Miller (2009), têm modificado sociedades de forma transnacional, de forma que a migração transforma e tem reflexos tanto no país de origem como no país destino. Nesse sentido, é também relevante associar o quanto a globalização (com mudanças nos padrões econômicos, políticos e culturais atuais) transforma os padrões migratórios das relações contemporâneas em relação às migrações pregressas. Segundo os mesmos autores, existem transformações e tendências no que diz respeito: i) à globalização das migrações; ii) à mudança de direção dos fluxos migratórios dominantes; iii) à diferenciação das migrações; iv) à ocorrência, em muitos casos, da transição das migrações; v) à feminização da migração laboral; e vi) à crescente relevância política das migrações (CASTLES e MILLER, 2009).

Para Mezzadra (2012), a relação entre imigração, capitalismo e o controle da mobilidade coloca hoje um desafio para a política migratória centrada no conceito de integração, visto que o elemento de heterogeneidade caracteriza tanto as tentativas de “controlar” as imigrações, quanto às práticas de sua autonomia: a) do ponto de vista, do controle, em escala mundial, existem novas formas de gestão dos fluxos imigratórios que refletem na multiplicação de estatutos jurídicos, sobre a flexibilização dos vistos, sobre a diferenciação dos vistos de permanência; b) do ponto de vista das práticas de autonomia, a produção de novos “espaços sociais transnacionais” dos imigrantes extrapola as fronteiras internacionais, envolvendo questões de raça, gênero e classe, que se refletem no cotidiano da experiência imigratória.

Outros estudos internacionais também têm aprofundado as pesquisas no sentido de analisar os movimentos imigratórios internacionais, preocupados não só com as questões demográficas, mas também com: as questões de políticas, os processos de integração nas cidades destino, na escala local; o impacto no desenvolvimento das cidades relacionado com a imigração e alteridade em relação à diferença entre grupos (MOURISTIN et al., 2019; DESILLE, 2018; PENNIX, 2004; ALEXANDER, 2003).

¹⁸ Bloco econômico Sul Americano formado pelo Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Fonte: <http://www.mercosul.gov.br/>

Pennix (2004), explica que imigrantes vindos de países ricos e que possuem grau de instrução para trabalharem em corporações têm, de certa forma, mais facilidade de acesso entre fronteiras do que imigrantes vindos de países pobres. Nesse contexto, o termo de “aparofobia”, ou rejeição ao pobre (CORTINA, 2017), explicita o preconceito vinculado aos imigrantes laborais provindos de países pobres.

Atualmente, dado o grande volume dos fluxos migratórios, surgiram uma série de medidas que visam o controle de imigrações internacionais. A visão econômica de mercados integrados, ou livre comércio entre países torna-se mais restritiva para imigrantes. A construção de muros para controlar os movimentos migratórios internacionais volta ao debate vinculado à pobreza dos imigrantes, testemunhando a tensão e o fechamento de fronteiras nacionais. Em paralelo, ocorre uma mudança nos países destino para a imigração: se antes os países do norte desenvolvido eram a prioridade; começa a ocorrer um novo fluxo de imigração rumo aos países do sul, denominada como imigração sul-sul, ou seja, países do sul buscando outros países do sul para imigração (VILLARREAL, 2019; POVOA NETO, 2019). Exemplo de imigração sul-sul é a imigração haitiana para o Brasil.

2.1. IMIGRAÇÕES LABORAIS INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS NO BRASIL

Atualmente, no contexto brasileiro, segundo dados da Polícia Federal (PF, 2015), em 10 anos o número de imigrantes internacionais cresceu 160%. Somente em 2015, quase 120 mil imigrantes deram entrada no Brasil. Essa aceleração se deve ao período vivido pelo país, de crescimento econômico e de situação de pleno emprego. Esse crescimento passou a chamar atenção no mundo e tornou o país atraente para os imigrantes internacionais.

Para que se possa abordar o tema da imigração laboral internacional contemporânea é importante contextualizar o quadro histórico das imigrações laborais internacionais no Brasil. Segundo Seyferth (1997, 2007), a imigração internacional laboral no Brasil tem profundas raízes históricas; tendo sido iniciada no período colonial¹⁹, com a imigração

¹⁹ Período que compreende os anos de 1530 à 1822. O período colonial brasileiro começou com o desembarque da primeira expedição europeia no atual território nacional e se estendeu até a Independência do Brasil. O período perdurou por três séculos, onde o Brasil era uma colônia de Portugal, sendo o período marcado pela exploração dos recursos naturais e humanos brasileiros em benefício de Portugal (SOUZA; SAYÃO, 2011).

forçada de negros africanos para o trabalho em plantações de cana de açúcar e, posteriormente de café.

Após a proibição do tráfico de escravos negros para o Brasil²⁰, surgiram novas fragilidades nos processos de inserção de imigrantes no país. As políticas eugênicas ou de branqueamento²¹ marcaram a imigração de alemães e italianos no Brasil (SEIFERTH, 1997, 2007). Essas fragilidades parecem ser ainda mais agravadas pelo preconceito não somente entre raças como também entre etnias²². Martins (2019) apresenta uma descrição desse quadro: “[...] trabalhadores alemães inferiorizando trabalhadores italianos, inferiorizando trabalhadores brasileiros. E todos, sem exceção, a ignorar os negros” (MARTINS, 2019, p. 51). Nesse contexto, a inferiorização do outro é motivada pela diferença, implicando em barreiras na integração social entre grupos distintos.

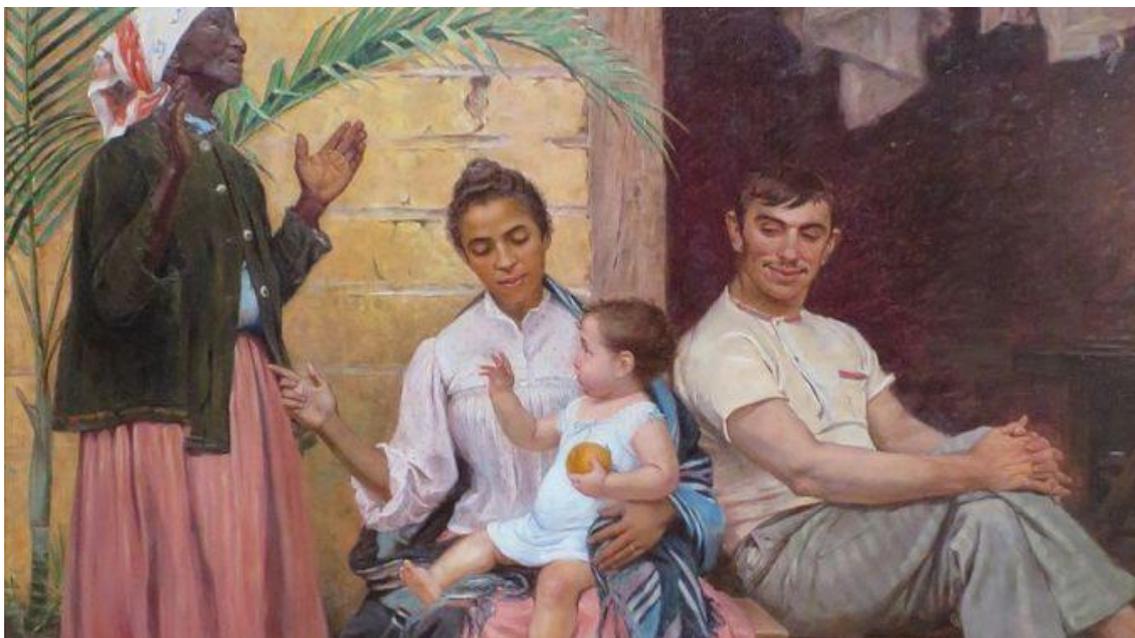
Almeida (2017) explica que a hiper-valorização da população branca era difundida nos meios de comunicação em massa, como o rádio e, posteriormente, a televisão. Exemplo da tese dessa cultura de branqueamento da população brasileira é o quadro “A Redenção de CAM” (1895) de Modesto Brocos (Figura 06). O quadro retrata três gerações: a avó (negra), a filha mestiça com o genro branco e, a criança que representa o neto branco. Na visão da época, inclusive dos próprios negros, através do gradativo branqueamento, a geração do neto seria branca, denotando o padrão desejado de cor de pele. Assim, as

²⁰ Em 7 de novembro de 1831 a Lei Feijó foi a primeira lei de proibição do tráfico Atlântico de escravos para o Brasil e é fruto das pressões exercidas pelo governo inglês britânico, interessado na extinção do comércio negreiro. Contudo, essa lei foi ignorada por traficantes escravistas, e mesmo pelo Estado, já que na prática, ela não era aplicada. A expressão “Lei para Inglês ver”, que é usada até hoje, nasceu nesse período. Foi a Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, que determinou definitivamente o fim da importação de africanos (Tráfico Negreiro) para o Brasil (COTA, 2012).

²¹ A eugenia foi criada no final do século XIX e era desenvolvida especialmente nas grandes universidades americanas na primeira metade do século XIX; consiste em uma ciência e se propunha a melhorar as qualidades das raças, aprimorando as qualidades físicas e mentais das futuras gerações (KOIFMAN; SANTOS, 2012). São políticas que atuam sobre os agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações (NETTO, 2020). A partir de meados 1870, o Brasil era composto por uma população não branca (negros, índios e mestiços) e um debate sobre a modernização do Brasil e a busca por uma identidade nacional mobilizava a elite do país. A questão racial era um dos temas centrais porque a elite defendia que a miscigenação entre raças humanas causava degeneração e isso comprometeria o desenvolvimento do Brasil; então a busca pelo branqueamento da população através da imigração europeia possibilitaria ao país uma nova identidade cultural com conotação de nação desenvolvida (SEYFERTH, 1997, 2007; SANTOS, 2019). Gradativamente o pensamento sobre a superioridade da raça branca foi sendo inserido no Brasil, ao ponto de negros buscarem o branqueamento de suas gerações para seus descendentes não sofrerem preconceito (SEYFERTH 1997, 2007).

²² Etnia é definida pelas características de um grupo por seus aspectos socioculturais (tradições e língua, por exemplo). Raça é definida por critérios físicos ou biológicos para diferenciar os indivíduos (cor da pele, do cabelo ou dos olhos, por exemplo) (SANTOS, D. et al, 2010).

futuras gerações brancas, não iriam sofrer preconceitos e racismo como os descendentes negros de gerações passadas (a avó escrava alforriada).



*Figura 06: Reprodução do quadro a redenção de CAM.
Fonte: PAINEIRA (2017)*

A literatura mostra que, após o período da “grande imigração²³” (portugueses, espanhóis, alemães, italianos) que contribuiu de forma decisiva para o processo de povoamento e formação da força de trabalho do Brasil, além de “contribuir” para um projeto civilizatório, o país, durante muitas décadas, não recebeu contingentes massivos de imigrantes internacionais (POVOA NETO em MARTINS, 2019).

Dentre os problemas das políticas migratórias brasileiras, Oliveira (2017), Seyferth (1997), Geraldo (2009) e Koifman (2011) apontam o período do Estado Novo²⁴ projetos e políticas de restrição e eugênicas²⁵. Nesse período, a restrição para imigrantes categorizados como alienígenas ou quistos étnicos: “englobava imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como “não-assimilados”, portadores de culturas incompatíveis com os princípios da brasilidade” (SEYFERTH, 1997, p. 95). Grupos

²³ Importante ressaltar que, mesmo essa imigração europeia, que contribui para uma narrativa que destaca o acolhimento e a mistura cultural; mostra um período de seletividade migratória, discriminação e conflitos (SEYFERTH 1997, 2007; POVOA NETO em MARTINS, 2019).

²⁴ Presidente do Brasil era Getúlio Vargas e representa o período de 1930-1945 (SEYFERTH, 1997).

²⁵ “O governo Vargas foi marcado pela restrição à imigração e pelo fortalecimento de políticas de controle e repressão sobre os trabalhadores imigrantes, especialmente aqueles que se concentram em núcleos coloniais acusados de serem de difícil assimilação” (GERALDO, 2009, p. 172).

como negros²⁶, japoneses e judeus eram considerados indesejáveis e vistos como ameaças à soberania nacional (KOIFMAN, 2011).

Observa-se então que, entre o período da grande imigração, passando pelo período pós-Segunda Guerra Mundial e, a partir do período ditatorial de 1964 (através da criminalização de estrangeiros), não há contingentes significativos de imigrantes internacionais chegando no Brasil. Sobre isso, Povia Neto (2012) ressalta que, na segunda metade do século XX, há a intensificação da migração interna no Brasil, para suprir as demandas de trabalho até então cumpridas por trabalhadores estrangeiros principalmente nas regiões Sul e Sudeste do país. segundo Povia Neto, esse quadro muda a partir dos anos 90:

Assim, a imigração parecia ter se tornado um processo do passado, valorizado através da sua ligação a processos de desenvolvimento agrícola e urbano-industrial e ao “papel civilizador[...]. Todavia principalmente a partir dos anos noventa, novos contingentes imigratórios passaram a ocorrer. Um deslocamento fronteiriço, de início buscando as cidades próximas aos limites internacionais, e nem sempre de caráter permanente, passou a contribuir com contingentes de sul-americanos, originários de países que não integravam a narrativa histórica “oficial” do Brasil como país de imigração (POVOA NETO em MARTINS, 2019 p. 10).

Oliveira (2017) diz que nas “últimas décadas do século XX e na década corrente estão sendo observadas profundas alterações, em escala internacional, no comportamento do

²⁶ O movimento de resistência negra surgiu no Brasil ainda no período colonial através dos quilombos. Após a abolição da escravidão - final século XIX e século XX houve a fundação por negros de associações carnavalescas e literárias (Posteriormente – Imprensa Negra Paulista – 1930) com publicações da vida cotidiana dos negros e que acabava por promover denúncias contra as desigualdades sociais e do preconceito racial. Com o período do Estado Novo no Brasil, muitas associações e representação política foram extintas. Após o Estado Novo grupos negros novamente começam a se organizar, formando entidades pelo direito dos negros. Na década de 60, o movimento negro no Brasil recebe influências como o Movimento dos Direitos Civis nos EUA e da luta africana contra a segregação racial; movimentos liderados por Rosa Parks (Rosa Parks se recusa a ceder lugar a um branco nos EUA), Martin Luther King, Nelson Mandela. Nos anos 90 o movimento de resistência prossegue no Brasil com a união de jovens negros e a denúncia de desigualdades sociais e preconceito racial. (POLITIZE, 2020). Atualmente, o movimento busca por direitos como a maior representação negra no mercado de trabalho e cotas educacionais, através de criação de políticas públicas. Também busca à efetiva aplicabilidade das leis que visam a criminalização do racismo e a plena aceitação e respeito à cultura e herança histórica. Os negros são alvos recorrentes de racismo, seja ele de forma velada ou explícita (MUSEU AFRO BRASIL, 2020). A lei 1390/51 (1951), conhecida como “Lei Afonso Arinos”, proibindo qualquer tipo de discriminação racial no país. Sua aplicabilidade não demonstrava qualquer eficácia, visto que as punições não eram aplicadas, mesmo em casos claros de discriminação (MUSEU AFRO BRASIL, 2020). A “Lei Caó”, de 1989, tipificou o crime de racismo no Brasil. Hoje, esse crime é imprescritível e inafiançável no país. Além da “Lei Caó”, há a injúria racial, utilizada nos casos de ofensa à honra pessoal, valendo-se de elementos ligados à cor, raça, etnia, religião ou origem. No caso da inclusão dos negros no sistema educacional brasileiro, foi criada a lei que determina a criação de cotas em universidades públicas para a população negra (LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012). Para maior presença no campo de trabalho, foi determinada, também, uma cota relacionada a concursos públicos, 20% das vagas oferecidas nos concursos são destinadas aos negros (LEI Nº 12.990, DE 9 DE JUNHO DE 2014).

fenômeno migratório no Brasil” (OLIVEIRA, 2017, p. 177). O mesmo autor destaca o quanto o Brasil teve que se estruturar no sentido de atualizar as políticas de imigração, principalmente devido à chegada dos imigrantes haitianos nas cidades fronteiriças do Acre no auge do fluxo imigratório, entre os anos de 2012 e 2013.

A Lei ou Estatuto do Estrangeiro de 1980 foi o documento normativo para o caso dos imigrantes no Brasil até 2017 (BRASIL, 1980). Foi a partir dessa lei e da Constituição Federal de 1988 se criou o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), relacionado ao Ministério do Trabalho e Emprego. Na década de 1990 surge o Conselho Nacional de Refugiados (CONARE), relacionado ao Ministério da Justiça. O CNIg e o CONARE juntos promovem a gestão das migrações no Brasil e tratam de maneira diferente a entrada de imigrantes no país. Um sob a perspectiva do trabalho e outro sob a perspectiva do refúgio (MARTINS, 2019).

A nova Lei de Migração - A Lei Federal nº 13.445/17 foi regulamentada e entrou em vigor desde 21 de novembro de 2017. Essa Lei substituiu o antigo Estatuto do Estrangeiro (criado durante o período de ditadura militar no Brasil). A nova lei também trouxe avanços importantes porque está baseada em direitos humanos e garante o acesso a uma proteção mínima contra a doença, pobreza – acesso em igualdade aos brasileiros serviços públicos A nova Lei de Migração dispõe sobre direitos e deveres dos migrantes de acordo com a constituição de 1988:

Art. 4º Ao migrante é garantida no território nacional, em condição de igualdade com os nacionais.

Em relação às metodologias empregadas, especialmente no que diz respeito ao emprego de softwares para a tabulação e o cruzamento de dados de imigrantes e situação de trabalho formal no Brasil; num movimento ao multilateralismo e ao enfoque de direitos humanos no tratado da questão migratória (OMBIGRA, 2018). Dentre outros objetivos, essa lei, veio como uma tentativa de facilitar a emissão de documentos e a busca de uma imigração mais segura (OLIVEIRA, 2017), não considerando o imigrante uma ameaça à segurança nacional (VILLARREAL, 2019). Oliveira (2017) resume a nova Lei de Migração seus vetos e avanços:

Enfim, não obstante alguns vetos inspirados em visões que defendem medidas restritivas, o país passa a ter uma das legislações mais modernas no trato das políticas migratórias, avançando no tratamento dos pilares que sustentam a integração plena do migrante à sociedade brasileira ao assegurar o pleno acesso aos serviços, garantindo a reunião familiar, reconhecendo a formação

acadêmica obtida no exterior, permitindo a associação sindical e política, facilitando a inclusão laboral, repudiando práticas de discriminação e descriminalizando a migração e repudiando práticas de deportações coletivas (OLIVEIRA, 2017 p. 175).

Em suma, A nova Lei de Migração cria, abre espaço, mas abre espaço para ser preenchido com ações que, escala local das cidades, onde as demandas com migração realmente ocorrem, essa lei é tem mais difícil para se colocar em prática.

A saída do Brasil do Pacto Global para Migração Segura Ordenada e Regular da ONU, em 2018, mostra o novo momento político vivido pelo Brasil e consequentemente impacta na concepção e tratamento da política migratória nacional num movimento contrário ao multilateralismo e ao enfoque de direitos humanos no tratado da questão migratória (VILLARREAL, 2019).

A Portaria 666²⁷ sugere propostas de reforma da Lei que contrariam os princípios dos direitos humanos. Por exemplo, o artigo 1º dessa portaria regula o impedimento de ingresso à repatriação e a deportação sumária, a redução ou o cancelamento do prazo de estada no Brasil de pessoa perigosa para a segurança do país ou de pessoa que tenha praticado ato contrário aos princípios e objetivos dispostos na Constituição Federal de 1988 (VILLARREAL, 2019).

A partir desse contexto, é possível afirmar que a legislação de imigração brasileira, desde 2019, é um cenário de políticas restritivas e de fechamento de fronteiras. Estudos como os de Póvoa Neto (2012, 2019), Uebel (2015, 2016), Villarreal (2019), Dorfman (2013) têm apontado que, quanto mais restritivas são as leis de imigração, maior a informalidade e a exposição dos imigrantes à violação dos direitos e à ilegalidade. Expostos a um quadro de invisibilidade e vulnerabilidade social, em casos o imigrante torna-se vítima de redes de exploradores (ex.: coiotes) que operam de forma global e local. Com vista a essa nova realidade, até março de 2020, imigrantes de diversas nacionalidades regularizados no Brasil tentam trazer os familiares através da reunião familiar²⁸.

²⁷ Portaria de 25 de julho de 2019 (BRASIL, 2019) <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-666-de-25-de-julho-de-2019-207244569>

²⁸ Decreto 9.199/2017 – Portaria Interministerial MJ nº 03/2018 – Portaria Interministerial MJ nº 12/2018. Nas Autorizações de Residência com base em REUNIÃO FAMILIAR, os familiares envolvidos são denominados: familiar chamante - É o atual requerente da autorização de residência que deseja a reunião familiar com brasileiro (ou com imigrante já beneficiário de autorização de residência) Fonte: Polícia Federal: <http://www.pf.gov.br/>

2.2. A INTEGRAÇÃO SOCIOESPACIAL E SEUS DESDOBRAMENTOS

A revisão de literatura buscou primeiramente uma identificação dos conceitos e constructos relacionados à imigração laboral contemporânea desde a sua escala global até a escala local. Nessa análise, um dos primeiros conceitos identificados foi o do transnacionalismo. A partir do entendimento de que a escala local, das cidades, sofre diretamente o impacto dos fluxos migratórios, buscou-se fundamentação teórica sobre as formas de integração entre grupos distintos, com foco na integração socioespacial. Para compreender a integração socioespacial, identificou-se que a territorialização de imigrantes haitianos em cidades brasileiras seria um constructo importante. A análise da territorialização, por sua vez, poderia ser desdobrada em suas relações com a alteridade, o acesso à cidadania e o acesso às políticas públicas.

Em resumo, buscou-se investigar como ocorre a integração socioespacial de imigrantes haitianos, levando em conta a territorialização do grupo na cidade de Lajeado/RS. Formas de integração de grupos distintos ocorrem na espacialidade, na territorialização (escolha dos locais de habitação, formas de lazer, escolhas de trabalho – vida cotidiana). A alteridade (formas de acolhimento, hospitalidade e etnicidade) e o acesso às políticas públicas (acesso à documentação, à cidadania e aos serviços públicos) foram os constructos adotados porque incidem sobre as formas de integração socioespacial. Além disso, também foram abordados conceitos complementares tais como: i) o desdobramento das políticas públicas em governança pública, governança interfederativa e gestão municipal; ii) o desdobramento da alteridade em acolhimento, hospitalidade e etnicidade; iii) o desdobramento do território em territorialização.

A seguir são apresentados os constructos analisados na revisão de literatura, bem como os autores e os constructos adotados para esta pesquisa. Os constructos analisados são: o Transnacionalismo; as Políticas Públicas, a Governança Pública e a Governança Interfederativa; a Gestão Municipal; a Integração Socioespacial; o Acesso à cidadania; a Alteridade, a Hospitalidade e a Etnicidade; o Território e a Territorialização.

2.2.1 O Transnacionalismo

A integração socioespacial de imigrantes internacionais nas cidades destino deve ser considerada na perspectiva do transnacionalismo e sua relação entre a escala global e a

escala local. Essa relação é conectada através da rede transnacional, conforme Glick Schiller (2012):

[...] constituem redes que conectam indivíduos ou grupos de pessoas localizados em vários estados-nação específicos. Aqueles que se envolvem em um conjunto de tais relações constituem um campo social transnacional definido como uma rede de poder desigual que liga os indivíduos a uma ou mais instituições que organizam e regulam as atividades econômicas, políticas, culturais, sociais e religiosas diárias da vida social (GLICK SCHILLER, 2012, p. 35, 36).

O conceito de transnacionalismo é muito empregado em estudos imigratórios contemporâneos porque considera tanto o local de partida do imigrante quanto sua cultura (WIMMER e GLICK-SCHILLER, 2003; GLICK-SCHILLER, 2007, 2012; SCHILLER e CÄGLAR, 2011; SAYAD, 1998; DESILLE, 2018).

Falar de imigrações internacionais em relação às cidades destino requer falar sobre relações entre nações. Colocando as cidades dentro de processos de construção mútua entre as escalas globais e locais e também situando os imigrantes e suas conexões transnacionais totalmente dentro das forças construtivas do urbano (GLICK-SCHILLER, 2012).

Levitt e Glick-Schiller (2012) enfatizam a necessidade de uma mudança no paradigma dos estudos sobre as imigrações internacionais que ultrapasse a ideia da assimilação²⁹ para a do transnacionalismo. Seriam consideradas as especificidades de cada grupo, bem como as relações sociais entre o país de origem e o país destino, preservando a identidade do imigrante. É o que Sayad (1998) aborda quando entende que a imigração é um fato total: no processo imigratório, imigra não só o sujeito, como também sua identidade cultural, com conexões entre o país de origem e o país destino.

Desille (2018) estuda uma das dimensões que o debate acadêmico internacional das políticas de integração de imigrantes vem abordando: a análise das políticas de integração considerando as dinâmicas transnacionais e locais. Dessa forma, se torna possível identificar e considerar outras dinâmicas do processo de integração que impactem na escala das cidades destino

²⁹ Assimilação “[...] é o processo de absorção de um grupo minoritário ao anfitrião” (BRAGA, 2013 p. 217). O imigrante é levado a absorver a cultura e os costumes do grupo majoritário – isso é, da população local, na cidade destino (ALEXANDER, 2003).

Wimmer e Glick-Schiller (2003) identificaram que a população local percebe o imigrante como uma ameaça à ordem nacional e por essa razão precisa ser assimilado e legitimado, conforme os costumes do país destino. Essa abordagem é denominada pelas autoras como “nacionalismo metodológico”. Tal perspectiva não considera os processos transnacionais das imigrações internacionais, que envolvem os processos de relações sociais contemporâneos com o Estado-Nação. As autoras ainda explicam que classificações como o estrangeiro/estranho surgem dentro de um contexto de nacionalismo metodológico.

Conforme mencionado, Sayad (1998) define o processo migratório como um “processo total”, no qual devem ser considerados os fatores da emigração até as formas de inserção do imigrante no país destino. Dessa forma, o autor considera o caráter transnacional quando rompe com concepções binárias de emigrar e imigrar. Assim, o emigrante e o imigrante são o mesmo sujeito. O deslocamento de um país de origem para um país destino não é apenas físico e sim um deslocamento de uma identidade cultural, sendo a imigração, para o autor, um fato total.

Para esta dissertação foi considerado o conceito do transnacionalismo segundo Aldemak Sayad (1998) e de Glick Schiller (2012). No caso da imigração haitiana em Lajeado, segundo conversas exploratórias Braun *et al.*, (2018), os haitianos falam do lugar de origem, mantendo contato diário com o Haiti através de uma rede transnacional, conectada através das redes de internet dos celulares. Não só a identidade cultural trazida pelos haitianos nos hábitos alimentares, na vestimenta e na música; mas também na prática do envio de remessas mensais de dinheiro para familiares no Haiti demonstram o transnacionalismo vinculado à globalização. Os imigrantes, nas cidades destino, contribuem para o desenvolvimento econômico e progresso das cidades (GLICK SCHILLER, 2012), seja atuando como autônomos, abrindo empresas de prestação de serviços (lojas de roupas, costuras e brechós) ou trabalhando com empregadores. Em diversos casos os imigrantes juntam-se às causas da população local, por maiores direitos; como, por exemplo, educação, habitação. A Figura 07 a seguir representa a relação entre o transnacionalismo, a escala global e a escala local.



*Figura 07: Relação entre o transnacionalismo, a escala global e a escala local.
Fonte: Da autora.*

2.2.2 Políticas Públicas, Governança Pública e Governança Interfederativa

Dias e Matos (2012) afirmam que o aumento da complexidade da realidade em que vivemos é decorrente das transformações das tecnologias de informação e comunicação dos últimos anos como também, das mudanças sociais. Nesse cenário, os autores entendem que temas que envolvam o respeito à vida e o respeito à diversidade cultural e às diferenças, compõem um conjunto de novas questões, diretamente relacionadas às ações do poder público, a fim de oferecer condições para que se concretizem o bem comum da sociedade.

Nesse sentido o poder público está relacionado à política e às políticas públicas que por sua vez, relacionam-se com o poder social. De forma geral, “as políticas públicas correspondem a soluções específicas de como manejar os assuntos públicos [...] que dizem respeito ao governo” (DIAS e MATOS, 2012, p. 1,2). Está estruturada na ação do governo³⁰, na garantia da ordem territorial e providenciando ações que visam atender às necessidades da sociedade. Na origem, o Estado refere-se ao que é público (em oposição a tudo que é privado) (DIAS e MATOS, 2012).

Dias e Matos (2012) afirmam que o papel do Estado, nesse cenário, refere-se ao conjunto de pessoas e instituições que formam a sociedade, juridicamente organizada sobre um determinado território. De modo geral, a função estatal, que engloba as esferas federal, estadual e municipal de governo necessita de um planejamento a fim de atender às

³⁰ A função do governo no processo de administração do Estado é aplicar as leis e políticas públicas do Estado através dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário (DIAS E MATTOS, 2012).

demandas da sociedade, geralmente com limitados recursos econômicos. Os autores enfatizam que, na sua origem, o objetivo do Estado é o bem comum; isso significa governar para os interesses comuns, através da função social do aparelho estatal, repudiando qualquer objetivo de governos com interesses próprios.

A Governança Pública está relacionada ao processo de globalização, a uma forma de governar mais ampla, em diversos níveis (do global ao local) e preocupa-se na efetivação das políticas públicas em diversas áreas (como, por exemplo, saúde, cultura) numa forma de governar em redes, onde a elaboração de propostas bem como o número de atores envolvidos é mais ampla (DIAS e MATOS, 2012).

Assim os setores envolvidos na governança são formados pelo Estado, pela Sociedade Civil e pelo Setor Privado. Inserindo o conceito de governança no contexto atual das funções públicas exercidas pelo Estado, no qual o governo conta com outros setores com poder de decisão (DIAS e MATOS, 2012).

A Governança interfederativa está relacionada à governança pública; porém é uma política de desenvolvimento e planejamento regional que os entes da federação (União, Estados e Municípios) envolvidos deverão aplicar na administração dos serviços públicos de interesse comum, como, por exemplo, o transporte público, saneamento básico, destinação dos diversos tipos de lixo urbanos, política habitacional de interesse social, saúde e educação (MARTINS de SA et al., 2017). Então se entende que a governança interfederativa envolve políticas integradas e planos de desenvolvimento conjuntos.

Está relacionada à incorporação, bem como à formalização de regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e microrregiões, constituídas de municípios limítrofes, para integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum; assim, relaciona-se à criação e autonomia dos municípios (ARAÚJO e FERNANDES, 2014).

Assim, o Estatuto da Metrópole³¹ está relacionado a essa política porque estabelece diretrizes gerais para o planejamento, a gestão e a execução das funções públicas de interesse comum em regiões metropolitanas e em aglomerações urbanas, estabelece normas sobre o Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado e outros instrumentos de

³¹ Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001 (BRASIL, 2001).

governança interfederativa (MARTINS DE SA et al., 2017; ARAÚJO e FERNANDES, 2014).

Martins de Sa et al. (2017) a partir do Estatuto da Metrópole, ao tratar de governança interfederativa de regiões metropolitanas e aglomerações urbanas, elencam alguns de seus princípios:

1. Prevalência do interesse comum sobre o local;
2. Compartilhamento de responsabilidades para a promoção do desenvolvimento integrado;
3. Autonomia dos entes da Federação;
4. Observância das peculiaridades regionais e locais;
5. Gestão democrática da cidade;
6. Busca do desenvolvimento sustentável.

Martins de Sa et al. (2017), afirmam que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem disciplinar, por meio de lei, os consórcios públicos e os convênios de cooperação entre os entes federados, autorizando a gestão associada de serviços públicos, bem como a transferência total ou parcial de encargos, serviços, pessoal e bens essenciais à continuidade dos serviços transferidos. Os autores destacam no Brasil, o SUS (Serviço Único de Saúde)³² como um exemplo de governança interfederativa, conceituando-o como:

O conjunto de ações e de serviços de saúde prestado por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público, tendo como um de seus princípios a conjugação de recursos financeiros, tecnológicos, materiais e humanos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na prestação de serviços de assistência à saúde da população (MARTINS de SA et al., 2017 p. 5).

Para esta pesquisa será adotado o conceito de políticas públicas numa abrangência de governança interfederativa, porque é uma política de desenvolvimento e planejamento regional, vinculada à cidade e integrada às escalas federais e locais na elaboração de políticas públicas a serem submetidos a conselhos estaduais ou municipais, com a participação popular.

³² Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990 (BRASIL, 1990).

2.2.3 Gestão Municipal

A integração socioespacial relaciona-se à governança interfederativa e à gestão municipal na medida em que o poder público, em suas escalas federal, estadual e municipal, desenvolve mecanismos de políticas de integração de imigrantes.

Souza (2003) explica que o planejamento urbano e a gestão urbana municipal são distintos e complementares: a gestão é a efetivação das condições que o planejamento feito no passado ajudou a construir. A gestão remete ao presente e à administração de situações dentro dos marcos dos recursos disponíveis no presente e tendo em vista as necessidades imediatas.

Oliveira (2017) argumenta que a gestão pública remete à governança e, para se governar, é preciso ter condições para o próprio exercício do governo e para a eficiência das ações do governo. Compreender como cada um dos agentes atua na produção do espaço urbano se mostra uma etapa fundamental para a elaboração da governança urbana.

Para Klijn e Koppenjan (2000), o conceito de governança parece ser mais amplo do que o processo de gestão pública, porque contém um extenso processo político no qual a participação cidadã é essencial e pode ser definida como “a influência dirigida dos processos sociais” (KLIJN; KOPPENJAN, 2000, p.136).

Para Asnell e Gash (2008), a governança consiste em um acordo no qual uma ou mais agências públicas engajam diretamente partes interessadas não estatais em um processo de tomada de decisão coletivo que é formal e orientado ao conselho deliberativo e que visa implementar políticas públicas. Sendo assim, a governança colaborativa produz os tipos de tomadas de decisão através das diversas organizações e grupos de pessoas.

Em termos de gestão e governança considerando os estrangeiros, pode-se destacar os estudos relacionados à integração de imigrantes nas cidades destino por meio de políticas de integração. Estudos como os de Desille (2018), Alexander (2003) e Pennix (2004) estão relacionados à gestão municipal.

O estudo de Desille (2018) reflete a importância do papel da gestão e da governança na escala local (prefeito, secretários, vereadores ou deputados) e em ações públicas que valorizem o imigrante. Para a autora, a integração corresponde por um lado “à integração dos recém-chegados e à maximização do seu potencial; e, por outro, ao reconhecimento

de sua contribuição para o enriquecimento da sociedade de acolhida” (DESILLE, 2018 p. 09). Esse estudo também demonstra a valorização da imigração para fins estratégicos de colonização e defesa territorial.

Segundo a indicação de Michael Alexander (2003) existem seis tipos de políticas de integração de imigrantes nas cidades destino:

1. Ausência total de políticas públicas;
2. Política que considera que os imigrantes estão de passagem (ou em trânsito);
3. Política de *guestworker* (visitantes a trabalho);
4. Política assimilacionista, na qual os imigrantes são levados a tornarem-se parte da maioria da sociedade de acolhida a partir da renúncia de sua identidade étnica;
5. Política multicultural, que visa à integração dos imigrantes, preservando suas práticas socioculturais ou religiosas;
6. Política intercultural, concebida como síntese das duas últimas, na qual o imigrante se integra às instituições socioeconômicas do país de acolhida e preserva suas práticas culturais.

Então seria possível considerar que dentre os seis tipos de políticas categorizados por Alexander (2003), permeiam distintas possibilidades e formas de integração. Braga (2013) complementa essa categorização explicando que a inserção de grupos estrangeiros numa sociedade anfitriã está relacionada a quatro processos que a gestão municipal pode empregar como ferramentas para integração ou não:

1. Assimilação;
2. Integração;
3. Rejeição;
4. Marginalização.

Para Rinnus Pennix (2004), que discute processos de integração de imigrantes internacionais com as políticas relacionadas em receber e estabelecer os imigrantes recém-chegados nas cidades destino, desde a escala nacional até a local. Para o autor, a experiência de políticas de diferentes países com integração reflete a experiência das políticas de imigração. Dessa forma, o autor aborda três diferentes dimensões da cidadania que podem ser analisadas em conjunto com a finalidade de avaliar as políticas

de integração dos governos nacionais e locais, podendo ser usados como referência três dimensões (PENNIX, 2004):

1. Dimensão política: refere-se em saber se os imigrantes têm direitos como membros de pleno direitos políticos nas cidades destino, fácil acesso à cidadania, a incerteza da espera, residência segura e direito de voto e representação política;
2. Dimensão socioeconômica: refere-se aos direitos sociais e econômicos dos imigrantes, independente do país de origem. Relaciona-se a mercado de trabalho, direitos trabalhistas e benefícios sociais como saúde, educação, assistência social e habitação.
3. Dimensão relacionada aos direitos culturais e religiosos: relaciona-se à identidade cultural e ao direito da prática religiosa de origem.

Para o autor, a definição de integração é o processo de tornar-se uma parte aceita da sociedade, e consiste em duas possibilidades: em estar ou não estar integrado. Essa definição de integração é aberta em dois aspectos: Em primeiro lugar, destaca o processo de integração em vez de definir uma situação final; em segundo lugar, ele não indica os requisitos específicos para a aceitação pela sociedade de acolhimento (em contraste com os modelos normativos que têm sido desenvolvidos por teóricos políticos), “[...] isso faz com que a definição mais útil para o estudo empírico desses processos, o que nos permite capturar mais de sua diversidade” (PENNIX, 2004, p.141).

O mesmo autor ressalta que as autoridades locais devem receber mais recursos, instrumentos e espaço para agir de forma localmente apropriadas e eficazes. As políticas nacionais de integração devem apoiar as políticas e atores locais. O verdadeiro trabalho tem que ser feito localmente e tem que ser feito de forma criativa por uma coalizão de todas as partes interessadas

Outro ponto que o autor aborda é o fator tempo no processo de integração, quando diz que grupos distintos de imigrantes têm tempos diferentes para integração, assim como imigrantes de primeira e segunda geração tem maior e menor facilidade de integração. A adaptação dos adultos nas dimensões culturais e de seu comportamento tende a ser menos fácil: o conhecimento pode mudar, mas sentimentos e preferências e percepções morais são bastante persistentes e arraigados (PENNIX, 2004).

Então é através de relações cotidianas dentro da sua família e da rede da comunidade, os imigrantes permanecem familiarizados com a sua cultura de origem. No entanto, ao mesmo tempo, tornam-se familiarizados com a cultura e a língua da cidade destino, através de interações no bairro desde a infância, e em particular através da sua participação em instituições públicas, como as instituições de educação e saúde, por exemplo.

Para Pennix (2004) se esse duplo processo de integração ocorre em condições favoráveis (em que as políticas de integração desempenham um papel importante); essa segunda geração desenvolve um modo de vida e estilo de vida em que combinam os papéis, identidades e culturas tanto do país de origem quanto da cidade destino (transnacionalismo). No nível do grupo, isto significa que o teste decisivo para a integração e para o sucesso ou o fracasso de políticas neste campo é o status e sucesso da segunda geração.

Nesta dissertação, foi considerada a contribuição de Rinus Pennix (2004), porque esse autor aborda formas de políticas de integração de imigrantes, relacionadas a uma escala local, a da gestão municipal.

A contribuição de Sayad (1998) também foi considerada para a abordagem da gestão municipal e o fator de tempo de permanência do imigrante, como aponta o autor, quando argumenta que toda a presença estrangeira dentro de uma nação é vista como provisória, mesmo que esse provisório seja indefinido, criando uma presença estrangeira permanentemente provisória, mas vivida por todos de maneira provisória. Martins (2019) resgata Sayad (1998) quando aborda políticas de integração explicando o quanto o Estado se vale da permanência do imigrante, assim, escamoteando-o com a prática do ser provisório e marginaliza-o a tal ponto de promover o controle total e real.

2.2.4 Integração Socioespacial

Os processos de integração decorrentes dos fluxos imigratórios internacionais são transnacionais, impactam e produzem transformações nas comunidades locais a partir da espacialização das práticas socioculturais dos imigrantes. Assim, a integração socioespacial pode ser entendida como um dos efeitos desses fluxos na diversificação das instituições e na transformação das práticas culturais, religiosas e econômicas das cidades

(CASTLES; MILLER, 2009). Braga (2013) remete ao fato de que a integração espacial facilita a integração econômica e social para grupos de imigrantes.

Pennix (2004) afirma, que assim que os imigrantes chegam a um novo país, eles buscam por um lugar na cidade destino tanto no sentido físico (uma casa, um emprego e renda, acesso à educação, saúde, habitação, etc.) como no sentido social e cultural. Particularmente, se os recém-chegados se veem como diferentes e são percebidos pela população local (de acolhimento) como fisicamente, culturalmente e/ou religiosamente diferentes; eles vão aspirar a um lugar reconhecido nessa nova sociedade em busca de se tornarem aceitos. Para o autor, a definição de integração é o processo do imigrante de tornar-se parte aceita da sociedade.

O mesmo autor mostra como a percepção de “diferentes” da população local em relação aos imigrantes pode tornar-se conflituosa quando afirma que as definições do 'outro' ou 'estrangeiro' podem ser baseadas em vários atributos que evidenciam relações complexas e desiguais entre grupos distintos (população local e imigrantes):

Sobre o estatuto jurídico (aliens), na aparência física ('raça'), em (percebida) diferenças culturais e religiosas, sobre as características de classe ou em qualquer combinação destes elementos. Tais definições não só tem consequências para as relações interpessoais, elas também atuam fora no nível coletivo, definindo *ingroups* e *out-groups*. Eles podem expressar-se em práticas discriminatórias e levar à deterioração das relações interétnicas e um enfraquecimento da coesão social nas comunidades, cidades e estados. Ao nível político, movimentos anti-imigrantes também podem surgir (PENNIX, 2004, p. 141).

As teorias e os debates associados às desigualdades socioespaciais em confronto com os padrões de desenvolvimento do espaço urbano e com as alterações nos modelos de organização econômica e social evidenciam uma persistência, segmentação e complexidade das desigualdades socioespaciais (CARREIRAS, 2018).

Em consequência da complexidade das desigualdades socioespaciais, conceitos como inserção, inclusão, integração e direito à cidade, emergem como possível resistência. Segundo a autora, o conceito de “integração” é utilizado no pensamento social a partir do final do século XIX; posteriormente, a dimensão espacial foi adquirindo maior relevância como tema nos estudos urbanos. “Assim, a dimensão da integração social para a ter uma expressão territorial” (CARREIRAS, 2018, p 71).

Ruiz-Tagle (2013) explica que a integração socioespacial é a inclusão de um indivíduo na sociedade, limitanda às situações de desigualdades. Assim, a Integração socioespacial

remete à compreensão e análise de dimensões sociais e espaciais, mais precisamente ao efeito de mediação do espaço nas relações sociais, significando a eliminação de barreiras, promovendo conexões, reconhecendo a existência de canais de ligação e de comunicação que podem ser físicos, simbólicos e visuais entre diversos grupos e territórios (RUIZ-TAGLE, 2013).

Massey (2000, 2005) entende que não há um modelo idealizado de espaço e sim o espaço dinâmico e em constante transformação; de conexão de múltiplas redes e, onde a diferença é produto da singularidade dessas combinações num mundo globalizado. A autora questiona se é possível reter algum sentido de lugar frente a tantos fluxos e interconexões (global e local); onde a tecnologia da informação propiciou encurtar distâncias físicas.

Diferentes grupos sociais posicionam-se de formas muito distintas em relação a esses fluxos e interconexões, gerando posições de poder e heterogeneidade que se materializam espacialmente. Pode-se dizer então que o lugar é um espaço de negociação. Doreen Massey (2000, 2005) sintetiza o pensamento frente ao conceito de espaço globalizado e à interação de grupos distintos, resgatando também o conceito de rede transnacional. Essa autora não desconsidera os fatores históricos do lugar, mas acredita que o lugar é um espaço de articulação, de negociação:

[...] a globalização das relações sociais é outra fonte de reprodução de desenvolvimento geográfico desigual que reforça a imparidade entre lugares na medida em que sua especificidade emerge da mistura de vários layers de relações sociais e vínculos locais e globais (MASSEY, 2000, p.121).

A literatura internacional (MATTIOLI, 2011) tem desenvolvido a correlação entre segurança e qualidade de vida, considerando a diversidade de territórios nos subúrbios populares. São pesquisas com foco na escala local de bairros, sua diversidade e modos de vida cotidiana. A dificuldade está na ambivalência dos subúrbios: por um lado, é um espaço como todos os outros, banal e normal; por outro lado, são locais com singularidades óbvias, tanto em termos de características sociais quanto em função das condições de gestão (MATTIOLI, 2011).

Para esta dissertação, foi adotado o conceito de integração socioespacial com base nos argumentos de Doreen Massey (2000, 2005), considerando o lugar como um espaço de coexistência e negociação com o outro, de conexão de múltiplas redes e onde a diferença é produto da singularidade dessas combinações. A integração socioespacial, nesse

contexto, é um meio de evitar a segregação espacial assim como um meio de evitar as desigualdades e a exclusão social.

2.2.5 O acesso à cidadania

Mezzadra (2012) aborda as tensões e conflitos que emergem na experiência de uma “nova economia das migrações” que se relaciona aos conceitos de integração, cidadania e democracia. O fenômeno das imigrações passa a ser visto como uma nova “lente” para interpretar a mobilidade do trabalho: o autor argumenta que a irregularidade (status indocumentado ou “sem papel”) é uma condição que se apresenta como questão política chave nas lutas sociais contemporâneas em torno da imigração já que os imigrantes *agem* como cidadãos, independentemente de sua condição com relação ao estatuto legal da cidadania. Nesse sentido, a imigração relacionada aos movimentos sociais vem mostrando o impacto dessa nova lente relacionada aos imigrantes indocumentados e ao mercado de trabalho. No caso da Itália, que passava por um processo de intensificação da imigração:

[...] no final dos anos 1980 ficava claro que o país, no passado um país de emigração, tornara-se um importante receptor de imigrantes do Sul e da Europa oriental. A velocidade dessa transição pegou, em muitos aspectos, a sociedade italiana despreparada, mas também deu início a mudanças irreversíveis nos cenários urbanos e no próprio mercado de trabalho [...] Desde os primeiros anos da década de 1990, os imigrantes têm se caracterizado por um protagonismo no conjunto das lutas sociais (a exemplo das lutas por moradia) e sindicais. (MEZZADRA, 2012, p. 71).

Não por acaso a maioria dos estudos sobre os movimentos e as lutas dos imigrantes do ponto de vista da cidadania focam sempre a questão dos sem-documentos (*sans-papiers*) ou imigrantes irregulares: ou seja, sujeitos que se constituem enquanto excluídos da cidadania, acentuando diferenças como estrangeiros, marginalizados, outsiders. O próprio discurso da cidadania é histórica e teoricamente baseado numa distinção entre uma visão binária: um fora e um dentro. O autor aborda a integração dos imigrantes a um contexto jurídico e político previamente existente, por outro lado, o fato de que também os imigrantes “regulares” vivem e lutam em condições produzidas pelo mesmo regime de controle que gera um sistema estratificado e, muitas vezes racializado, de cidadania e “irregularidade” (MEZZADRA, 2012).

O acesso à cidadania de imigrantes internacionais nos países destino é o primeiro passo para a integração. Sem documento, o imigrante fica à sombra, num quadro de irregularidade, vulnerabilidade e exclusão. A cidadania oferece direito como cidadão, um

status jurídico que permite ao imigrante acessar programas de governo, políticas públicas e o envio de remessas de dinheiro aos familiares no exterior.

De um modo geral a Polícia Federal no Brasil reconhece o imigrante laboral internacional. (ex.: o haitiano) com entrada no Brasil com visto provisório. Cazarotto e Sindelar (2020) explicam que a nacionalidade haitiana compõe o único grupo de imigrantes que, por razões humanitárias, foi amparado pela Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012, do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) - visto humanitário. Esse canal regular de imigração possibilitou a obtenção de carteira de trabalho e Cadastro de Pessoa Física (CPF).

Isso permite ao haitiano documentado ter quase os mesmos direitos que qualquer cidadão brasileiro, exceto o direito ao voto. Através do Cadastro Único Federal (CadÚnico), o imigrante acessa os serviços públicos federais, tais como: o cartão do SUS (Sistema Único de Saúde), a assistência social, a educação e a habitação.

2.2.6 Alteridade, Hospitalidade e Etnicidade

A palavra alteridade é um substantivo feminino que expressa o outro ou do que é diferente (HOLANDA, 2010). Um dos princípios fundamentais da alteridade é que o ser humano, nas suas relações sociais, tem uma relação de interação e dependência com o outro. A alteridade em relação à diferença implica em um indivíduo que seja capaz de se colocar no lugar do outro, independente da cultura, em uma relação através do diálogo.

Então é na cultura da palavra (o ser como ouvido) que é baseada a cultura da alteridade. É através da combinação de palavras que podemos ter uma maior compreensão do outro e, portanto, é na expressão da fala que há uma maior proximidade de interação com o outro. Para Dussel, o “outro” é o pobre, o negro, o índio, a mulher e o imigrante (DUSSEL, 1969 apud CASALI, 2018)³³.

O discurso de Sayad (1998) aponta que a complexidade da alteridade é que o imigrante é estranho como imigrante (ao entrar no país destino) e torna-se estranho como emigrante (ao sair do país de origem), referindo-se à migração (entrada e saída) como um fato total. Dessa forma, o imigrante se depara com um processo no qual não se reconhece nem lá

³³ DUSSEL, E. El humanismo semita. Buenos Aires: EUDEBA, 1969.

nem cá, o que pode culminar em desafios porque relaciona integração e alteridade com diferença. Martins (2019) complementa:

[...] quando ele emigra ou sai do seu lugar e se insere em outro, ele torna-se diferente em ambos os espaços de convivência, seja por desconhecer o lugar de chegada ou por não conhecer mais o lugar deixado (MARTINS, 2019, p. 74).

Para Harney (2017), a chegada de imigrantes e estrangeiros, cujas intenções são desconhecidas, para alguns representa uma ameaça para a ordem social. Assim, a alteridade pode ser representada como hospitalidade, sendo que formas de rituais institucionalizados de hospitalidade, que empregam a performance do “acolhimento”, podem na verdade estar escamoteando a securitização do Estado. O autor aborda os “centros de boas-vindas” para os “recém-chegados” muito mais como centros de coleta de dados e controle, tais como a biometria para imigrantes. Afirma que há relação de desigualdade entre imigrante e população local e que um estrangeiro conhecido ainda representa menos risco para a soberania de um país.

[...] hospitalidade revela as tensões subjacentes entre, por exemplo, pertença e alteridade, confiança e desconfiança, ordem e desordem, amigo e inimigo. Hospitalidade é constituída pela tensão entre a exigência ética para ser aberta e acolhedora para estrangeiros com a exigência da soberania para excluir (HARNEY, 2017, p. 02).

A palavra hospitalidade remete ao “tratamento amigável, gentileza e aceitação” (HOLANDA, 2010). A hospitalidade como hospedagem de visitantes, remete a alojamento, acolhimento, recepção, abrigo, guarida, asilo. Isso faz pensar no conceito de hospitalidade universal de Kant (GERHARDT, 2005).

O conceito de hostilidade é ambivalente porque essa relação com o estrangeiro percorre desde a diferença na língua de origem e outros costumes de um grupo. A aculturação de grupos estrangeiros começaria pela diferença da língua e isso é uma violência (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003). Para os autores, o estrangeiro é estrangeiro à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o estrangeiro deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição não é a sua e isso seria uma violência:

[...] o estrangeiro é, antes de tudo, estrangeiro à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência. A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os

sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-los entre nós? (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 15)

No estudo de Elias e Scotson (2000), na periferia urbana da comunidade de vizinhos de Winston Parva, ocorre uma clara divisão: de um grupo estabelecido desde longa data e de um grupo mais novo de residentes, que são tratados como outsiders “os de fora”. O grupo de estabelecidos os estigmatizava, de modo geral, como pessoas de menor valor humano e que lhes faltava o carisma grupal, que o grupo dominante atribuía a si mesmo. A diferença que se apresenta é o tempo de vivência naquela comunidade, entre as famílias nascidas, ou que residiam há anos; em relação aos novos moradores. O grupo de estabelecidos atribuía a seus membros características humanas superiores, excluindo todos os membros do outro grupo do contato social com seus próprios membros o que era alimentado através do controle social como a fofoca elogiosa, em favor dos estabelecidos e fofocas depreciativas contra os outsiders (ELIAS e SCOTSON 2000).

Demais contribuições da mesma temática vinculado ao racismo são abordadas por Stuart Hall (2003). A partir do conceito de alteridade e de hospitalidade como forma de integração entre grupos distintos, se pode concluir que, as abordagens da revisão de literatura, o outro, o “outsider” é visto como o “de fora”, o estranho, o estrangeiro³⁴.

A partir disso buscou-se aprofundar o estudo com o conceito de etnicidade de Fredrik Barth, por ser considerado referência relevante em estudos sobre grupos étnicos. Barth (1998), explica que as formas de integração entre grupos sociais distintos são resultado de como as diferenças e a identidade são construídas por oposição, localmente, a partir das interações cotidianas. Entende-se assim que as diferenças identitárias e culturais entre grupos distintos são construídas por oposição, ou seja, pela diferença e isso representa um fator relevante a ser analisado no processo de integração socioespacial.

A etnicidade, segundo Barth (1998) é uma forma de organização social baseada na atribuição de categorias que classifica as pessoas em função de sua origem suposta e é validada nas interações sociais cotidianas pela ativação de signos culturais socialmente

³⁴ Da sociologia, Simmel (1964, 2005) define que o estrangeiro é o estranho que vive entre nós, assim o autor aborda o “outro” na figura do estrangeiro e de como a mobilidade espacial de pessoas ocasiona mudanças nas sociedades e nas relações sociais. O estrangeiro é aquele que chega a um lugar e não vai embora, residindo naquele local. Dessa forma, o estrangeiro não é um viajante nem um turista. Outro fator que determina o estrangeiro é o fato de não pertencer ao grupo desde que nasceu. Também há a relação de proximidade e envolvimento e de distanciamento e indiferença em relação ao grupo.

diferenciadores através da categorização. A categorização, não ocorre de dentro do grupo e sim é o produto da diferença entre outros grupos. Ou seja, se baseia na categorização dos não membros (os de fora) e na identificação com um grupo étnico particular (ex.: haitianos). A categoria exógena é atribuída em processos de rotulação pelos quais um grupo do exterior, com uma identidade étnica, é categorizado pelos locais.

Assim, temos a dicotomia nós/eles “[...] é uma questão de definição social, de interação entre a auto-definição dos membros e a definição dos outros grupos. É uma relação dialética entre as definições exógenas (os de fora) e endógenas (os de dentro) de oposição” (BARTH 1998 p.143) e isso é ignorado pelo grupo categorizado:

[...] um grupo não pode ignorar o modo pelo qual o categorizam e o modo como ele próprio se define só tem sentido em referência a uma definição exógena. Nas situações de dominação, a imposição de um rótulo pelo grupo dominante possui um verdadeiro poder formativo: o poder de nomear tem o poder de fazer existir na realidade uma coletividade de indivíduos a despeito do que os indivíduos assim nomeados pensam de sua pertença a uma determinada coletividade (BARTH, 1998, p. 143/144).

Como exemplo dessa situação, poderiam ser citados os negros americanos como um grupo social requerendo um nome. Foram criados rótulos de “negros americanos” ou “black” pelos homens brancos, esse rótulo é incorporado pelo grupo dos negros americanos e com o passar do tempo, ou das gerações, esse mesmo rótulo pode ser transformado em “*beautiful black*” ou “*black is beautiful*”. Então observa-se o rótulo pejorativo ser incorporado pelo próprio grupo de negros americanos, pois isso atribui a ele uma identidade.

Em grupos de imigrantes, isso ocorre na forma que, os autóctones (nasceram no local) tem tendência a identificar de forma comum o grupo de imigrantes recém-chegados. Essa identificação geralmente ocorre com base em um traço considerado como pejorativo: a raça.

Outro ponto é que a “fronteira” a “oposição”, como Barth (1998) exemplifica, também pode ocorrer entre membros de um mesmo grupo por não reconhecer o outro membro por oposição, por este apresentar diferenças de identidade. Isso pode ocorrer por pertencerem ao mesmo grupo, mas serem de idades ou gerações diferentes ou serem do mesmo grupo e possuírem diferenças religiosas.

Para esta dissertação, os conceitos de alteridade, acolhimento e hospitalidade foram abordados à luz da argumentação do conceito de etnicidade de Fredrik Barth, pois esse

autor defende que diferenças de identidade são construídas por oposição, pela criação de fronteiras entre grupos e, assim, podem determinar desafios para alteridade, acolhimento e hospitalidade entre grupos distintos no processo de integração socioespacial, representando um ônus para a gestão municipal.

2.2.7 O Território e a Territorialização

O processo imigratório laboral emerge na apropriação social do espaço das cidades contemporâneas. Para isso, buscou-se um referencial que embasasse a integração socioespacial nos conceitos de território e territorialização.

Falar de territorialização, na perspectiva das migrações, quer dizer que os territórios se definem a partir dos seus processos de formação, povoamento e da recepção de migrantes pela população local. Pode ser entendida como um comportamento de reconhecimento (social, político, cultural) dos territórios e de sua construção.

Da geografia, Milton Santos (1996), explica que espaço geográfico é um produto indissociável entre a espacialidade e a temporalidade quando afirma que o espaço geográfico é o conjunto sistêmico de objetos e o conjunto de ações. Esse autor também explica que a relação entre objetos, que são os instrumentos de trabalho e as ações, são as práticas sociais.

Para Raffestin (1993) o espaço é anterior ao território, sendo que o espaço pertence a uma categoria mais abrangente. O Território estabelece uma noção de limite, seja ela por uma fronteira ou por uma zona de transição de uma porção do espaço e reflete como um grupo interage em relação ao espaço, denotando sentido de poder e controle. Essa noção de limite, não precisa estar traçada. A apropriação do espaço, a ação e a interação do grupo geram a delimitação.

Para Souza (2003), o conceito de território deriva do conceito de espaço, pois todo o território pressupõe um espaço social, mas nem todo espaço social é necessariamente um território. O território refere-se à apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo. O autor argumenta que territórios existem e são construídos nas mais diversas escalas, temporais e espaciais e que são definidos e delimitados por e a partir de relações de poder, quer seja entre Estados ou entre grupos sociais, e, ainda, que mantem certa continuidade quanto às características dos recursos naturais, culturais, econômicos e sociais.

Para o sociólogo Bourdieu (1989, 1997, 2013), o espaço social é hierarquizado pela desigual distribuição de diferentes formas de capital: “[...] se o habitat contribui para fazer o habitus, o habitus contribui também para fazer o habitat, através dos usos sociais, mais ou menos adequados, que ele inclina os agentes a fazer desse mesmo habitat” (BOURDIEU, 1997, p. 139). O espaço social é dizer que não se pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, desconsiderando diferenças fundamentais, sobretudo econômicas e culturais (BOURDIEU, 1997). Assim, para o autor, nada é mais distante e intolerável do que pessoas socialmente distantes que se encontram próximas no espaço, referindo-se às cisões e às oposições ligadas às distâncias no espaço social, gerando espaços de poder e conflito. Assim, o autor relaciona o espaço geográfico ao espaço social. A partir disso, entende-se que a espacialidade é a arena onde as diferenças se materializam:

(...) A mesma coisa se diria acerca das relações entre o espaço geográfico e o espaço social: estes dois espaços nunca coincidem completamente; no entanto muitas diferenças que, geralmente, se associam ao efeito do espaço geográfico, por exemplo, à oposição entre o centro e a periferia, são o efeito da distância no espaço social, quer dizer, da distribuição desigual das diferentes espécies de capital no espaço geográfico. (BOURDIEU, 1989, p. 137-138)

O geógrafo Haesbaert (2011) ao abordar o conceito de multiterritorialidade, estuda os diferentes grupos ou indivíduos na construção de territórios flexíveis e multiculturais. Dessa forma, o autor analisa as concepções de território com três enfoques distintos: i) político, ii) cultural ou simbólico-cultural e iii) econômico. Para esse autor, nem toda a territorialização está contida dentro do território e, assim, essas práticas podem estar dispersas. O autor também propõe que as territorializações são concepções mais amplas do que o território e, na perspectiva da integração socioespacial de diferentes grupos, não pode ser pensada de forma contida em um espaço determinado. Pela abrangência dessa abordagem, nesta dissertação, foi adotado o conceito de territorialização de Haesbaert.

A Figura 08 a seguir apresenta os constructos selecionados na revisão de literatura relacionados com os respectivos autores e conceitos adotados.

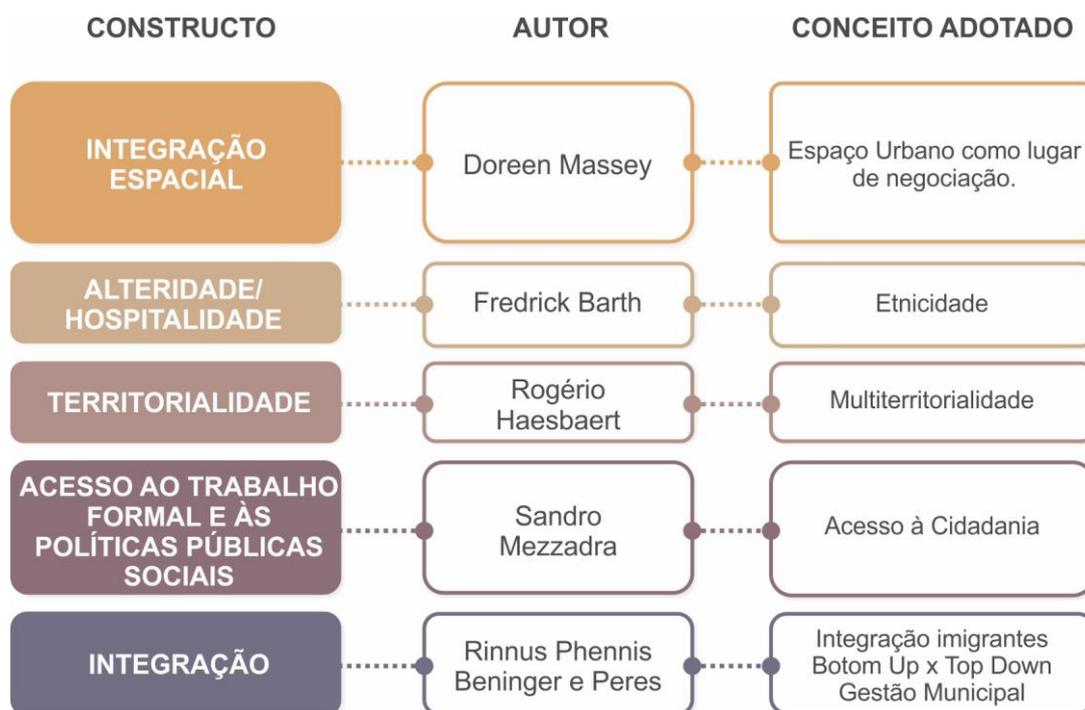


Figura 08: Constructos selecionados na revisão de literatura relacionados aos autores a aos conceitos.
Fonte: Da autora.

A Figura 09 apresenta um modelo conceitual de como os constructos selecionados na revisão de literatura se relacionam, o que será abordado novamente no capítulo de método desta dissertação na construção dos roteiros das entrevistas e, posteriormente, na análise dos resultados frente ao problema de pesquisa.



Figura 09: Relação entre os constructos selecionados na revisão de literatura.
Fonte: Da autora.

3. O HAITI: UMA HISTÓRIA DE LUTAS E DIÁSPORA

Autores como Bhambra (2015) e Handerson (2020) retomam períodos históricos do Haiti e explicam a Revolução Haitiana como sendo a revolução “silenciada”. Segundo Handerson (2020), há cinco pilares que levaram o Haiti a se tornar o segundo³⁵ país independente das Américas: desigualdade, resistência, lutas, liberdade e protagonismo. Assim, o Haiti pode ser considerado como a primeira República Negra do mundo (HANDERSON, 2020).

Bhambra (2015) argumenta que a revolução do Haiti não é apenas um dos momentos mais importantes do surgimento do mundo moderno, mas também um dos mais negligenciados dentro da literatura científica social. Essa autora também critica a omissão de uma nova história intelectual da "igualdade" e aponta que o conceito iluminista de “liberdade, igualdade e fraternidade” seria diferente se o mundo tivesse considerado a revolução haitiana e, embora a revolução do Haiti tenha ocorrido na mesma época em que a Revolução Francesa e a Declaração de Independência Americana, raramente lhe é concedido um status semelhante, de um acontecimento marcante para a história mundial (BHAMBRA, 2015).

No Brasão de Armas da bandeira do Haiti está escrito: *L’Fait La Union Force* - “A Unidade faz a Força”, frase inspirada na bandeira da França. Contudo, diferentemente da bandeira francesa, na bandeira do Haiti é retirada a faixa branca que divide as cores azul e vermelho, significando a união dos povos negros (cor azul) e mulatos (cor vermelha)³⁶.

Para Handerson (2020), a história do Haiti não pode ser esquecida ou silenciada porque é uma história de lutas e de diáspora. O Haiti de lutas viu seu povo indígena autóctone ser dizimado pelos colonizadores espanhóis entre os séculos XVI e XVII³⁷; sendo que a migração faz parte da história do Haiti, quando o sistema colonial introduziu escravos africanos numa imigração para trabalho forçado nas minas e nas plantações de cana de açúcar para exportação.

³⁵ O primeiro país das Américas a se tornar independente foram os Estados Unidos (HANDERSON, 2020).

³⁶ <https://www.estudopratico.com.br/significado-da-bandeira-do-haiti/>

³⁷ O Haiti localiza-se em uma ilha e sua única fronteira terrestre é com a República Dominicana. Durante o período colonial, a partir de 1650, o lado ocidental da ilha é ocupado pela França (hoje Haiti) e Espanha fica com o que corresponde à República Dominicana (MEJÍA; CAZAROTTO, 2016).

No século XVIII, o Haiti era a colônia mais rica da França ocupada por negros africanos escravizados. Os negros se revoltaram contra os franceses, inspirados nas práticas religiosas do vodu³⁸, os africanos acreditavam receber mensagens dos seus ancestrais que os incitavam a lutar (MEJÍA e CAZAROTTO, 2016), inclusive vencendo os temidos soldados de Napoleão Bonaparte (HANDERSON, 2020). Esses processos de lutas se intensificaram no Haiti através do *marronage* equivalente aos quilombos no Brasil, até que houve a Independência do Haiti (1791 até 1804) (HANDERSON, 2020).

Handerson (2020) explica que depois do século XVIII, com a Revolução Haitiana houve um ciclo de abolição de escravidão na América Latina e, por aproximadamente um século o Haiti ocupou status mundialmente conhecido como lugar de liberdade e democracia; incitando os países latino-americanos para os mesmos ideais.

O Haiti, um país agro exportador; após a Independência, rompe com as exportações e volta à economia de subsistência, saindo do mercado mundial do açúcar. Em 1805 os brancos franceses que viviam no Haiti foram massacrados por ordem de Dessalines, um dos líderes da revolução e Independência; sendo que esse fato aumentou o isolamento e a dependência do capital estrangeiro (HANDERSON, 2020).

Em 1825 o retrocesso e o isolamento do Haiti são agravados e um quadro de extrema dependência estrangeira inicia quando a França e os Estados Unidos não reconhecem a Independência Haitiana e a França cobra uma dívida superior à renda do país (MEJÍA e CAZAROTTO, 2016). Sobre esse contexto do Haiti, Handerson (2020) complementa:

É importante lembrar que, logo depois da Revolução Haitiana, houve uma negação por parte da França e dos Estados Unidos de reconhecer oficialmente a independência do país. Sob o Governo de Jean-Pierre Boyer, em 1825, o governo haitiano teve que pagar o equivalente hoje (2020) a 21,7 bilhões de dólares por esse reconhecimento, mesmo sendo os próprios negros protagonistas da luta pela própria libertação e pela Independência. Foi o único país das Américas independente a indenizar os colonizadores. Na história econômica mundial, foi a primeira “dívida” externa. Como se não bastasse essa luta pelo reconhecimento, o país foi (e continua sendo) perseguido ao longo da história, do ponto de vista do Ocidente, pela sua “ousadia”. Então, era (e é) preciso mostrar ao mundo que uma nação negra não poderia dar certo, seriam incapazes de se autogovernar. Isso também foi internalizado, projetado e reproduzido na história social haitiana (HANDERSON, 2020, p. 12).

³⁸ Vodou é um misto de crenças cristãs e africanas, onde se destaca o sobrenatural. É um ritual de culto a deuses africanos e aos santos da Igreja Católica. Teve origem na África e foi trazido para as Américas por negros africanos escravizados. No Haiti, país da América Central, o vodou é a religião cultuada pela maioria da população. A feitiçaria do vodou é relevante toda a história haitiana. Fonte: <https://www.significados.com.br/vodu/>

O Haiti mergulha num quadro de instabilidade política interna gerando conflitos entre facções políticas e, em 1915, o país é ocupado pelos Estados Unidos sobre o pretexto de estabilizar o país. Em 1934 os Estados Unidos desocupam o Haiti, porém as forças armadas haitianas criadas por americanos permanecem e apoiam o governo do ditador Duvalier que permanece há trinta anos no poder (MEJÍA e CAZAROTTO, 2016).

Podemos dizer assim que, desde 1825, o retrocesso e o isolamento do Haiti são agravados e um quadro de extrema dependência estrangeira, ancorada na imagem de que uma nação negra seria incapaz de se autogovernar. Essa imagem foi internalizada, introjetada e reproduzida na história social haitiana. Mejía e Cazarotto (2016), afirmam que em 1990 aumenta a dependência econômica e militar do Haiti pelo capital estrangeiro das grandes potências, num quadro neoliberal. Assim, o Haiti é palco de instabilidade conflitos políticos ente presidentes apoiados por interesses internacionais e forças políticas internas do país, divergentes ao modelo neoliberal.

Mejía e Cazarotto (2016) dizem que devido à instabilidade política que enfrenta o Haiti desde 1993, permitiu-se a entrada de pelo menos cinco missões³⁹ de paz realizadas pelas Nações Unidas. Os críticos alegam que algumas missões foram acusadas de violações de direitos humanos contra haitianos e a disseminação da cólera no país (MEJÍA e CAZAROTTO, 2016).

A Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) foi uma ação da ONU para restabelecer a segurança, a normalidade institucional e a manutenção da paz no Haiti (ONU, 2020). A MINUSTAH contou com a participação de diversos países, dentre eles o Brasil. Martins (2019); Ribeiro (2020), explicam que a ação direta do Brasil nessa missão no Haiti foi um dos fatores que contribuiu para que o Brasil se tornasse uma das rotas da diáspora haitiana⁴⁰. A autora argumenta que interesses diplomáticos do Brasil em estreitar relações com a ONU e obter visibilidade junto a órgãos humanitários acabaram por atrair o interesse dos haitianos em imigrar para o Brasil (MARTINS, 2019).

Mejía e Cazarotto (2016) explicam que em janeiro de 2010, um terremoto de magnitude 7.0 graus na escala Richter, que destruiu a maior parte da cidade de Porto Príncipe (capital

³⁹ A mais significativa foi a MINUSTAH (2004 a 2017) (ONU, 2020) <https://nacoesunidas.org/conselho-de-seguranca-marca-transicao-dos-15-anos-das-forcas-de-paz-da-onu-no-haiti/>.

⁴⁰ A diáspora haitiana já existia antes do terremoto, uma tradição das famílias programarem filhos para a diáspora. O terremoto somente fez crescer e em pouco tempo essa prática já existente (MARTINS, 2019).

do Haiti) e seus arredores fez com que o país mergulhasse numa crise ainda maior. Provocou 316 000 mortos, impactando na vida de 3 milhões de pessoas (OLIVEIRA, 2017). 350 000 feridos e mais de 1,5 milhão de flagelados; num cenário fez com que os Estados Unidos reforçassem a atuação no Haiti, enviando 20.000 *mariners* para controlar o país (HANDERSON, 2020).

Dessa forma, o abalo sísmico não apenas expôs, mas também aprofundou a longa crise existente no Haiti de grande dependência e exploração por parte de grandes potências. Marques (2019) explica três elementos que contribuíram para a crise pós-terremoto:

[...] primeiro, o fato de boa parte dos equipamentos públicos se encontrarem em Porto Príncipe, um dos lugares mais afetados; segundo, a tríade corrupção-violência-dependência destacou as fragilidades políticas, e econômicas e sociais do país; e terceiro, o preconceito e as estratégias de interesse de países como Estados Unidos ou França mas também do Brasil promoveram abismos mais complexos na escala social do Haiti (MARTINS, 2019, p. 83).

Mejía e Simon (2015) apontam que o terremoto de 2010 deixou o Haiti em estado de calamidade. O Estado, tomado por intervenções estrangeiras, carece de autonomia no território nacional. Muitas ONGs de auxílio humanitário são corruptas. A mesma autora explica que uma das instituições haitiana-internacional, a Comissão Interina para a Reconstrução do Haiti (CIRH), constituída após o terremoto, é controlada por grandes potências e organismos internacionais, entre esses se desta os Estados Unidos. Os críticos argumentam que o CIRH não beneficia os haitianos, mas os doadores, pois possibilita a canalização de contratos de projetos multifuncionais (MEJÍA e SIMON, 2015).

Entre 2018 e 2020 a população haitiana se mobiliza em manifestações contra as desigualdades⁴¹, reflexo de políticas ditatoriais e oposição entre as classes dominantes:

Uma minoria que se vê e pensa como europeus, norte-americanos ou canadenses, e a massa representada pela maioria da população, porém submetida a uma pequena oligarquia orientada ao exterior, e que em boa medida nem vive no Haiti. [...] A própria distribuição socioespacial haitiana diz muito sobre as relações de dominação e as hierarquias no país. A elite vive nas montanhas e a massa nas regiões planas, ela olha a sociedade de cima para baixo, desde as montanhas. Desde suas janelas, controlam as movimentações políticas, as redes comerciais, são lugares de difícil acesso pela massa (HANDERSON, 2020, p. 15).

⁴¹ “O Brasil sempre comandou o componente militar da Missão (2004-2017), que teve a participação de tropas de outros 15 países, além do efetivo brasileiro de capacetes azuis da Marinha, do Exército e da Força Aérea”. <https://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-minustah-haiti>

Handerson (2020) aponta que essas missões de paz têm interesses das grandes potências e denomina essas ações como “neocoloniais” num contexto de “racismo estrutural e “necropolítica”⁴², destaca ainda a contribuição da mídia internacional para uma visão negativa ou omissa do Haiti, corroborada pelo silêncio da comunidade internacional frente à realidade do país.

Segundo Handerson (2020), desde o ano da independência do Haiti até hoje (2020), são 216 anos e o país teve somente dois presidentes eleitos democraticamente e que conseguiram terminar seus mandatos. Então o Haiti apresenta um quadro político de sucessivos golpes de Estado, corrupção e conflitos. Mejía; Cazarotto (2020) apontam que atualmente 80% da população do Haiti vivem abaixo da linha da pobreza

Assim, pode-se inferir que o panorama histórico do Haiti, incita à imigração para outros países em busca de melhores condições de vida. A imigração tem um papel fundamental para o Haiti, boa parte da economia do país gira em torno das remessas enviadas pela diáspora haitiana do exterior, notadamente dos Estados Unidos, do Canadá e da França; já que as remessas de dinheiro enviadas por haitianos em diáspora representam 31% do PIB do país (HANDERSON, 2020).

No contexto atual de Pandemia, o Haiti mergulha novamente num quadro de calamidade, uma vez que a Pandemia atinge todo mundo, inclusive os haitianos em diáspora, o que afeta o envio de remessas para familiares no Haiti. Sobre o atual contexto Handerson diz:

Antes do novo vírus, o Haiti já estava em quarentena devido à situação sociopolítica e econômica. Em meio à pandemia, ainda continua a onda de violência que toma conta do país. Vários grupos de civis rivais armados têm entrado em confronto nessas duas últimas semanas, causando mortes e feridos. Várias doenças impactam a vida social haitiana, a covid-19, a violência estrutural, a corrupção e a má gestão governamental. [...] o Haiti precisa de cooperação técnica na área de saúde, materiais, equipamentos e profissionais da área de medicina, e não forças armadas. Além da falta de infraestrutura, há mais profissionais haitianos da área da saúde na diáspora haitiana do que no próprio país. (HANDERSON, 2020, p. 1 e 5).

Falar sobre a imigração haitiana requer entender o conceito de diáspora que significa “dispersão” e serve para descrever qualquer comunidade étnica ou religiosa que vive dispersa ou fora do seu lugar de origem por motivos políticos ou religiosos. Nesse

⁴² Necropolítica: um conceito desenvolvido pelo filósofo negro, Mbembe que, em 2003, escreveu um ensaio questionando os limites da soberania quando o Estado escolhe quem deve viver e quem deve morrer. Para o autor quando se nega a humanidade do outro, qualquer violência torna-se possível de agressões até morte (MBEMBE, 2003).

contexto, o significado da diáspora haitiana vai além do conceito do termo em si: deve ser compreendido na figura do “ser diáspora”:

Esse ‘ser diáspora’ promove não só a mobilidade em si, mas possibilita um conjunto de interesses que vão mobilizar o grupo como um todo. O fracasso do ser diáspora é também o fracasso para o grupo. Da mesma maneira, sua inserção em espaços distintos, ainda que não corra o retorno para o Haiti, não implica no desprendimento das suas relações. (MARTINS, 2019, p.41).

Para aprofundar o significado do “ser diáspora”, considera-se a contribuição de Handerson (2015) quando afirma que “[...] na categoria de *diáspora* há uma junção de sentidos políticos, econômicos, morais e históricos, relativos à própria ‘pessoa’. Por exemplo, ela serve como adjetivo para qualificar pessoas: ‘*diaspora*, como você vai?’, ‘*diaspora* chegou’ (HANDERSON, 2015, p. 55, 56).

Além disso, estar em diáspora significa esperança para os familiares que ficaram no Haiti e ajudaram o integrante a “ser diáspora” e por isso significa o sucesso pessoal e coletivo da diáspora, demonstrando uma relação indissociável entre família e diáspora. Mais do que enviar remessas de dinheiro e objetos, muitos parentes no Haiti esperam do imigrante “mandar buscar”⁴³ ou solicitar visto permanente para familiares próximos. No sentido mais amplo, para os haitianos o termo diáspora significa uma categoria organizadora do mundo, como afirma Handerson (2015)⁴⁴:

Interessa mostrar, tanto fora como dentro do Haiti, que o termo *diáspora* é uma categoria organizadora do mundo, pois designa pessoas, qualifica objetos, dinheiro, casas e ações. O termo *diáspora* é utilizado para designar os compatriotas residentes no exterior, mas que voltam temporariamente ao Haiti e logo retornam para o exterior: *diaspora ki jan ou ye?* (*diáspora*, como você vai?). O campo semântico e polissêmico do termo está articulado por três verbos associados a *diáspora*: residir no exterior, voltar ao Haiti e retornar ao exterior. As músicas haitianas produzidas no exterior são chamadas músicas de *diáspora*. As roupas enviadas são denominadas *rad diaspora* (roupa *diáspora*); o dólar americano e o euro, *lajan diaspora* (moedas *diáspora*); as casas construídas no Haiti por compatriotas residentes no exterior, combinando objetos (eletrônicos e eletrodomésticos, etc.), materiais de construção (cerâmicas, portas, janelas, luzes, etc.) do exterior com os do país, são denominadas *ckay diaspora* (casas *diáspora*). A categoria *diáspora* também serve para qualificar ações, como nas expressões: *w’ap fè bagay diaspora* (está fazendo coisa de *diáspora*), *ou aji tankou diaspora* (você age como *diáspora*). (HANDERSON, 2015, p. 52 e 53).

⁴³ [...] mandar buscar algum membro da família constitui um valor moral da pessoa diáspora, é honrar a família diante dos vizinhos e dos familiares. Quem retorna definitivamente ao Haiti não é considerado *diáspora* e isso pode ser interpretado como o fracasso do seu processo de mobilidade (HANDERSON, 2015 p. 61).

⁴⁴ Expressões citadas em crioulo haitiano estão traduzidas para português pelo autor.

Os haitianos cruzam fronteiras internacionais para tentar a vida em outros países desde os 1957 e se intensificou⁴⁵ nas últimas décadas devido a problemas socioeconômicos, a crise da política interna, a falta de infraestrutura e as violações dos direitos humanos (MEJÍA e CAZAROTTO, 2016). Países do norte como Estados Unidos, França, Canadá e são destinos tradicionalmente vislumbrados pelos haitianos e, o sucesso da imigração para esses países é chamada de diáspora das diásporas (HANDERSON, 2015).

Com a impossibilidade de imigrar para os países do norte devido às políticas restritivas; o Brasil, que desde 2004 mantém relações com o Haiti, passa a ser conhecido pelos haitianos, e, a partir de 2012, o fluxo de imigrantes do Haiti para o Brasil, cresce consideravelmente (RIBEIRO, 2020).

3.1. IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL

Ribeiro (2020); Martins (2019) apontam que foi partir de 2004 que Brasil e Haiti se aproximaram com a *Mission des Nations Unies pour La Stabilization* (Minustah) em Haiti, criada por iniciativa do Conselho de Segurança da ONU e coordenada pelo Brasil. Na época, além de fazer uma doação de 375 milhões de reais pelo governo brasileiro, houve a afirmação de boa acolhida pelo Brasil, atraindo os haitianos (RIBEIRO, 2020).

Então o Brasil passa a ser destino de imigrantes haitianos pelas ligações humanitárias já desenvolvidas junto à ONU e pela situação econômica interna favorável do país nos anos 2000. Além disso a projeção internacional pelos eventos sediados no Brasil como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, a imigração haitiana também foi motivada (MARTINS, 2019)

Assim, o Brasil se consagra como um novo destino para imigração haitiana após o terremoto de 2010 e, segundo alguns autores (BAENINGER e PERES, 2017; OLIVEIRA, 2017; MARTINS, 2019; RIBEIRO, 2020), a chegada de imigrantes haitianos no Brasil coloca o país na rota das migrações internacionais contemporâneas muito pelo enrijecimento das leis de imigração nos países do norte como Estados Unidos e países da Europa.

Em 2010 os haitianos começam a entrar no Brasil pelas fronteiras do Norte, principalmente pelo Acre onde recebem ajuda humanitária pelo governo local com

⁴⁵ “A imigração haitiana para os Estados Unidos triplicou entre 1990 e 2012 (quase um milhão de haitianos); para a França (77.000); Canadá (74.000), e Bahamas (40.000). Na República Dominicana, único país a fazer fronteira terrestre com o Haiti, estima-se que haja entre 500 mil e 800 mil haitianos” (MEJÍA; CAZAROTTO, 2020, p. 7).

recursos federais, auxílio de igrejas, sociedade civil e voluntários (MEJÍA; CAZAROTTO, 2016). As mesmas autoras dizem que, a partir de 2012, o governo estadual do Acre abrigou os imigrantes haitianos em um alojamento na cidade de Brasiléia (fronteira com a Bolívia), já que chegavam sem vistos, o governo concedeu documentação necessária para ingressar no mercado de trabalho. Essa iniciativa fez com que aumentasse o fluxo nessa fronteira, pois os haitianos que ali permaneciam até receberem a documentação, convidavam outros conterrâneos, provocando um fluxo constante de imigração Haiti-Brasil.

Os problemas, decorrentes pelas restrições para a permanência resultantes do aumento de chegada de haitianos pela fronteira do Acre, começaram a surgir de forma mais frequente em 2012. A Resolução Normativa⁴⁶, criada pelo CNIg, estabelece o limite de 1200 vistos por ano (100 por mês) de permanência para haitianos, estabelecendo um visto humanitário (concedido aos haitianos que não possuíam antecedentes penais) com validade de cinco anos (MARTINS, 2019).

Conforme mencionado anteriormente, tanto a Convenção de Genebra quanto a Convenção de Cartagena não contemplam questões ambientais, para a concessão de visto de refugiado (ACNUR, 2020). É nesse contexto que surge o “Visto Humanitário” como saída para a recepção de imigrantes haitianos; uma saída solução à brasileira, como atribuem alguns estudiosos. Assim, o Brasil nega aos haitianos status de refugiados ficando esses sujeitos à vontade política do Estado (MEJÍA; CAZAROTTO, 2016).

Os problemas da chegada de haitianos na fronteira do Acre se intensificaram ao ponto de ficarem críticas, levando os governos do estado Acre e do Amazonas a reivindicarem ações do Governo Federal frente às demandas tanto dos imigrantes como da população local, evidenciando problemas estruturais existentes que foram se tornando críticos, levando à medidas relacionadas aos direitos humanos frente à vulnerabilidade da situação dos haitianos nas cidades como Brasiléia (BAENINGER; PERES, 2017; OLIVEIRA, 2017; MARTINS, 2019).

⁴⁶ Resolução Normativa nº 97 de 2012 (MTE, 2012). Disponível em <http://acesso.mte.gov.br/cni/2013.htm>. Essa Resolução, segundo Martins (2019), teve dois motivos: primeiro, a chegada de haitianos agenciados por coiotes, que cobram preços abusivos, prometendo emprego e visto na chegada do Brasil; e segundo, a constituição das redes de migração do Haiti para o Brasil.

Essa situação expôs duas vulnerabilidades: i) a situação que os imigrantes enfrentam desde a saída do Haiti até a chegada em um lugar seguro e ii) o despreparo do Brasil no acolhimento. Exemplos dos problemas do acolhimento são ilustrados pelas Figuras 10 e 11 do abrigo em Brasília no Acre. Esse abrigo⁴⁷ foi fechado em 2014 e transfere os imigrantes para Rio Branco (capital do Acre), São Paulo e pra o Rio Grande do Sul (UEBEL, 2015, 2016; BAENINGER; PERES, 2017; OLIVEIRA, 2017; MARTINS, 2019; MEJÍA e CAZAROTTO, 2016; RIBEIRO, 2000). Oliveira (2017) retrata o quadro das políticas migratórias no Brasil naquela época, onde a falta de planejamento adequado dos governos local e federal leva os imigrantes haitianos a viverem em situação precária:

O tratamento dado à imigração haitiana revelou a fragilidade, a inadequação e o despreparo das nossas políticas migratórias pela forma como o governo brasileiro passa ao exterior a imagem de país em ascensão e hospitaleiro. O Brasil não se preparou de forma adequada para receber esses imigrantes. Apesar da concessão de vistos em caráter humanitário, o acolhimento aos haitianos foi marcado pela improvisação. Os imigrantes se alojaram em lugares com péssimas condições sanitárias e se tornassem presas fáceis para empresários oportunistas que se aproveitaram da mão-de-obra barata e, algumas situações, submetida a trabalho análogo ao escravo. (OLIVEIRA, 2017, p. 5-6).



*Figura 10: Haitianos - Fronteira Acre-Bolívia – Brasília/2013.
Fonte: Epoch Time Reprodução / Conectas, 2013*

⁴⁷ Cerca de 90% dos imigrantes haitianos entraram na fronteira do Brasil pelo Acre, pela cidade de Brasília. “O abrigo Brasília, que foi aberto em dezembro de 2010, teve suas atividades encerradas em abril de 2014 por determinação do governo acreano após denúncias de violação dos direitos humanos e insalubridade por parte do Ministério Público daquele estado. No período, passaram pelo abrigo vinte mil indivíduos, segundo contagem da Polícia Militar do Acre e das entidades sociais que mantinham o local com doações e trabalho voluntário” (UEBEL, 2016, p. 121,122).



*Figura 11: Haitianos - Fronteira Acre-Bolívia – Brasília/2013.
Fonte: Terra Magazine / Blog da Amazônia, 2013*

Estudos desenvolvidos no Brasil (DORFMANN, 2013; MARTINS, 2019; MAMED, 2015; MEJÍA e SIMON, 2015; UEBEL, 2016), identificaram como principais dificuldades dos imigrantes quanto à mobilidade, acolhimento e permanência no Brasil: a violência, a exploração de imigrantes por coiotos, a superlotação em acampamentos improvisados, a busca por documentação e por trabalho em um cenário de desigualdade e racismo. Exemplo do racismo pode ser constatado pelo relato de um dos haitianos presentes no *II Seminário do Fórum Permanente sobre Mobilidade Humana*, ocorrido em Porto Alegre na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em novembro de 2013: “eu não era negro no Haiti. Eu só descobri que era negro no Brasil” (SABARIEGO et al., 2015).

Em 2013, o CNIg revoga a Resolução Normativa anterior e aprovou outra Resolução⁴⁸ que eliminava o limite de vistos para haitianos, concedendo permanência no Brasil por cinco anos, assim organizando e diminuindo o tempo da legitimidade da chegada do imigrante (MARTINS, 2019). Então isso quer dizer que reduz o tempo de acesso à cidadania e, por consequência, o acesso aos direitos sociais que possibilitem a

⁴⁸ “Fica revogado o parágrafo único do art. 2º da Resolução Normativa nº 97, de 2012” (MTE, 2013) Disponível <http://acesso.mte.gov.br/cni/2013.htm>.

permanência do imigrante no Brasil, como acesso ao mercado de trabalho, saúde, educação, assistência social e habitação. Isis do Mar Marques Martins aborda a imigração haitiana na perspectiva das políticas públicas no Brasil:

A importância da necessidade de um novo debate na estrutura e no investimento da questão do imigrante no Brasil. Nos traz a reflexão das medidas – ou desmedidas - da imigração, que ao que parece, ainda não avançou na produção de políticas públicas. Há problemas também em visibilizar o imigrante como aquele dotado de escolhas, mesmo que atravessadas por relações e agenciamentos, mas que são escolhas políticas e de resistência à sua condição atual da cidade que emigra – no caso as cidades haitianas – para a cidade a que chega, as cidades brasileiras. (MARTINS, 2019, p. 30).

Foi a partir da chegada de imigrantes haitianos em ônibus fretados do Acre para São Paulo, a Prefeitura dessa cidade criou em 2014 o Centro de Referência e Acolhimento para Imigrantes (CRAI). Considerada uma ação emergencial do Estado para acolhimento e cidadania a imigrantes de todas as nacionalidades, principalmente de haitianos. A principal demanda do CRAI é a documentação, cujo processo é iniciado através do agendamento na Polícia Federal para procedimentos de visto ou protocolo. Toda a equipe de atendimento desse Centro é composta por imigrantes para ajudar na aproximação de acolhidos. O CRAI também faz a mediação de conflitos quando ocorrem dificuldades nos agenciamentos de trabalho (MARTINS, 2019).

As redes de migração, ou de solidariedade haitianas tiveram um papel importante na capilaridade dos haitianos no Brasil: “em quatro anos os haitianos estavam em cerca de 15 estados, dos 26 existentes, além do Distrito Federal, geralmente para os grandes centros do país” (HANDERSON, 2015, p. 168). Parte dos imigrantes haitianos que se encontravam no Acre em 2012, passa a ser recrutada por empresas em cidades do Sul e Sudeste do Brasil. É o caso da cidade de Lajeado, na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul (MEJÍA e CAZAROTTO, 2016).

4. MÉTODO

Um método é um conjunto de processos pelos quais se torna possível estudar uma determinada realidade. Caracteriza-se, ainda, pela escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de uma determinada situação de estudo (YIN, 2010).

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos que foram utilizados para que os objetivos propostos fossem alcançados. Neste capítulo, serão abordadas: a estratégia de pesquisa, as técnicas de coleta de dados, o objeto empírico as unidades de análise.

4.1. ESTRATÉGIA DE PESQUISA

A estratégia adotada para esta pesquisa é o estudo de caso único, onde o objeto empírico é a cidade de Lajeado e foram selecionados três grupos de representantes dessa cidade (unidades de análise): i) gestores municipais; ii) população local e iii) imigrantes haitianos. Conforme Yin (2010), esse tipo de pesquisa é usado quando o foco temporal está sobre fenômenos contemporâneos, dentro do contexto da vida social.

Segundo Yin (2010), o estudo de caso é uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e seu foco está no caráter subjetivo de interpretação dos dados coletados das unidades de análise. Costuma ser realizado quando o objetivo do estudo é entender o porquê de determinados comportamentos, buscando aprofundar o conhecimento do pesquisador sobre um determinado fenômeno, traçando uma sequência de eventos ao longo de um determinado espaço de tempo envolvendo uma realidade particular. Os pesquisadores que utilizam o estudo de caso buscam uma variedade de técnicas de coletas e análises de dados, com a finalidade de corroborar os resultados da pesquisa a partir de múltiplas fontes de evidência.

Tuzzo e Braga (2016) explicam que a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Complementarmente, para Gil (2010), a pesquisa exploratória busca o aprofundamento e a familiaridade do pesquisador com o problema da pesquisa e pode contemplar revisão de literatura e entrevistas em profundidade com pessoas que estejam vinculadas ou tenham experiência no problema pesquisado.

Assim, foram realizadas entrevistas com três grupos distintos de representantes do município de Lajeado/RS: gestores municipais, imigrantes haitianos e população local. As respostas dos distintos grupos foram comparadas para permitir a triangulação desses dados. Yin (2010) considera que a triangulação de dados permite a análise de diversos pontos de vista sobre o mesmo fenômeno, permitindo a validação das descobertas. Nesse sentido, Tuzzo e Braga (2016) explicam que a triangulação de dados pode levar a diferentes aspectos de um mesmo problema, envolvendo análise das respostas dos diferentes entrevistados. O Quadro 01 apresenta a síntese da classificação da pesquisa, baseada em GIL (2010).

CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

QUANTO AOS OBJETIVOS	Exploratória		
QUANTO AOS PROCEDIMENTOS	Estudo de Caso	Caso Único	Cidade de Lajeado/RS
		Unidades de Análise	<ul style="list-style-type: none"> • Gestores Municipais • Imigrantes Haitianos • População Local

Quadro 01: Síntese da classificação da pesquisa.

Fonte: Da autora, baseada em Gil (2010).

Conforme mencionado anteriormente, na delimitação da pesquisa, o objeto empírico é a cidade de Lajeado. A seguir o estudo vai abordar os três bairros de ocupação de imigrantes haitianos em Lajeado.

4.1.1. Os bairros de ocupação de imigrantes haitianos

Através de observação empírica e de conversas exploratórias com a população local, identificou-se a ocupação de imigrantes haitianos em três bairros da cidade de Lajeado/RS: Centro Antigo, Moinhos e Santo André. O bairro Centro, para esse estudo, foi dividido entre Centro Funcional e Centro Antigo, porque apesar de serem áreas do mesmo bairro, são muito distintas. O Centro Funcional representa a área comercial valorizada onde se concentram bancos, hospital, escola e serviços. O Centro Antigo representa a área desvalorizada, de caráter histórico, onde nasceu o primeiro núcleo urbano da cidade.

O Centro Antigo foi identificado como o de maior ocupação de imigrantes haitianos em relação aos demais bairros analisados, sendo, portanto, objeto de análise mais aprofundada neste estudo. A Figura 12 mostra a localização dos bairros analisados e as principais rodovias que cruzam o perímetro urbano em relação à cidade de Lajeado.

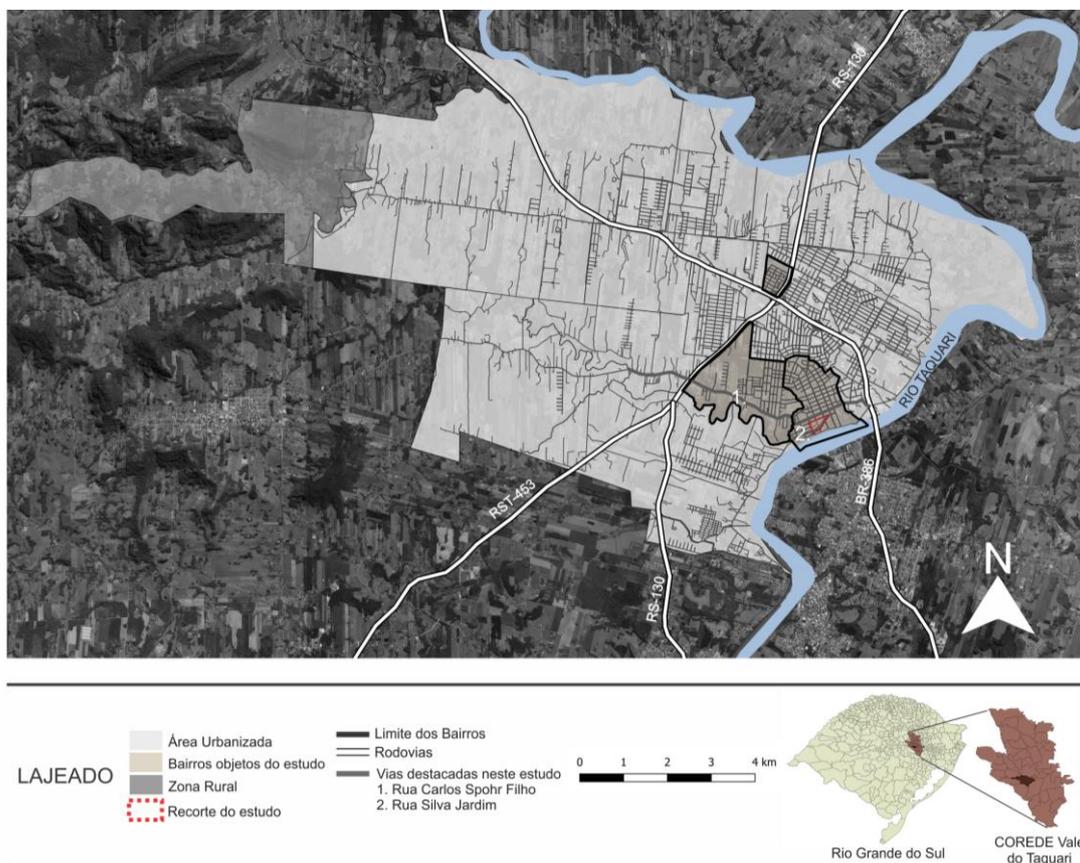


Figura 12: Localização dos bairros de ocupação haitiana em relação à cidade de Lajeado.
 Fonte: Da autora, sobre base georreferenciada.

A Figura 13 mostra os principais bairros de ocupação de imigrantes haitianos com a localização de serviços básicos e pontos de interesse. Pode-se observar que os imigrantes haitianos estão concentrados em bairros próximos aos locais de trabalho (Indústrias Frigoríficas) e às Igrejas Evangélicas Haitianas. Bairros esses com boa oferta de equipamentos urbanos de serviços sociais, de saúde e de educação. Segundo Braun *et al.*, (2017), o Parque dos Dick é um ponto de interesse importante para os imigrantes haitianos porque é ponto de referência para os novos haitianos, recém chegados na cidade, e para a integração entre os haitianos. A Avenida Carlos Spohr Filho, onde situa-se as indústrias frigoríficas Minuano e BRF, tem boa acessibilidade para o Centro Antigo, onde localiza-se o recorte de estudo: a Rua Silva Jardim.

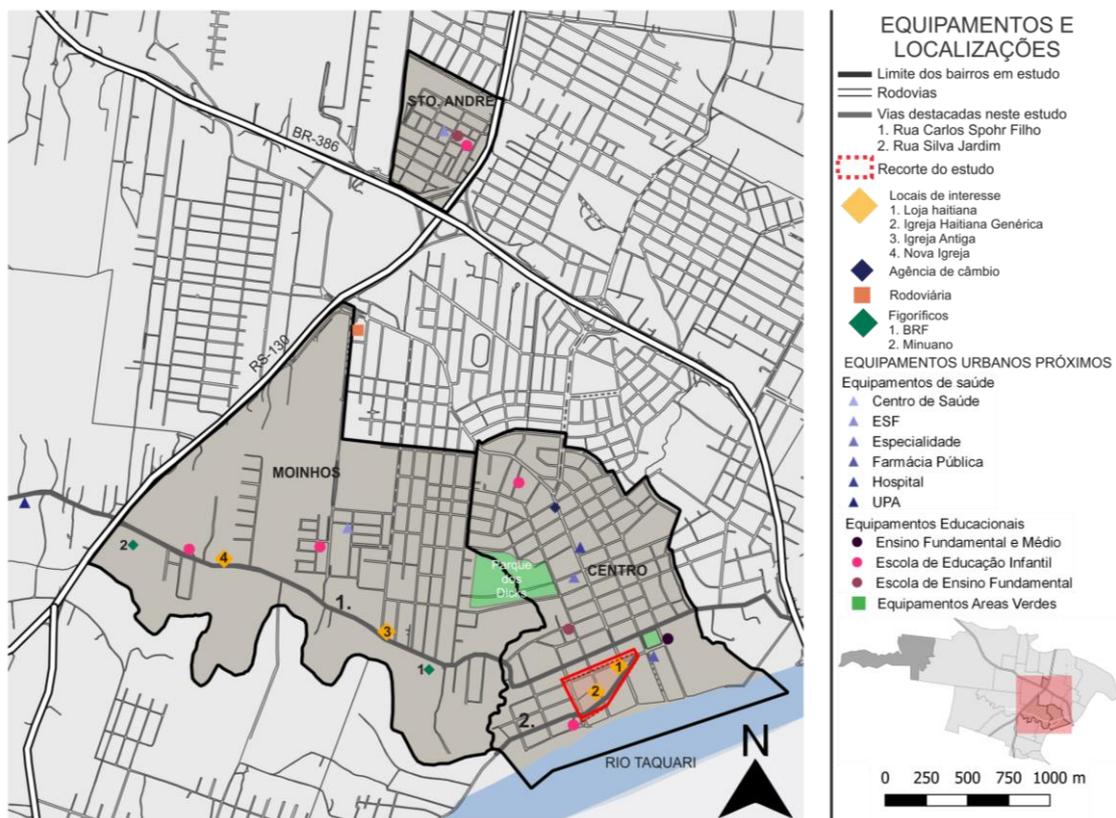


Figura 13: Os principais bairros de ocupação haitiana com a localização de serviços básicos e pontos de interesse dos haitianos.

Fonte: Da autora, sobre base georreferenciada.

A Figura 14 mostra o mapa de Lajeado com os principais bairros de ocupação haitiana em relação à densidade populacional. A área do bairro Moinhos onde há ocupação de haitianos e, junto à Av. Carlos Spohr Filho, onde se localiza a Igreja Haitiana e as indústrias Minuano e BRF apresenta-se como uma área de baixa densidade populacional. A área do Centro Antigo, e junto à Rua Silva Jardim também apresenta pouca densidade populacional em relação ao Centro Funcional. Já a área do bairro Santo André apresenta maior densidade populacional em relação aos demais bairros analisados. Nota-se que todos as demais áreas localizadas nas bordas da malha urbana são segregadas em relação aos demais bairros da cidade, e com baixa densidade populacional.

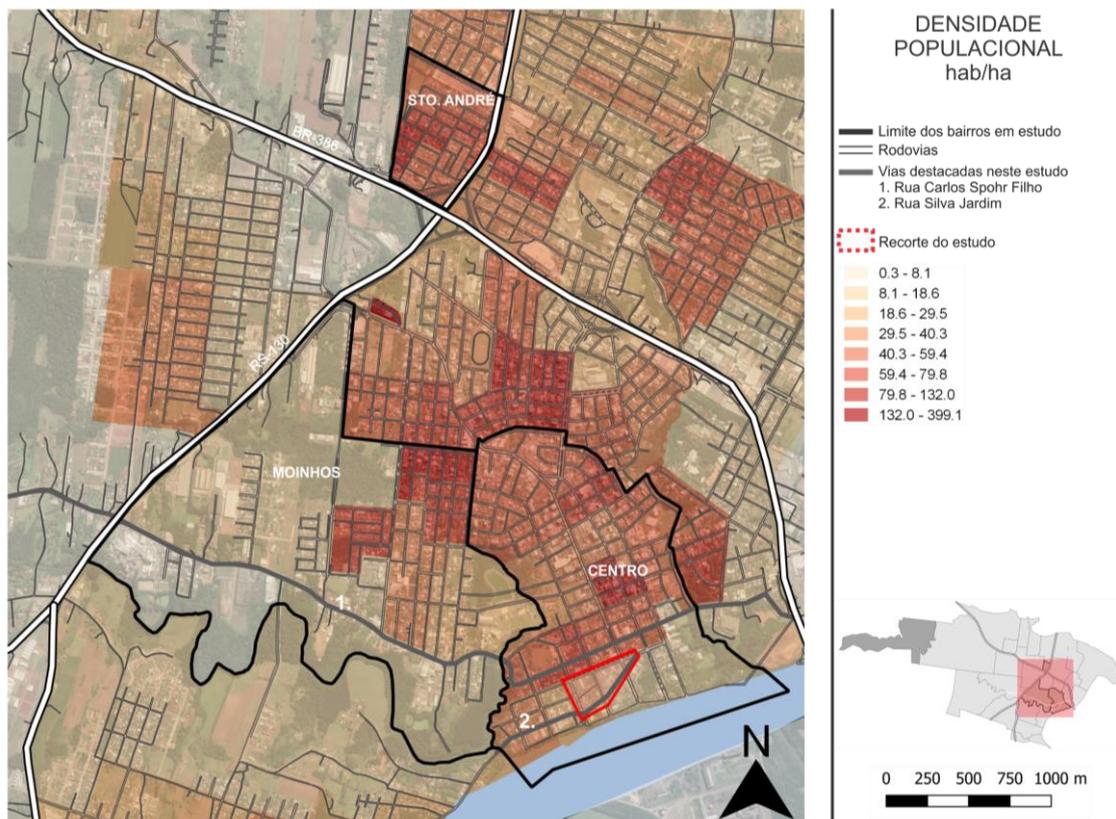


Figura 14: Os principais bairros de ocupação haitiana em relação à densidade populacional.
 Fonte: Da autora, sobre base georreferenciada.

A Figura 15 mostra o mapa de Lajeado com os principais bairros de ocupação haitiana em relação à população negra. A área do bairro Moinhos onde há ocupação de haitianos apresenta baixa população negra. A área do Centro Antigo, e junto à Rua Silva Jardim como também o Centro Funcional apresenta baixa população negra. Já a área do bairro Santo André apresenta maior população de negros em relação aos demais bairros analisados. Nota-se que todos os demais bairros localizados nas bordas da malha urbana são segregados em relação aos demais bairros da cidade, tem maior população de negros. Importante considerar que os dados do mapa apresentado são baseados no censo de 2010 o IBGE, então não estão computados os imigrantes haitianos, porém mostra o perfil dos bairros analisados.

As áreas dos bairros onde hoje são ocupadas por imigrantes haitianos apresentavam pouca ou nenhuma população negra, isso explica porque a população local ficou tão espantada com a chegada repentina dos haitianos na cidade, com relatos de que os haitianos deveriam ir para as vilas, fora das áreas centrais, conforme aborda Diehl (2017). Todas as demais áreas localizadas nas bordas da malha urbana são segregadas em relação aos demais bairros da cidade, e com maior população negra, principalmente junto às vilas.

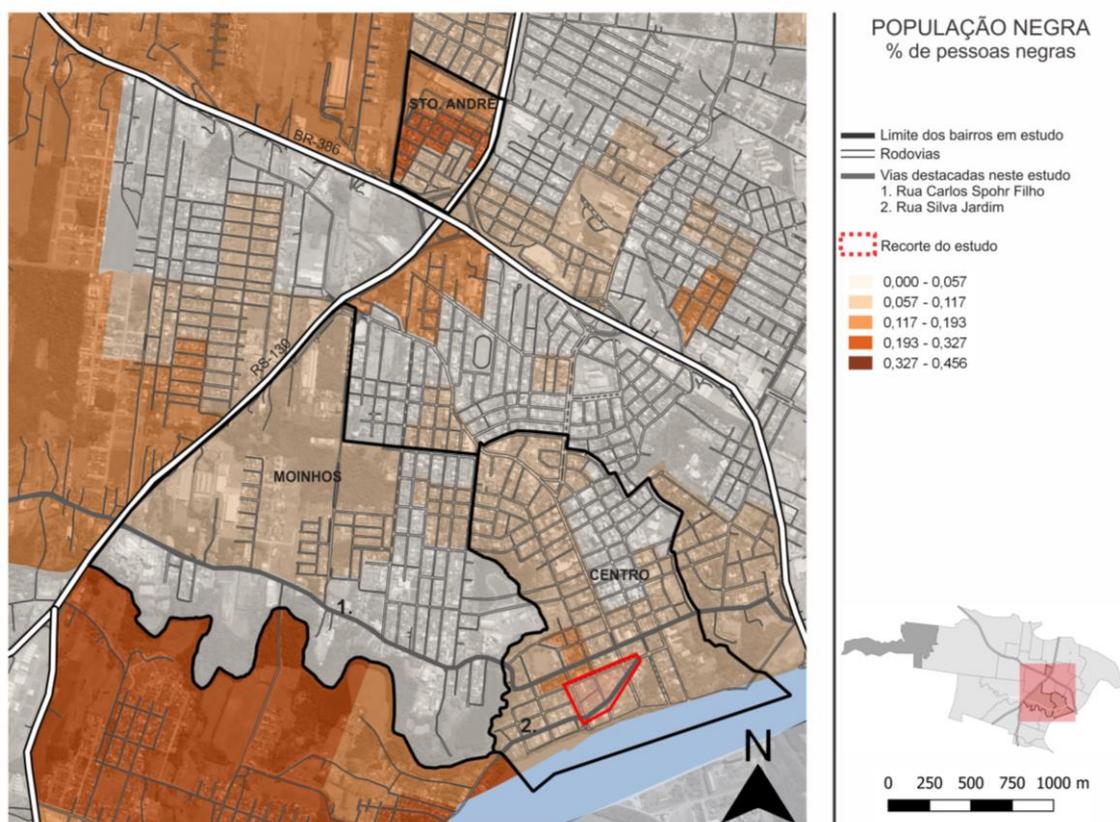


Figura 15: Os principais bairros de ocupação de imigrantes haitianos em relação à população negra
Fonte: Da autora, sobre base georreferenciada.

A Figura 16 mostra o mapa de Lajeado com os principais bairros de ocupação haitiana em relação a rendimentos superiores a cinco salários mínimos/ pessoa/ domicílio (alta renda). Todas as áreas dos bairros analisados não se enquadram como alta renda.

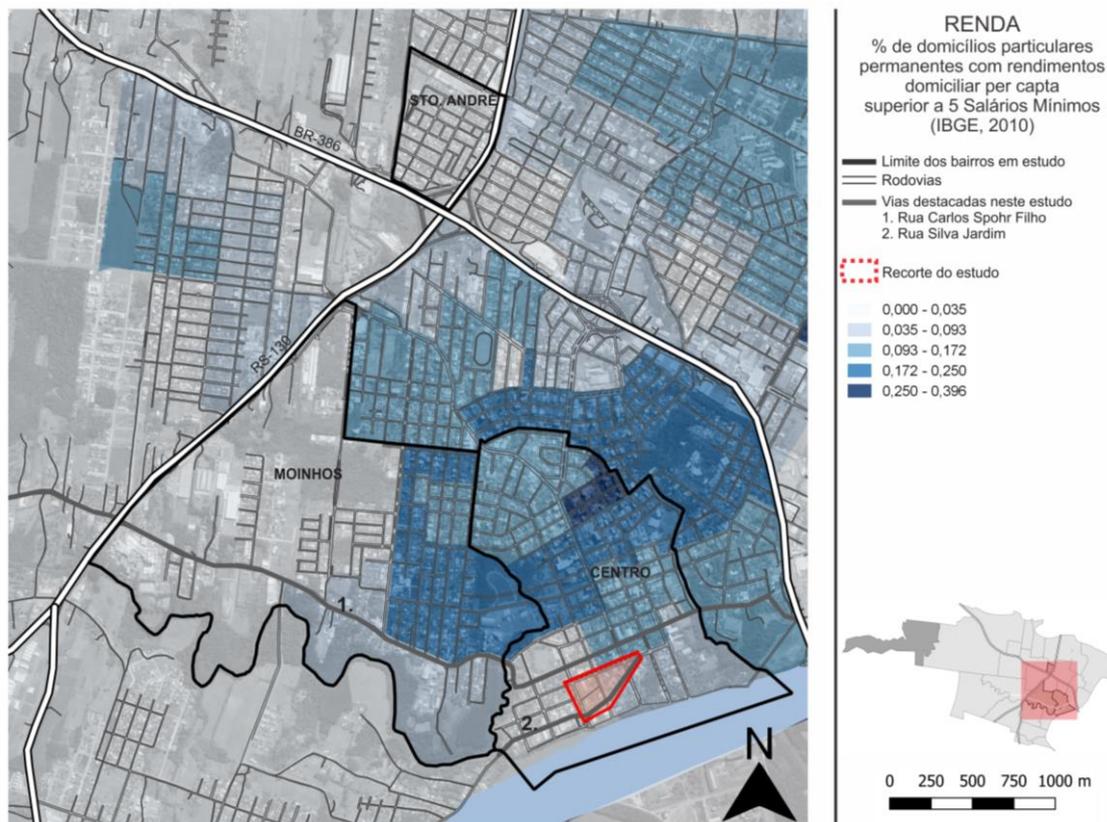


Figura 16: Os principais bairros de ocupação de imigrantes haitianos em relação à alta renda
 Fonte: Da autora, sobre base georreferenciada.

A Figura 17 mostra o mapa de Lajeado com os principais bairros de ocupação haitiana em relação a rendimentos inferiores a meio salário mínimo/pessoa/domicílio (baixa renda). Todas as áreas dos bairros analisados apresentam baixa renda. Todas as demais áreas localizadas nas bordas da malha urbana são segregadas em relação aos demais bairros da cidade, e com maior população de baixa renda, principalmente junto às vilas. Representando áreas de pobreza e maior vulnerabilidade.

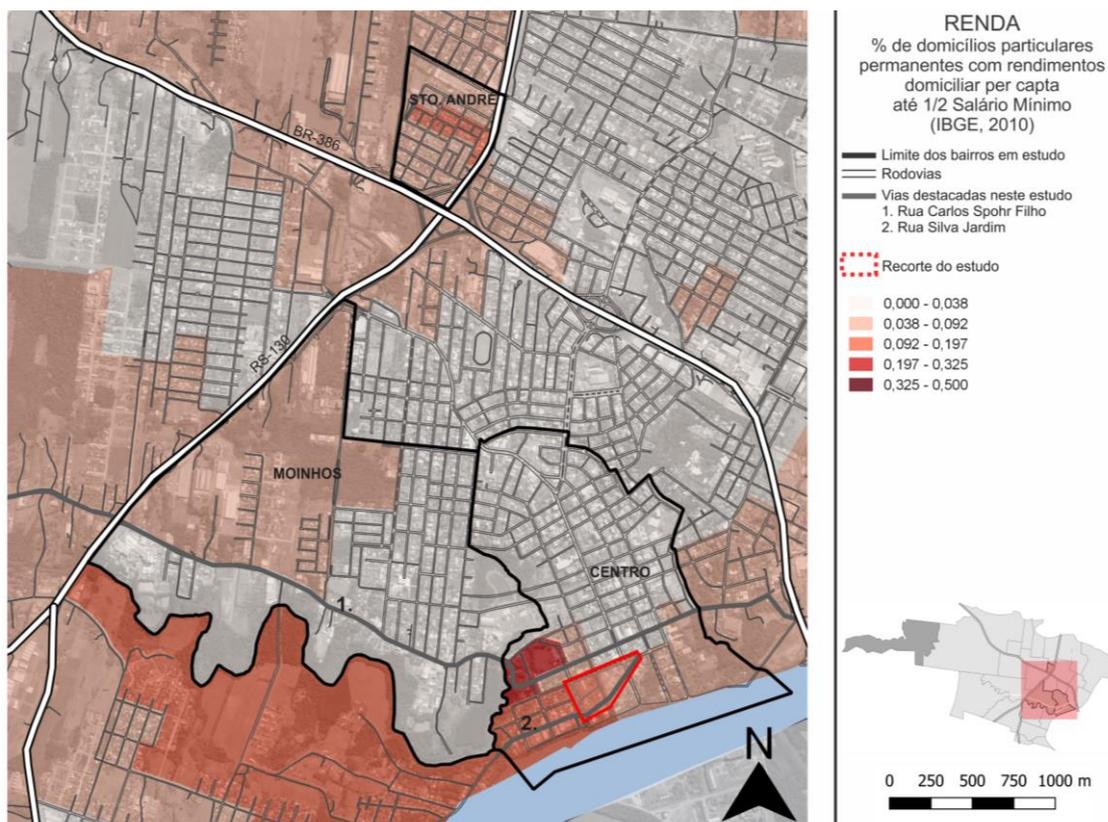


Figura 17: Os principais bairros de ocupação de imigrantes haitianos em relação à baixa renda
 Fonte: Da autora, sobre base georreferenciada.

As Figuras com os mapas apresentados anteriormente (Figuras 14, 15, 16 e 17) representam o perfil dos principais bairros de ocupação de imigrantes haitianos. Pode-se dizer que os haitianos estão localizados em áreas de pouca densidade populacional, locais onde até 2010, havia baixa população de negros e onde a baixa renda/pessoa/ domicílio é maior. O Centro Antigo, mesmo próximo ao Centro Funcional.

4.2. O CENTRO ANTIGO

O Centro Antigo, próximo ao Rio Taquari, é a porção histórica da cidade de Lajeado (Figura 18). Foi onde nasceu o primeiro núcleo urbano da cidade (SCHEIBE et al., 2015). Com o passar dos anos passou a ser considerada como a área mais valorizada da cidade. Nessa área se localizavam a Igreja Matriz, grandes bancos, concessionárias de automóveis e a Praça da Matriz, local onde a população local mais abastada se encontrava para jogos e para tomar chimarrão (SCHIERHOLT, 1993).

Atualmente essa área apresenta obsolescência, com grande número de imóveis desocupados e degradados (Figura 19), usinas de reciclagem de lixo e presença de vandalismo. O grande número de imóveis desocupados, comércio popular e habitações

de baixo valor de locação, tornaram essa área atrativa para os imigrantes haitianos (Figura 20).

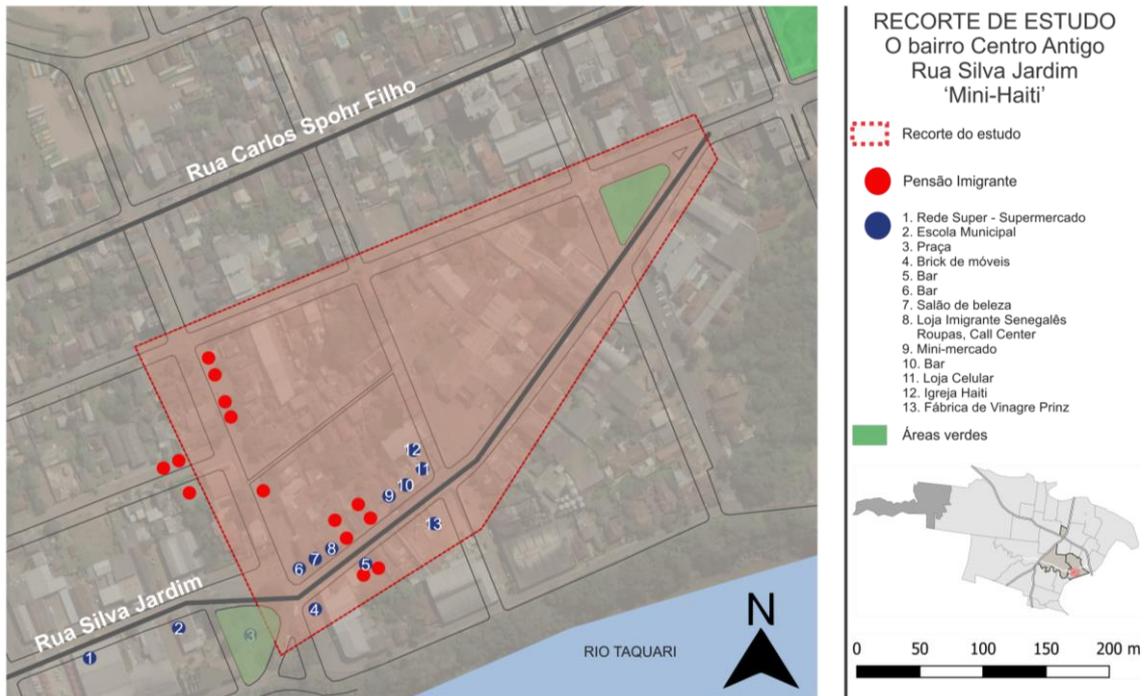


Figura 18: Área do Centro Antigo com a maior concentração de haitianos e surgimento novos serviços para atender imigrantes

Fonte: Da autora, sobre base georreferenciada.

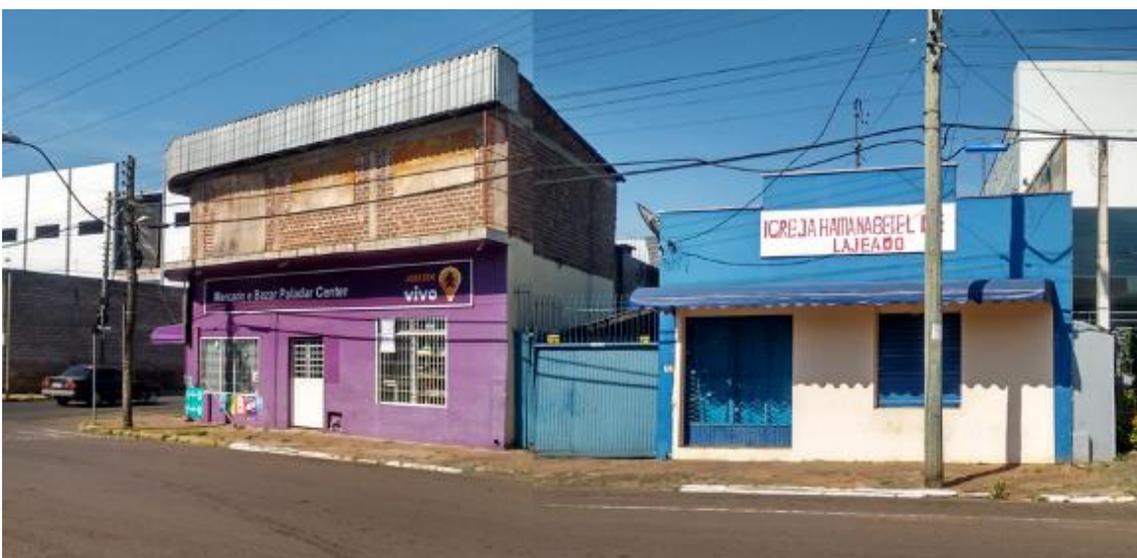


Figura 19: Área apresenta obsolescência, com grande número de imóveis desocupados e degradados
Fonte: Acervo próprio (2017).



*Figura 20: O grande número de imóveis desocupados e de baixo valor de locação tornou essa área atrativa para os imigrantes.
Fonte: Acervo próprio (2017).*

Além disso, conforme mencionado previamente, essa área permite fácil acesso aos seus locais de trabalho (Indústrias Frigoríficas) e de atividades religiosas e sociais (Igreja Haitiana – Figura 21), já que a maioria dos haitianos pertence à religião evangélica (BRAUN *et al.*, 2017). Assim, o centro antigo da cidade, degradado, porém com um bom estoque de edificações e com infraestrutura básica, passa a ser ocupado pelos novos imigrantes que chegam a Lajeado, gerando uma nova dinâmica socioespacial (Figuras 22, 23, 24 e 25).



*Figura 21: Igreja Haitiana Betel, ao lado da loja de celulares.
Fonte: Acervo próprio (2017).*



Figura 22: Rua Silva jardim.
Fonte: Acervo próprio (2017).



Figura 23: Rua Silva Jardim, área das pensões.
Fonte: Acervo próprio (2017).



Figura 24: Rua Silva Jardim, área das pensões.
Fonte: Acervo próprio (2017).



Figura 25: Adaptações pensões: unifamiliar para multifamiliar.
 Fonte: Acervo próprio (2017).

Através da observação empírica, foi possível identificar transformações no comércio e serviços, os quais foram adequados às expectativas dos novos moradores. Existem na área estabelecimentos de comércio popular, com artigos de 2ª mão; supermercados populares; serviços de atendimento ao imigrante, *call centers*, remessas internacionais, cabeleireiros; além de empreendimentos de imigrantes como brechós e lojas de costuras e roupas (Figuras 26 e 27).



Figura 26: Empreendimentos dos imigrantes haitianos no Centro Antigo

Fonte: Acervo próprio (2017).



Figura 27: Empreendimentos dos imigrantes haitianos no Centro Antigo
Fonte: Acervo próprio (2017).

4.3. OS TRÊS GRUPOS ESTUDADOS (Unidades de Análise)

A seguir serão apresentados os três grupos estudados (Unidades de Análise) que participaram das entrevistas desta pesquisa como representantes da cidade de Lajeado: Grupo 01: Gestores municipais; Grupo 02: População local; Grupo 03: Imigrantes haitianos.

4.4.1 Grupo 01: Gestores municipais

O grupo de gestores municipais que participaram das entrevistas representou as principais áreas da gestão municipal de Lajeado: planejamento urbano, educação, saúde, assistência social e habitação. Dentre esses, foram selecionados os respectivos secretários(as) do prefeito, técnicos(as) da saúde e da educação que pudessem contribuir com os objetivos desta pesquisa, considerando os quatro bairros de estudo. Além desses, uma particularidade desse grupo é a presença de um líder haitiano, o qual trabalha junto à gestão da prefeitura, no CRAS. Tendo chegado à cidade em 2012, desempenha papel de interlocutor, entre a comunidade haitiana e os diversos setores da gestão municipal. O

grupo de gestores municipais contou com a participação de 13 pessoas, sendo 11 mulheres e 2 homens.

4.4.2 Grupo 02: População local

O grupo de representantes da população local concentrou-se no Centro Antigo. Foram selecionadas pessoas brasileiras, independentemente de gênero, idade, religião e profissão. Houve o auxílio da Agente da Saúde da Família do bairro que acompanhou as entrevistas. O grupo de representantes da população contou com a participação de moradores e frequentadores do bairro e contou com a participação de 10 pessoas, sendo 6 mulheres e 4 homens.

4.4.3 Grupo 03: Imigrantes Haitianos

O grupo de representantes dos imigrantes haitianos concentrou-se no centro antigo e foram entrevistados os imigrantes haitianos independente de gênero, idade, religião e profissão. Houve o auxílio da Agente da Saúde da Família do bairro que acompanhou as entrevistas. Esse grupo teve a participação de moradores e frequentadores do bairro totalizando 17 pessoas, sendo 8 mulheres e 9 homens.

4.5 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi dividida em três etapas, que estão representadas no Quadro 02.

DELINEAMENTO DA PESQUISA			
ETAPAS	A	B	C
	Compreensão Definição do Estudo de Caso	Desenvolvimento Coleta de Dados	Consolidação dos resultados
FOCO	Objeto Empírico: Cidade de Lajeado/RS	Aplicação das entrevistas em profundidade com as três unidades de análise.	Triangulação de dados e discussão dos resultados.

OBJETIVOS (PRODUTO)	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar conceitos, constructos e variáveis para o desenvolvimento do estudo de caso; • Selecionar a cidade para o estudo de caso; • Definir a delimitação espacial (bairro, rua); • Identificar os grupos a serem estudados (as unidades de análise); • Identificar os integrantes de cada um dos três grupos para as entrevistas. • Esboçar os roteiros para as entrevistas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender como ocorre a integração socioespacial de haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo, na cidade de Lajeado/RS; • Descrever como é a integração socioespacial de haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo, na cidade de Lajeado/RS; • Identificar os mecanismos empregados pela gestão municipal de forma a contribuir para o atendimento das demandas de integração socioespacial dos haitianos. 	<p>-</p>
CONCEITOS, CONSTRUCTOS E VARIÁVEIS	Integração Socioespacial; Alteridade – Hospitalidade / Etnicidade; Territorialização; Políticas Públicas – Acesso à cidadania / Acesso a serviços sociais; Gestão Municipal.	Percepção; Indicadores Sociais; Dados Secundários.	<p>-</p>
TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	Pesquisa documental, através do levantamento de notícias sobre imigração em jornais e internet; Levantamento fotográfico e caminhadas com observação simples pela cidade; Conversas exploratórias com integrantes das três unidades de análise.	Entrevistas em profundidade individuais e em grupo.	Triangulação de dados
TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS	Mapeamento em base georreferenciada.	Análise de conteúdo; Análise comparativa.	Triangulação de dados

Quadro 02: Delineamento da pesquisa
 Fonte: Da autora.

4.5.1 Etapa A: Compreensão – Definição do Estudo de Caso

A Etapa A, de caráter exploratório, teve os seguintes objetivos: a) identificar conceitos, constructos e variáveis para o desenvolvimento do estudo de caso; b) selecionar a cidade para o estudo de caso; e c) identificar os grupos de representantes do estudo de caso. Paralelamente à revisão de literatura, foi selecionada a cidade de Lajeado/RS para o

desenvolvimento do estudo de caso, e foram identificados os três grupos de representantes da cidade: gestores municipais, população local e imigrantes haitianos. A partir disso, buscou-se fazer uma exploração inicial para compreensão de como ocorre a integração socioespacial de haitianos em Lajeado/RS. As principais fontes de coleta de dados foram: a) pesquisa documental, através do levantamento de notícias sobre imigração em jornais e internet; b) levantamento fotográfico e observação simples com caminhadas pela cidade; e c) conversas exploratórias com integrantes dos três grupos (unidades de análise). A partir dos dados iniciais coletados na Etapa A também foi possível: a) identificar o recorte espacial: Bairro Centro, Moinhos e Santo André; b) Definir do recorte de estudo: o Centro Antigo, na extensão de 300m da Rua Silva Jardim; c) esboçar os roteiros para as entrevistas em profundidade; e c) identificar os integrantes de cada um dos três grupos de representantes para as entrevistas. O Quadro 03 apresenta a síntese dos procedimentos adotados nesta Etapa.

ETAPA A		
ABORDAGENS METODOLÓGICAS	PROCESSO DE COLETA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
REVISÃO DE LITERATURA	Levantamento de trabalhos e pesquisas científicas já realizadas sobre o tema.	<ul style="list-style-type: none"> • Construir uma fundamentação teórica que auxiliasse na delimitação da pesquisa.
PESQUISA DOCUMENTAL – Mídia Online e Impressa	Seleção de notícias na internet; Seleção de notícias em jornais e revistas.	<ul style="list-style-type: none"> • Análise de dados; • Explorar inicialmente as formas de integração socioespacial na cidade de Lajeado/RS.
CONVERSAS EXPLORATÓRIAS	Contatos iniciais com gestores municipais; Percurso/caminhadas; Localização dos bairros de ocupação dos Haitianos (Pensões empreendimentos comerciais); Indústrias empregadoras e Igrejas; Diário de anotações.	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação do recorte espacial: os três bairros de ocupação dos haitianos; • Definição do recorte de estudo: o Centro Antigo, na extensão de 300m da Rua Silva Jardim;
OBSERVAÇÃO EMPÍRICA		

*Quadro 03: Procedimentos adotados na Etapa A da pesquisa.
Fonte: Da autora.*

4.5.1.1 Etapa A: Revisão de Literatura

A revisão de literatura teve como objetivo fazer uma exploração inicial sobre o estado da arte do tema e foi realizada a partir de livros, plataformas de artigos científicos, teses e dissertações. A partir dos conceitos inicialmente identificados na revisão de literatura foram elencados os principais constructos relacionados ao problema da pesquisa a serem

considerados neste trabalho: Integração Socioespacial; Alteridade – Hospitalidade/Etnicidade; Territorialização, Acesso à cidadania/ serviços públicos, Gestão Municipal.

4.5.1.2 Etapa A: Pesquisa Documental - Mídia Online e Impressa

A pesquisa documental realizada nesta fase do estudo teve como base a busca por reportagens sobre a temática da imigração haitiana. Foram realizadas buscas na plataforma online *Google*, para uma abrangência mais ampla, e também em mídia impressa: jornais como o *Jornal Zero Hora* (estadual) e o *Jornal A Hora* (local).

A participação em eventos e seminários⁴⁹ e grupos de redes sociais⁵⁰ sobre o tema indicou a importância da escala na abordagem do estudo das migrações, bem como evidenciou a multidisciplinaridade de áreas científicas (como a área do direito, da psicologia, da saúde, da sociologia e das relações internacionais) que têm estudado esse tema.

Este levantamento teve como objetivo explorar inicialmente as demandas dos imigrantes e as formas de integração de imigrantes haitianos no Brasil, principalmente no contexto da cidade de Lajeado/RS. Buscou-se identificar as políticas de integração e as principais formas de acolhimento dos imigrantes.

4.5.1.3 Etapa A: Conversas Exploratórias e Observação Empírica

Por fim, ainda na Etapa A, foram realizadas conversas exploratórias e observação empírica. Foram estabelecidos os contatos iniciais com os grupos de representantes da cidade (gestores municipais, população local e imigrantes haitianos) a fim de identificar os bairros de ocupação dos haitianos: Centro Antigo, Moinhos e Santo André. Dessa forma, foi possível o ajuste do foco da pesquisa e a verificação da compatibilidade dos constructos selecionados com a realidade local.

Nesta etapa foram também feitos os esboços de roteiro das entrevistas em profundidade. Os primeiros contatos foram junto à Prefeitura Municipal, com o secretário de

⁴⁹ Escola Internacional sobre Migrações – DAAD – CDEA – Centro de Estudos Europeus Alemães (2019) e VI Seminário Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios - NIEM - Instituto de Planejamento Urbano e Regional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro - IPPUR/UFRJ (2019).

⁵⁰ Facebook/ Instagram: NIEM Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios - NIEM - Instituto de Planejamento Urbano e Regional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro - IPPUR/UFRJ, OBMIGRA (Observatórios das Migrações), CAM (Centro Atendimento ao Imigrante – Caxias do Sul) e WhatsApp: MIPESUL (Migrações Internacionais e Pesquisas no Sul).

Planejamento Urbano, e junto ao CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) com a coordenadora geral. No Centro Antigo, através de percursos de caminhadas foram realizadas conversas exploratórias com a população local (brasileiros), especialmente com agenciadores das pensões destinadas aos imigrantes (preferencialmente aos haitianos) a fim de identificar locais de ocupação no bairro, locais de trabalho, tempo de ocupação na pensão, rotinas diárias, composição das famílias haitianas, com o objetivo de formular um perfil preliminar dos imigrantes haitianos nessa área.

4.5.2 Etapa B: Desenvolvimento - Coleta de Dados

Nesta etapa buscou-se, a partir da percepção dos três grupos de representantes (unidades de análise) da cidade de Lajeado/RS (objeto empírico) identificar e descrever: i) as novas demandas para a gestão municipal a partir da vinda dos imigrantes haitianos para Lajeado/RS; ii) o uso de serviços públicos (assistência social, habitação, saúde e educação) pelos imigrantes haitianos; iii) a integração dos imigrantes haitianos com a população local e iv) a integração socioespacial de haitianos na cidade. A coleta dos dados foi feita a partir da técnica de entrevista em profundidade, que foram efetuadas de forma individual e em grupo. Com essa técnica buscou-se relacionar as percepções a sua vida cotidiana, às formas de habitar e de usar a cidade e às dificuldades enfrentadas. O Quadro 04 apresenta os procedimentos que foram adotados nessa etapa. A partir dos dados coletados buscou-se compreender como ocorre a integração socioespacial dos imigrantes haitianos em Lajeado/RS.

ETAPA B		
TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	PROCESSO DE COLETA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE	Aplicação de entrevistas em profundidade individuais e em grupo.	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender como ocorre a integração socioespacial de haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo, na cidade de Lajeado/RS; • Descrever como é a integração socioespacial de haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo, na cidade de Lajeado/RS; • Identificar os mecanismos empregados pela gestão municipal de forma a contribuir para o atendimento das demandas de integração socioespacial dos haitianos. • Traçar uma linha de tempo desde a chegada dos primeiros haitianos até hoje (2010 - 2020).

Quadro 04: Síntese dos procedimentos de coleta de dados da etapa B da pesquisa.

Fonte: Da autora.

4.5.2.1 Etapa B: Entrevistas em Profundidade Individuais e em Grupo

Segundo Martins e Theóphilo (2007), a entrevista em profundidade visa entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões ou situações. A entrevista em profundidade pode ser considerada não estruturada quando a abordagem visa ser mais livre. Nela, o pesquisador pode seguir um roteiro de perguntas, mas não se fixa somente nesse roteiro, proporcionando assim, novas pistas sobre o que é investigado. A entrevista em profundidade em grupo tem os mesmos parâmetros que uma entrevista em profundidade individual.

Considerando o objetivo da pesquisa e a partir de orientação do NAE (Núcleo de Apoio Estatístico/ UFRGS), foi definida como principal técnica de coleta de dados dessa etapa a entrevista em profundidade. Segundo o NAE, a aplicação da entrevista em profundidade é adequada quando se trata de uma pesquisa qualitativa com grupos homogêneos de respondentes. Esta pesquisa⁵¹ foi aprovada pela COMPESQ e pelo CEP/UFRGS e Plataforma Brasil através dos pareceres 3.556.472 e 3.634.284.

4.5.2.2 Os três grupos de representantes de Lajeado/RS e a aplicação do método

As três unidades de análise são formadas por três grupos de representantes da cidade: Grupo 1) Gestores Municipais; Grupo 2) População Local; e Grupo 3) Imigrantes Haitianos. A seguir, segue a descrição de como se desenvolveu a aplicação do método com cada um dos grupos.

4.5.2.2.1 Grupo 1 - Gestores Municipais

Foram realizadas entrevistas em profundidade individuais com os gestores municipais (secretários e técnicos da Prefeitura). O objetivo das entrevistas foi identificar os mecanismos empregados pela gestão municipal de forma a contribuir para o atendimento das demandas de integração socioespacial dos haitianos. O convite para a participação da entrevista foi feito primeiramente através de contato telefônico e, posteriormente, via e-mail. O projeto de pesquisa foi enviado por e-mail para as secretarias municipais e recebeu a aprovação e a indicação de locais autorizados para entrevistas (escolas e postos de saúde, CRAS, Planejamento Urbano). As entrevistas se concentraram nos três bairros selecionados e ocorreram entre os meses de outubro e novembro de 2019, totalizando

⁵¹ CAAE: 19546919.1.0000.5347, foi aprovada pela COMPESQ e pelo CEP/UFRGS e Plataforma Brasil.

onze dias não consecutivos. A Tabela 01 apresenta as entrevistas realizadas com os gestores municipais.

ENTREVISTAS REALIZADAS - GESTÃO							
N.º	GRUPO	TIPO	LOCAL	BAIRRO	ENTREVISTADO	GÊNERO	IDADE
1	Gestão Municipal	Individual	CRAS - Centro	Centro Antigo	Gestor Assistência social 1	M	31
2	Gestão Municipal	Individual	CRAS - Centro	Centro Antigo	Gestora Assistência social 2	F	39
3	Gestão Municipal	Individual	SEPLAN	Centro Antigo	Gestor Planej. Urbano 1	M	39
4	Gestão Municipal	Individual	Secretaria Saúde	Centro Antigo	Gestora Saúde 1	F	41
5	Gestão Municipal	Individual	USF - Saúde da família	Centro Antigo	Gestora Saúde 2	F	42
6	Gestão Municipal	Individual	USF - Saúde da família	Moinhos	Gestora Saúde 3	F	33
7	Gestão Municipal	Individual	Secretaria Educação	Centro Antigo	Gestora Educação 1	F	63
8	Gestão Municipal	Individual	EMEF Santo André	Santo André	Gestora Educação 2	F	40
9	Gestão Municipal	Individual	EMEF Santo André	Santo André	Gestora Educação 3	F	38
10	Gestão Municipal	Individual	EMEI Recanto Infantil	Moinhos	Gestora Educação 4	F	31
11	Gestão Municipal	Individual	EMEF São João	Moinhos	Gestora Educação 5	F	51
12	Gestão Municipal	Individual	Escola Estadual Fernandes Vieira	Centro Antigo	Gestora Educação 6	F	36
13	Gestão Municipal	Individual	Rua	Centro Antigo	Gestora Educação 7	F	41

Tabela 01: Entrevistas efetuadas com os gestores municipais

Fonte: Da autora.

4.5.2.2.2. Grupo 2 - População Local

Foram realizadas entrevistas em profundidade individuais e em grupo com moradores locais e frequentadores brasileiros somente no bairro Centro Antigo. Foram convidados, aleatoriamente e sem restrição de idade, cor ou gênero; nos espaços públicos, comércio e serviços. A agente da saúde da família do bairro indicou e acompanhou algumas entrevistas. O objetivo foi verificar como estava ocorrendo a integração da população local com os imigrantes haitianos, bem como compreender como é a alteridade em relação às diferenças culturais e se existem indícios de preconceito racial. A oportunidade de aplicar as entrevistas em profundidade em grupo surgiu no decorrer da etapa B, pois

durante a abordagem para as entrevistas em profundidade individuais, outras pessoas da população local queriam opinar e dar seus depoimentos simultaneamente.

A Tabela 02 apresenta as entrevistas realizadas com a população local.

ENTREVISTAS REALIZADAS – POPULAÇÃO LOCAL							
N.º	GRUPO	TIPO	LOCAL	BAIRRO	ENTREVISTADO	GÊNERO	IDADE
1	Pop. local	Em grupo	Pensão alugada	Centro Antigo	Proprietária pensão	F	72
2	Pop. local	Em grupo	Pensão alugada	Centro Antigo	Proprietária pensão	F	65
3	Pop. local	Em grupo	Pensão alugada	Centro Antigo	Moradora bairro	M	57
4	Pop. local	Individual	Proprietária Loja de Roupas	Centro Antigo	Morador bairro	F	39
5	Pop. local	Individual	Rua	Centro Antigo	Morador bairro	M	53
6	Pop. local	Individual	Rua	Centro Antigo	Proprietário pensão	M	55
7	Pop. local	Individual	Rua	Centro Antigo	Moradora bairro	F	52
8	Pop. local	Individual	Pensão alugada	Moinhos	Proprietária pensão	F	62
9	Pop. local	Individual	Rua	Moinhos	Morador bairro	M	59
10	Pop. local	Individual	Rua	Moinhos	Moradora bairro	F	37

Tabela 02: Entrevistas efetuadas com a população local

Fonte: Da autora

4.5.2.2.3. Grupo 3 - Imigrantes Haitianos

Foram realizadas entrevistas em profundidade individuais e em grupo e se somente no bairro Centro Antigo, na Rua Silva Jardim e ruas adjacentes - correspondendo ao recorte de estudo. As entrevistas ocorreram entre novembro e dezembro de 2019 e, com a presença da Agente da Saúde da Família do bairro, os haitianos foram visitados em suas casas ou pensões, sem horário marcado, se optou pelo turno da tarde – entre 13:30 e 17:00 durante a semana, totalizando 8 dias não consecutivos. Os entrevistados foram convidados sem restrição de idade, ou gênero. O objetivo foi obter subsídios para a construção da imagem de quem é o imigrante haitiano em Lajeado e tentar traçar uma linha de tempo desde a chegada dos primeiros haitianos até o momento da pesquisa (2010 - 2020). Também se buscou analisar a integração socioespacial dos imigrantes na cidade relacionando os depoimentos à sua vida cotidiana, às formas de habitar e de usar a cidade e quais as dificuldades que enfrentavam.

A oportunidade de aplicar as entrevistas em profundidade em grupo surgiu no decorrer da etapa B. Nas abordagens com as haitianas, verificou-se certa resistência na compreensão das perguntas da entrevista, devido ao fato de que as haitianas, geralmente estavam acompanhadas pelo marido, ou conterrâneo para a tradução ou interlocução. Assim essa técnica mostrou-se eficiente principalmente na abordagem com as mulheres haitianas, gerando um grupo de duas até quatro pessoas onde foi considerado como dados da entrevista, o debate entre os imigrantes sobre determinado assunto dentre os tópicos pertinentes para a amostra. Dessa forma foi considerado o debate do grupo, feito as anotações e gravação pela pesquisadora.

A técnica da entrevista em profundidade em grupo foi aplicada em dois grupos de haitianos do bairro Centro Antigo: na primeira aplicação, a técnica foi desenvolvida com um grupo misto, na casa em que residiam os 3 imigrantes (um homem e duas mulheres), com a presença da agente da saúde do bairro. Na segunda aplicação, o grupo misto era composto por 4 haitianos adolescentes (dois meninos e duas meninas), tendo ocorrido na Escola Estadual Erico Veríssimo, na presença da coordenadora da escola. Durante a aplicação da técnica com os adolescentes, também foi solicitado que eles respondessem algumas perguntas por escrito.

Todas as entrevistas em profundidade individuais e em grupo com os imigrantes haitianos ocorreram na presença de uma agente de saúde da família da Unidade de Saúde da Família do bairro Centro (USF - Centro). Essa agente, já conhecida pelos haitianos, acompanhou ambas as abordagens para que ocorressem de forma mais tranquila e para que fosse possível adentrar nas casas dos imigrantes. A presença de agente da saúde foi indispensável, visto que, anteriormente, houveram tentativas de entrevista sem sucesso, principalmente quando os haitianos percebiam o gravador e a necessidade de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em português. Por esse motivo, foi feita a tradução⁵² do TCLE para o idioma crioulo, para que os entrevistados se sentissem mais seguros. Após a tradução do TCLE a receptividade dos haitianos melhorou, aproximando pesquisadora e entrevistados. A Tabela 03 resume as entrevistas efetuadas com os imigrantes haitianos:

⁵² A tradução foi feita por uma imigrante haitiana de 16 anos que mora há quatro anos em Lajeado e fala bem português.

ENTREVISTAS REALIZADAS – IMIGRANTES HAITIANOS							
N.º	GRUPO	TIPO	LOCAL	BAIRRO	ENTREV.	GÊNERO	IDADE
1	Imig. Hait.	Profundi- dade	Rua	Centro Antigo	Moradora bairro	F	16
2	Imig. Hait.	Em grupo	Escola Est. F. Vieira	Centro Antigo	Moradora bairro	F	10
3	Imig. Hait.	Em grupo	Escola Est. F. Vieira	Centro Antigo	Moradora bairro	F	10
4	Imig. Hait.	Em grupo	Escola Est. F. Vieira	Centro Antigo	Morador bairro	M	12
5	Imig. Hait.	Em grupo	Escola Est. F. Vieira	Centro Antigo	Morador bairro	M	13
6	Imig. Hait.	Em grupo	Pensão alugada	Centro Antigo	Moradora bairro	F	28
7	Imig. Hait.	Em grupo	Pensão alugada	Centro Antigo	Morador bairro	M	25
8	Imig. Hait.	Em grupo	Apto. alugado	Centro Antigo	Morador bairro	M	36
9	Imig. Hait.	Profundi- dade	Apto. alugado	Centro Antigo	Moradora bairro	F	32
10	Imig. Hait.	Profundi- dade	Pensão alugada	Centro Antigo	Morador bairro	M	36
11	Imig. Hait.	Em grupo	Pensão alugada	Centro Antigo	Morador bairro	M	14
12	Imig. Hait.	Em grupo	Pensão alugada	Centro Antigo	Moradora bairro	F	32
13	Imig. Hait.	Profundi- dade	Pensão alugada	Centro Antigo	Morador bairro	M	43
14	Imig. Hait.	Profundi- dade	Pensão alugada	Centro Antigo	Morador bairro	M	43
15	Imig. Hait.	Em grupo	Apto. alugado	Centro Antigo	Morador bairro	M	31
16	Imig. Hait.	Em grupo	Apto. alugado		Moradora bairro	F	23
17	Imig. Hait.	Profundi- dade	Pensão alugada			F	38

*Tabela 03: Entrevistas efetuadas com os imigrantes haitianos
Fonte: Da autora.*

4.5.2.3 A estruturação das Entrevistas em Profundidade: Individuais e em Grupo

As entrevistas em profundidade individuais foram aplicadas para todos os três grupos de representantes da cidade de Lajeado/RS: gestores municipais, população local e imigrantes haitianos. Já as entrevistas em profundidade em grupo foram aplicadas para dois desses grupos: a população local e os imigrantes haitianos. Todas as entrevistas em profundidade (individuais e em grupo) foram estruturadas em roteiros específicos para cada um dos três grupos (unidades de análise); os roteiros serviram como base para condução das entrevistas pela pesquisadora. Não foram usadas perguntas dirigidas que

pudessem induzir o entrevistado em suas respostas⁵³. Assim, os roteiros foram semi-estruturados e serviram como uma base geral para os relatos, já que os entrevistados puderam falar livremente sobre o que estava sendo investigado na pesquisa. Os roteiros foram organizados e partir de cinco tópicos: 1) dados gerais; 2) territorialização; 3) integração; 4) alteridade – hospitalidade/etnicidade; 5) acesso à cidadania, à documentação e às políticas públicas e gestão municipal.

O número de entrevistados, segundo orientação do NAE, não foi definido precisamente, pois a saturação (repetição) das respostas determinou o corte. Foram entrevistadas 40 pessoas, considerando as unidades de análise divididas nos três grupos: (13 - gestores municipais; 10 - população local e, 17 - imigrantes haitianos).

Os participantes, através da assinatura e cópia entregue do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram informados sobre: o tema, o objetivo da pesquisa, a abrangência da pesquisa e a gravação para posterior transcrição dos dados para o papel. Também foram informados dos riscos e dos benefícios da participação e do tempo de duração da entrevista (cerca de trinta minutos). Os entrevistados não foram identificados e os TCLEs foram guardados e serão mantidos arquivados por cerca de cinco anos, conforme orientação do Comitê de Ética (CEP/UFRGS).

A geração de expectativas pela falta de compreensão do propósito da entrevista foi considerada como um risco para todos os grupos. Já a incompreensão das perguntas devido à barreira da língua foi um risco informado na entrevista com os imigrantes haitianos. Devido a essa singularidade, e por orientação do Comitê de Ética (CEP/UFRGS), foram aplicados dois tipos de TCLEs: um para brasileiros e outro para estrangeiros. O TCLE para estrangeiros foi apresentado em língua portuguesa e outra versão do mesmo documento foi traduzida para o crioulo com o objetivo de aproximar os imigrantes haitianos e minimizar possíveis barreiras em relação ao idioma.

As entrevistas em profundidade foram efetuadas após a aprovação do projeto de pesquisa desta dissertação junto a Comitê de Ética (CEP/UFRGS), através da Plataforma Brasil. A aprovação ocorreu no dia 10 de outubro de 2019 e as entrevistas iniciaram no dia 15 de

⁵³ Como por exemplo: “O que você acha da vinda dos imigrantes haitianos em Lajeado?”: (A) Positiva? são gente boa? (B) Negativa, são uma ameaça? (C) Neutro, nem positiva ou negativa; (D) Não sei.

outubro de 2019 e foram concluídas no dia 30 de dezembro de 2019. O processo de aprovação no Comitê de Ética levou aproximadamente três meses.

4.5.3 Etapa C: Consolidação dos resultados

Nesta etapa foi feita a triangulação de dados e a interpretação geral dos resultados da análise frente ao problema de pesquisa. A Etapa C teve como objetivo a consolidação e a análise dos resultados coletados nas etapas anteriores, e a discussão dos resultados a partir dos conceitos apresentados no referencial teórico.

A análise dos dados foi feita através da interpretação e comparação das entrevistas em profundidade individuais e em grupo entre os três grupos de entrevistados (unidades de análise). Os dados foram consolidados e foi feita a análise dos resultados. Assim como a coleta de dados, a discussão dos resultados foi realizada a partir dos constructos apresentados no referencial teórico.

Cada uma das entrevistas foi transcrita do gravador para a forma de texto. A partir disso foi feito um resumo de cada entrevista e foram identificadas as respostas que mais se repetiram. Depois disso, foi feito um resumo para cada um dos três grupos (unidades de análise).

As entrevistas com os imigrantes haitianos foram transcritas quase na íntegra e, as consideradas como mais relevantes para os objetivos da pesquisa, estão detalhadas nesta dissertação. Optou-se por essa forma de apresentação de dados para preservar e melhor elucidar “as histórias” de cada haitiano a fim de retratar uma imagem do haitiano (a) em Lajeado. A Linha do Tempo apresentada é a convergência de todas as entrevistas com os três grupos (unidades de análise), associadas ao conteúdo da revisão de literatura e fatos históricos do período.

Por fim, foram apresentadas as reflexões e contribuições da pesquisa, além da indicação de estudos futuros. O Quadro 05 apresenta os procedimentos que foram adotados nesta etapa.

ETAPA C

TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	PROCESSO DE ANÁLISE	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
TRIANGULAÇÃO DE DADOS	Consolidação e análise dos resultados; Discussão dos resultados a partir dos conceitos apresentados no referencial teórico.	<ul style="list-style-type: none">• Apresentar as reflexões e contribuições da pesquisa;• Indicar estudos futuros.

Quadro 05: Síntese dos procedimentos da etapa C da pesquisa.

Fonte: Da autora.

5. RESULTADOS

A seguir são apresentados os resultados iniciando com a linha de tempo dos haitianos em Lajeado desde 2010 até aos dias atuais; em seguida são apresentados os resumos das entrevistas efetuadas.

5.1. LINHA DO TEMPO DOS HAITIANOS EM LAJEADO/RS (2010-2020)

Para a consolidação dos resultados e análises se fez necessário traçar uma linha de tempo em relação à chegada dos haitianos em Lajeado para a maior compreensão do processo de imigração e integração. Os dez anos que se sucederam desde a ocorrência do terremoto no Haiti e a posterior chegada da primeira geração de imigrantes haitianos até os dias atuais (2020), foram subdivididos em cinco fases consecutivas. Dentro dessas cinco fases, a linha do tempo considera o contexto da imigração haitiana no Brasil e o contexto político brasileiro. A Figura 28 apresenta a linha do tempo dos haitianos em Lajeado:

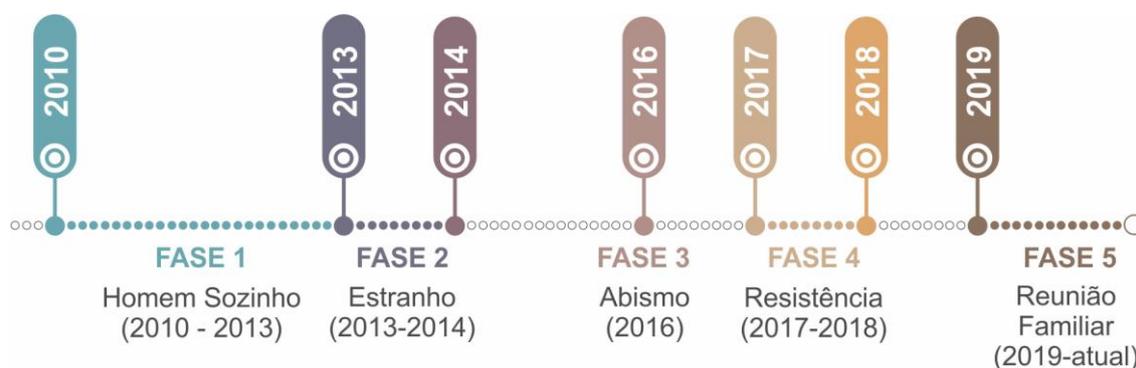


Figura 28: Linha do tempo dos imigrantes haitianos em Lajeado/RS
Fonte: Da autora.

5.1.1. Fase homem sozinho (2010-2013)

Essa fase se inicia a partir do evento do terremoto no Haiti, em 2010, quando os primeiros haitianos começaram a chegar às fronteiras do Brasil, especialmente à cidade de Brasiléia, no Acre, com pico em 2013 quando houve a superlotação na cidade e a necessidade de ajuda humanitária. Nesse período, os imigrantes eram trazidos por empresários gaúchos que se deslocavam até a fronteira para buscá-los. Esses foram os primeiros imigrantes haitianos a chegarem à cidade de Lajeado, ocupando o bairro Centro-Antigo: homem, jovem e sozinho. Podem ser considerados os desbravadores, os que abriram o caminho para uma rede de imigrantes que viria posteriormente.

Em termos de contexto do Brasil, esse é um período de aceleração da economia, grande demanda de emprego e juros baixos. A presença de militares brasileiros na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti - *Mission des Nations Unies pour la Stabilization en Haiti* (MINUSTAH-ONU) desde 2014, instigou haitianos na busca de trabalho no Brasil.

5.1.2. Fase do Estranho (2013-2014):

Essa fase é marcada pelo predomínio da acelerada chegada de imigrantes homens sozinhos em Lajeado, na área do bairro Centro-Antigo e, principalmente, pela grande demanda de trabalho nas indústrias frigoríficas. A chegada ao Brasil, em direção à Lajeado, era informada através da organização de uma rede de solidariedade étnica entre os haitianos, para acesso ao trabalho e à habitação, também apoiada pela Igreja Evangélica Haitiana. Nessa fase, os primeiros haitianos que chegaram, que já tinham o conhecimento básico da língua e do funcionamento da cidade, orientavam os haitianos recém-chegados. A fase do estranho é marcada pelo reconhecimento da cidade pelos recém-chegados, e também pela interação desses com a população local. Nesse período, a imprensa relatava “o grande fluxo” ou a “grande onda” haitiana.

Em 2013 também houve uma grande enchente em Lajeado, que desabrigou muitos imigrantes, momento no qual a gestão municipal passou a tomar conhecimento sobre os haitianos porque houve grande procura de acesso aos serviços públicos pelos imigrantes. Nesse mesmo ano, um líder comunitário e pastor haitiano ingressou na CRAS como funcionário da gestão municipal. Além disso, na universidade local passa a ocorrer a presença de haitianos estudando, residentes em Lajeado e região.

Nessa fase, observa-se a gradual chegada de mulheres, na maioria são as esposas dos haitianos que já estavam em Lajeado, bem como a celebração de casamentos entre haitianos. Nesse período houve uma primeira e brusca demanda de mulheres haitianas grávidas, sentida principalmente pelo acesso aos serviços públicos, após a aquisição da cidadania brasileira e pela dificuldade de comunicação nos atendimentos dos serviços públicos. Paralelamente, passaram a ocorrer demissões de mulheres haitianas após a licença maternidade. Além disso, começam a ocorrer processos por causas trabalhistas demandados por haitianos, que trabalhavam em áreas frias das indústrias, os quais eram demitidos pelas recorrentes ausências por motivos de saúde.

No contexto do Brasil, em 2013, eclodiram movimentos sociais que protestavam contra o aumento das tarifas de transporte público e, em 2014 ocorreu a Copa do Mundo. Em termos de políticas para imigração, o Brasil necessitou revisar a sua legislação de forma a contemplar direitos e propor mecanismos legais e políticos para uma nova realidade: o Brasil como destino de imigrantes laborais internacionais contemporâneos – os haitianos.

5.1.3. Fase Abismo (2016)

Esse ano é marcado por grande instabilidade política e econômica e pelo impeachment da presidente da República do Brasil. Houve a desaceleração da economia e o aumento dos juros, embora o evento das Olimpíadas tenha dado visibilidade ao Brasil. A indústria diminuiu a demanda de trabalho e há relatos na imprensa de brigas e preconceitos entre população local e haitianos em filas para vagas de emprego.

Os haitianos relatam que muitos foram embora mais pela insegurança do que pela falta de emprego. Nesse período, houve grande procura por agências de viagens e, segundo os donos dessas agências, essa procura se devia à prospecção por novos locais para trabalho. Os haitianos se organizavam em grupos para a compra de passagens a fim de que um haitiano fosse fazer um reconhecimento de determinada cidade do exterior para verificar se lá havia trabalho: “compram passagens até um destino qualquer, de lá não se sabe para onde vão ou o que vai acontecer” (dono de uma agência de turismo, 2016). Dentre os destinos procurados, estavam principalmente o Chile e os Estados Unidos.

Observou-se que muitos haitianos saíram de Lajeado para o exterior e acabaram retornando para Lajeado. Aparentemente a maior parte dos haitianos que permaneceram em Lajeado foram os que estavam há mais tempo e já tinham trazido suas famílias do Haiti ou tinham filhos nascidos em Lajeado.

5.1.4. Fase Resistência (2017-2018)

Nessa fase observou-se que o fluxo de imigrantes haitianos diminuiu em relação aos anos anteriores. Os imigrantes haitianos que permaneceram em Lajeado integraram-se ao sistema público de saúde, educação e habitação como qualquer cidadão brasileiro. Observou-se também haitianos empreendendo seus próprios negócios e comprando carros; na fala desses haitianos era recorrente a expressão “*no Boss*” ou “sem chefe”, também denominado como “autônomos”. Esses imigrantes integram-se às rotinas da cidade em uma vida cotidiana que é baseada no trabalho e no envio de remessas de

dinheiro para familiares no Haiti. Observou-se ainda o gradual deslocamento da habitação dos haitianos estabilizados, do Centro-Antigo para alguns bairros vizinhos mais tranquilos, como o Moinhos.

As eleições de 2018 e o novo presidente da República do Brasil marcaram um período de restrições e mudanças nas políticas de imigração no Brasil: houve o retorno do discurso que identifica a imigração como risco à segurança nacional e, conseqüentemente, o passibilidade de deportação de estrangeiros. Nesse mesmo ano, o Brasil não participa do Pacto Global para uma Migração Segura da ONU.

5.1.5. Fase Reunião Familiar / Covid 19 (2019-atual)

Políticas de imigração mais restritivas são incorporadas no Brasil. Mesmo nesse contexto, a “Reunião Familiar” ainda é um mecanismo legal que facilita o acesso ao Brasil dos imigrantes que têm famílias morando no país. Isso explica o aumento de crianças e adolescentes no Brasil, filhos de haitianos que ainda permaneciam no Haiti.

A maior parte dos entrevistados relatou que no último ano haviam chegado muitas crianças e adolescentes através da Reunião Familiar, mecanismo que ainda permitia acesso à cidadania brasileira. Segundo a imprensa, chegavam em média dez haitianos por semana na região de Lajeado para trabalhar nas indústrias frigoríficas (Jornal À Hora, 2019).

Com a ocorrência da pandemia da Covid19, ocasionada pelo novo Coronavírus, ocorre uma nova demanda para a gestão municipal de Lajeado. A maior dificuldade parece ser o isolamento social, ou seja, evitar que os haitianos fiquem agrupados. Como medida emergencial, em março de 2020, foram elaborados folders virtuais para envio em redes sociais traduzidos para o francês crioulo com o auxílio dos líderes haitianos.

Em abril de 2020, as indústrias frigoríficas foram notificadas e precisaram fechar em virtude da incidência de contaminação pelo novo Coronavírus. O Centro Antigo foi identificado como um dos bairros de maior contaminação em Lajeado (PML, 2020).

Em maio e junho de 2020 as indústrias frigoríficas BRF e Minuano foram notificadas pela Saúde e Ministério Público por não cumprir as regras de distanciamento e os cuidados com os funcionários. Essas indústrias foram fechadas até a devida normalização e foram reabertas em junho.

Em julho de 2020, a região do Vale do Taquari sofreu a maior enchente em 66 anos, dessa vez a marca foi 27,26m acima do nível normal do Rio Taquari. Em Lajeado, o bairro Centro Antigo foi atingido levando muitos imigrantes haitianos a perderem seus pertences em função da inundação. Muitos haitianos foram para casas de contrerrâneos, sendo que outros desabrigados foram para o Parque do Imigrante, onde a prefeitura municipal montou um alojamento e disponibilizou local para recebimento de doações por parte da população. A Figura 29 mostra o trecho da Rua Silva Jardim, área das pensões, a marcação na figura indica a altura que chegou a água. A Figura 30 mostra ruas próximas à Rua Silva Jardim. Após a enchente, lixo e entulho acumulados nas ruas resultantes das perdas dos moradores: imigrantes e população local.



*Figura 29: Trecho da Rua Silva Jardim, área das pensões.
A marcação na figura indica a altura que chegou a água.
Fonte: Acervo próprio.*



*Figura 30: Ruas próximas à Silva Jardim.
Fonte: Acervo próprio.*

5.2. O QUE DIZEM OS GESTORES MUNICIPAIS?

A seguir, segue a compilação das entrevistas de todas as áreas da gestão municipal em forma de resumo. Posteriormente, será apresentado o resumo por área de atuação da gestão. A Tabela 04 mostra as entrevistas realizadas, relacionadas aos constructos selecionados para esta dissertação.

LOCAL	ENTREV.	BAIRRO	CONSTRUCTOS			
			Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
CRAS - Centro	Gestor Assist. Social 1	Centro Antigo	Idioma / Cultura	Sim. Religião e Trabalho/ Haitiano na gestão.	Em grupos. Centro e Moinhos.	Segue mesma política para brasileiros.
CRAS - Centro	Gestora Assist. Social 2	Centro Antigo	Idioma / Cultura	Sim. Religião e Trabalho/ Haitiano na gestão.	Em grupos. Centro, Moinhos e outros bairros.	Segue mesma política para brasileiros.
SEPLAN	Gestor Planej. Urb. 1	Centro Antigo	Idioma / Cultura	Em parte. Religião e Trabalho/ Haitiano na gestão.	Em grupos. Centro, Moinhos e Montanha.	Segue mesma política para brasileiros.
Secret. Saúde	Gestora Saúde 1	Centro Antigo	Idioma / Cultura	Sim. Religião e Trabalho/ Haitiano na gestão.	Em grupos. Centro, Moinhos.	Segue mesma política para brasileiros.
USF	Gestora Saúde 2	Centro Antigo	Idioma / Cultura	Não.	Em grupos. Centro, Moinhos, Sto. André, São Cristóvão.	Segue mesma política para brasileiros.
USF	Gestora Saúde 3	Centro Antigo	Idioma / Cultura	Sim.	Em grupos. Centro, Moinhos.	Segue mesma política para brasileiros.
USF	Gestora Saúde 4	Moinhos	Idioma / Cultura	Sim.	Em grupos. Centro, Moinhos, Sto. André e São Cristóvão.	Segue mesma política para brasileiros.
Secret. Educ.	Gestora Educ. 1	Centro Antigo	Idioma / Cultura	Sim. Religião e trabalho/ Haitiano na gestão.	Em grupos.	Segue mesma política para brasileiros.
EMEF Santo André	Gestora Educ. 2	Santo André	Idioma / Cultura	Sim.	Em grupos. Sto. André	Segue mesma política para brasileiros.
EMEF Santo André	Gestora Educ. 3	Santo André	Idioma / Cultura	Sim.	Em grupos. Sto André.	Segue mesma política para brasileiros.
EMEI Recanto Infantil	Gestora Educ. 4	Moinhos	Idioma / Cultura	Em parte. Religião e Trabalho.	Em grupos. Moinhos.	Segue mesma política para brasileiros.
EMEF São João	Gestora Educ. 5	Moinhos	Idioma / Cultura	Não.	Em grupos. Moinhos.	Segue mesma política para brasileiros.
Escola Est. F. Vieira	Gestora Educ. 6	Centro Antigo	Idioma / Cultura	Sim. Trabalho. Haitiano na gestão.	Em grupos. Centro e Moinhos.	Segue mesma política para brasileiros.

Tabela 04: Entrevistas efetuadas com a gestão municipal, relacionadas aos construtos adotados.

Fonte: Da autora.

- ✓ De um modo geral, observou-se que os entrevistados não diferenciam ao certo os tipos de imigrantes negros existentes em Lajeado: senegaleses, africanos e dominicanos estão entre esses imigrantes. Todos são denominados haitianos, pela maioria dos entrevistados, assim tipificados pela cor da pele.
- ✓ Constatou-se que a maioria dos entrevistados que atuam na gestão municipal alegam não ter conhecimento de políticas públicas específicas para estrangeiros, tanto em âmbito federal, quanto em estadual e municipal.
- ✓ Nos serviços públicos, 100% dos entrevistados relataram que, os imigrantes haitianos recebem atendimento igual ao dos brasileiros, mediante apresentação de documentação, conforme a legislação federal. Observou-se nas entrevistas que muitas demandas dos imigrantes surgiam no cotidiano da gestão municipal como por exemplo em atendimentos de consultas e exames médicos na área da saúde e adaptação de materiais didáticos na área da educação.
- ✓ A principal dificuldade apresentada pelos gestores em relação à vinda dos imigrantes haitianos foi a de comunicação, pela diferença de língua, de idioma (100% dos entrevistados mencionou essa dificuldade). O uso de aplicativos de tradução simultânea tem sido a solução empregada, principalmente, por educadores e servidores da área da saúde.
- ✓ Dentre as características positivas, 100% dos entrevistados mencionaram a coesão e solidariedade dos haitianos enquanto grupo, referindo-se à ajuda mútua entre haitianos na chegada (acolhimento), na procura por trabalho e por habitação (integração).
- ✓ 100% dos entrevistados relata ter conhecimento de que os haitianos enviam remessas de dinheiro para familiares que ficaram no Haiti.
- ✓ 100% dos entrevistados citaram o nome do haitiano do CRAS como peça importante da gestão municipal porque atua como assistente social no CRAS Centro. Auxilia na comunicação entre a prefeitura e a comunidade haitiana. Os entrevistados também mencionaram que sem esse trabalho junto aos imigrantes, as demandas dos imigrantes seriam mais difíceis de serem identificadas.
- ✓ A alteridade e a hospitalidade ocorrem por parte do próprio grupo de haitianos, numa rede de acolhimento e solidariedade étnica. Instituições como a Igreja Evangélica Luterana em parceria com o SENAC de Lajeado também oferecem cursos profissionalizantes para os imigrantes.

- ✓ Não há políticas de acolhimento ou de integração específicas para os imigrantes por parte da prefeitura. No Centro de Referência em Assistência Social (CRAS – Centro), há o acolhimento de haitianos, conforme as políticas nacionais destinadas a qualquer cidadão brasileiro. O diferencial é a presença do haitiano do CRAS, que encaminha os imigrantes que chegam para a regularização da documentação, dentro da legislação federal.
- ✓ O bairro Centro Antigo foi citado pela maioria dos entrevistados como sendo o bairro com maior número de haitianos; seguido pelos bairros Moinhos e Santo André. O bairro Montanha foi pouco mencionado e não houve indicação de locais para aplicação de entrevistas pela prefeitura nesse local. O bairro São Cristóvão é citado como sendo um novo núcleo emergente de habitações de imigrantes haitianos. Dados sobre o número de haitianos por bairro não foram precisados pela prefeitura de Lajeado.
- ✓ Sobre a integração socioespacial, alguns entrevistados da gestão municipal relatam que os haitianos estão integrados à cidade porque eles têm uma vida cotidiana como a de qualquer morador da cidade e porque são vistos utilizando os espaços públicos, caminhando ou de bicicleta. Complementam mencionando que os haitianos vão ao supermercado, aos bancos, às escolas, aos serviços de saúde, à assistência social e às academias de ginástica.
- ✓ A maioria dos entrevistados se refere aos novos empreendimentos por parte dos haitianos: como o surgimento de brechós, lojas de confecção e de costuras no bairro Centro. Outros entrevistados da gestão municipal acham que os haitianos não estão integrados socioespacialmente porque estão concentrados em ocupações em um núcleo no Centro Antigo, principalmente. Nos demais bairros, estão localizados em pequenos núcleos de habitações próximas.
- ✓ Referindo-se aos bairros de ocupação de haitianos, os entrevistados relatam a formação de pequenos núcleos de ocupação de imigrantes. A maioria dos entrevistados atribui esse motivo pela proximidade ao trabalho, das indústrias frigoríficas Minuano e BRF. Os entrevistados também relatam o surgimento de Igrejas haitianas nesses bairros, próximo aos locais de trabalho.
- ✓ A maioria dos entrevistados relata que, nos anos de 2011 e 2012, era possível observar mais os homens haitianos nos espaços públicos da cidade, como o Parque dos Dick e imediações. A partir de 2013/2014, observou-se a vinda de mulheres e, hoje, “vemos

famílias inteiras de pai, mãe e crianças caminhando na rua, principalmente aos domingos, quando vão ao culto muito bem vestidos e penteados.

5.2.1 O que dizem os gestores da Assistência Social

A seguir o resumo das duas entrevistas feitas com dois gestores da área da assistência social, no CRAS Centro. Os entrevistados serão chamados de gestora da assistência social 1 e gestor da assistência social 2.

A entrevistada referiu-se à diversidade de grupos de imigrantes em Lajeado, sendo que a maioria são haitianos, mas também estão presentes: indianos, bengales, colombianos e, alguns venezuelanos. No Brasil, existe a possibilidade de entrada por visto humanitário para haitianos, bengales, indianos, africanos; ou como refugiados para colombianos e venezuelanos. Esses imigrantes tem outro status, com acesso aos direitos mais facilitado.

A entrevistada explica que com o tempo e a experiência foi desenhado um “processo” de acolhimento de imigrantes haitianos: primeiro há um contato com o haitiano que atua no CRAS, depois é feito o cadastro do imigrante e o encaminhamento para a Polícia Federal em Sta. Cruz do Sul (agendamentos, vistos, orientação de Cadastro de Pessoa Física - CPF; já que os haitianos entram com visto provisório e precisam fazer o CPF para encaminhar carteira de trabalho). Depois da Polícia Federal é feito o cadastro do imigrante no sistema federal para a obtenção do CadÚnico, obtenção do Cartão SUS e solicitação de acesso a outros benefícios federais, se necessário. Esse “processo” foi uma iniciativa local frente a uma nova demanda que foi levada à gestão municipal. O governo federal define estrangeiro como cidadão brasileiro de direitos e é essa a regra nacional seguida, a grande diferença é que os imigrantes não podem votar. Sobre o número de imigrantes haitianos residentes por bairros, a entrevistada relatou que pelo CadÚnico, havia 188 haitianos inscritos. Há um universo de quase 800 haitianos, e se enquadram na renda de 3 salários mínimos⁵⁴ que não fazem o cadastro porque eles conseguem se organizar e não solicitam auxílio.

⁵⁴ “Em suma, em torno de 90% receberam até dois salários mínimos (até R\$1.908,00), evidenciando uma remuneração relativamente baixa e menor do que a renda nacional, embora não tão distante. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), relativa ao terceiro trimestre de 2019, a renda média do trabalhador com 14 anos ou mais no Brasil é de R\$ 2.223,00 (IBGE, 2019). 9% recebem de 2 a 3 salários mínimos (CAZAROTTO e SINDELAR, 2020).

Em termos de fluxos imigratórios de haitianos para Lajeado, houve dois momentos: um entre 2013 e 2014 com um fluxo muito intenso de haitianos; e outro em 2016 e 2017 com uma saída da cidade para o Brasil. Dados do CRAS, permitem verificar que no começo eram cerca de 1400 haitianos em Lajeado e que hoje, esse número reduziu para cerca de 1000. Essa diminuição ocorreu em decorrência da frustração de expectativas em relação ao trabalho em Lajeado pelas dificuldades de comunicação pela língua diferente, bem como pelas dificuldades do trabalho em setores de uso da força física e sujeito às baixas temperaturas. A entrevistada ressaltou que os haitianos vêm de um clima quente do Haiti e, ao trabalharem nas áreas frias das indústrias, muitos adoecem, o que gerou uma ocorrência de demissões de inúmeros haitianos. Sobre o fluxo de imigrantes haitianos a entrevistada diz que no começo era de somente de homens:

Num primeiro momento, durante dois anos, os haitianos que chegavam eram homens sozinhos, solteiros ou casados que tinham deixado esposa e filhos no Haiti. Seguiu um período posterior onde vieram as mulheres casadas, ainda muito submissas q ficavam a sombra do marido. Depois houve um fluxo de mulheres solteiras que vinham sozinhas já vem mais empoderadas – então já se observa uma quebra cultural pelo motivo de, quando chegam no Brasil/ Lajeado isso instiga mais para uma vivência de autonomia. Quando chegaram as mulheres, houve uma grande demanda de pré-natais e partos na área da saúde pública. (GESTORA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL 1, ENTREVISTA, 2019).

A entrevistada relata que em 2016, em torno de 500 a 600 haitianos que estavam em Lajeado saíram para tentar entrar nos EUA, isso porque nesse ano, o acesso de estrangeiros estaria facilitado. O número de haitianos que permaneceu em Lajeado estava sendo mapeado e monitorado: quanto ao acesso aos serviços públicos; e quanto às demandas referentes ao conselho tutelar, à violência contra mulher e à violência doméstica.

Observou-se, nos últimos meses, o gradual aumento da entrada de haitianos em Lajeado, seja pela política de reunião familiar brasileira (facilidade da entrada de familiares de haitianos que já estavam no Brasil, muitos deles crianças e adolescentes) seja pela ampliação das plantas das indústrias frigoríficas com mais ofertas de trabalho.

A entrevistada destacou que a questão da união do grupo dos haitianos e da rede de auxílio entre eles é algo que deve ser considerado. Muitas vezes oferecem a própria casa e auxílio financeiro a conterrâneos que chegam até que esses possam se estabelecer de forma mais adequada. A entrevistada relatou o caso de uma adolescente que veio sozinha para Lajeado e que dois líderes comunitários haitianos organizaram a vinda e a guarda da

menina. “Eu e os brasileiros temos muito a aprender com os haitianos no que se refere ao acolhimento, afeto, cuidado e solidariedade” (GESTORA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL 1, ENTREVISTA, 2019).

A entrevistada relatou que em 2013 houve um pico de chegada de haitianos em Lajeado através da contratação pelas empresas frigoríficas (Minuano, BRF, Dália) e pela construção civil, que naquela época buscavam esses imigrantes na fronteira com o Acre. A assistência social municipal se deparou com haitianos que vinham ao CRAS; que é vinculado à Secretaria do Trabalho, Habitação e Assistência Social (STHAS-Lajeado); para auxílio alimentação (que é um dos benefícios que o CRAS fornece). A dificuldade de comunicação foi relatada como barreira, pela diferença do idioma e pelas novas demandas que a assistência social nunca antes havia se deparado.

Em 2013 ocorreu uma enchente em Lajeado, evento que possibilitou entender e mapear melhor o contexto dos haitianos na cidade. Durante esse evento, a assistência social da prefeitura conheceu o líder comunitário haitiano, o qual posteriormente viria a atuar na CRAS. Hoje, esse haitiano é pastor e um líder entre os haitianos, tendo sido um importante interlocutor, ajudando na tradução do francês/crioulo para o português e vice-versa.

Havia aproximadamente 40 famílias e o CRAS começou naquele momento a acolher e a cadastrar esses imigrantes. Logo se percebeu que os imigrantes eram uma demanda para o CRAS, pois esses imigrantes moravam no território de abrangência de atendimento e que precisaria um atendimento mais específico para esse grupo. (GESTORA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL 1, ENTREVISTA, 2019).

A entrevistada ressaltou que o líder comunitário haitiano passou a auxiliar nas atividades do CRAS uma vez por semana de forma voluntária. Assim, devido ao aumento da demanda dos haitianos, esse haitiano foi contratado pela Prefeitura como servidor para atuar no CRAS. O trabalho dele consistia nas traduções, no acesso ao computador para agendamentos na Polícia Federal para documentação dos haitianos; e em viagens à Santa Cruz do Sul com grupos de haitianos para acesso à documentação, viagens essas custeadas pelo município. Então o CRAS/Centro através do atendimento aos haitianos passou a ser uma referência para todos os estrangeiros que chegavam à cidade. Os haitianos passaram a ser assistidos pelo CRAS para acolhimento, escuta e encaminhamento para o CadÚnico, que é um cadastro do governo que engloba

estrangeiros e beneficia pessoas de até três salários mínimos. Com esse cadastro, o imigrante tem acesso ao cartão SUS e a todos os benefícios como qualquer brasileiro.

Na entrevista também foi destacado que o serviço de assistência social oferecido pelo CRAS aos imigrantes se estendeu para a escuta e orientações, principalmente em relação à saúde e acesso à cidadania. Tais atividades foram integradas às associações de bairros e entidades que já ajudavam os haitianos, como por exemplo, a Igreja Evangélica Luterana. Num trabalho específico com a iniciativa local, a entrevistada relata como foi a difusão do serviço social prestado aos imigrantes:

O CRAS visitou todas as secretarias do município apresentando o trabalho pioneiro com os imigrantes. Outros municípios da região tomaram conhecimento do trabalho de acolhimento feito em Lajeado e passaram a solicitar a liberação do imigrante do CRAS para auxílio e orientação de como Lajeado estava se alinhando na construção de um processo para recebimento e encaminhamento dos imigrantes. (GESTORA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL 1, ENTREVISTA, 2019).

O trabalho do imigrante do CRAS não se restringiu ao próprio CRAS, sendo necessário também como um interlocutor para os atendimentos de saúde. Assim, diversas vezes ele acompanhava as mulheres gestantes em consultas médicas e exames. Essa demanda para a saúde ocorreu em período posterior à chegada dos homens, pela presença de muitas mulheres grávidas. O CRAS também auxiliou em orientações sobre métodos contraceptivos uma vez que os haitianos são da religião evangélica, que não usa esses métodos. Assim, muitos haitianos também precisaram ser acompanhados no Serviço de Atendimento Imediato (SAI) em virtude das DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis).

Alguns dos problemas da assistência social municipal, relatados na entrevista, estavam relacionados às diferenças culturais dos haitianos em relação aos brasileiros como a dificuldade de comunicação pelo idioma diferente. Assim como também frente a problemas que ocorriam na comunidade haitiana (ex.: violência doméstica contra mulheres e crianças) houve necessidade de orientar os imigrantes sobre a existência de legislação brasileira que defende mulheres e crianças.

O atendimento do CRAS aos imigrantes acabou sofrendo muitas críticas pela população local que contestava que os imigrantes não poderiam ter os mesmos direitos que os brasileiros e que, esses estavam tirando vagas dos serviços públicos e vagas de trabalho. A partir disso, houve necessidade de um esclarecimento aos brasileiros sobre o porquê da

vinda dos haitianos para Lajeado e que esses estrangeiros teriam direitos no Brasil. Isso envolveu desde esclarecimentos sobre o caso do terremoto até o histórico de pobreza no Haiti. A entrevistada relata que esse trabalho foi de “formiguinha” para mudar uma narrativa contra os imigrantes, “que o CRAS é para quem dele necessitar”.

A entrevistada destaca que, ouvindo os haitianos, eles vão dizer que foram acolhidos pela população local. Contudo, esse tema do preconceito parece estar de forma velada, o que a entrevistada define como: “um olhar carregado com imigrantes, pobres e negros”. Um exemplo dessa situação foi o pedido, por parte de um vereador do município, de esclarecimentos junto à Câmara de Vereadores sobre o motivo do CRAS ter contratado um imigrante haitiano, sobre a relevância dessa contratação e detalhes sobre as funções exercidas pelo servidor:

Muitos questionamentos do porquê contratar um estrangeiro haitiano para fazer o trabalho no CRAS auxiliando outros estrangeiros; por que gastar o dinheiro público, uma cobrança no coletivo não somente dos usuários dos serviços do CRAS, mas de uma comunidade que olhava para isso de forma errada como se os imigrantes não tivessem que estar aqui, por dois fatores principais: ser negros e estrangeiros. (GESTORA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL 1, ENTREVISTA, 2019).

A entrevistada ressaltou que pelo motivo de Lajeado ser uma cidade de colonização alemã, foi feito um trabalho intensivo junto à comunidade luterana para acolhimento dos imigrantes. Assim, a comunidade luterana passou a colaborar na promoção de cursos de qualificação profissional para os haitianos, com parceria com o SENAC e, também na produção de um documentário sobre a chegada dos haitianos e de como eles se sentiam. A entrevistada relatou que esse foi um trabalho muito produtivo de conscientização da comunidade local, mas que ainda há com o desafio cultural da diferença do idioma e, por isso que o haitiano da CRAS é quem faz esse primeiro contato com os imigrantes que chegam ao CRAS, a partir daí tem um histórico de cada haitiano, e assim é possível verificar status da documentação, acesso ao CadÚnico, Cartão SUS (Sistema único de Saúde) e acesso a demais serviços sociais. Também foi mencionado que atualmente a comunidade haitiana já está mais organizada, assim os imigrantes já sabem o que é o cadastro único do governo, o CadÚnico, e o que é um plano de transferência de renda, como o Bolsa Família.

Sobre habitação, a entrevistada relatou que os principais bairros são os mais centrais e que há predominância do aluguel direto com proprietários dos imóveis, em alguns casos, com uma imobiliária. No bairro Centro, área das pensões, o aluguel é tratado diretamente

com os proprietários. Essa área é alagadiça, então na ocorrência de enchente, os imigrantes são expostos à vulnerabilidade. A entrevistada também mencionou a existência de famílias “conviventes”, que são haitianos que moram na mesma casa, mas não têm laços de parentesco ou consanguíneos e que têm rendas e despesas independentes (luz, água, não dividem as despesas). Nesse sentido muitas vezes o aluguel fica em nome de um imigrante onde os demais moradores dividem esse espaço físico, onde a rede de solidariedade étnica haitiana mantém contato.

Dados precisos sobre o número de imigrantes não estão disponíveis nem no sistema informatizado do governo federal. Um caminho para obtenção de informações seria entrar no Número de Inscrição Social (NIS) de cada haitiano e, esse caminho, abre dados de cada bairro. O sistema federal, a partir do CadÚnico, não proporciona o número de estrangeiros e dentro desse número, dados específicos por nacionalidade. O sistema federal mapeia o número de beneficiados por serviços sociais como o Bolsa Família, não especificando se é estrangeiro ou brasileiro. Assim, os dados sobre o fato de ser imigrante, e a nacionalidade, não são fornecidos pelo sistema federal.

No período da entrevista, por exemplo, haviam 300 famílias beneficiadas pelo Bolsa Família só no Bairro Sto. Antônio, que possui 6 mil habitantes, isso somando estrangeiros e brasileiros. Não foi possível filtrar o número específico de imigrantes haitianos nesse local. Há uma parte desse bairro que é regularizada, contudo, outra parte do bairro é invadida, com casebres em más condições e onde há maior concentração de brasileiros vindos de outras cidades do estado (Boqueirão, Três Passos...).

A construção dos condomínios do PMCMV - Novo Tempo I e II forneceram habitação para mais de 2300 famílias – faixa 1. A população local diz que “somaram os piores com os piores” e que as famílias que foram morar nesses condomínios não se reconheciam e não se integravam com as que já moravam nesse bairro. Isso ocorre porque o faixa 1 vai de zero a R\$1500,00 e nesse universo abrange grandes diferenças tanto de renda quanto de expectativas. Houve trabalho de acolhimento das famílias pelo CRAS porque trata-se de um bairro de grande vulnerabilidade. A entrevistada especula que seria interessante saber o número de haitianos naquela área, mas, se tem, são poucos.

A entrevistada resume o contexto da população local em relação aos imigrantes: “A cidade, população local ainda tem um olhar carregado sobre o pobre, o negro, o

estrangeiro, numa visão higienista de “tirar da vista” (GESTORA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL 1, ENTREVISTA, 2019).

O entrevistado da assistência social 2 diz que os haitianos estão se integrando cada vez mais à Lajeado e aponta, na sua percepção, os maiores desafios:

- ✓ O CRAS presta um serviço notável de acolhimento, acesso à cidadania e acesso às políticas públicas. A necessidade do entendimento da língua portuguesa pois dificulta acesso a serviços públicos e privados por falta de comunicação. A UNIVATES (Universidade do Vale do Taquari) com o Projeto de Extensão “VEM PRA CÁ” que visa de forma gratuita o ensino da língua portuguesa para estrangeiros e tem aulas também no Colégio Estadual Castelo Branco de Lajeado;
- ✓ O desemprego de haitianos, principalmente as mulheres. Relata que atualmente existe desemprego entre brasileiros, houve um tempo que isso não era assim. Hoje a concorrência é maior por uma vaga de emprego, até para os brasileiros está difícil, e isso afeta também os haitianos. Ainda mais os que não tem o total entendimento da língua, do funcionamento das coisas no Brasil e tem a questão do preconceito por causa da cor;
- ✓ Sobre o preconceito racial relata que os haitianos não sentem preconceito na comunicação com a população local. Que os haitianos percebem o preconceito no comportamento da população local com os haitianos, principalmente na busca por trabalho e ofertas de vagas – que muitas vezes é aquém da capacidade;
- ✓ Destaca a situação das mulheres haitianas: negras, que falam pouco a língua portuguesa. Há muitos comentários entre os empregadores sobre a questão da gravidez, dificultando o acesso ao mercado de trabalho.

Sobre políticas de integração de imigrantes haitianos em Lajeado relata que na escala local da prefeitura, a assistência social não tem um programa específico para imigrantes, atende as necessidades tanto de estrangeiros como brasileiros com direitos iguais. Com a presença do haitiano do CRAS na prefeitura, há uma mediação entre gestão e imigrantes para entender as necessidades dos imigrantes.

Em Lajeado há entidades da sociedade civil que apoiam os imigrantes. Há 3 anos, o grupo de Diaconia da Igreja Luterana (Verba da Alemanha - o haitiano do CRAS faz parte do grupo gestor na região) tem um projeto em andamento que visa apoio e integração dos

imigrantes no Vale do Taquari. Todo ano o projeto é renovado conforme as pautas mais urgentes da população migrante visando a capacitação técnica dos migrantes ao mercado de trabalho. Alguns projetos oferecem oficinas de formação e qualificação em parceria com SENAC.

Sobre o acesso aos programas de habitação do governo federal, ressalta que todos tem acesso, não tem restrição ao migrante, porém tem critérios que são os mesmos dos brasileiros para poder ter acesso ao programa. Relata também que algumas famílias de migrantes já tiveram acesso ao PMCMV. Sobre a habitação, os bairros em Lajeado que apresentam maior número de haitianos são: Centro, Moinhos, Santo André, São Cristóvão, Montanha, Moinhos d'Água, Conservas, e alguns poucos residem no Centenário, que é mais distante. A comunidade haitiana está crescendo em Lajeado sendo que muitos desses migrantes tem comprando casa, apartamento e carro. O entrevistado relata com orgulho que tem um jovem haitiano que está cursando arquitetura e urbanismo na Universidade Federal de Sta. Maria (UFSM).

Sobre as pensões adaptadas no Centro, ele diz que muitos haitianos são explorados (pagam caro) porque os proprietários sabem que quando chegam, os migrantes precisam alugar uma casa, uma peça. Assim muitos brasileiros proprietários de imóveis se aproveitam da carência dos haitianos no entendimento da língua, no funcionamento das coisas para alugar imóveis com preços superestimados. Pela falta de opção, há essa forma de exploração, sendo que tanto os migrantes quanto os proprietários sabem disso.

5.2.2 O que diz a área do planejamento e gestão urbana

A seguir, segue o resumo da entrevista da área do planejamento urbano (SEPLAN). Foi entrevistado o secretário de planejamento urbano municipal, que neste resumo, será denominado como gestor planejamento urbano. A entrevista ocorreu na SEPLAN, na prefeitura, localizada no bairro Centro.

Pela ótica da gestão urbana, o Secretário do Planejamento Urbano do município percebe a vinda dos haitianos como positiva. Há a percepção de que, no começo, eles vieram através de grandes empresas e, a partir disso, os haitianos que já estavam estabilizados, percebendo que havia em Lajeado demanda de trabalho, se organizaram para trazer outros haitianos, especialmente familiares.

O entrevistado percebe que os haitianos em Lajeado não têm perfil de comércio ambulante de rua, como os senegaleses que estão na cidade. Os haitianos ficam mais tempo nos seus empregos, cumprindo horário e têm uma disciplina maior.

No geral o entrevistado relatou que, no começo, os haitianos estavam concentrados em uma mesma região da cidade, o bairro Centro, na sua porção Antiga (também chamado de bairro Praia em função de sua localização próxima ao Rio Taquari), por ser um bairro de fácil acesso ao Centro Funcional, e aos frigoríficos BRF e Minuano. Hoje, pode-se perceber que os haitianos estão se deslocando para outros bairros, formando núcleos de imigrantes, em imóveis maiores e de melhor qualidade. O entrevistado diz que se um casal haitiano ganha cada um R\$ 1500,00, isso possibilita a oportunidade de trocar de bairro, como o Moinhos ou o Santo André, para casas ou apartamentos individuais; dessa forma integrando-se mais à cidade.

Observa que os haitianos acessam os serviços sociais do governo e isso possibilita segurança em constituir família e permanecer e entrar nas rotinas da cidade. Percebe que casais de haitianos estão tendo filhos nascidos em Lajeado e que vê isso com bons olhos, já que os haitianos são pacíficos:

[...]vê eles caminhando, você não vê nessas pessoas problemas com violência do crime ou drogas, então o que quero dizer é que os imigrantes haitianos são muito pacíficos, eu acho que eles têm uma questão com a religião e a maioria percebe que eles têm uma questão de comunidade muito forte, que vão à Igreja e não se envolvem em algazarra. (GESTOR PLANEJAMENTO URBANO, ENTREVISTA, 2019).

O entrevistado percebe os haitianos como integrados à Lajeado, e que estão concentrados em determinados lugares da cidade. O entrevistado ressalta que não vê esses imigrantes como uma “onda”, ou seja, não têm imigrantes à deriva ou sem destino, por exemplo, na estação rodoviária de Lajeado. Que esses imigrantes já vêm com um destino certo para Lajeado e região. Os imigrantes, em geral, já têm alojamento e possibilidade de atividade de renda, muito em função da ajuda da comunidade haitiana residente na cidade, que mantêm os recém-chegados até estarem estabilizados.

Quando a pergunta é sobre alteridade, hospitalidade e a forma como a população local percebe os haitianos, o entrevistado diz que acha que tem preconceito e acrescenta que o preconceito provavelmente vem da população local com mais idade. Percebe que preconceito, é principalmente na área do trabalho e oferta de vagas, porque parte da população local entende que os haitianos estariam tirando o emprego dos lajeadenses.

Porém ressalta que a população local não está dando conta da demanda de trabalho existente na cidade, e que os estrangeiros são necessários. Em função desse tipo de problema, o entrevistado acredita que os haitianos talvez não se sintam totalmente acolhidos e que, ao mesmo tempo, os haitianos também são um grupo bem fechado na sua própria comunidade.

Quando à resposta sobre territorialização, o entrevistado percebe que os haitianos têm um espaço delimitado, que a concentração maior é no Centro Antigo. Geralmente, ficam residindo nesse bairro os haitianos recém-chegados ou que ainda não têm condições para morar em outros bairros. Na medida em que vão se estabilizando, a tendência é mudar-se para bairros vizinhos. As habitações improvisadas no Centro Antigo acabam por causar problemas em outros bairros da cidade. Há relatos, por exemplo, da chegada de cerca de 15 haitianos não moradores do bairro em residências ocupadas por haitianos para banho e que isso gera um problema no condomínio. Os principais problemas seriam o consumo de água e a movimentação excessiva de não moradores no condomínio; o que deixa os demais moradores apreensivos pela diminuição dos controles de segurança no condomínio.

O entrevistado também percebe a concentração de haitianos em alguns estabelecimentos comerciais, tais como: casas de câmbio, bancos e nos correios. Pressupõe que estão enviando remessas de dinheiro e objetos para familiares no Haiti. Acredita assim, que o salário que ganham não fica somente em Lajeado. Acredita que os haitianos têm uma ligação muito forte com a terra natal e que a comunicação remota com os familiares é frequente (contatos telefônicos, etc).

Sobre a integração socioespacial, o entrevistado comenta que os haitianos ocupam os mesmos espaços que os lajeadenses, por exemplo, o Parque dos Dick aos finais de semana. Complementa afirmando que embora imigrantes e moradores locais ocupem os o mesmo parque, estão separados em grupos diferentes.

Sobre as políticas públicas específicas para integração de imigrantes haitianos, o que se aplica é a legislação federal. Relata que há alguns meses atrás, uma organização contactou a gestão municipal para averiguar a possibilidade de acolhimento de 300 venezuelanos, que são refugiados e por essa razão receberiam auxílio custeado pela ONU durante alguns meses, como um aluguel social, por exemplo. Contudo, apesar da oferta do auxílio da ONU, a gestão municipal teve que recusar esse pedido por não ter como absorver tal

demanda, considerando que Lajeado já tinha muitos imigrantes com os quais precisava lidar diariamente.

O entrevistado destaca a atuação do haitiano e líder comunitário que faz parte da gestão municipal como, um grande elo de integração dos haitianos com a cidade. Principalmente em demandas de comunicação:

O fulano é essa peça do governo que está para auxiliar, com essa figura consegue-se ter uma posição proativa para resolver questões referentes aos imigrantes; seja para acompanhar uma assistente social, consulta médica; o município dessa forma tem uma postura ativa. (GESTOR PLANEJAMENTO URBANO, ENTREVISTA, 2019).

Sobre os filhos dos imigrantes nascidos em solo brasileiro, o entrevistado diz que esses descendentes de haitianos que nascem aqui são brasileiros. Contudo, no Brasil alguns gestores tentam excluir os imigrantes do contexto da cidade, do atendimento pelos serviços públicos municipais. Futuramente, os filhos dos imigrantes que presenciaram os pais sofrerem preconceito e privações, poderão contestar o governo.

Esses filhos vêem os pais sofrerem preconceito e exclusão a vida toda e, agora, esses filhos vão contra o governo... criando ondas de violência e atentados. Por isso eu acho que quanto mais integrados esses filhos de haitianos estiverem sendo na rede de ensino; para que, quando essa criança tiver seus 18 anos, não sofra as mesmas dificuldades que os pais passaram, seja na língua, oportunidades no mercado de trabalho, etc. Não é abafar a cultura deles... Então se a decisão desse imigrante é instaurar família aqui na cidade, que ele siga também as regras da nossa cidade e o perfil que a cidade vai exigir. (GESTOR PLANEJAMENTO URBANO, ENTREVISTA, 2019).

O entrevistado percebe que a população haitiana como um grupo coeso que opera em solidariedade tanto no Brasil como no Haiti, e por essa razão, consegue se organizar e se estabilizar. Mas ressalta que a gestão municipal precisa monitorar a comunidade imigrante, estar perto, verificando a frequência de haitianos nas escolas e proporcionando visitas de assistentes sociais e de agentes da saúde da família nas comunidades. Nesse sentido, a prevenção de doenças na população imigrante é muito importante, inclusive para não colapsar o serviço público de saúde existente.

Precisamos monitorar os imigrantes para impedir a marginalização do grupo, isso sim seria grande ônus para a gestão; o Centro Antigo, onde há a maior concentração de haitianos e aluguéis baratos ainda é melhor que na periferia. Estamos retirando população brasileira de áreas de risco e de áreas invadidas, precisamos evitar que os imigrantes ocupem essas áreas. (GESTOR PLANEJAMENTO URBANO, ENTREVISTA, 2019).

Em termos de áreas carentes e vilas em Lajeado, os bairros Santo Antônio e Conservas sempre foram bairros mais carentes, necessitando de apoio do governo. Há ocupações

irregulares nesses bairros, em áreas públicas e particulares. Sobre a ocupação e adaptações de edificações do centro, segue o relato do entrevistado da gestão:

[...] as pensões no Centro foram surgindo de maneira informal, ocorre em casas que eram um problema para os proprietários, ninguém queria morar naquela região e de repente surge a oportunidade da demanda dos haitianos por ocupação. Isso é um problema para a gestão porque se exigirmos fiscalização, PPCI, e todas as adequações necessárias das edificações, os proprietários vão fechar as pensões. Dessa forma os imigrantes podem ser empurrados para a marginalização, para a vila, a favela. Lá sim seria difícil acessar essa população migrante porque muitas casas não estão no cadastro imobiliário. As pensões é um serviço oferecido por brasileiros para imigrantes e, se não fosse essas pensões do Centro, os imigrantes talvez buscassem às vilas, sujeitos à maiores vulnerabilidades. Em termos de urbano, os imigrantes haitianos criaram uma efervescência no Centro Antigo, com o aparecimento de novos serviços para os imigrantes, comércio como loja de celulares e supermercado popular... naquela esquina, vai inaugurar uma farmácia em breve. (GESTOR URBANO, ENTREVISTA, 2019).

Sobre o projeto do Centro Tecnológico, o entrevistado explica que prevê uma Rota da inovação que interliga a UNIVATES até o Centro Antigo, cujo objetivo é povoar a região próxima das pensões com startups, dar uma nova cara para a região. No relato desse gestor:

Uma coisa que os haitianos acabaram fazendo, foi aproveitar o estoque construído; as moradias estão como estão, com adaptações. O objetivo do projeto é trazer grandes investidores, investir no estoque construído para revitalização e implantação de bistrôs, por exemplo ou de sedes de empresas. Possivelmente crie um entrave com a área dos imigrantes (pensões Rua Silva Jardim). Talvez os imigrantes possam ser até uma barreira, mas na medida que os espaços serão ocupados pelo projeto, mas serão afetados. Talvez pudesse se criar uma política de habitação que não desse a moradia, mas favorecesse a aquisição. Um loteamento público poderia ser uma solução, mas próximo ao Centro não tem área para isso; fatalmente teria que ser em locais mais distantes da cidade e, levando essas pessoas para periferia e sem transporte público fica complicado, porque leva à exclusão. (GESTOR PLANEJAMENTO URBANO, ENTREVISTA, 2019).

Quando se refere às palavras gestão/urbana e haitianos/imigrantes, o entrevistado explica que se trata de uma demanda muito nova. Assim, a gestão ainda está aprendendo, acertando e às vezes errando. Nesse sentido, o entrevistado explicita a preocupação de evitar conflitos entre a população local e os imigrantes haitianos:

É preciso saber qual é a capacidade da gestão para lidar com essas demandas, por exemplo: se chegarem em Lajeado 500 haitianos de uma só vez, não vai ter emprego para todos; e se o município é obrigado a se responsabilizar por esse contingente populacional, precisamos tomar cuidado para não criar um racismo: tu não és brasileiro, tu não és minha preocupação; mas ao mesmo tempo tu não és brasileiro e é 100% minha preocupação. E a população local como fica? Precisamos tratar com certa igualdade os problemas que ambas as famílias apresentam. A gestão precisa adequar isso para não gerar conflito entre os dois grupos. Fazer tudo pelo migrante e nada para brasileiro, ou vice versa. (GESTOR PLANEJAMENTO URBANO, ENTREVISTA, 2019).

O gestor destaca que não tem constatado os haitianos em situação de habitações irregulares, ou mesmo em casos de invasões ou ocupações públicas. Contudo, há receio de que a população imigrante, futuramente, comece a fazer esse tipo de prática, gerando novas favelas. Nesse sentido, os imigrantes poderiam aumentar problemas que já existem com os brasileiros, relacionados à construção de habitações irregulares em áreas dominadas por milícias, o que se tornaria um grande problema para a gestão urbana municipal. Em outras palavras, a gestão urbana municipal tem como objetivo tirar os brasileiros dessas situações de habitações irregulares e, ao mesmo tempo, evitar que os imigrantes passem a ocupar esses espaços.

5.2.3. O que dizem os gestores da Saúde

A seguir a compilação em forma de resumo das quatro entrevistas realizadas com os gestores da área da saúde. Entre as entrevistas, está a da Secretária da Saúde do município. Neste resumo, cada entrevistado será identificado como gestor da saúde 1; 2; 3; e 4. As entrevistas ocorreram nas USF (Unidades da saúde da família) dos bairros Centro e Moinhos.

Sobre a gestão municipal na área da saúde, observou-se que não há política específica para os imigrantes, por haver o entendimento de que os imigrantes ao entrar no Brasil, e tendo acesso à documentação válida, tem os mesmos direitos que qualquer brasileiro. Contudo, existem problemas a serem superados: a diferença cultural como uma barreira.

A partir das respostas dos entrevistados, foi possível compreender que os haitianos não têm o hábito da saúde preventiva. Assim, quando os entrevistados se referem aos atendimentos com os pacientes haitianos, esses basicamente se restringem aos de pré-natal e aos pediátricos. Além disso, com frequência, os imigrantes não comparecem às consultas ou tem dificuldades de compreensão das prescrições médicas e agendamentos em função de problemas de comunicação pela barreira causada pelo idioma.

A maioria dos entrevistados relata o fato de que as haitianas apresentam maior dificuldade com o idioma português, havendo a necessidade de um interlocutor masculino nas consultas com mulheres haitianas. Como algumas vezes o interlocutor não é o cônjuge, isso causa um estranhamento e desconforto entre médicos e enfermeiros, principalmente nos atendimentos ginecológicos.

No início do fluxo (de imigrantes) – 2013-20-14, e da procura por atendimento, as haitianas não olhavam pra gente, principalmente se fosse médico ou enfermeiro homem, somente olhavam para baixo. Vinham acompanhadas por um haitiano que nem sempre era o marido, e este entrava na consulta para tradução etc. Elas não sabiam se locomover na cidade. O que observo de um tempo para cá é que as mulheres mais jovens estão vindo sozinhas e já olham para a gente; parece que há um empoderamento. (GESTORA DA SAÚDE 1, ENTREVISTA, 2019).

Houve iniciativas locais na Unidade de Saúde da Família (USF) do Centro, para a criação de um mini-dicionário francês/crioulo, traduzido para o português, com as expressões mais usadas nos atendimentos com pacientes haitianos. Também nessa unidade houve a iniciativa de adaptar e traduzir para o francês crioulo o folheto explicativo da campanha nacional de prevenção de colo de útero, como forma de atingir a meta de cobertura da campanha entre as mulheres haitianas do bairro.

Foi relatado nas entrevistas a importância dos Agentes de Saúde da Família (ASF), nos bairros. Cada bairro é dividido em micro áreas de abrangência, onde os agentes de saúde têm as informações por número de domicílio, do número de moradores, de gestantes e se há alguma dificuldade maior entre os habitantes; em resumo são profissionais que atuam diretamente no cotidiano dos imigrantes pois têm permissão de acesso às suas casas pelos próprios haitianos.

Sobre a USF do bairro Moinhos, foi relatado que há a intenção de se enviar uma solicitação para o governo federal para a ampliação da unidade, pois a demanda de pacientes cresceu muito em relação à estrutura do serviço por parte dos haitianos, em especial em função das gestantes. Outro problema parece ser a falta de dados mais precisos sobre as demandas de saúde desse bairro. Por essa razão, os agentes de saúde estão mapeando as casas e o número de moradores do bairro. Há uma área entre os bairros Centro e Moinhos que não é atendida por nenhuma USF. A solução seria subdividi-la entre as duas unidades ou incorpora-la em uma delas. Existem diversos imigrantes haitianos que ocupam essa área não atendida pelos ASF.

Os entrevistados também relatam que o próprio sistema integrado de saúde e assistência social, por exemplo, não permite saber a etnia do beneficiado: “o que sabemos no sistema é o número de estrangeiros do bairro; especificamente a origem/etnia de cada estrangeiro o sistema não atende” (GESTORA DA SAÚDE 2, ENTREVISTA, 2019).

Através das entrevistas foi possível verificar que há vários grupos de haitianos em Lajeado. Isso é relatado principalmente pelos ASF, que estão diariamente em contato direto com os haitianos:

Nem todos vieram de Porto Príncipe, muitos vieram de outras regiões do Haiti que não foram afetadas pelo terremoto, se conheceram em Lajeado ou nem se conhecem, tem grupos dentro do grupo maior de haitianos. (GESTORA DA SAÚDE, ENTREVISTA 3, 2019).

Sobre a identidade cultural dos haitianos, 100% dos entrevistados da saúde relatam que “é diferente” da dos brasileiros. O relato de uma entrevistada exemplifica a percepção sobre a diferença cultural entre imigrantes e gestores da saúde: “eles poderiam ceder um pouco no sentido de tentar adaptar-se a nossa cultura, nós também podemos ceder um pouco à cultura deles.”

O papel do haitiano que atua no CRAS é destacado como uma iniciativa local que visa, principalmente, à regularização dos haitianos junto à Polícia Federal possibilitando o acesso à documentação. Muitos dos entrevistados relataram que agentes de municípios da região teriam mencionado que interlocutores desse tipo seriam necessários em todo o Vale do Taquari. Isso porque, tais interlocutores poderiam ajudar tanto na identificação das demandas dos imigrantes, quanto no atendimento dessas demandas.

A maioria dos entrevistados aponta a territorialização, principalmente no Centro Antigo e Moinhos, referindo-se a esses bairros com a formação de pequenos aglomerados de habitações ou núcleos de imigrantes. No Centro Antigo, a Rua Silva Jardim foi citada como a aglomeração de pensões e alguns entrevistados referenciavam essa tipologia como “cortiçinhos”. A maioria dos entrevistados atribui esse motivo pela proximidade ao trabalho, das indústrias frigoríficas Minuano e BRF. Os entrevistados também relatam o surgimento de Igrejas haitianas nesses bairros.

Sobre as vagas para atendimento, o USF Centro/Praia tem uma população de 3 mil habitantes registrados e desses, 246 estrangeiros (homens, mulheres e crianças). Todos têm acesso a dentista, pediatra e demais médicos.

Estima-se que a população de mulheres haitianas no bairro Centro que é de 54. Essas mulheres tem idade entre 25 e 64 anos, que é a faixa etária que engloba a campanha nacional de prevenção do câncer de colo de útero. No ano de 2019, de janeiro a outubro foram atendidas 10 haitianas que fizeram o teste da campanha. Muitas vezes a USF faz “busca ativa” no bairro através das agentes da saúde da família, para identificar as

mulheres haitianas que se enquadrem no perfil da campanha. Foi para essa campanha que foi feito um folder traduzido para o crioulo, explicando a importância da prevenção da saúde.

As gestoras destacam casos de saúde envolvendo uma mãe haitiana e seu filho nascido em Lajeado e que tem necessidade de recorrentes internações e acompanhamentos médicos. Inclusive com o conhecimento de médicos do Hospital da Criança de Porto Alegre:

Essa mãe haitiana fez o pré-natal e parto em Lajeado. Tudo pelo SUS – Sistema Único de Saúde. A paciente apresentou problemas de saúde durante a gestação e a criança nasceu com problemas congênitos graves e desde tem uma rotina de internações em Lajeado e consultas com especialistas médicos em Porto Alegre. O principal desafio, dentre todos, foi a diferença do idioma; antes o pai da criança era interlocutor e tradutor para a mãe, com o passar do tempo essa mãe se obrigou a aprender o português. O caso de saúde dessa criança é conhecido por toda a área da saúde pública de Lajeado, pela sua complexidade e pela luta da mãe ao lado do filho. (GESTORA DA SAÚDE 3, ENTREVISTA, 2019).

Dentre os problemas enfrentados, os agentes da saúde mencionaram reclamações por parte dos brasileiros, alegando que os haitianos tem mais direitos e estão tirando as vagas dos atendimentos e exames médicos. Não foi relatado nenhum caso específico relevante de preconceito ou racismo em relação aos haitianos.

Uma das entrevistadas relata que os haitianos chegam na unidade de saúde e logo querem ser atendidos, o que por vezes, gera reclamações tanto de haitianos como pela população local. Nesses casos é explicado que há uma triagem e tempo de espera, independente de nacionalidade.

5.2.4. O que dizem os gestores da Educação

A seguir é apresentada a compilação em forma de resumo das seis entrevistas realizadas com os gestores da área da educação. Entre as entrevistas, está a da Secretária da Educação do município. Neste resumo, cada entrevistado será identificado como gestor da educação 1; 2;...6. As entrevistas ocorreram em escolas de ensino infantil e fundamental dos bairros Centro, Moinhos e Sto. André. A maioria dos entrevistados afirma que os haitianos têm muito a agregar e ensinar para Lajeado em termos de respeito ao outro, união e solidariedade, o que não é tão comum na população local. A maioria dos entrevistados não vê empecilho nos haitianos estarem na cidade e percebem que os imigrantes são felizes em Lajeado, mesmo com as dificuldades encontradas pela cultura

diferente. Uma das entrevistadas relata a sua percepção sobre os haitianos: “gosto de caminhar próximo a eles no Centro para ouvi-los falarem francês. Mudou a paisagem da cidade” (GESTORA DA EDUCAÇÃO1, ENTREVISTA, 2019).

Uma entrevistada relembra que no ano de 2015, quando os haitianos, liderados pelo haitiano que atua na CRAS, criaram um evento no Parque dos Dick para apresentarem sua cultura (culinária, música); com anúncios e apoio da Prefeitura e da Brigada Militar, que “pouca gente da população local compareceu” (GESTORA DA EDUCAÇÃO 1, ENTREVISTA, 2019).

No geral, as entrevistadas relataram a falta apoio das normativas sobre imigrantes acessando o sistema de educação. Nesse sentido, o poder público nas diversas escalas (municipal, estadual e federal), deveria ter iniciativa de promover projetos de qualificação dos professores. “É preciso saber o conhecimento legalizado desses imigrantes contemporâneos. O que realmente aconteceu, por que estão aqui?” (GESTORA DA EDUCAÇÃO 3, ENTREVISTA, 2019).

Na prática as professoras precisam resolver as dificuldades surgidas, no dia a dia pela presença de imigrantes em sala de aula. Para retratar a diversidade de culturas que ocorre em sala de aula, uma entrevistada falou do caso da Escola Nova Viena, no Bairro Olarias em Lajeado, escola na qual em uma mesma turma existem seis alunos de nacionalidades diferentes. As entrevistadas também mencionaram que há alunos haitianos que já concluíram o ensino fundamental e ingressaram no ensino médio em Lajeado.

Segundo as entrevistadas os haitianos valorizam a educação e os alunos haitianos recebem as mesmas metodologias, as mesmas oportunidades que os brasileiros. Através do CRAS, os imigrantes haitianos têm acesso às vagas nas escolas municipais de ensino infantil e fundamental. Nas escolas de ensino infantil do município, é necessário um atestado da empresa empregadora como também um atestado de residência, emitido pelo proprietário do imóvel, no caso de habitação alugada.

De um modo geral, a dificuldade parece ser o idioma e, a partir disso, o entendimento e a integração com os professores e alunos brasileiros e o acompanhamento do currículo de aula:

[...] adaptar o conteúdo das aulas de forma a interagir e atender a todos os alunos estrangeiros. Com o passar do tempo os alunos haitianos que já falavam o português ajudavam os recém-chegados com o idioma e os próprios alunos

brasileiros também se encarregavam por essa acolhida, mostrando a localização dos banheiros, biblioteca e rotinas da escola. (GESTORA DA EDUCAÇÃO 6, ENTREVISTA, 2019).

Uma das entrevistas com gestores de uma escola Fernandes Vieira localizada no Centro Antigo relatou, que, muitos pais de alunos começam a trabalhar na Minuano e BRF antes das 5:00 da manhã; então esses filhos que são alunos da escola são levados pelos pais até a SLAN (Sociedade Lajeadense de apoio à Criança e Adolescente), entidade filantrópica, que tem mantenedores como (Minuano e BRF) além de empresas parceiras que ajudam a manter o trabalho. A SLAN está localizada na frente da escola, ali as crianças tomam café da manhã e permanecem até a escola abrir por volta das 7:00 da manhã. Observa-se uma parceria local entre empresas empregadoras e entidades para possibilitar o trabalho dos pais e o estudo dos filhos.

A oportunidade da criação de um projeto que envolvesse a escola Fernandes Vieira para essa demanda veio através do Programa Pense, idealizado e desenvolvido pela área de Responsabilidade Social do jornal A Hora. O Projeto Acolher, Vencedor do segundo lugar de um concurso, consiste na formação de professores para o ensino da Língua Portuguesa como língua adicional e na produção de material didático para enriquecer as ações educativas da Escola Estadual de Ensino Fundamental Fernandes Vieira de Lajeado, diante das novas demandas de ensino com os alunos imigrantes. É pioneiro no município e foi uma iniciativa da coordenação da escola. Dados da escola informam um total de cerca de 340 alunos (brasileiros e estrangeiros) divididos nos turnos da manhã e tarde.

As Figuras 31 e 32 apresentam dados sobre o número de alunos estrangeiros na Escola Fernandes Vieira, apontando o progressivo aumento do número de alunos estrangeiros e a predominância de alunos haitianos:

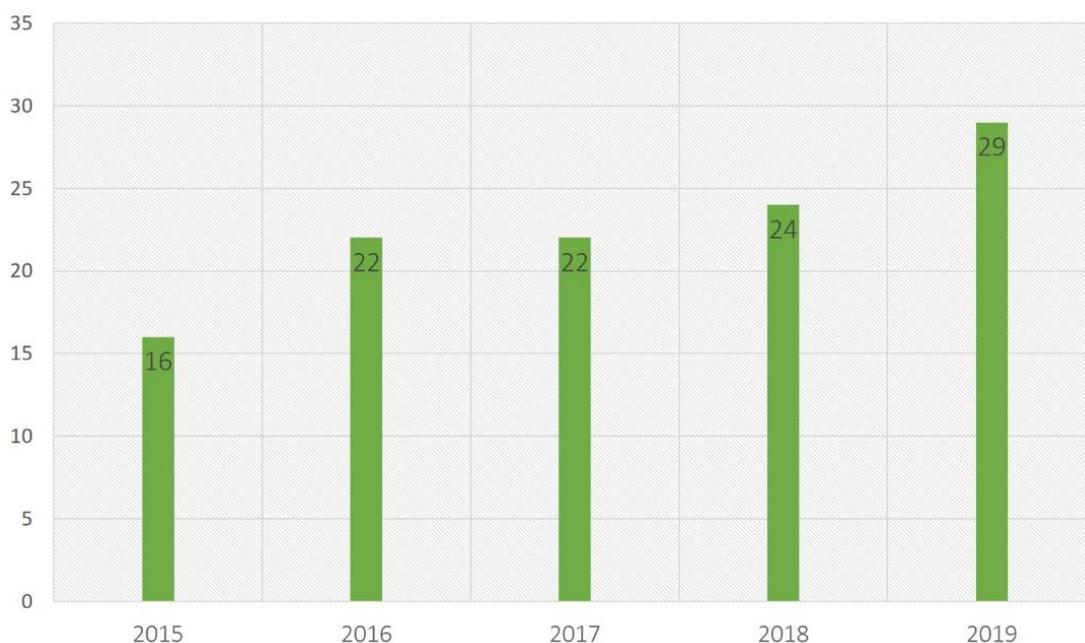


Figura 31: Total geral de alunos estrangeiros na Escola Fernandes Vieira considerando o período dos últimos cinco anos.

Fonte: Escola Fernandes Vieira, 2019.

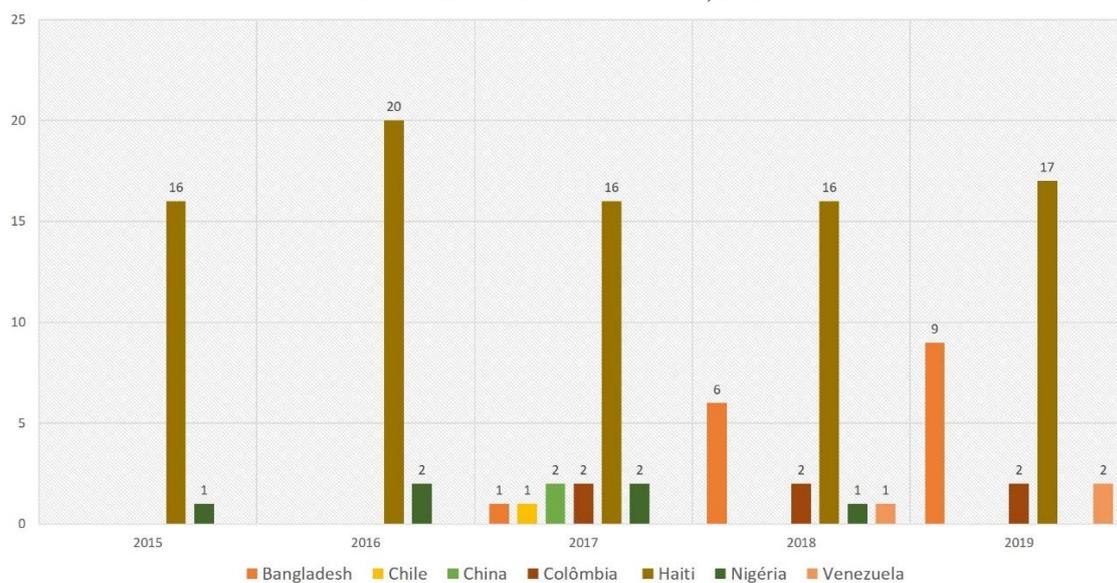


Figura 32: Total de alunos estrangeiros na Escola Fernandes Vieira considerando o ano e nacionalidades.

Fonte: Escola Fernandes Vieira, 2019.

O trecho da entrevista da representante da gestão da escola assinala sobre os resultados esperados com o Projeto Acolher:

A partir da elaboração da apostila, a escola terá uma ferramenta pedagógica para auxiliar no processo de ensino e inclusão dos alunos imigrantes em seu cotidiano escolar. Também, com a possibilidade de mais oportunidades de conhecimento e formação de professores através da cultura e língua de diferentes países e/ou do ensino de língua portuguesa como língua adicional, a escola estará mais preparada para potencializar o desenvolvimento de novas estratégias de ensino voltadas a inclusão cultural, enriquecendo sua formação pedagógica por meio de uma educação que integre a construção do saber com

o exercício da cidadania. Além disso, os alunos imigrantes irão sentir-se mais acolhidos e autônomos, viabilizando significativamente sua inserção na realidade escolar e social. (GESTORA DA EDUCAÇÃO 6, ENTREVISTA, 2019).

A gestão municipal na área da educação aponta que as escolas tiveram que adaptar suas rotinas para receberem alunos haitianos. Como as crianças haitianas passavam frio no inverno, ocorreram iniciativas de campanhas internas à escola de coleta de agasalho e alimento.

A ocorrência de doenças respiratórias em crianças é agravada pela dificuldade dos pais em relação à comunicação para os tratamentos de saúde, particularmente quanto ao uso de antibióticos. Há relatos de casos nos quais as professoras tiveram que levar os alunos haitianos para a Unidade de Saúde (USF) ou para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA), ou porque os pais estavam em horário de trabalho, ou porque os pais não compreendiam o que estava acontecendo com o filho.

Iniciativas locais como a tradução para o francês/crioulo dos bilhetes que eram encaminhados nas agendas dos alunos, (sendo a agenda a forma de comunicação entre escola e pais), foi de grande importância para minimizar os problemas com as demandas cotidianas, lembretes e tarefas. A escola procurou um dos pais haitianos (que falava melhor português) para auxiliar na redação dos bilhetes e recados da escola, bem como agendamentos de reuniões na língua francesa/crioula. A partir daí houve gradualmente uma maior aproximação. Também foi necessário chamar os pais dos alunos haitianos para esclarecimentos quanto ao funcionamento da escola, uso de medicamentos, tarefas e itens a serem enviados nas mochilas diariamente.

Outras dificuldades da área do ensino, também relacionadas aos problemas de comunicação ocorriam: nas entrevistas das professoras com os pais sobre o histórico dos alunos haitianos e sobre a idade que a criança iniciou a fala ou caminhou; e nas matrículas na escola.

Em relação aos hábitos alimentares, nas refeições que ocorrem na escola há o momento em que os alunos haitianos tem que experimentar outros alimentos, frutas e verduras, além de aprenderem a mastigação. Contudo, as entrevistadas relataram que apesar de estarem em idade de dentição, alguns haitianos não apresentavam a dentição adequada e por isso não sabiam mastigar alimentos sólidos. Esse problema foi de grande preocupação para uma das diretoras de uma escola infantil. Além disso, outras diretoras também

relataram não saber como é a vida dessas crianças haitianas fora do convívio escola; no âmbito familiar.

Os entrevistados informaram que têm conhecimento de que os haitianos vivem em grupos e que eles têm hábitos culturais diferentes e, que foi preciso, em determinados casos, a união entre a escola, a assistência social, o conselho tutelar, a justiça e a Unidade de Saúde da Família – USF (dentistas, enfermeiros e médicos da rede pública) para entender essa nova realidade que se apresentava na escola.

Os entrevistados percebem que, pela necessidade do envio de remessas de dinheiro para familiares no Haiti, os haitianos que estão em Lajeado ficam com o orçamento comprometido e que há casos de pobreza. Que há famílias de haitianos, que passam por muitas dificuldades econômicas, então as campanhas de agasalhos e alimentos foram uma forma local de auxílio promovida pelas escolas.

No geral as escolas atribuem o ensino fundamental no Haiti como bom. E geralmente o aluno é inserido na série conforme sua idade. Algumas escolas aplicam um exame de equivalência.

5.3. O QUE DIZ A POPULAÇÃO LOCAL?

A seguir, a compilação das 10 entrevistas com a população local. Essas entrevistas foram realizadas no bairro Centro Antigo e Moinhos. A Tabela 05 apresenta as entrevistas com a população local relacionadas com os constructos:

LOCAL	BAIRRO	ENTREV.	GÊNERO	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Pensão alugada	Centro Antigo	Proprietária pensão 1	F	Idioma/Cultura	Sim. Religião e Trabalho.	Centro/Moinhos/Grupos	Haitianos acessam PP
Pensão alugada	Centro Antigo	Proprietária pensão 2	F	Idioma/Cultura	Sim. Religião e Trabalho.	Centro/Moinhos/Grupos	Haitianos acessam PP
Rua	Centro Antigo	Proprietário pensão 3	M	Idioma/Cultura	Sim. Religião e Trabalho.	Centro/Moinhos/Grupos	Haitianos acessam PP
Pensão alugada	Moinhos	Proprietária pensão 4	F	Idioma/Cultura	Sim. Religião e Trabalho.	Centro/Moinhos/Grupos	Haitianos acessam PP
Pensão alugada	Centro Antigo	Morador bairro 1	M	Idioma/Cultura	Sim. Religião e Trabalho.	Centro/Moinhos/Grupos	Haitianos acessam PP
Prop. Loja de Roupas	Centro Antigo	Morador bairro 2	F	Idioma/Cultura	Sim. Religião e Trabalho.	Centro/Moinhos/Grupos	Haitianos acessam PP
Rua	Centro Antigo	Morador bairro 3	M	Idioma/Cultura	Sim. Religião e Trabalho.	Centro/Moinhos/Grupos	Haitianos acessam PP
Rua	Centro Antigo	Morador bairro 4	F	Idioma/Cultura	Sim. Religião e Trabalho.	Centro/Moinhos/Grupos	Haitianos acessam PP
Rua	Moinhos	Morador bairro 5	M	Idioma/Cultura	Sim. Religião e Trabalho.	Centro/Moinhos/Grupos	Haitianos acessam PP
Rua	Moinhos	Morador bairro 6	F	Idioma/Cultura	Sim. Religião e Trabalho.	Centro/Moinhos/Grupos	Haitianos acessam PP

Tabela 05: Entrevistas efetuadas com a população local, relacionadas aos construtos adotados.

Fonte: Da autora.

A maioria dos representantes da população local entrevistados demonstrou que a diferença cultural e o idioma são as principais barreiras na interação com os imigrantes haitianos. Uma entrevistada, proprietária de loja na Rua Silva Jardim, Centro Antigo, percebe que os haitianos compreendem o idioma português, mas dizem que não entendem em casos que se sintam intimidados.

Relatos sobre os hábitos alimentares como a banana verde e o feijão haitiano são comuns nas entrevistas. Todos os entrevistados relatam que os haitianos são muito unidos em uma rede de ajuda e mantêm forte vínculo com a Igreja Evangélica. O envio de remessas de dinheiro para familiares no Haiti também é algo que é percebido pela população local. O bairro Centro Antigo concentra o maior número de haitianos formando um núcleo, seguido pelo bairro Moinhos, para onde esses núcleos se expandem, também é percebido por 100% dos entrevistados.

Os entrevistados percebem que os haitianos estão integrados na cidade, pelo menos no Centro Antigo. Dizem que os haitianos aprenderam a fazer churrasco que é geralmente de frango com banana verde. A população local percebe que os haitianos frequentam academias de ginástica, estão comprando carros e abrindo seus próprios negócios.

Os proprietários das pensões relatam que a oportunidade de receber imigrantes começou em 2012. Algumas pensões já existiam recebendo principalmente homens solteiros vindos do interior de Lajeado. A partir da vinda dos imigrantes haitianos as edificações sofreram adaptações nas instalações de gás, elétricas, hidrossanitárias, bem como na subdivisão dos cômodos em pequenos apartamentos JK.

Uma das pensões oferece apartamentos com uma pequena cozinha, banheiros compartilhados, lavanderia compartilhada e horta coletiva. A maior demanda é por tanques de lavar roupas e varais. Em uma das pensões do Centro Antigo ocupada predominantemente por haitianos, as proprietárias confirmam, que a limpeza é por conta dos imigrantes, embora em diversos casos as proprietárias tivessem que orientar e monitorar como essa limpeza deveria ser feita.

Nas entrevistas foi relatado que os imigrantes já chegam em Lajeado com o cômodo reservado através do contato o haitiano que trabalha no CRAS, o qual faz a intermediação para o alojamento e em paralelo vai organizando os papéis para os haitianos. Os entrevistados comentam que os imigrantes já chegam com CPF, mas precisam ir para Santa Cruz do Sul para obter o visto com a Polícia Federal. Os proprietários fazem contrato de locação direto com os imigrantes e emitem um atestado de residência a fim de que os imigrantes acessem a documentação e o CadÚnico para acesso aos serviços públicos.

Os proprietários das pensões sentem-se lesados em função de alugarem os cômodos para uma família de duas pessoas e depois chegarem mais imigrantes, aumentando o consumo de água e gás.

Os entrevistados relatam sobre os hábitos alimentares dos haitianos. Por exemplo, na horta coletiva de uma das pensões têm Melão tipo São Caetano (existe em toda América Latina). “Nós comemos a fruta do melão; para eles a fruta não interessa... eles se interessam pelas folhas as usam para fazer chá e passar na pele... eles dizem que é bom para febre e para a pele” (PROPRIETÁRIA 1 DE PENSÃO, ENTREVISTA, 2019).

Há relatos de uma inquilina haitiana que começou um negócio no JK, como se fosse uma lavanderia de roupas. “Não pudemos suportar esse gasto de água, era um entra e sai de gente... até que explicamos que ela não poderia oferecer esse serviço aqui” (PROPRIETÁRIA 2 DE PENSÃO, ENTREVISTA, 2019).

Outro caso é de um haitiano que abriu um salão de beleza no JK. “Era lá em cima no andar superior, notamos um sobe e desce de gente... um dia fomos atrás e alguns se esconderam. Explicamos que não podia oferecer o serviço aqui” (PROPRIETÁRIA 2 DE PENSÃO, ENTREVISTA, 2019).

Um dos entrevistados cedeu um terreno ao lado de sua casa no Bairro Centro Antigo, para os haitianos fazerem uma horta comunitária. Plantam feijão Haitiano (arbusto alto), feijão brasileiro (rasteiro) e milho principalmente. Em época de colheita de feijão haitiano, os imigrantes colocam a venda com cartaz em frente ao muro da horta “R\$ 9,90/kg de feijão”. Quando tem colheita de milho, os haitianos se juntam num grupo e assam o milho numa churrasqueira comunitária.

Alguns entrevistados relatam que os haitianos são trabalhadores, expansivos e falam alto. Gostam de música, fones de ouvido e principalmente de celulares; estão sempre no telefone se comunicando e enviando fotos para familiares no Haiti. Um dos entrevistados disse que “às vezes passam na frente da minha casa na madrugada, voltando do trabalho das indústrias frigoríficas e vou para janela verificar se não é briga, mas não” (MORADOR 3 CENTRO ANTIGO, ENTREVISTA, 2019).

A maioria dos entrevistados percebe os haitianos estão integrados na cidade, principalmente no Centro Antigo. Citam a Rua Silva Jardim (recorte de estudo desta dissertação) atribuindo essa concentração ao preço baixo dos aluguéis direto com os proprietários dos imóveis. Relatam que os haitianos consomem pouca água e, que quando lavam roupas, usam uma bacia e estendem as roupas sem prendedor de roupas; onde tiver lugar numa cerca, árvore ou muro usam como varal.

Um dos entrevistados diz que na sua rua próxima à silva Jardim o “cabeça” é o haitiano “fulano”, porque é na casa dele que se vende banana verde (principal item na alimentação dos haitianos, substituindo a carne). Conta que, quando chega a banana, logo chegam muitos haitianos de todos os lados do bairro, que de forma muito rápida é feita a comunicação para toda a comunidade. Às vezes chega um taxi cheio de bananas verdes e

é uma correria. Outros haitianos, já com carros estão comercializando essa banana. A TRANSMENGUE (sacolão de hortifrutigranjeiros) de Lajeado é que traz essa banana de fora e é onde os haitianos compram para revenda. Trata-se de uma banana “normal” como conhecemos, porém, não está madura.

Ao perguntar sobre pontos positivos e negativos com a vinda dos haitianos, alguns entrevistados relataram certa preocupação nas gerações futuras porque tem muitos haitianos relacionando-se com mulheres de origem alemã em Lajeado.

Ao perguntar sobre questões de preconceito e racismo os entrevistados dizem que não percebem; pelo menos no bairro Centro – Antigo. Conforme relato de um entrevistado:

A nossa vizinhança é muito light aqui sabe, porque aqui não predomina alemão, porque por natureza o alemão tem preconceito com o preto. E aqui nesse bairro tem preto, nego, vagabundo, ladrão... se der um assalto ou tiroteio... se tu não te metes, fica tudo numa boa. (MORADOR CENTRO ANTIGO 3, ENTREVISTA, 2019).

As entrevistas mostram que o bairro Centro Antigo já foi território de facções de traficantes de drogas da região metropolitana e que através da atuação da força policial a área ficou mais segura: “melhorou muito... morreu muita gente também. Aqui no muro da horta, até quero pintar para tirar isso aí” (MORADOR CENTRO ANTIGO 3, ENTREVISTA, 2019), referindo-se ao picho demarcando o território de uma das facções (Figura 33). Atualmente, o tráfico de drogas, diminuiu muito naquela área. Antes da ação da polícia, a praça próxima das pensões, onde os haitianos se reuniam, era domínio de uma facção do tráfico metropolitano.



*Figura 33: Rua próxima à Silva Jardim no Centro Antigo. Muro da horta comunitária dos haitianos com antigo pixo indicando território de uma das facções do tráfico de drogas. Praça na Rua Silva Jardim, onde os imigrantes haitianos se reúnem.
Fonte: Acervo próprio (2019).*

Uma das entrevistadas relatou que o movimento de haitianos aumentou na sua loja e que eles são de respeito, que atualmente estão chegando familiares que inicialmente haviam ficado no Haiti. Que os haitianos são trabalhadores e buscam a conquista de um espaço. A maioria relata a união como grupo dos haitianos; se tem algum haitiano passando dificuldade sem trabalho, o grupo acolhe e levam para as casas deles até aquele estar estabilizado.

A percepção de uma entrevistada que tem loja na Rua Silva Jardim, no Centro (Figura 34) comenta algumas diferenças culturais que percebe nos imigrantes, tais como: os haitianos sempre querem colocar preço nas roupas que vende; se está caminhando na calçada e um haitiano vem de bicicleta, ele não desvia; os haitianos gostam de ouvir suas músicas com som alto.



Figura 34: Imigrantes haitianos na calçada entre bicicletas em uma cena cotidiana em frente ao comércio da loja do imigrante senegalês e da loja de uma brasileira. Usar a calçada para encontros em grupos é uma característica dos haitianos em Lajeado.

Fonte: Acervo próprio (2019).

A entrevistada também relatou que muitas vezes os haitianos parecem não compreender que as leis brasileiras são diferentes, por exemplo: a carteira de motorista do Haiti não vale no Brasil, ou o caso de um haitiano advogado que tentou atuar para outros haitianos no Brasil e não conseguiu. A entrevistada percebe que os haitianos estão lutando para terem um espaço deles no Brasil, em Lajeado, e isso ela entende como integração socioespacial. Relata ainda que no Brasil, devido às conquistas das minorias negras, os haitianos acabaram se beneficiando também com isso.

Outra entrevistada, diz já se sentiu estranha, quando foi morar por um ano em Araranguá-SC e diz que entende um pouco como os haitianos se sentem. Percebe que os haitianos têm os seus direitos, mas que em diversos casos percebe que eles têm mais direitos que os brasileiros. Está satisfeita com o atendimento que ela recebe no SUS (Sistema Único de Saúde), mas percebe que os imigrantes têm mais direitos e eles se sentem no direito de exigir preferência, e querem ser os primeiros atendidos nas unidades de saúde. Diz gostar das crianças haitianas, que frequentam a casa dela.

Um entrevistado que gerencia os alugueis de quatro imóveis há 9 anos. Conta que, primeiro as pensões eram alugadas para brasileiros e faz 7 anos que aluga para imigrantes haitianos, sendo cerca de 80% da ocupação são haitianos e 20% brasileiros. Conta que os haitianos vieram para trabalhar em Lajeado e tem casos de haitianos que moram ali há 5 anos; também há indianos que moram ali há mais de 6 anos e a loja alugada para um senegalês.

Para alugar um cômodo em algumas pensões, não se faz contrato com o inquilino, porém é exigido o pagamento de um mês de aluguel adiantado. No começo, no caso dos imigrantes haitianos, vinham mais homens sozinhos e que, nos últimos meses têm chegado crianças do Haiti cujos pais já estavam em Lajeado e, pela reunião familiar, estão vindo para o Brasil: “essa semana chegaram 10 crianças entre irmãos (as) e primos (as) que já estavam aqui” (PROPRIETÁRIO 3 DE PENSÃO, ENTREVISTA, 2019).

Esse entrevistado relata que os haitianos são um povo pacífico, mas tem alguns que não são muito chegados à limpeza do cômodo. Agora quando algum novo inquilino haitiano chega e reclama que o cômodo ficou muito sujo pelo antigo inquilino, ele pega um pano e ensina a limpar. Quando alugam, às vezes os haitianos fazem um mutirão para limpeza, mas também conta que, se quiserem viver no meio da sujeira, para o agenciador tudo bem. O entrevistado percebe como dentre os motivos pelo quais os haitianos trocam de bairro, é que as pensões do Centro Antigo não têm garagem, e estão sujeitas às enchentes.

Em entrevista com uma das proprietárias de uma pensão no bairro Moinhos, ela percebe que primeiro vieram os homens, depois mulheres e agora está chegando uma leva de crianças e adolescentes que tinham ficado no Haiti. Conta da alta rotatividade de moradores haitianos. A entrevistada faz um contrato de locação e pagam em dia. Relata que são pacíficos, mas são teimosos e falam alto. Ouvem música haitiana. As mulheres haitianas são mais caladas. Aos domingos pela manhã, a Avenida Carlos Spohr Filho

“preteia de tantos haitianos! São famílias inteiras caminhando na rua, indo para o culto evangélico” (PROPRIETÁRIA 4 DE PENSÃO MOINHOS, ENTREVISTA, 2019).

No bairro Moinhos, outro núcleo mais recente de habitação de imigrantes haitianos fica na antiga COHAB, conforme relato de um morador:

Aqui nessa área devem ter umas 40 famílias de haitianos, é gente pacífica: trabalho e religião. A senhora logo vai perceber quando passar na frente de uma casa ou sobrado deles, porque eles cadeiras e objetos na frente da casa, junto à rua, mesmo que a casa tenha grades de proteção. (MORADOR 5, MOINHOS, ENTREVISTA, 2019).

Dessa forma, pode-se afirmar que os haitianos estão se deslocando em busca de moradia para outros bairros, localizados próximos ao Centro Antigo.

5.4. O QUE DIZEM OS IMIGRANTES HAITIANOS?

Segue a compilação das entrevistas com os imigrantes haitianos. Foram entrevistados 17 haitianos, no bairro Centro Antigo. A seguir o resumo das entrevistas consideradas como mais representativas. A Tabela 06 apresenta as entrevistas com os imigrantes haitianos relacionadas com os constructos:

- ✓ A dificuldade de comunicação pela diferença de idioma foi mencionada por 100% dos entrevistados como a principal barreira para integração.
- ✓ As rotinas de trabalho e religião, através dos locais de trabalho e da localização das Igrejas Evangélicas é resposta para a maioria dos entrevistados, quando a pergunta é sobre integração. O Parque dos Dick e locais como a UNIVATES e Shopping de Lajeado é reposta para os adolescentes.
- ✓ A integração socioespacial e territorialização é mencionada pela maioria dos entrevistados pelo motivo da proximidade aos locais de trabalho e religião. Outro motivo é o aluguel barato do sistema de pensões do Centro Antigo e proximidade de serviços sociais.
- ✓ O nome do haitiano do CRAS é citado por 100% dos haitianos. Os donos das pensões são citados como auxiliares no acolhimento e fornecimento de atestado de residência.
- ✓ O acesso aos serviços públicos é acessado por 100% dos entrevistados.
- ✓ No geral, os haitianos relatam que o trabalho nas indústrias frigoríficas é pesado. O trabalhador permanece longas horas em áreas de baixa temperatura, exercendo trabalhos com movimentos repetitivos ou atividades que requerem força física (carregar carcaças de animais, por exemplo).

LOCAL	GÊNERO	IDADE	LOCAL DE TRAB.	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Rua	F	16	Não. Pai Minuano, mãe Languiru Teutônia.	Idioma / preconceito busca de trabalho	Trabalho/ Igreja	Centro. Proximidade do trabalho dos pais, Aluguel Barato	Em parte. Brasileiros tem preferência. Mãe tentou Bolsa Família e não conseguiu.
Escola Est. F. Vieira	F	10	Não. Pai BRF, mãe no Canadá.	Idioma / comida diferente	Lazer. Parque dos Dick	Centro. Proximidade trabalho e escola	Educação. Melhor remuneração dos prof. e infra escolar.
Escola Est. F. Vieira	F	10	Não. Pai e mãe na Minuano.	Idioma / comida diferente	Lazer. Parque dos Dick/ Univates	Centro. Proximidade trabalho e escola	Educação. Melhor remuneração dos prof. e infra escolar.
Escola Est. F. Vieira	M	12	Não. Pai e mãe na Minuano.	Idioma / comida diferente	Lazer. Parque dos Dick	Centro. Proximidade trabalho e escola	Educação. Melhor remuneração dos prof. e infra escolar.
Escola Est. F. Vieira	M	13	Não. Pai é alfaiate, abriu loja no centro antigo. Mãe na Minuano.	Idioma / comida diferente	Lazer. Parque dos Dick/ Shopping	Centro. Proximidade trabalho e escola	Educação
Pensão alugada	F	28	Minuano	Idioma	Trabalho/ Igreja	Centro. Serviços Públicos/Proximidade de Trabalho	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Pensão alugada	F	25	Minuano	Idioma	Trabalho/ Igreja	Centro. Serviços Públicos/Proximidade de Trabalho	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Pensão alugada	M	36	Minuano	Idioma	Trabalho/ Igreja	Centro. Serviços Públicos/Proximidade de Trabalho	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Pensão alugada	F	32	Minuano	Idioma	Trabalho/ Igreja	Centro. Serviços Públicos/Proximidade de Trabalho	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Pensão alugada	M	36	Minuano	Idioma	Trabalho/ Igreja	Aluguel Barato	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Pensão alugada	M	14	Minuano	Idioma	Trabalho/ Igreja	Centro. Proximidade escola e amigos	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Pensão alugada	F	32	Minuano	Idioma	Trabalho/ Igreja	Centro. Proximidade trabalho e amigos	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Pensão alugada	M	43	Refricomp	Idioma / exploração e preconceito no trabalho	Trabalho/ Igreja	Centro. Proximidade trabalho e amigos	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Pensão alugada	M	43	Construtora Giovanella	Idioma	Trabalho/ Remessa de dinheiro	Centro. Proximidade trabalho e amigos	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Apto. alugado	M	31	Minuano	Idioma	Trabalho/ Remessa de dinheiro	Aluguel Barato	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Apto. alugado	F	23	Minuano	Idioma	Trabalho/ Remessa de dinheiro	Aluguel Barato	Sim. Cad Único/ Cartão SUS
Pensão alugada	F	38	Não trabalha. Cuida do filho com problemas de saúde. Marido, irmão e cunhado: Minuano.	Idioma	Trabalho/ Remessa de dinheiro	Centro. Serviços Públicos/Proximidade Trabalho/ Aluguel Barato	Sim. Cad Único/ Cartão SUS

Tabela 06: Entrevistas efetuadas com os imigrantes haitianos relacionadas aos construtos adotados
Fonte: Da autora.

De forma geral, os imigrantes haitianos relatam momentos de espera, viagens e incerteza, numa transitoriedade onde o tempo do relógio é determinante. Isso é relatado pelos haitianos com precisão de datas referindo-se aos anos e meses e aos fatos marcantes desde a saída do Haiti até chegar ao Brasil. À espera de um lugar seguro no Brasil, à espera de se estabelecer nesse lugar e nessa cidade através do trabalho, à espera pelo acesso à cidadania (documentação, acesso a serviços públicos - saúde, educação, habitação); à espera da chegada de familiares que ficaram no Haiti.

A incerteza da chegada em algum lugar, pelo fato que os imigrantes não conhecerem a cidade destino: “Sei que lá tem trabalho” foi uma frase que a maioria dos entrevistados mencionou. Os imigrantes que estão há mais tempo em Lajeado (mais de 7 anos) relatam que, o destino inicial não era a cidade de Lajeado, mas que no decorrer do tempo, chegaram nessa cidade através de empresários que os trouxeram do Acre até Lajeado. “Eu estava esperando alguém numa praça no Acre, sem saber para onde eu iria” (IMIGRANTE HAITIANO que trabalha na Refricomp, CENTRO ANTIGO, ENTREVISTA, 2019).

Já os haitianos que estão há menos tempo (menos de 4 anos) relatam que chegaram com passagem comprada com destino à Lajeado através de uma rede de amigos haitianos, “os conterrâneos” como eles chamam. Assim se pode constatar que os primeiros haitianos que chegaram em Lajeado se estabeleceram através do trabalho e, que aos poucos trouxeram suas famílias e amigos, de forma mais organizada. Houve relato de que alguns haitianos estavam em viagem por países diferentes desde o terremoto do Haiti e, que recentemente chegaram em Lajeado. A seguir, o resumo de uma das entrevistas consideradas mais relevantes:

5.4.1 Entrevista 01 (individual)

ENTREVISTA 01							
LOCAL	GÊNERO	IDADE	LOCAL DE TRABALHO	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Pensão alugada	M	43	Refricomp	Idioma / Passou por exploração e preconceito no trabalho	Trabalho / Igreja	Centro. Proximidade trabalho e amigos	Sim. CadÚnico / Cartão SUS

Tabela 07: Informações da entrevista 01, relacionadas aos construtos adotados.

Fonte: Da autora.

A entrevista é com um homem de 43 anos, evangélico, que mora no cômodo alugado de uma pensão próxima a Rua Silva Jardim, está satisfeito com os serviços públicos de Lajeado e mensalmente envia remessa de dinheiro para família no Haiti. Na rua, em frente a essa pensão, outros haitianos sentados em cadeiras na calçada. Uma haitiana fazendo as unhas de um haitiano, outros falando no *whatsapp*, vídeos do *youtube* com fones de ouvido (Figura 35). Parece que a rua é a extensão de suas casas como se fosse uma sala de estar.



Figura 35: Imigrantes haitianos na calçada entre bicicletas em uma cena cotidiana; fazer as unhas e contato pelo celular com familiares e amigos no Haiti. O uso de bacias com água é recorrente na cultura haitiana. Haitiano lê o TCLE em português e aceita ser entrevistado.

Fonte: Acervo próprio (2019).

O entrevistado fala que não tem problema de participar da entrevista porque ele é trabalhador no Brasil e já foi entrevistado por um jornal de Lajeado sobre a horta comunitária existente no centro antigo e coordenada por ele.

Chegou ao Brasil em dezembro de 2011 e relata que os contratantes disseram para ele: “agora você vai!” A rota foi de Porto Príncipe no Haiti até o Panamá de avião e que tinha comprado dólares “cambiado”. Dali foi de avião até o Peru e ficou num hotel. Do Peru seguiu viagem de avião até Tabatinga no Acre, Brasil e, legalizado o papel permaneceu cerca de 1,5 mês sentado sem fazer nada porque ele não falava português. Conta que era vendedor no Haiti (comprava e vendia roupas, camisas, sapatos, chinelos e calção) que

sabia viajar de um país para outro comprando para vender no Haiti. Dessa vez um primo disse para ele continuar a viagem para conhecer o Brasil.

Chorei quando cheguei no Brasil em Tabatinga. Eu ficava na frente das pessoas olhando e não entendendo nada, eu só chorava porque eu não sabia o que ia acontecer nem para onde eu iria para trabalhar e ganhar dinheiro. (IMIGRANTE HAITIANO, CENTRO ANTIGO, ENTREVISTA, 2019).

De Tabatinga, pegou um barco e foi até Manaus onde ficou por 3 meses; ali legalizou os documentos que faltavam: a carteira de trabalho, com o visto na Polícia Federal, ele estava com documentação pronta. Empresários de todo Brasil estavam em Manaus para recrutar trabalhadores e teve um padre que o ajudou antes de ele ser recrutado por empresários de Boa Vista. Fui até fronteira Brasil com a Venezuela, em Boa Vista onde ficou 5 meses, conforme o relato do entrevistado:

Em Boa Vista eu não conseguia saber se meus filhos e a minha mulher estavam bem; por telefone era um minuto de ligação muito cara e ruim; para eu enviar dinheiro para o Haiti, um conterrâneo juntava o dinheiro de outros seis e viajava de Boa Vista até Manaus para enviar, foi por causa desses motivos que eu decidi largar o trabalho em Boa Vista e voltar para Manaus para tentar um trabalho melhor, no último mês em Boa Vista os meus patrões não me pagaram, e eu tinha trabalhado. (IMIGRANTE HAITIANO, CENTRO ANTIGO, ENTREVISTA, 2019).

Dessa vez ficou um mês em Manaus até chegarem empresários do Rio Grande do Sul que buscavam por haitianos. Contudo, o entrevistado não foi contratado por apresentar problema no coração. Relata que chorou porque seus conterrâneos foram para o RS e ele não. Conta que foi ao médico, foi medicado e que estava apto para o trabalho com atestado médico. Uma segunda vez chegaram patrões do RS e aí trouxeram o entrevistado para o RS: “Deus sabe o que faz!”.

Morou primeiro em Bom Retiro do Sul - RS, com outros 19 haitianos e trabalhava fora, na construção civil. Naquela época o entrevistado falava muito mal o português e conta rindo que falava “sim” para qualquer coisa; ele relata que foi explorado pelos patrões que queriam que trabalhasse no turno da noite e finais de semana e que isso o desagradava:

Os patrões buscavam todos os haitianos em Bom Retiro e levavam para o trabalho e em alguns casos eu ia até POA para trabalhar como servente de obra. Eu sou um haitiano eu tenho gente lá atrás no Haiti e, aqui no Brasil, o sábado é meu! Eu preciso lavar roupa no sábado, vou trabalhar até sexta! Patrão precisa pagar serão e hora extra, não vou trabalhar de graça. (IMIGRANTE HAITIANO, CENTRO ANTIGO, ENTREVISTA, 2019).

Observou-se que, para os imigrantes haitianos em Lajeado, realmente o sábado é destinado à lavagem de roupas e organização doméstica. O domingo é reservado ao culto

evangélico nas Igrejas Haitianas pela manhã, descanso e, à tarde algumas Igrejas mantêm grupo de jovens e grupo de mulheres.

Foi aí que se mudou para Lajeado há 7 anos, e começou a trabalhar na Refricomp – fábrica de vidros para refrigeradores e termo acústicos, que fica perto da BRF. Está há 6 anos e 10 meses nesse trabalho. Trouxe a esposa e filho depois de 4 anos que chegou ao Brasil (o filho de 21 anos que chegou com a mãe em Lajeado, trabalha na Minuano e está encaminhado), que a família gosta muito da cidade de Lajeado, embora no Brasil tenha algumas diferenças:

Morei aqui sem mulher durante 4 anos e que tinha mulheres interessadas em mim, mas no Brasil não pode ter mais de uma mulher como no Haiti, então a solução foi somente olhar. Eu tive uma namorada aqui que me ajudou com a roupa e comida e, quando a minha esposa chegou do Haiti, eu contei para a minha namorada e eu terminei o namoro, porque eu não queria confusão. (IMIGRANTE HAITIANO, CENTRO ANTIGO, ENTREVISTA, 2019).

O entrevistado conta emocionado que perdeu filha mais velha grávida no Haiti faz pouco tempo e pretende trazer outros dois filhos que estão lá. Atualmente para trazer parentes pela reunião familiar custa R\$ 9.000,00 à vista por pessoa (é um pacote que traz o imigrante haitiano até o Acre e de lá até Porto Alegre). O entrevistado explica que é uma viagem organizada, inclui alimentação e é uma forma segura, porque existem rotas perigosas onde coiotes exploram os imigrantes. Já no Brasil, com o CPF, os haitianos acessam a cidadania e os serviços públicos:

O pessoal que têm visto chega direto Haiti-Brasil, outros que não tem visto precisam sair do Haiti e uma das rotas é passar pela Guiana Inglesa... aí passa por coiotes, perigo e é mais caro. No Brasil precisa passar pela Polícia Federal carimbar um documento para acessar CPF e cartão SUS... só com passaporte não consegue o cartão SUS. (IMIGRANTE HAITIANO, CENTRO ANTIGO, ENTREVISTA, 2019).

Para finalizar, o entrevistado fala sobre o idioma português, que ele levou dois anos para falar bem. Conta que não bebe, não fuma e não ouve música alta. Ele percebe no geral todos haitianos que estão em Lajeado gostam da cidade porque tem trabalho justo. Sobre casos de racismo e preconceito, o entrevistado diz orgulhoso ser Haitiano:

Aqui em Lajeado tem trabalho, mas se me mandarem embora, eu busco trabalho em outro lugar. As pessoas de Lajeado que conhecem os haitianos nos respeitam. Qual é o pai de família que junta R\$ 18.000,00 para trazer os dois filhos do Haiti? Tem aqueles que não conhecem os haitianos, que falam mal, nos chamam de macacos; mas a gente sabe quem a gente é! (IMIGRANTE HAITIANO, CENTRO ANTIGO, ENTREVISTA, 2019).

O entrevistado auxilia a agente da saúde da família no bairro com as traduções, auxilia os haitianos recém-chegados e é responsável pela horta coletiva dos haitianos. Lembra do

médico cubano e lamenta que não visita mais o bairro e sorri quando ele diz que o médico voltou para Cuba para trazer a sua família para Lajeado.

5.4.2 Entrevista 02 (individual)

ENTREVISTA 02							
LOCAL	GÊNERO	IDADE	LOCAL DE TRABALHO	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Pensão alugada	M	43	Construt. Giovanella	Idioma	Trabalho / Remessa de dinheiro	Centro. Proximidade trabalho e amigos	Sim. CadÚnico / Cartão SUS

Tabela 08: Informações da entrevista 02, relacionadas aos construtos adotados.

Fonte: Da autora.

O entrevistado tem 43 anos é evangélico e está muito satisfeito com os serviços públicos em Lajeado, gosta da cidade e que não tem nada de mal para falar da população local. Trabalha na Construtora Giovanella. Relatou que está em Lajeado há 3 anos e 3 meses e que mora na pensão da Rua Silva Jardim há 7 meses; antes dali, trocou várias vezes de pensão no mesmo bairro. Chegou até Lajeado através do irmão e de uma prima que já moravam na cidade.

O entrevistado estava no Chile e o primo disse que no Brasil estava melhor, que tratavam melhor as pessoas aqui. Diz que não tem dinheiro no momento para trazer a família para o Brasil. Fala das remessas de dinheiro enviadas mensalmente ao Haiti, mostra uma cédula de dinheiro do Haiti (Figura 36) que se chama Gourde haitiano R\$ 5,00 dá 100 Gourde haitiano. Ao perguntar como era para enviar remessa para a família o entrevistado falou que é diretamente no banco:

É direto no banco, não vou em casa de câmbio. Chego no caixa do Banco do Brasil e faço o envio. Digo por exemplo que quero enviar 100 ou 50 dólares para o Haiti; aí ali mesmo se faz a conversão dólar para real brasileiro...acabamos perdendo dinheiro... é ruim quando o dólar está alto aqui. (IMIGRANTE HAITIANO, CENTRO ANTIGO, ENTREVISTA, 2019).

Percebe que a situação do Haiti agora melhorou um pouco, referindo-se aos conflitos políticos ocorridos, entre setembro e outubro de 2019 e que tiveram atenção da mídia internacional. A esposa e 2 filhas estão no Haiti; a filha mais velha tem 11 anos. Relatou que fala todos os dias com a família através do *WhatsApp*, que envia fotos da sua vida em Lajeado. O entrevistado diz que não gosta de trabalhar na indústria e pretende se mudar para morar em São Paulo, que quer abrir sua própria empresa.

No Haiti, em Porto Príncipe, tem uma praça onde todos se juntam para comércio, como se fosse uma feira livre, cada pessoa oferece o que sabe fazer. A mulher do entrevistado trabalha nessa praça e diz que é uma mentira dos brasileiros dizer que as mulheres não trabalham lá.



Figura 36: Imigrantes haitianos mostram dinheiro e moeda do Haiti. Na moeda podemos identificar a frase “Liberté, Egalité, Fraternité”; retratando a grande influência do período colonial Francês.
Fonte: Acervo próprio (2019).

5.4.3 Entrevista 03 (individual)

ENTREVISTA 03							
LOCAL	GÊNERO	IDADE	LOCAL DE TRABALHO	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Rua	F	16	Não trabalha. Pai Mínuano / Mãe Languiru Teutônia	Idioma / tem preconceito busca de trabalho	Trabalho / Igreja	Centro. Proximidade do trabalho dos pais. Aluguel barato.	Em parte. Brasileiros tem preferência. Mãe tentou Bolsa Família e não conseguiu.

Tabela 09: Informações da entrevista 03, relacionadas aos construtos adotados.
Fonte: Da autora.

A entrevistada tem 16 anos, evangélica, estuda no primeiro ano do ensino médio no Colégio estadual Castelo Branco no Centro Antigo, onde mora. No Haiti ela não

trabalhava por ser muito jovem e a profissão da mãe era professora de ensino infantil. Ela percebe que, em Lajeado, os bairros onde mais tem haitianos é Centro, seguido pelo Moinhos e Santo André. Que os haitianos não querem se afastar do Centro, onde os primeiros haitianos chegaram, e pelo motivo de ser perto de tudo e porque os alugueis são mais baratos:

O Centro de Lajeado é o primeiro lugar e a habitação precisa ser perto do trabalho para não ter custo com deslocamento diário. A maioria dos haitianos trabalha na Minuano Alimentos e por isso alguns imigrantes estão em deslocamento para procurar casa no bairro Moinhos por ser mais tranquilo, onde localiza-se a indústria.

Moram com ela mais 5 pessoas: pai, mãe irmã de 6 anos e duas primas. Antes, moravam em Porto Príncipe no Haiti e imigraram para a Venezuela logo após o terremoto de 2010. A entrevistada está fora do Haiti há 7 anos. Moraram um tempo na Venezuela e o pai decidiu ir embora daquele país por causa dos problemas políticos e dos conflitos.

O pai veio para o Brasil primeiro em 2014 através da fronteira da Venezuela, a documentação como CPF foi feita em Boa Vista para possibilitar viagem dentro do Brasil. Decidiu vir para o Brasil sozinho com objetivo de morar em São Paulo, onde um primo o esperava. Porém, quando chegou, esse primo não pode ajudar, então amigos que estavam em Lajeado disseram para o pai da entrevistada que tinha trabalho. Então não estava programada a vinda para Lajeado.

Já em Lajeado, os amigos haitianos receberam o pai que logo conseguiu trabalho, alugou uma casa e, após alguns meses, trouxe a família da Venezuela. A irmã nasceu na Venezuela e tem cidadania daquele país. Ela conta que veio da Venezuela com a mãe e a irmã; foram de ônibus até Boa Vista para fazerem o CPF. Ali a família permaneceu 1 mês até o pai conseguir dinheiro para comprar passagem até Lajeado. Uma das primas chegou em 2018 pela mesma rota de Boa Vista; já a outra prima, que tinha visto desde o Haiti, veio direto para Lajeado em 2019, por reunião familiar.

Gosta de morar em Lajeado e se sente bem andando nas ruas, que assim que chegou foi conhecer as ruas próximas ao Parque dos Dick e se perdeu, causando preocupação da mãe. O que mais gosta é o acolhimento dos brasileiros – lajeadenses e o que menos gosta é a falta de oportunidades de trabalho. Buscando trabalho através do “Programa Jovem

Aprendiz” o próprio site para cadastrar o currículo bloqueia o acesso porque não tem a opção “estrangeira”.

Buscou trabalho pelo Centro de Integração Empresa – Escola – CIEE e foi chamada para entrevistas no Hospital Bruno Born e na Fruki Bebidas. Relatou que o que acha ruim é a falta de resposta relacionadas às entrevistas: “não dizem nada, se sim ou se não... não sei se é por causa da minha cor, do meu jeito de falar...”. Teria uma possibilidade de trabalho na USF - Centro (Unidade Saúde da Família) como tradutora, porém o próprio edital online bloqueia a inscrição de estrangeiros, e alegam impossibilidade de emitir novo edital. Tem ajudado as profissionais da USF- centro com traduções para o francês/crioulo, já que a demanda dos imigrantes haitianos é grande e aumenta.

Nos serviços públicos oferecidos em Lajeado, ela pode falar do Bolsa Família. Teve um período que a mãe não estava trabalhando em Lajeado e a família buscou esse benefício. A entrevistada percebe que os brasileiros têm prioridade e relata que tem muitos haitianos em busca desse benefício sem sucesso.

Atualmente o pai trabalha na Minuano e a mãe trabalha na Languirú– Frigorífico de suínos em Poço das Antas (cidade cerca de 40 km de Lajeado). Vem um ônibus da empresa frigorífica e busca cerca de 38 haitianos em Lajeado e diz que só não leva mais gente por falta de espaço no ônibus. A mãe sai de casa às 5:00 da manhã e retorna no final do dia: “é puxado para a minha mãe, mas não dá para reclamar porque é o trabalho que tem, mas as vezes ela chega em casa com muita dor”. O pai não tem muitos familiares no Haiti, mas a mãe envia remessa de dinheiro todo o mês para tios e primos.

Na escola a entrevistada tem acolhimento mais por parte das meninas, que os meninos são mais “na deles”. Sobre a Igreja evangélica Haitiana ela conta que aqui é igual à Igreja no Haiti.

A gente acolhe qualquer pessoa, a gente faz do jeito nosso, mas não sabemos como os brasileiros iriam se sentir na nossa igreja; vocês são mais calmos e nós gostamos de cantar, e se expressar com o corpo. (IMIGRANTE HAITIANA, CENTRO ANTIGO, ENTREVISTA, 2019).

Quando a pergunta é sobre se outros haitianos iriam permitir serem entrevistados, a entrevistada diz que tem muitos que têm restrições sobre falar de nacionalidade, são fechados para os de fora, e que entre eles, enquanto grupo, são mais abertos. De um modo geral a entrevistada gosta de morar em Lajeado. Ela acha que poderia ter mais oportunidades de trabalho para os imigrantes. Não somente em frigoríficos em baixas

temperaturas e onde precisa usar muito a força. Carregar carcaças de animais por exemplo.

5.4.4 Entrevista 04 (individual)

ENTREVISTA 04							
LOCAL	GÊNERO	IDADE	LOCAL DE TRABALHO	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Pensão alugada	F	38	Não trabalha. Cuida do filho com problema de saúde. Marido, irmão e cunhado: Minuano.	Idioma	Trabalho / Remessa de dinheiro	Centro. Serviços Públicos / Proximidade trabalho / Aluguel barato.	Sim. CadÚnico / Cartão SUS

Tabela 10: Informações da entrevista 04, relacionadas aos construtos adotados.

Fonte: Da autora.

A entrevistada tem 38 anos, é evangélica, moradora do Centro Antigo. Veio de San Marc – Haiti (cidade que fica distante 1:30h da capital Porto Príncipe). Mora há 3 anos e 7 meses em Lajeado – 2016. Primeiro veio o marido, em 2014 – 5 anos. O marido trabalha no setor de desossa da Minuano Alimentos.

No Brasil esse casal teve um filho que nasceu prematuro; a mãe teve pressão alta na gestação. Durante toda a gestação teve acompanhamento médico no Posto de Saúde do Centro. O bebê menino, desde que nasceu ficou na UTI do Hospital Bruno Born em Lajeado. Também foi levado ao Hospital da Criança Sto. Antônio em Porto Alegre. O menino agora com dois anos, apresenta diversos problemas de saúde: alimenta-se somente por sonda, todo o lado direito do corpo paralisado, deficiência gástrica, pulmonar e neurológica.

O caso dessa família é conhecido no meio médico porque a mãe fazia vigília na porta da UTI desde que o bebê nasceu. Pai e mãe estavam bem fracos e precisaram de medicação para ansiedade. A técnica da Saúde da Família conta que agora a mãe está com mais peso e mais calma, antes não era assim. Em muitos casos a técnica precisou pessoalmente prestar socorro quando o bebê teve refluxo, levando a família no próprio carro para a UPA.

A mãe muito comunicativa, logo aprendeu o português em função da necessidade em conversas com os médicos e enfermeiros. Logo que chegou ao Brasil, o marido era o seu interlocutor. Caso fosse no Haiti essa situação com o filho, ele morreria (contando casos de outras mães no Haiti).

O menino recebe auxílio social de 1 salário mínimo por mês, a mãe não trabalha em função da doença do filho. Duas vezes por semana a ambulância da prefeitura leva o menino e mãe para a UNIVATES para sessões de fisioterapia. Também recebem condução para tratamento na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) e atendimentos médico em POA. A família recebe todo o auxílio de saúde, como qualquer cidadão brasileiro. Medicamento, atendimento médico, exames, fraldas.

Há um ano chegou ao Brasil a irmã da entrevistada. Veio do Chile grávida na tentativa de ajudar a irmã com o filho e a casa. Não foi possível a ajuda da irmã que tinha demandas com a gestação.

Há um mês chegaram do Haiti o irmão e o cunhado da entrevistada. Chegaram em uma semana, na outra já estavam com documentação e na outra semana estavam empregados na Minuano Alimentos. Após o contrato, vão tentar revezar os horários de trabalho de forma que sempre tenha um deles em casa nos turnos do dia para auxílio.

5.4.5 Entrevista 05 (individual)

ENTREVISTA 05							
LOCAL	GÊNERO	IDADE	LOCAL DE TRABALHO	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Pensão alugada	F	32	Minuano.	Idioma	Trabalho / Remessa de dinheiro	Aluguel barato.	Sim. CadÚnico / Cartão SUS

Tabela 11: Informações da entrevista 05, relacionadas aos construtos adotados.

Fonte: Da autora.

Haitiana, 32 anos, moradora do Centro Antigo. Logo a entrevistada disse “entendo *poco*, não entendo *mucho*”, referindo-se à língua portuguesa. O cômodo alugado de uma pensão tem uma sala com cozinha e sofá, uma cama adaptada na sala e 3 quartos ao longo de um corredor até a sala. A TV com som muito alto passava noticioso brasileiro. Pratos de comida montados aguardando quem chega para almoço. Observa-se que geralmente cozinham tudo na mesma panela.

Na frente da casa 4 haitianos sentados em bancos e na mureta lavavam roupas em bacias com muita espuma branca e é visível o amaciante de roupas e capricho. Enquanto lavam roupas, fones de ouvidos e música nas “caixinhas de som”. A entrevistada relata que no Haiti as roupas são lavadas em bacias também (Figura 37). Na casa moram ao todo 7 haitianos com as crianças. O marido da entrevistada trabalha na Minuano e têm 2 filhos meninos no Haiti. Trabalha das 3:00 da manhã até as 13:00 da tarde.



Figura 37: Vista de duas casas transformadas em pensão. O cômodo onde da entrevistada localiza-se num espaço de garagem adaptado. A lavagem manual de roupas em bacias é uma prática cultural dos haitianos tanto no Haiti como em Lajeado.

Fonte: Acervo próprio (2019).

A entrevistada começa a trabalhar às 3:00 da tarde até à meia noite. Ambos ganham adicional noturno. Os filhos ficam com a entrevistada no turno da manhã e vão para as escolas de tarde (podem chegar as 12:30 até as 13:30). Se somente o pai estivesse em casa no turno da manhã, os filhos também teriam direito à escola no turno da manhã.

Quando perguntava da cidade ela referia-se ao Haiti. Quando fala de Lajeado a entrevistada refere-se à Rua Silva Jardim. Há 4 anos e 5 meses chegou em Lajeado,

primeiro morou na Silva Jardim na mesma casa onde mora hoje no Bairro Centro onde teve seu primeiro filho (2017). Depois foi morar no Bairro Moinhos, mudou-se para o Chile onde engravidou; a decisão de ir para o Chile foi porque em Lajeado não encontrava trabalho há 2 anos. Retornou em julho de 2019 para Lajeado (o marido já estava em Lajeado) para morar na Rua Silva Jardim faltando dois meses para o 2º filho nascer.

Tem muitos haitianos morando no Chile. Trabalha na Minuano Alimentos no setor da desossa de coxa: “Trabalho com faca... lá tem muitos haitianos trabalhando”. Relata que foi difícil aprender falar português, não frequentou aulas de línguas oferecidas em Lajeado por falta de tempo – conta sobre os seus 2 filhos meninos (um com 5 anos e 6 meses - escola do bairro e outro com 2 anos e 4 meses – creche do bairro). Ambos os filhos estão na rede pública de ensino municipal.

Percebe que as escolas ajudam muito porque com dois filhos é bastante puxado; ainda mais porque quebrou o braço numa queda de bicicleta quando estava indo trabalhar. Ainda sente dificuldade nos movimentos com o braço/mão, recentemente fez ecografia para levar ao traumatologista. “Se eu trabalho tenho dor, quando não trabalho não tenho dor”.

Gosta de morar em Lajeado, anteriormente morou na cidade de Cabo Haitiano no Haiti. Conta que o terremoto não afetou a sua casa no Haiti, que morava no interior, não em Porto Príncipe. Logo após o terremoto se mudou para San Domingos na República Dominicana (país vizinho ao Haiti), depois Panamá, EUA, Chile, Brasil – veio de avião até Porto Alegre (provável São Paulo – Porto Alegre), depois (Lajeado). Voltou para o Chile e retornou ao Brasil (Lajeado) de avião. Entrou a primeira vez no Brasil já com visto.

Sobre os serviços públicos do município percebe-se que é muito bom, com acesso a saúde, educação, mas não ao Bolsa Família. Sobre o Bolsa Família essa família não se encaixa para receber o benefício porque ambos (marido e mulher) trabalham. O Bolsa Família é destinado quando somente um membro da família trabalha e tem muitos dependentes (filhos e mulher).

Quando estava grávida do segundo filho, a USF- Centro criou um grupo de gestantes (apoio, informação, acolhimento) destinado a todos os moradores do Bairro (brasileiros e estrangeiros). Na época com 30 gestantes no bairro, a entrevistada foi a única gestante

haitiana a participar desse grupo. Ambos (entrevistada e marido) enviam remessa de dinheiro para familiares no Haiti.

5.4.6 Entrevista 06 (em grupo)

ENTREVISTA 06							
LOCAL	GÊNERO	IDADE	LOCAL DE TRABALHO	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Pensão alugada	M	14	Não trabalha.	Idioma	Trabalho / Igreja	Centro. Proximidade escola e amigos.	Sim. CadÚnico / Cartão SUS
	F	32	Minuano.			Centro. Proximidade trabalhos e amigos.	

Tabela 12: Informações da entrevista 06, relacionadas aos construtos adotados.

Fonte: Da autora.

A entrevista em grupo com dois haitianos, mãe e filho, de 32 e 14 anos. O filho estudou na rede pública de ensino de Lajeado desde que chegou. Vai para o 1º ano do segundo grau. O pai veio primeiro há 8 anos juntou dinheiro, depois veio a esposa trabalhar, depois de 3 anos o entrevistado chegou, há dois meses chegou sua irmã e agora há um mês veio seu primo; os dois pela reunião familiar. Ficou mais uma irmã de 9 anos no Haiti, por enquanto não tem dinheiro para trazer, em média o custo é R\$ 10 mil a R\$ 15 mil. O primo recém-chegado, que somente entende francês e crioulo, já fez o Cartão SUS e está encaminhado para entrevista de emprego na Minuano Alimentos.

O entrevistado tem uma deficiência de movimento no braço, fica sempre dobrado em virtude de um acidente no Haiti e os médicos não tentaram reestabelecer o movimento total do braço, mas ele consegue escrever. No Brasil, ele fez o cartão SUS já foi encaminhado para um traumatologista em Arroio do Meio e Canoas com transporte do município.

A mãe, de 32 anos, trabalha na Minuano Alimentos no setor de corte de filé e de peito de frango. Não é a desossa. A mãe gosta de trabalhar lá. Começa a trabalhar às 5:00 da manhã e vai até às 15:00 da tarde. Frequentam a Igreja Evangélica Betel Haitiana próxima da pensão. Teve um momento na entrevista que o entrevistado pediu para usar o aplicativo de tradução.

5.4.7 Entrevista 07 (em grupo)

ENTREVISTA 07							
LOCAL	GÊNERO	IDADE	LOCAL DE TRABALHO	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Apto. alugado	M	31	Minuano.	Idioma	Trabalho / Remessa de dinheiro	Centro. Serviços Públicos / Proximidade trabalho / Aluguel barato.	Sim. CadÚnico / Cartão SUS
	F	23					

*Tabela 13: Informações da entrevista 07, relacionadas aos construtos adotados.
Fonte: Da autora.*

Os entrevistados são um casal de 31 anos o homem e 23 anos a mulher moradores do Centro Antigo. A mulher perdeu um bebê há 4 meses (aborto) e está sendo atendida pela USF-Centro, também faz tratamento dermatológico na UNIVATES. Durante a entrevista percebeu-se dificuldade de comunicação, quando chegou o marido que ela ficou mais à vontade e então ele participou da entrevista também.

A mulher veio de avião de Porto Príncipe - Haiti / Panamá/ Porto Alegre/ Lajeado. Está há 2 anos em Lajeado e o marido está há 3 anos. Dizem que gostam muito de Lajeado. Os dois trabalham no setor de desossa na Minuano Alimentos. O marido (tem um filho no Haiti), há 3 anos em lajeado conta que nesse setor ele faz somente a desossa da “perna 1” do frango querendo dizer coxa e sobrecoxa (mostrando o braço esquerdo), outra pessoa faz a perna 2 (mostrando braço direito).

Frequentam a Igreja Evangélica do pastor e líder haitiano do CRAS. Estão morando no local há 3 meses; antes moravam num outro lugar no mesmo bairro. Moram com eles mais 5 haitianos.

Sobre o cheiro bom que emanava do apartamento, ele disse ser um tempero com alho e outros condimentos fortes comprados no Brasil. Fala da banana verde. Usam muito as folhas como chás como babosa, pitanga, goiabeira. Usam bastante o alho-poró. Disseram que já fizeram churrasco, dizem que é mais queimado por fora e cru por dentro.

Contam que fazem uma grande festa de Final de Ano na rua e festejam até de manhã. “Muita música, churrasco e cerveja”.

Estão gostando de morar na cidade, no bairro. Estão em contato permanente com familiares no Haiti e ambos enviam remessa de dinheiro.

5.4.8 Entrevista 08 (em grupo)

ENTREVISTA 08							
LOCAL	GÊNERO	IDADE	LOCAL DE TRABALHO	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Escola Est. F. Vieira	F	10	Não trabalha. Mãe mora no Canadá.	Idioma / Comida diferente	Lazer. Parque dos Dick.	Centro. Proximidade trabalho e escola	Educação. Melhor remuneração dos professores e infraestrutura escolar.
	F	10	Não trabalha. Pai e mãe na Minuano.		Lazer. Parque dos Dick / Univates.		
	M	12	Não trabalha. Pai e mãe na Minuano.		Lazer. Parque dos Dick.		
	M	13	Não trabalha. Pai é alfaiate, abriu loja no Centro Antigo. Mãe na Minuano.		Lazer. Parque dos Dick / Shopping.		Educação

Tabela 14: Informações da entrevista 08, relacionadas aos construtos adotados.

Fonte: Da autora.

A entrevista coletiva aconteceu na escola Fernandes Vieira e foi previamente agendada com a coordenadora do “Projeto Acolher”, o objetivo era entrevistar alunos haitianos do 8º e 9º ano, porém em virtude da greve na rede pública estadual de ensino, poucos alunos estavam na escola. Os entrevistados cursavam entre a 6ª e o 7º ano. Participaram da entrevista em grupo duas meninas de 10 anos e dois meninos de 12 e 13 anos.

[...] as crianças haitianas entre 10 e 13 anos falavam mais de três idiomas e todas tinham saído do seu país após o terremoto. Algumas delas estavam viajando com seus pais há anos, passando por vários países. Sobre a cidade de Lajeado, as crianças falaram sobre o bairro, a rua, casa, a escola, a fábrica e do vai e vem cotidiano de suas vidas; falaram sobre a família aqui e dos familiares que ficaram lá; também das pessoas daqui e das diferenças. No começo da conversa estavam acanhadas e pensativas até que foram indagadas a falar sobre as diferenças de comida do Haiti e de Lajeado. As crianças sorriram e

motivaram-se, dizendo que o hambúrguer de Lajeado é diferente, os salgadinhos industrializados e a maneira de fazer pastel também são diferentes (parece que a massa do pastel no Haiti é mais lisa). Uma delas falou que no Haiti não tem lasanha como em Lajeado, a outra disse que no Haiti tem lasanha, porém em Lajeado, todos têm a possibilidade de comer. (ENTREVISTA EM GRUPO/2019).

- ✓ O entrevistado de 13 anos relata que só pensa no Haiti e tem saudade, mora em Lajeado há 1 ano e fala bem o português, o pai é alfaiate e tem uma loja própria de confecção e costuras perto da escola, a mãe trabalha na Minuano.
- ✓ A entrevistada de 10 anos mora há 4 anos em Lajeado. O pai trabalha na BRF e a mãe mora no Canadá, a menina mora junto com uma tia e o pai no Centro antigo. O pai esteve fora do país e voltou.
- ✓ Outra entrevistada de 10 anos mora há 4 anos em Lajeado e os pais trabalham na Minuano, mora em frente da Minuano no Bairro Moinhos.
- ✓ O entrevistado de 12 anos mora há 4 anos em Lajeado no Centro antigo, os pais trabalham na Minuano.

A maioria do grupo chegou ao Brasil e morou um tempo em São Paulo antes de chegar em Lajeado; exceto um menino que veio direto do Haiti para Lajeado. Os entrevistados, em geral, falam pelo menos 5 idiomas – crioulo, francês, português, inglês e espanhol e todos apresentaram vocabulário português bem ampliado.

A maioria do grupo veio ao Brasil de avião e relatam que a viagem foi muito boa. Sobre quem foi a primeira pessoa que encontraram quando chegaram em Lajeado, falaram pouco mas lembraram dos “donos da casa” (referindo-se aos proprietários dos imóveis ou pensões alugadas) e todos disseram que foi boa a chegada em Lajeado.

A maioria citou o Parque dos Dick (perto da escola) como lugar que mais gostam em Lajeado; em segundo lugar, a UNIVATES e também o Shopping de Lajeado. Todos os participantes citaram a Av. Carlos Spohr Filho quando indagados sobre qual o bairro de habitação.

Todos os entrevistados relatam que a escola deveria ser reformada e, os professores, remunerados de acordo. A maioria disse que a maior dificuldade de morar em Lajeado é a distância de parte da família que ficou no Haiti; em segundo lugar citaram a população local e o preconceito.

5.4.9 Entrevista 09 (em grupo)

ENTREVISTA 09							
LOCAL	GÊNERO	IDADE	LOCAL DE TRABALHO	CONSTRUCTOS			
				Alteridade	Integração	Territ.	Políticas públicas
Pensão alugada	F	25	Minuano	Idioma	Trabalho / Igreja	Centro. Serviços Públicos. Proximidade trabalho.	Sim. CadÚnico / Cartão SUS
	F	28					
	M	36					

Tabela 15: Informações da entrevista 09, relacionadas aos construtos adotados.

Fonte: Da autora.

Participaram da entrevista em grupo um casal de 36 e 28 anos e uma prima de 25 anos. O primeiro a chegar a Lajeado foi o haitiano há 4 anos (marido) porque a prima que já estava na cidade disse que tinha trabalho. As mulheres entrevistadas, uma chegou há 5 anos (prima) e a outra há 3 anos (esposa). Todos trabalham na Minuano Alimentos (o casal trabalha no turno da manhã e a prima à noite). A esposa está grávida e ganha o bebê em 2 dias da entrevista.

Ao adentrar esse cômodo numa das pensões da Rua Silva Jardim, percebe-se o som da TV muito alto e transmitindo como se fosse um seriado haitiano (estavam assistindo séries no *YouTube* pela TV – essa experiência talvez tenha me transportado para o Haiti. Sobre a mesa pratos de comida prontos montados a espera de quem chegava do trabalho (arroz com feijão e carne de frango – miúdos).

O espaço é pequeno e a ventilação e iluminação natural ocorre pela porta de acesso ao cômodo. Uma sala com cozinha, fogão (Figura 38) (não foi identificada a geladeira), mesa de refeição e sobre essa, a TV tela plana. O quarto do casal de um lado da sala, acessado por uma circulação de aprox. 50 cm, outro quarto do lado oposto da sala. Primeiro os entrevistados estavam resistentes, mas com a presença da agente de saúde (USF) foi possível explicar a pesquisa e dizer que haitianos como Simon (líder e pastor haitiano) já tinha participado. O clima a partir desse momento foi de certa descontração.



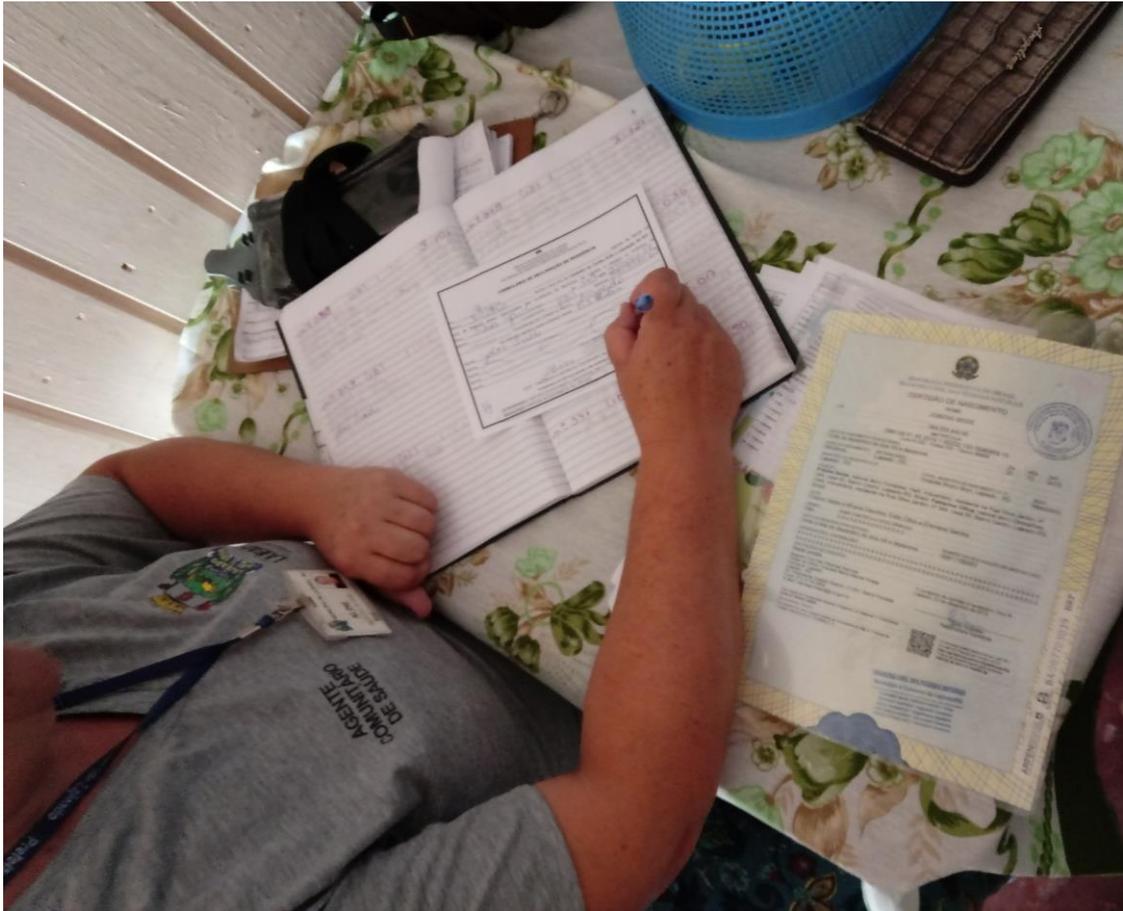
*Figura 38: Vista parcial do interior de um dos cômodos de uma pensão alugada por haitianos. Cozinha junto de uma sala. Instalações elétricas, hidro e gás. Pouca ventilação e iluminação.
Fonte: Da autora (2019).*

Quando o haitiano chegou em pouco tempo conseguiu trabalho. Ambos dizem que estão gostando de Lajeado. Uma delas morou em Itapema em Santa Catarina e ela tem um filho que nasceu em Lajeado. Ambos dizem que aprender o idioma no começo foi muito difícil.

A haitiana grávida fez todo o pré-natal na USF e é atendida a domicílio pela médica do posto. O parto ocorreu um dia depois desta entrevista, e foi planejado como uma cesariana. Contam que falam diariamente com familiares no Haiti e que enviam remessas de dinheiro. Nessas transações, perdem um pouco de dinheiro em função de impostos e do câmbio do dólar, tendo como parâmetro a conversão de 100 dólares para reais.

No final, uma das entrevistadas disse que estava indo para academia do SESI, há uma quadra dali. Durante toda entrevista, a TV permaneceu ligada num som bastante alto, transmitindo vídeos de um seriado haitiano.

Depois de 5 dias, retornou-se a esse cômodo e o casal, já com bebê, permitiu que adentrasse o quarto onde estava a mãe, o bebê, auxiliados pela prima. Foi tudo bem com o parto, bebê saudável. Quarto iluminado com luz natural que entrava pela janela basculante. Nesse dia a agente de saúde, depois de o pai registrar a criança para acesso à cidadania (Figura 39), emitiu o documento que acessa o CadÚnico e o Cartão SUS. O pai, que estava de licença paternidade pela empresa, foi orientado pela agente quanto às vacinas, teste do pezinho e procedimentos preventivos para mãe e filho.



*Figura 39: Certidão de nascimento de um bebê haitiano nascido em Lajeado - Acesso à cidadania brasileira. Momento que a agente de saúde da família emite documento para encaminhar para CadÚnico - CadastroÚnico e cartão SUS e acesso aos benefícios sociais.
Fonte: Acervo próprio (2019).*

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

É na espacialidade da cidade que se materializa a vida cotidiana e as formas de relações sociais entre grupos distintos inseridos no mesmo espaço e num sistema de interfaces e interações multiescalares (MASSEY, 2000; 2005). A imigração haitiana em Lajeado está vinculada não só aos fluxos migratórios, suas intensidades e organização da rede migratória, como também às leis de imigração que regem o país e às leis para o imigrante como um novo cidadão no Brasil.

Para Pennix (2014), há duas possibilidades de status para um imigrante numa cidade destino: ou ele está ou não está integrado. Em que pese inúmeros fatores referentes à falta de políticas específicas de integração para imigrantes no Brasil, que facilitariam a integração socioespacial de imigrantes; pode-se dizer que, a partir do modelo conceitual adotado nesta pesquisa, a integração socioespacial de imigrantes haitianos está vinculada a três constructos principais que atuam em conjunto: políticas públicas, territorialização e alteridade.

Considera-se assim que estes construtos estão interrelacionados e podem propiciar ou não a integração socioespacial de haitianos. Considera-se aqui que a integração socioespacial facilita a integração social e econômica, que por sua vez evitaria ônus para a gestão municipal, com a segregação socioespacial. Assim, como forma de aprofundar a discussão dos resultados, a partir das entrevistas, pode-se considerar que os imigrantes contemporâneos haitianos têm demandas parecidas com as de qualquer cidadão brasileiro. A Figura 40 apresenta a relação entre os constructos selecionados na revisão de literatura:

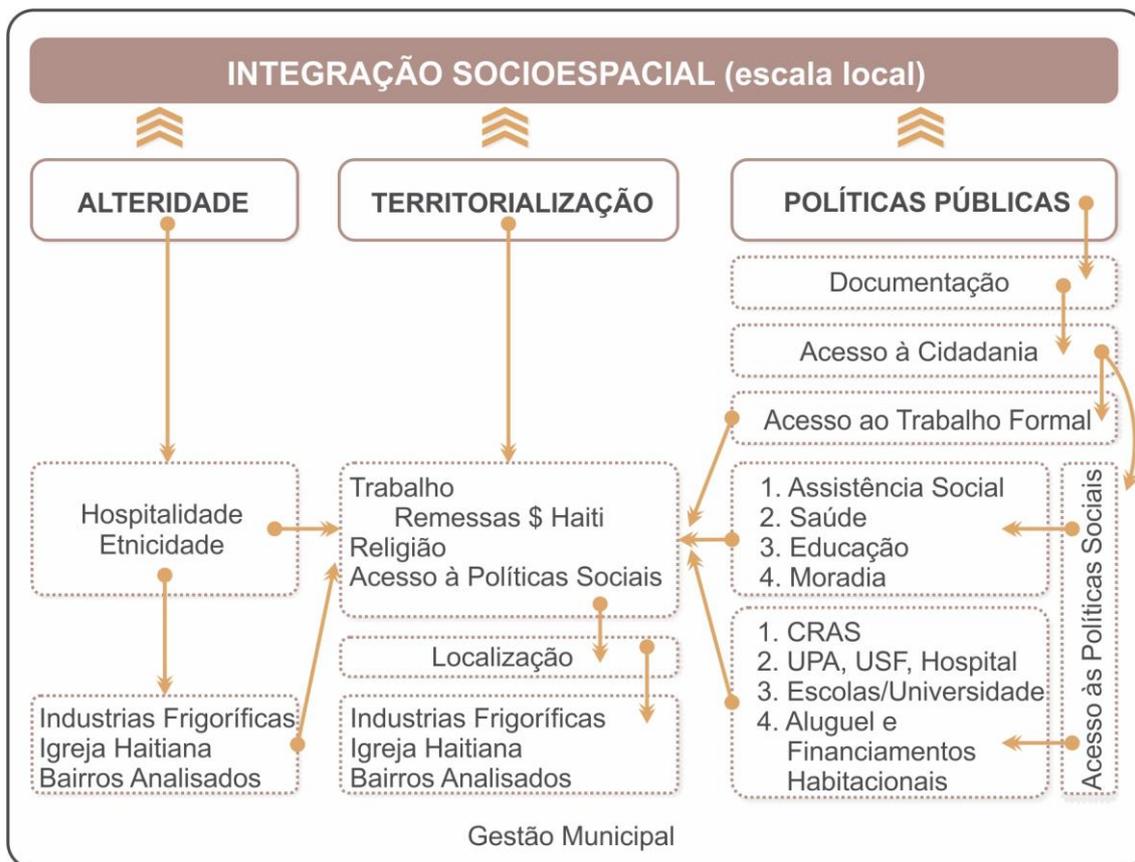


Figura 40: Modelo conceitual da relação entre os constructos adotados na revisão de literatura e das entrevistas. Fonte: Da autora

Os constructos analisados relacionam-se diretamente com o constructo integração socioespacial. Isso quer dizer que tais constructos possibilitam a compreensão da integração socioespacial. Formas de territorialização do grupo refletem como é a alteridade, a hospitalidade e a etnicidade de haitianos nas cidades destino.

É através de mecanismos das políticas públicas, por meio da aplicação de leis, que o imigrante tem acesso à cidadania no Brasil. Assim, o acesso à cidadania confere ao haitiano o status de regular ou irregular. Para os haitianos, o acesso ao mercado de trabalho formal através da cidadania e da obtenção da carteira de trabalho é fundamental para a integração econômica e a possibilidade do envio de remessas de dinheiro para familiares no Haiti. O acesso à cidadania também oferece o acesso às políticas sociais de assistência social, saúde, educação e habitação. Por meio das políticas públicas, é possível identificar os mecanismos empregados pela gestão municipal de forma a contribuir para o atendimento das demandas de integração socioespacial de imigrantes.

A identificação da localização dos pontos de interesse dos haitianos como os locais de habitação, de trabalho e de lazer, bem como a localização dos serviços sociais acessados pelo grupo, auxilia na compreensão da territorialização.

A seguir a integração socioespacial de haitianos na cidade de Lajeado será analisada segundo os constructos adotados e a partir dos resultados das entrevistas realizadas:

6.1. POLÍTICAS PÚBLICAS

(Constructos: Acesso à Cidadania, Acesso ao Trabalho, Acesso às Políticas Sociais e Integração Socioespacial)

As políticas públicas vinculam-se à integração socioespacial porque oferecem mecanismos legais para facilitar ou dificultar a integração socioespacial. Um fator relevante e facilitador é a conquista da cidadania brasileira. É através da cidadania que o haitiano tem acesso as políticas públicas sociais como assistência social, saúde, educação e habitação.

A gestão municipal, as entidades assistenciais como a Igreja Luterana, a Igreja Evangélica Haitiana e as redes de solidariedade étnica respondem pela integração socioespacial dos imigrantes haitianos de forma a evitar a segregação nas vilas ou áreas periféricas da cidade.

Sobre as políticas municipais que contemplem especificamente os imigrantes, ficou evidente, através das entrevistas, que não há oficialmente nenhuma política específica nesse sentido. Todos os entrevistados da gestão municipal responderam que o que rege o atendimento ao imigrante é a política federal e essa é aplicada tanto nas áreas da assistência social, planejamento urbano, saúde e educação. Então não há políticas públicas de acolhimento e integração específicas para imigrantes e, segundo as entrevistas com os gestores, a legislação que se aplica para imigrantes é a mesma aplicada para brasileiros, mediante apresentação de documentação válida.

Com isso, os imigrantes haitianos acessam a cidadania e têm os mesmos direitos perante as políticas públicas de assistência social, habitação, saúde e educação. Porém a impossibilidade de representatividade política através do voto em caso de eleições municipais, estaduais e federais, torna essa “cidadania” incompleta, o que pode gerar diferenciação perante o grupo nacional. Os imigrantes têm grande participação na

economia dos países, participam das rotinas das cidades, mas não tem representatividade política plena, pelo direito de escolha através do voto.

A presença de um haitiano na gestão pública de Lajeado, a qual perdura desde sua contratação em 2014, se destaca pela melhor interlocução entre a municipalidade e a comunidade haitiana. Mesmo com a troca de gestores e de visões políticas, o conselho tem sido o mesmo: “fiquem com ele na gestão, ele vai ajudar muito” (gestora da área da educação, em entrevista). A maioria dos entrevistados mencionam o nome desse haitiano por seu trabalho junto aos estrangeiros: “deveria ter mais desses interlocutores por aí; aqui em Lajeado nenhum haitiano ou estrangeiro fica sem documento” (gestor da assistência social, em entrevista).

Os imigrantes haitianos em Lajeado formaram, com o passar dos anos, uma forte rede de solidariedade étnica que opera tanto na escala transnacional quanto na escala local e isto contribui para a integração socioespacial. Iniciativas de líderes haitianos locais junto à rede de solidariedade haitiana, como a produção de vídeos na plataforma *Youtube* e nas redes sociais, indicando e orientando os imigrantes com rotas de imigração segura, documentação e acesso ao trabalho entre outras informações, podem ser consideradas formas de resistência, na falta de políticas específicas para estrangeiros.

Diferenças quanto à identidade cultural dos haitianos revelam a necessidade de treinamento para os servidores que trabalham nos serviços públicos de Lajeado (assistência social, planejamento urbano, saúde e educação) para que contemplem a diversidade cultural, principalmente em relação à diferença do idioma.

Há um desafio para os serviços públicos que seria o acesso às plataformas integradas de informação sobre os serviços de assistência social, planejamento urbano, saúde e educação. Além disso, há dificuldade na obtenção de determinados dados: não se consegue no programa do CadÚnico e do Sistema Único de Saúde - SUS, por exemplo, as informações por uma etnia específica. O sistema de informação define o status da pessoa como brasileira ou estrangeira, independente do país de origem da pessoa estrangeira. Isso dificulta o acesso a dados detalhados como por exemplo, o país de nascimento do imigrante, etnia; o que facilitaria o rastreamento de dados como idioma, cultura e outras especificidades que cada imigrante possui. Entende-se assim que, na medida que o sistema define o status da pessoa como estrangeiro ou brasileiro isso pode gerar relativização na forma de considerar o imigrante simplesmente como estrangeiro,

desconsiderando dados relevantes que poderiam otimizar o dia a dia da gestão municipal no que se refere às demandas dos imigrantes contemporâneos nas cidades destino.

Observa-se que, na falta de políticas federais específicas, no dia a dia da cidade (nas escolas e áreas da saúde, principalmente) são tomadas medidas *bottom up*, como, por exemplo: o uso do tradutor online, a adequação de um folheto de uma campanha da saúde para o francês ou crioulo, e a criação de um minidicionário francês/crioulo traduzido para o português com as expressões mais usadas nos atendimentos com pacientes haitianos. Demandas e soluções que surgem na base precisam ser aprovadas pela instância municipal acima e, em relação a isso, medidas *bottom up* podem influenciar o desenvolvimento de medidas *top down*, como postulam Hall (2003) e Pennix (2004), sendo importante essa influência no processo de mecanismos de políticas de específicas para imigrantes.

O serviço de Assistência Social de Lajeado, com o auxílio do haitiano do CRAS, gera uma forma de acolhimento de haitianos através do acesso à cidadania. Foi desenvolvido um processo que se inicia com a chegada do imigrante ao CRAS e se estende até a validação da documentação pela Polícia Federal. Esse processo foi disseminado para outras prefeituras da região do Vale do Taquari. Com essa iniciativa local, o número de imigrantes indocumentados e irregulares é “inexistente” como aponta o CRAS. O fato dos imigrantes estarem com a documentação regular, evita a clandestinidade e quadros de maior vulnerabilidade (MEZZADRA, 2012), que dificultam a integração socioespacial.

Para a gestão urbana, esses mecanismos podem indicar oportunidades para o desenvolvimento de políticas para integração socioespacial dos imigrantes. Em Lajeado, a apropriação do espaço do Centro Antigo por haitianos para moradia e a prática do aluguel de pensões por brasileiros para haitianos é permitida pela gestão urbana municipal de forma a evitar a exclusão dos imigrantes para áreas periféricas da cidade.

Então, no contexto da imigração haitiana em Lajeado, parece não haver a existência de bairros como *Inner city* (regiões problemáticas no centro da cidade) ou os *banlieues problématiques* (subúrbios/bairros problemáticos) como explicam Hall (2003) e Pennix (2004), porém observou-se que, no caso das pensões do Centro Antigo, em muitos dos casos, os locatários residem no mesmo local, mas no ‘andar de cima’ da edificação,

enquanto os imigrantes residem no “andar de baixo”. Um contexto de grande desigualdade social.

O acesso à Cidadania, o acesso ao Trabalho e o acesso às Políticas Públicas Sociais contribuem para a integração socioespacial no caso estudado. Nas demais cidades brasileiras, visto que não existem políticas públicas específicas para integração de imigrantes, entende-se que o processo de regularização dos imigrantes para acesso à cidadania deva ser similar. Contudo, o processo de integração socioespacial de imigrantes, e especialmente de haitianos, teria que ser estudado em uma amostra maior de municípios, de diferentes portes e localizados em distintas regiões brasileiras, para que esse processo possa ser mais bem compreendido.

6.2. TERRITORIALIZAÇÃO

(Constructo: Territorialização e Integração Socioespacial)

Como mencionado, a integração socioespacial propicia a integração social e econômica. Os haitianos em Lajeado concentram seus locais de habitação próximos aos seus locais de trabalho, Igreja e serviços sociais; indicando que nos espaços de trabalho, de religiosidade e de atendimento social há maiores possibilidades de integração socioespacial. O fato dos haitianos que estão em Lajeado trazerem seus filhos do Haiti para reunião familiar indica que Lajeado apresenta bons prognósticos para integração socioespacial. A área do Centro Antigo, embora degradada, alagadiça e desvalorizada, dispõe de baixos preços para aluguel de habitação, oferece boa infraestrutura (transporte, luz, água, comércio e serviços) e fácil acesso aos serviços sociais (escola, saúde, CRAS). Assim, o Centro Antigo é a área da cidade onde 100% dos entrevistados definem como a maior concentração de haitianos.

Em Lajeado há indícios de preconceito e racismo nas relações de trabalho, onde os haitianos são vistos apenas como “força de trabalho”. Iniciativas dos próprios imigrantes com o apoio de organizações não governamentais têm dedicado esforços à tentativa de esclarecer os imigrantes sobre seus direitos trabalhistas e, recentemente, foi produzido um manual dirigido para estrangeiros sobre a temática.

Outro fator que pode ser observado é que os imigrantes haitianos além de atuarem nas indústrias frigoríficas; também estão empreendendo na cidade de Lajeado, sinal disso é o surgimento de estabelecimentos comerciais como: lojas de roupas, de costuras e brechós.

Paralelamente, pode-se observar haitianos alugando e comprando imóveis e carros em Lajeado, como cidadãos brasileiros. Assim, mediante apresentação de renda e garantias, o cidadão haitiano-brasileiro pode acessar financiamentos imobiliários ou a compra direta em qualquer área da cidade. Dessa forma pode-se dizer que a imigração contribui para o desenvolvimento das cidades, movimentando a economia.

Os entrevistados da gestão municipal e da população local, usualmente mencionam que os haitianos estão geralmente em deslocamento (indo de um lugar ao outro) a pé ou de bicicleta. Pode-se considerar que, os principais deslocamentos são entre os locais de trabalho, habitação e lazer (incluindo atividades religiosas). Assim, o lazer está vinculado à religião e ocorre, no âmbito privado das Igrejas Haitianas, onde também podem ser mantidos os vínculos sociais do grupo. Nas entrevistas, as respostas se referiam usualmente ao trabalho e Igreja/ religião, assim corroborando com o estudo de Braun et al. (2017), onde essa característica da integração socioespacial de imigrantes haitianos em Lajeado, foi observada de forma empírica e, em conversas exploratórias com a população local e com os imigrantes.

A questão do grupo é mencionada nas entrevistas como um grupo unido onde um ajuda o outro, principalmente para conseguir moradia e trabalho. Essa pode ser considerada como uma forma de territorialização de múltiplas conexões (Massey, 2000; 2005) que opera à distância, através de redes de internet de forma transnacional; bem como através da presença dos haitianos como grupo na forma de se apropriar dos espaços da cidade.

De modo geral os entrevistados tanto da gestão municipal como da população local definem o povo haitiano como pacífico. Contudo, existem relatos de casos isolados de comportamentos inadequados em áreas residenciais: desenvolvimento de atividades comerciais que acabam por ocasionar consumo excessivo de água nos condomínios; superlotação nas horas de banho; ou o som alto vindo dos aparelhos de som e TV.

A territorialização do grupo, em outros bairros, ocorre em núcleos de ocupação. Através dos resultados do estudo de caso, foi possível constatar que os haitianos inicialmente buscam a área central de Lajeado e gradativamente, vão se espalhando para outros bairros como o Moinhos e o Santo André, mantendo a configuração de pequenos núcleos ou blocos, como uma espécie de referência aos dizeres na Bandeira Haitiana: “A união faz a força”. Assim as territorializações se configuram como práticas territoriais, o que Haesbaert (2011) conceitua como multiterritorialidades. A integração socioespacial de

diferentes grupos não ocorre de forma contida em um espaço determinado, mas sim através dessas práticas territoriais, as quais podem estar espalhadas em múltiplos territórios.

A territorialização estabelece relação com a integração socioespacial porque a forma como ocorre a territorialização do grupo, poderá facilitar ou dificultar a integração socioespacial. Assim, a territorialização dos haitianos em pequenos grupos de habitações em bairros próximos aos locais de trabalho, lazer (incluindo atividades religiosas) e serviços sociais. Entende-se então que essas práticas sociais, a localização delas e os deslocamentos entre elas; parecem facilitar a integração socioespacial.

Assim, a territorialização está vinculada aos locais de moradia, trabalho e de lazer e ocorre em forma de pequenos núcleos de habitação que vão se expandindo a partir de um local de interesse comum aos haitianos (Centro Antigo) os demais bairros da cidade. Essa forma de territorialização contribuiu para a integração socioespacial no caso estudado. A figura 41 representa a territorialização dos núcleos de habitações de haitianos em Lajeado, a localização dos núcleos foi baseada nas entrevistas:

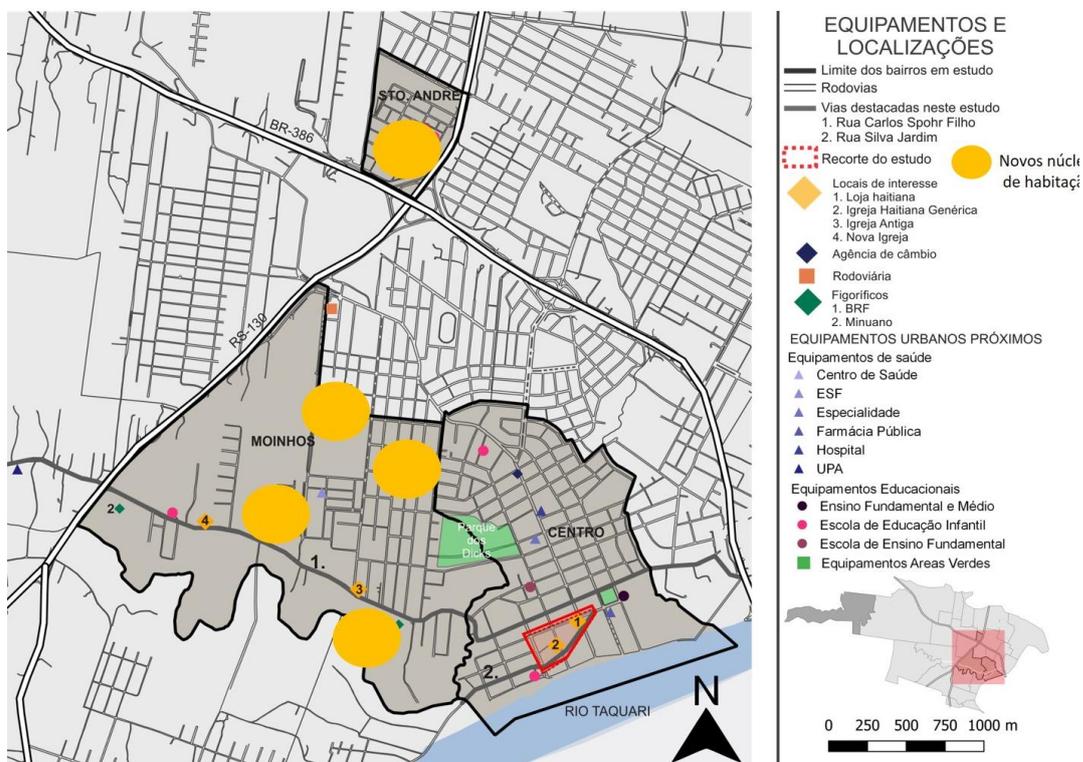


Figura 41: Territorialização dos núcleos de habitações de haitianos em Lajeado.
Fonte: Da autora (2020).

Nas demais cidades brasileiras, entende-se que a territorialização de imigrantes haitianos possa estar vinculada a fatores como o tipo e o local de trabalho. Há regiões no Brasil onde os haitianos atuam trabalhando principalmente no setor de comércio e serviços (lojas, restaurantes), onde a forma de territorialização possivelmente será diferente. Embora fatores como a religião e as relações de solidariedade étnica do grupo devam ser fatores comuns dos haitianos no Brasil; entende-se que a territorialização, nas demais cidades brasileiras, possa apresentar diferenças.

Dessa forma, para que se possa compreender a integração socioespacial de imigrantes haitianos em outras cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo, seria preciso compreender a especificidade de cada região, como por exemplo: o clima; o tamanho e porte das cidades; mercado de trabalho; as distâncias percorridas e formas de locomoção dos haitianos entre seus locais de moradia, trabalho e lazer.

6.3. ALTERIDADE

(Construtos: Alteridade, Hospitalidade, Etnicidade e Integração Socioespacial)

A alteridade vincula-se à integração socioespacial pela forma como o haitiano é recebido e percebido em Lajeado. Considerou-se a hospitalidade e a etnicidade porque determinam o primeiro contato entre a população local e os grupos distintos, tanto de haitianos de primeira quanto de segunda geração. A alteridade relaciona-se às interações sociais cotidianas entre os grupos distintos; representados pela população local e pelos estrangeiros; por vezes, estrangeiros com estrangeiros ou entre estrangeiros da mesma nacionalidade.

A diferença do idioma e a diferença cultural foram mencionados como os maiores desafios para a gestão municipal e para a população local. Dentre as questões de identidade cultural um dos fatores mais importantes seria a comunicação. Assim a dificuldade por parte dos gestores e da população local em entender os haitianos, bem como a dificuldade dos haitianos em compreender a língua portuguesa, representam barreiras à comunicação, o que por sua vez afeta a alteridade e, conseqüentemente, a integração socioespacial.

Lajeado é uma cidade de colonização alemã e a chegada dos imigrantes haitianos gerou uma mudança na paisagem urbana da cidade. Na região do Vale do Taquari, em 2010, o censo demográfico indicava que cerca de 8,6 mil pessoas eram negras (IBGE, 2010), isso

significou aproximadamente 2,5% da população total (DIEHL, 2017). No período considerado como o auge da imigração haitiana na região, que foi entre 2013 e 2014, somaram-se à população negra regional cerca de 4,4 mil negros (DIEHL, 2017), o que representa um pequeno aumento de aproximadamente 1,29% da população negra regional. Contudo, parece haver em Lajeado a presença de racismo estrutural quanto à cor da pele e esse racismo pode estar relacionado ao fato dos haitianos, dentre os imigrantes que têm surgido nos últimos anos, representarem a minoria dos imigrantes negros. A ocorrência de preconceito, conforme mencionado anteriormente, parece ocorrer principalmente nas relações de trabalho, mas, aparentemente, ocorre de forma indireta.

Pode-se dizer que a vinda dos haitianos foi sim inesperada e repentina, e chegavam em grupos. Durante as entrevistas com representantes da gestão municipal e com representantes da população local pode-se observar a ocorrência de frases como “a rua mudou”, “o bairro está bem diferente”, “eles se sentem donos da rua.” Observa-se assim que os imigrantes haitianos em Lajeado representam um grupo diferente, visto que a expressão “são diferentes” foi também mencionada pela maioria dos entrevistados da gestão e da população local. Isso remete às barreiras da alteridade frente à diferença. Conforme mencionado, em Lajeado há outros grupos de imigrantes contemporâneos, mas, por não serem negros, passam despercebidos.

Foi possível, através das entrevistas, observar o que Barth (1998) aponta como o problema da etnicidade: que através do uso de apelidos, de comentários negativos ou “fofocas”, um grupo tenta se sobrepor ao outro. No caso dos haitianos em Lajeado, em parte das entrevistas com a população local foi identificado o uso de adjetivos de forma pejorativa com a intenção de criar estereótipos: “relaxados”, “sujos”, “malcheirosos”, “preto”, “nego” e “macaco”.

O que Barth (1998) afirma, é que a interação entre grupos ocorre através da barreira, do que é diferente e estranho ao grupo autóctone. Em Lajeado, uma cidade de colonização europeia, as barreiras são em relação ao idioma e à cultura que foi mencionada como “diferente” pela maioria dos entrevistados da gestão municipal e da população local. Assim, diferenças nos hábitos alimentares e de higiene, bem como a diferença na cor da pele são mencionados pelos entrevistados da população local de forma bem explícita.

Nas entrevistas com a população local, alguns comentários em tom de “fofoca” foram feitos a respeito dos imigrantes haitianos, como por exemplo, “ouveu-se falar que em tal

indústria um haitiano cuspiu no chão enquanto estava na linha de produção e é por isso que tal empresa não contrata haitianos”, ou “eles colocam numa panela para cozinhar: feijão (que é um tipo deles não como o nosso feijão), arroz, patas e cabeças de frango”.

Inicialmente, acreditava-se que todos os haitianos de Lajeado se conheciam e pertenciam ao mesmo grupo e à mesma Igreja evangélica. Ao longo do estudo de caso, isso não foi confirmado nas entrevistas. Observou-se que há subgrupos de haitianos dentro do grande grupo, isso pode ser determinado pela temporalidade de chegada no Brasil, bem como pela origem de regiões distintas do Haiti, ou até pelas gerações diferentes. Isso corrobora Barth (1998), quando explica o fato de membros de um mesmo grupo não reconhecerem o outro por este apresentar diferenças de identidade em relação aos demais membros daquele mesmo grupo. Então as barreiras (Barth 1998) não ocorrem somente entre os haitianos e a população local. As barreiras também podem ocorrer internamente aos diferentes grupos de haitianos, ou dos grupos de haitianos com outros grupos de imigrantes estrangeiros. As entrevistas revelaram que existem grupos distintos dentro do próprio grupo de imigrantes haitianos; isso pode ser constatado nas seguintes falas:

Nossos conterrâneos que fazem parte da nossa Igreja não ficam nas pensões; os nossos, quando chegam, ficam em nossas casas até se estabilizarem. (IMIGRANTE HAITIANO - entrevista, 2019).

Aquela Igreja Haitiana perto das pensões eu não conheço, eu pertenço a outra Igreja Haitiana, a do haitiano do CRAS. (IMIGRANTE HAITIANO - entrevista, 2019).

Nós somos sozinhos, eu e ele (outro haitiano) nos conhecemos aqui em Lajeado e não conhecemos outros imigrantes haitianos, por isso que queremos conhecer brasileiros aqui em Lajeado. Para conhecer a cultura de vocês e melhorar a língua, queremos evoluir aqui. (IMIGRANTE HAITIANO - entrevista, 2019).

Nem todos vieram de Porto Príncipe, muitos vieram de outras regiões do Haiti que não foram afetadas pelo terremoto, se conheceram em Lajeado ou nem se conhecem, tem grupos dentro do grupo maior. (GESTORA DA SAÚDE 3 - entrevista, 2019).

Considerando que na área do Centro Antigo, há outros grupos étnicos em menor número que os haitianos (senegaleses, bengales, indianos...), além da população local; essa área representa o que Massey (2000; 2005) entende como um espaço multiescalar (global x local), um espaço de negociação e de coexistência com o outro.

Além disso, foi observado nas entrevistas com haitianos que ocorrem diferenças entre os haitianos e outros grupos étnicos existentes em Lajeado: “Nós não misturamos trabalho com religião como os senegaleses. Os senegaleses quando estão trabalhando precisam

parar e rezar, se não “Alah” fica brabo com eles” (IMIGRANTE HAITIANO - entrevista, 2019).

Em relação ao comércio de rua praticado pelos senegaleses, os haitianos demonstram oposição. “Nós não somos senegaleses, nós não fazemos esse tipo de coisa que aqui em Lajeado, isso é ilegal” (IMIGRANTE HAITIANO - entrevista, 2019).

Foi observado nas entrevistas que os gestores municipais e a população local tipificam os grupos de imigrantes existentes na cidade, de forma a serem considerados todos como senegaleses. “Nós somos haitianos” (IMIGRANTE HAITIANO - entrevista, 2019).

Os entrevistados relatam que há uma certa exploração dos proprietários dos imóveis ou das imobiliárias e, em relação aos imigrantes. Foi observado que os haitianos sabem dessa situação e a consideram como temporária: “isso os haitianos sabem, mas é a solução inicial, não tem outra forma. Assim que melhoram de condições, a tendência é os haitianos mudarem de bairro” (GESTOR DA ASSISTÊNCIA SOCIAL 2 - entrevista, 2019).

Foi observado nas entrevistas que os haitianos na maioria são evangélicos, prezam o casamento e as famílias com muitos filhos. Quando indagados sobre a prática vodu, a maioria dos entrevistados haitianos não aceitaram responder. Culturalmente não usam métodos anticoncepcionais. Observa-se também o aumento de Igrejas Haitianas, o surgimento de novos pastores haitianos e dissidentes religiosos para outras igrejas haitianas.

Assim, a alteridade está vinculada à forma como os haitianos são recebidos, na forma da hospitalidade na cidade destino. A Alteridade, a Hospitalidade e a Etnicidade contribuíram para integração socioespacial no caso estudado de forma que foi possível identificar a cultura e o idioma como a principal barreira para as relações sociais entre os grupos entrevistados. Também foi possível identificar barreiras entre outros grupos de imigrantes e também compreender a existência de barreiras entre diferentes grupos de haitianos. O processo de aquisição da cidadania para haitianos desenvolvido pelo CRAS de Lajeado e a presença do haitiano na gestão municipal são formas *bottom up* de políticas locais de integração que facilitam a integração socioespacial de haitianos na cidade.

Nas demais cidades brasileiras, entende-se que a integração socioespacial de haitianos, considerando a alteridade, a hospitalidade, e a etnicidade de imigrantes haitianos possa

ser similar ao caso estudado. Contudo, estudos mais amplos e aprofundados seriam necessários. Em que pese a presença do haitiano do CRAS na gestão municipal de Lajeado, fatores como diferenças culturais e barreiras entre grupos distintos podem ocorrer em qualquer cidade brasileira. Para compreender a integração socioespacial de imigrantes haitianos considerando a alteridade, a hospitalidade e a etnicidade do grupo, é preciso compreender a especificidade de cada região brasileira, como por exemplo: nas regiões brasileiras onde o número da população de negros é maior, é possível que a presença de imigrantes haitianos não seja percebida de forma tão marcante como em Lajeado.

Em relação à imigração contemporânea, cabe considerar que na perspectiva de Massey (2000; 2005), o lugar é um espaço de negociação e coexistência com o outro. Complementarmente, segundo Toledo de Souza (2020), é na vida cotidiana das cidades, nas interações e na convivência entre as diferenças culturais que permeiam os conflitos, mas também é nesse mesmo espaço que pode surgir uma riqueza de possibilidades produtivas:

[...] é nesse lugar comum que as diferenças se encontram e se tornam produtivas não é dado a priori. Não é um lugar pacificado nem uma trincheira de guerra. (TOLEDO DE SOUZA, 2020, p. 109).

7. CONCLUSÕES

O objetivo principal da pesquisa foi: compreender como ocorre a integração socioespacial de imigrantes laborais contemporâneos haitianos em cidades brasileiras, considerando a territorialização do grupo na cidade de Lajeado/RS. A partir da identificação de políticas brasileiras incipientes para a imigração, acabou se considerando que as questões de integração socioespacial, em uma abrangência inicial e exploratória, seriam similares para o conjunto das cidades brasileiras. Nesse sentido, particularmente o constructo de acesso às “políticas públicas” poderia ser inicialmente analisado de forma similar para as cidades brasileiras. Contudo, a partir do aprofundamento da análise da integração socioespacial, os constructos de “territorialização” e “alteridade” poderão apresentar diferenciações em relação às diferenças regionais brasileiras (clima, expressões culturais e religiosas, expressões idiomáticas, etc).

Por meio das entrevistas, foi possível identificar e estar presente com o “Ser Diáspora”. Verificou-se que o processo de integração de haitianos em Lajeado ocorre a partir do acesso à cidadania, e do acesso ao trabalho. A partir disso, a integração socioespacial está relacionada aos locais de trabalho (indústria frigorífica), de habitação (bairros analisados), de lazer (Igrejas haitianas) e à proximidade aos serviços sociais. Os imigrantes buscam lugares próximos ao trabalho para habitação e, conseqüentemente, para a fundação das suas igrejas. Os deslocamentos entre esses lugares denotam suas rotinas. Fatores como preconceito, racismo e exploração laboral foram relatados principalmente nas relações de trabalho e também na busca por vagas, onde as ofertas, muitas vezes, ficam aquém do grau de instrução e capacidade dos haitianos. Observou-se dessa forma, que, em Lajeado e região, o principal vínculo de trabalho formal para os imigrantes são os frigoríficos, os quais há anos vem sendo denunciados pela precariedade, com difíceis condições de trabalho nesses ambientes.

A Figura 42 representa o objetivo geral e secundários da pesquisa, bem como o resumo dos resultados obtidos. Os objetivos foram inicialmente atendidos, mas são necessários mais estudos para que de fato, os objetivos possam ser atendidos em relação ao contexto das diversas cidades brasileiras.



Figura 42: Objetivos principal e secundários atendidos.
 Fonte: Da autora (2020).

A oferta de serviços como supermercados, casa de câmbio, bancos e serviços sociais (assistência social, saúde, educação, habitação) geralmente está correlacionada à integração socioespacial e localizam-se em locais próximos aos locais de trabalho, de habitação e de lazer. Os três bairros analisados apresentam boa infraestrutura e atendem essas demandas. O Centro Antigo mesmo localizando-se em uma área mais segregada e sujeito à enchentes localiza-se próximo ao Centro Funcional, oferecendo boa infraestrutura vantagens à integração socioespacial.

Devido à proximidade entre trabalho, habitação e lazer; os deslocamentos dos haitianos ocorrem de forma peatonal ou de bicicleta. A busca por transporte público está vinculada aos deslocamentos intermunicipais.

A territorialização dos imigrantes haitianos é verificada na forma de núcleos de habitação próximos dos seus locais de trabalho, lazer e serviços sociais. Os núcleos de habitações são uma forma de fortalecimento do grupo e da sua etnicidade. Observa-se que o Centro Antigo é o primeiro lugar que os imigrantes haitianos chegaram e permanecem nessa área até atingirem uma maior estabilidade econômica. A partir do Centro Antigo, os núcleos de habitação vão se estendendo para outros bairros como o Moinhos, permanecendo próximo ao trabalho e da igreja haitiana. Assim, a territorialização propicia a integração socioespacial.

Os mecanismos empregados pela gestão municipal de forma a contribuir para o atendimento das demandas de integração socioespacial de imigrantes haitianos em Lajeado é feito seguindo a Legislação Federal. Medidas *botton up* são empregadas em todas as áreas dos serviços sociais (assistência social, saúde, educação e habitação). A preocupação por parte da gestão urbana é evitar que os imigrantes haitianos ocupem áreas invadidas ou das vilas, onde a vulnerabilidade é maior.

A diferença cultural e de idioma são desafios a serem vencidas no processo de integração socioespacial dos imigrantes haitianos em Lajeado. A presença de imigrantes haitianos em Lajeado representa uma realidade global inserida em uma realidade local. Sendo que as municipalidades, muitas vezes estão despreparadas para gerenciar esse processo de imigração. A integração socioespacial de imigrantes contemporâneos em cidades destino está relacionada com as políticas públicas de um país (nas escalas federais, estaduais e municipais); espelha formas de territorialização de grupos distintos e traz à luz a alteridade frente à diferença. É também um campo rico de possibilidades para iniciativas locais, de solidariedade.

Nessa ótica, aberta a uma nova alteridade, a ênfase não é o término dos conflitos e das diferenças, mas sim o fomento de processos de negociação para solucionar os conflitos respeitando as diferenças, bem como possibilitar melhorias nos processos de desenvolvimento social, espacial e econômico das municipalidades. Entende-se, assim, a alteridade frente a diferença como forma de integração. Quando há a compreensão de que existem diferenças culturais pode-se considerar que essas diferenças podem ser produtivas, minimizando assim, ônus para a gestão municipal e o caminho para o desenvolvimento das cidades destino.

As contribuições desta pesquisa foram no sentido de demonstrar à comunidade acadêmica na área de planejamento urbano e regional, que na escala local de uma cidade aparentemente pacata, emerge um fenômeno de contexto global. Também foi um convite para a população local de Lajeado olhar para a sua cidade, que existe algo mais amplo acontecendo e precisa ser considerado, que é a transformação diária de uma cidade na contemporaneidade.

Em relação às imigrações contemporâneas, a contribuição foi trazer à luz, um estudo de caso em uma cidade do sul do Brasil, na linha das imigrações Sul–Sul, considerando que historicamente os fluxos, e conseqüentemente também os estudos imigratórios se

concentravam em casos contemplando os países da América do Norte e Europa. A partir desta pesquisa considera-se que estudos de fluxos migratórios no eixo Sul-Sul merecem ser aprofundadas por dois motivos: i) por ser um fluxo imigratório recente com importantes impactos nas escalas de estado, regiões e do país e ii) por ter impactos sociais, culturais, religiosos, políticos e econômicos importantes para o desenvolvimento das cidades brasileiras.

O espaço das cidades é dinâmico, multiescalar, plural e está em constante mudança. O global emerge na escala local e se faz necessária a compreensão dos processos migratórios em relação ao urbano a fim de estarmos preparados para as cidades do futuro.

7.1 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Para estudos futuros, a sugestão é que i) seja sistematicamente aprofundada a pesquisa sobre os fluxos das imigrações laborais internacionais contemporâneas no contexto migratório do eixo Sul-Sul; ii) sejam aprofundados estudos sobre a análise dos impactos dos fluxos migratórios na escala local das cidades, especialmente em relação às demandas para a gestão municipal e planejamento urbano; iii) sejam desenvolvidos estudos sobre a espacialização das Igrejas Evangélicas Haitianas, bem como seus impactos sociais, culturais, políticos e econômicos; iv) sejam desenvolvidos estudos sobre outras práticas religiosas dos haitianos no Brasil, uma vez que a prática vodu teve grande importância histórica para o Haiti e há indícios dessa prática no Vale do Taquari; v) sejam desenvolvidos estudos sobre a mulher haitiana frente à cidade visto que enfrenta problemas relacionados à maternidade e a busca por trabalho; vi) sejam desenvolvidos estudos sobre as crianças haitianas de primeira e segunda geração e como contribuem para a integração socioespacial de imigrantes haitianos nas cidades brasileiras; vii) sejam desenvolvidos estudos sobre outros grupos de imigrantes laborais nas cidades brasileiras, e, viii) sejam desenvolvidos estudos sobre as distinções de integração socioespacial nas cidades brasileiras devido ao porte, questões culturais e regionais.

REFERÊNCIAS

- AGIER, M. Refugiados diante da nova ordem mundial. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 2, pp. 197-215, nov. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22/07/2020
- A HORA, Município orienta haitianos. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2020/04/30/municipio-orienta-haitianos/> Acesso em: nov/2020
- ALEXANDER, M. Local policies toward migrants as an expression of Host-Stranger relations: A proposed typology. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 29, n. 3, pp. 411-430, 2003. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13691830305610>. Acesso em: set./2020
- ALMEIDA, L. Mídia brasileira reforça políticas históricas de branqueamento do país. **AUN - Agência Universitária de Notícia**, 2017. Disponível em: <<https://paineira.usp.br/aun/index.php/2017/12/19/midia-brasileira-reforca-politicas-historicas-de-branqueamento-do-pais/>>. Acesso em: 01/05/2020.
- ARAÚJO, S.; FERNANDES, A. **Os Desafios da Governança Interfederativa**. IX Encontro da ABCP – Associação Brasileira de Ciência Política - Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/263772825_Os_Desafios_da_Governanca_Interfederativa>. Acesso em: jul./20.
- ASNELL, C. e GASH, A. Collaborative Governance in Theory. **Journal of Public Administration Research and Theory**, v. 18, n. 4, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/31311629_Collaborative_Governance_in_Theory. Acesso em: set./2020
- AUDEBERT, C. **Territories, migratories et reseaux transnationaux em La Diaspora Haitienne**. Rennes: Presses Universitaires, 2012.
- BARTH, F. **Ethnic Groups and Boundaries: the social organization of cultural difference**. Long Grove: Waveland, 1998. 153p.
- _____. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J; (Orgs). **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Edunesp, 1998. 229p.
- BAENINGER, R.; PERES R. Migrações transnacionais de refúgio no Brasil. In: LUSSI, C. (Org.). **Migrações internacionais - Abordagens de direitos humanos**. Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2017. pp. 13 - 29.
- BHAMBRA, G. K. On the haitian revolution and the society of equals. **Theory, Culture & Society**, Vol 32, Edição 7-8, 2015. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0263276415605578>. Acesso em: set./2020

BLOG DA AMAZÔNIA. Mais de 700 imigrantes do Haiti, Senegal, República Dominicana e Nigéria na fronteira Brasil-Bolívia. Disponível em: <http://amazonia.org.br/2013/03/mais-de-700-imigrantes-do-haiti-senegal-rep%C3%BAblica-dominicana-e-nig%C3%A9ria-na-fronteira-brasil-bol%C3%ADvia/>. Acesso em: set./2020

BOURDIEU, P. Espaço social e gênero das classes. In.: Bourdieu, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 133-161.

_____. (Org.) **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

_____. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, 2013.

BRAGA, A.C. **A espacialização de trocas multiculturais em conurbações internacionais da fronteira Brasil-Uruguaí. 2013.** Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre: PROPUR/UFRGS, 2013.

BRAGA, A.C.; TRUZIANI, E; RIGATTI, D.; ZAMPIERI, F.; UGALDE, C.; O Porto, Portugal. Within and outside virtual walls: spatial configuration, touristic and immigrant copresence and routes in Rome (IT) city core”. **ISUF 21st Seminar on Urban Form/ Agents of Change**, 2014

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990.** Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: jun./2020.

_____. **Lei 13.445, de 24 de maio de 2017.** Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>>. Acesso em jun./2020.

_____. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001.** Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10257.htm. Acesso em: jun./2020.

BRAUN F.; BRAGA, A.C.; SCHEIBE, A.C. SPINELLI, R. Integração Socioespacial de Imigrantes Haitianos na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul - Brasil: um estudo configuracional. **Revista Sociedade e Território**, Natal. v. 29, n. 1, p. 142 - 163. Jan./Jun.de 2017.

BRAUN F.; BRAGA, A.C.; SCHEIBE, A. Integração Socioespacial de Imigrantes Haitianos na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul - Brasil: Um estudo configuracional – Análise da Centralidade. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional G&DR**, Tatuapé, v. 14, n. 2, p. 371-397, jan/2018 (ed. especial).

CÂMARA, F.; BORGES, A.; ALMEIDA, P. **A Política migratória do período Vargas (1930-1945) e o projeto de colonização de Andreas Thaler na região de Treze Tílias, Santa Catarina.**

Disponível em: http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos_completos/165-31516-22052015-232746.pdf Acesso em: set. 2020

CAZAROTTO, R. e SINDELAR, F.; A dinâmica da imigração laboral internacional contemporânea: o caso do Vale do Taquari/RS no período de 2010-2018. **GEOSUL – Revista do Departamento de Geociências - CFH/UFSC**, v. 35 n. 75, 2020

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/1982-5153.2020v35n75p257> Acesso em: nov. 2020

CARREIRAS, M. Integração Socioespacial dos bairros de habitação social na área metropolitana de Lisboa: evidências de micro segregação. **Centro de Estudos Geográficos**, Finisterra, LIII, 107, pp. 67 -85, 2018. Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/pdf/fin/n107/n107a04.pdf>. Acesso em: set./2020

CÁRITAS. **FAQ: Frequently Asked Questions**. n.d. Disponível em: <http://caritassprefugio.wixsite.com/casp/faq>. Acesso em: jul/2020.

CASALI, A. Alteridade. **Fronteira Z Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, n. 21, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/view/38062>. Acesso em: set./2020

CASTLES, S.; MILLER, M. J. **The age of migration**. New York: Guilford, 2009.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, Antonio T.; TONHATI, T. (Orgs.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. Brasília: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais, 2014. Disponível em:

<https://oestrangeirodotorg.files.wordpress.com/2014/11/relatorio-parcial-a-inserc3a7aodos-imigrantes-no-mercado-de-trabalho-brasileiro.pdf> Acesso em: set.2020

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. **Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil**. Relatório Anual 2018. Brasília: Cadernos OBMigra, 2018. (ed. especial).

CIEE: Centro de Integração Empresa-Escola
<https://portal.ciee.org.br/rs>

DIAS, R.; MATTOS, F. **Políticas Públicas: princípios, propósitos e processos**. São Paulo: Atlas, 2012.

CODEVAT. **Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari**. Disponível em: <http://codevat.com.br/pagina/103/?principios-e-objetivos.html>. Acesso em: set./2020

CORTINA, A. **Aporofobia, el rechazo al pobre**. Un desafío para la democracia. Barcelona: Paidós, 2017. 196p.

COTA, L. G. S. Não só “para inglês ver”: justiça, escravidão e abolicionismo em Minas Gerais. **História Social**, v. 2, n 21, pp. 65-92, 2012. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/912>. Acesso em: set./2020

CRAI – Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes.
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/imigrantes_e_trabalho_decente/crai/index.php Acesso em: mai/2020

DA SILVA, S. A. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, n. 1, p. 99-117, 23 ago. 2017.

DE MORAES, I.A.; DE AGUIAR, M.P. **A Integração Do Imigrante No Brasil Em Uma Perspectiva Comparada Com Canadá**. V. 18, N. 1, 2018 Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/12767> Acesso em: jul./2020

DEC - DISASTERS EMERGENCY COMMITTEE - HAITI EARTHQUAKE
<https://www.dec.org.uk/articles/haiti-earthquake-facts-and-figures>. Acesso em: set./2020

DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. **Da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DESILLE, A, «Du national au municipal? Perspectives locales sur les politiques d’intégration en Israël», **Espaces et sociétés**, 2018/1 (n° 172- 173), p. 93-108. DOI: 10.3917/esp.172.0093.
Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-espaces-et-societes-2018-1-page-93.htm>
Acesso em: junho/2019

DIEHL, F. **Estrangeiro em uma terra estranha: racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul**, 2017. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/159143>

DORFMAN, A. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. *In*: NASCIMENTO, D. M.; PORTO, J. L. R. (Org.). **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa e segurança da Amazônia**. Belém: NAEA, 2013.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EPOCHTIMES.COM.BR Imigrantes haitianos sofrem com displicência do governo brasileiro Disponível em: <https://m.epochtimes.com.br/imiigrantes-haitianos-sofrem-displicencia-governo-brasileiro/> Acesso em: set./2020

FEE - Fundação de Economia e Estatística. Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/> Acesso em: set./2020

GAVIRIA M. M. R.; SIMON, R. **Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon**. Lajeado: Ed. da Univates, 2015.

GERALDO, E. **O combate contra os “quesitos étnicos”: identidade, assimilação e política migratória no Estado Novo.** São Paulo Editora: UNESP, 2009.

GERHARDT, L. À paz perpétua, de Immanuel Kant. **Educação Porto Alegre – RS**, ano XXVIII, n. 1 (55), p. 143 – 154, Jan./Abr. 2005.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 5a ed. São Paulo: Atlas S.A., 2010.

GLICK-SCHILLER, N. The centrality of ethnography in the study of transnational migration – seeing the wetland instead of the swamp. In: SAHOO, A. K.; MAHARAJ, B. **Sociology of diaspora – a reader.** India: Rawat Publications, 2007. p. 118-155.

_____. Situating identities: towards and identities studies without binaries of difference. **Identities: Global Studies in Power and Culture**, 2012 https://www.researchgate.net/publication/262897079_Situating_identities_towards_an_identities_studies_without_binaries_of_difference

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** 6a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HALL, S. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, 133p.

MBEMBE A. Necropolitics. **Public Culture**, jan. 2003; v. 15, n. 1, pp. 11–40.

HANDERSON, J. Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015.

_____. Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v21n43/0104-7183-ha-21-43-0051.pdf>. Acesso em: maio/2020

_____. Haiti: uma história de lutas silenciadas que podem ser ainda sufocadas com a pandemia. **Antropológicas-epidêmicas: Revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU On-line**, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, 2020. Disponível em: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/haiti-uma-história-de-lutas-silenciadas-que-podem-ser-ainda-sufocadas-na-pandemia>. Acesso em: set./2020

HARNEY, N. The ritualisation of hospitality: comparative notes at the frontiers of migration. The ritualisation of hospitality: comparative notes at the frontiers of migration. **Frontiers, Migrations, Anchorings.** Universidade de Catania, TEMA, eds. Melania Nucifora e Paolo Militello, 2017.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/319482165_The_ritualisation_of_hospitality_comparative_notes_at_the_frontiers_of_migration_The_ritualisation_of_hospitality_comparative_notes_at_the_frontiers_of_migration Acesso em: set./2020

HARVEY, D. **A Condição Pós Moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança social. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HOLANDA, A. **Dicionário Aurélio Online**. 2010. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: set/2020

IBGE. Censo Demográfico 2010. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010>. Acesso em: jun./2019

KLIJN, E. e KOPPENJAN, J. Public management and policy networks: Foundations of a network approach to governance. **Public Management**, v.2, n.2. p. 135-158. 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/257921984_Klijn_EH_JMF_Koppenjan_Public_management_and_policy_networks_foundations_of_a_network_approach_to_governance_Public_Management_vol_2_nr_2_pp_135-158. Acesso em: set./2020

KOIFMAN F. **Imigrante ideal: O ministério da justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2006.

LEVITT, P.; GLICK-SCHILLER, N. Conceptualizing simultaneity – a transnational social field perspective on society. In: SAHOO, A. K.; MAHARAJ, B. **Sociology of diaspora – a reader**. India: Rawat Publications, 2007. p. 156-193.

MACÉ, M. **Siderar, considerar: migrantes, formas de vida**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

MAMED, L. H. **Movimento Internacional de Trabalhadores Haitianos: Do Acampamento na Amazônia Acreana à Agroindústria da Carne no Centro-Sul do Brasil**. Brasília: UFAC - CAPES, 2015.

MAPA: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
<https://www.gov.br/agricultura/pt-br>

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, G. A., & THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, R.; CARVALHO, A.; BARBOSA, Y.; BARSCH, B.; ARAÚJO F.º.; Estatuto da Metrópole: a governança interfederativa. **urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana** [online]. 2017, vol.9, n.2, pp.203-215. Epub Mar 09, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-33692017000200203&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 /06/2020.

MARTINS, I.M. **Por uma Geografia das migrações: estratégias de mobilidade e permanência em migrantes haitianos**. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

MASSEY, D. **For space: a relational politics of the spatial**. London: SAGE publications, 2005.

_____. Um sentido Global de lugar. *In.*: ARANTES, A. (org.). **O Espaço da diferença**. Campinas: Ed Papirus, 2000.

MATTIOLI, F.; **Les ghettos sont construits de l'intérieur comme de l'extérieur. Les banlieues au quotidien: diversité des situations**, 2011. A La Une. disponível em: <http://institut.fsu.fr/Les-banlieues-au-quotidien-Diversite-des-situations.html>. Acesso em: set.2020.

MEJÍA, M. e CAZAROTTO, R.; Fatores de vulnerabilidade social e mecanismos de proteção social subjacente à migração de haitianos para o Brasil. Anais **Seminário Nacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporâneas**. UNISC, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/view/14570> Acesso em nov/2020

MENEZES, A.R.T. Syrian refugees in Brazil: Labor Integration in the Absence of Specific Public Policies and the Role of Civil Society Organizations. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**, v. 48, n. 1, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342474210_Syrian_refugees_in_Brazil Acesso em: jul/2020

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul. Disponível em: <http://www.mercosul.gov.br/> Acesso em: set./2020

MERRIAM DICTIONARY - <https://www.merriam-webster.com/dictionary/segregation>. Acesso em: mar./2019

MEZZADRA, S. Multidão e Migrações: a autonomia dos migrantes. **Revista EcoPós – UFRJ**, v. 15, n. 2, 2012. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/900. Acesso em: set./2020

MISSÃO PAZ. Quem Somos. n.d. Disponível em: <http://www.missaonspaz.org/>. Acesso em: jul./2020.

MOHSIN, H. **Passagem para o Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 68 p.

MORIN, E. Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre. **Jornal A Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/06/seguimos-como-sonambulos-e-estamos-indo-rumo-ao-desastre-diz-edgar-morin.shtml?fbclid=IwAR0fSAEGcP7JL2a7xNJ1IDSVNC2uvcLnC77ScH5Mp0-vv9PIzG6y7hpIISU>. Acesso em: jun./2019

MOURA, C. S. B. **Crise Humanitária de Refugiados: Obstáculos e Desafios Existentes no Brasil**. Caruaru-PE: Faculdade ASCES, 2018.

MTE - Ministério do Trabalho e Economia Disponível:
<https://empregabrasil.mte.gov.br/> Acesso em: 20/ 2020

MUSEU AFRO BRASIL

Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/> Acesso em: jul/ 2020

NETTO, L.; Eugenia.

Disponível em: <https://www.infoescola.com/genetica/eugenia/> Acesso em: mai/ 2020

OLIVEIRA T. Nova lei brasileira de migração: avanços, desafios e ameaça. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v. 34, n. 1, Jan./Abr. 2017.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000100171. Acesso em: nov./2019.

OLIVEIRA, W. **Haitianos no Brasil**: hipóteses sobre distribuição espacial dos imigrantes pelo território brasileiro. FGV, 2017. Disponível em: <<http://dapp.fgv.br/haitianos-no-brasil-hipoteses-sobre-distribuicao-espacial-dos-imigrantes-pelo-territorio-brasileiro/>>. Acesso em: jan. 2021.

OIM – Organização Internacional para as Migrações

Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oim-migrantes-internacionais-somam-272-milhoes-35-da-populacao-global/> Acesso em: mar./ 2019

ONU – ACNUR – Organizações das Nações Unidas – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/> Acesso em: mar./2020

ONU – MISUSTAH - Organizações das Nações Unidas - Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti ou **MINUSTAH**: Disponível em: *Mission*

des Nations Unies pour la Stabilisation

en Haïtihttps://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=minustah

Acesso em: set./ 2020.

ONU - HABITAT - Organização das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos 2016. Acesso em: mar de 2019.

PATARRA, N. Migrações Internacionais de e para o Brasil Contemporâneo Volumes, Fluxos, Significados e Políticas. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005.

_____. Migrações Internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, 2006.

PENNIX, R. **Integration of migrants**. Economic, social, cultural and political dimensions. University of Amsterdam, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254920820_Integration_of_migrants_Economic_social_cultural_and_political_dimensions/citations Acesso em: set./2020

POLÍCIA FEDERAL: Disponível em: <http://www.pf.gov.br>

POLITIZE, Como surgiu o movimento negro?

Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-negro/> Acesso em: jul./2020

PÓVOA NETO, H. Tendências internacionais em políticas migratórias e o caso brasileiro. *In*: SILVA, S. A. **Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. São Paulo: Hucitec; Manaus: Fapeam, 2012, pp. 289-299.

_____. Políticas de migração e refúgio na América Latina, (NIEM – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios, IPPUR/UFRJ- Instituto de Pesquisa em Planejamento Urbano/ Universidade Federal do Rio de Janeiro) **VI Seminário NIEM**, Rio de Janeiro, 2019.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAIS – Ministério da Economia – Relação Anual de Informações Sociais.

Disponível em: <http://www.rais.gov.br/sitio/sobre.jsf>. Acesso em: nov/2020.

REGIC - IBGE: Região de Influência das Cidades. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html> Acesso em: nov./2020

REIS, T.; Bottom up: o que é e como funciona esse modelo de gestão? **Gestão de Empresas**, 2019. Disponível em: <https://www.sunoresearch.com.br/artigos/bottom-up/> Acesso em: abr./2020.

RIBEIRO, A. B. **Migrantes internacionais e inserção laboral no Rio Grande do Sul: a atuação das redes de acolhimento (Comirat/RS, RedeMir e FPMH)**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Escola de Humanidades, PUCRS. Porto Alegre, 2020

RUIZ-TAGLE, J. A Theory of Socio-spatial Integration: Problems, Policies and Concepts from a US Perspective International. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 37 Ed. 2 2013. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-2427.2012.01180>. Acesso em: set./2020

SANTOS S. B. **A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença**. Coimbra: Oficina do CES – Centro de Estudos Sociais, 1999. 61p.

_____. **Por uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos**. Cortez Editora, p. 433-470. Portugal. Macrotemas Direitos Humanos, 2010. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura_dh.htm. Acesso em: set./2020

SANTOS, M. **A natureza do espaço - Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, R.; As políticas de branqueamento (1888-1920): uma reflexão sobre o racismo estrutural brasileiro. **Por dentro da África**, 2019. Disponível em:

<http://www.pordentrodaafrica.com/educacao/as-politicas-de-branqueamento-1888-1920-uma-reflexao-sobre-o-racismo-estrutural-brasileiro>. Acesso em: set./2020

SASSEN, S. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre. Editora ARTMED. 2010. Ideias, 2(1), 283-291.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração**. Ou os Paradoxos da Alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

SEYFERTH, G. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana* [online], v. 3, n.1, pp.95-131, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-3131997000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: set./2020

SEYFERTH, G. Os Estudos da Imigração no Brasil: notas sobre uma produção multidisciplinar. In: SEYFERTH, G. E. A. **Mundos em Movimento: ensaios sobre migrações**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

SABARIEGO, J.; GUIBENTIF, P.; KRUPP, C.; PEREIRA, G.; AMARAL, A. **Pensemos: Xenofobia, Racismo e os Haitianos no Brasil**. Carta Capital, 2015. Disponível em: <http://www.justificando.com/2015/06/12/pensemos-xenofobia-racismo-e-os-haitianos-no-brasil/>. Acesso em: abril/2020.

SAINT JULIEN, T. **Conceito de Migração**. Hipergeo, 2004. Disponível em: <http://www.hypergeo.eu/spip.php?article586#>. Acesso em: abril/2020

SCHEIBE, A. C.; PICCININI, L.; BRAGA, A. Evolução urbana do município de Lajeado: um estudo configuracional. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, São Carlos, v. 2, n. 2, maio/ago. 2015, p. 7-27.

SANTOS, D. J.; PALMARES, N.; NORMANDO, D.; QUINTÃO, C. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press J. Orthod.**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 121-124, Jun/2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-94512010000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: Set./2020

SCHIERHOLT, J. A. **Lajeado I Povoamento - Colonização - História Política**. Lajeado: Ed. Pref. de Lajeado, 1993. 360p.

SIMMEL, G. **Conflict: the web of group affiliation**. New York: Free press, 1964. 195p.

_____. O estrangeiro. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa v. 4 nº 12 dezembro de 2005. Disponível em: <http://paginas.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05>. Acesso em: jul./2020.

SOUZA, E.; SAYÃO, T. **A História do Brasil Colonial**. Indaial: Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, 2011

SOUZA, M. L., CASTRO, I. E.; GOMES, P.C. O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. Org. SOUZA, M. L., CASTRO, I. E.; GOMES, P.C. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2ª ed., 1995. 356p. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/biogeografia_saude_publica/aulas%202014/2-Geografia%20-%20Conceitos%20e%20Temas.pdf Acesso em: set./2020

SOUZA, M. L.de. **Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS S. B. **A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença**. Coimbra: Oficina do CES – Centro de Estudos Sociais, 1999. 61p.

SCHILLER, N.C.; ÇALGAR, A. A Introduction: migrants and cities, *In*: SCHILLER, N.C.; ÇALGAR, A (Orgs). **Locating Migration: rescaling cities and migrants**. Ithaca-New York – USA: Cornell University, 2011.

TOLEDO de SOUZA, F. Hospitalidade para os refugiados e migrantes: a diferença como perspectiva e a paz como método. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, Edição Especial março, p. 106-110, 2020. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/obs_especial_conviv_ncia_intercultural_issuu_final Acesso em: set./2020

UEBEL, R. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI**: Redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa. 2015. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/117357>

_____. O imigrante como objeto, a fronteira como um portão: como a mídia impressa percebe o imigrante haitiano e o papel das fronteiras no Brasil e no Rio Grande do Sul. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 23. n. 46, p. 115 - 131, Jul./Dez. 2016.

VILLARREAL, M. Impacto da nova Lei de Migração é tema de debate no Rio de Janeiro. **Migra mundo**, 2017. Disponível em: <http://migramundo.com/impacto-da-nova-lei-de-migracao-e-tema-de-debate-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: jul./2019.

_____. Políticas de migração e refúgio na América Latina, (NIEM – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios - GRISUL/UNIRIO (Grupo de pesquisa em Relações Internacionais e Sul Global /Universidade federal do Estado do Rio de Janeiro) **VI Seminário NIEM**, Rio de Janeiro, 2019.

ZANFORLIN, S. Migração e Escola de Chicago: caminhos para uma comunicação intercultural. **Esferas**, Programas de Pós-graduação em Comunicação das Universidades do Centro-Oeste. Brasília. n. 3, 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5130>. Acesso em: jul./2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

WIMMER; GLICK-SCHILLER, N. Methodological nationalism, the social sciences, and the study of migration: an essay in historical epistemology. **International Migration Review**, v. 37, n. 3, p. 576-610, Sep. 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista em profundidade: Gestores Municipais

Gostaria de convidá-la (o) a responder a pesquisa abaixo:

Apresentação: Esta pesquisa tem por finalidade coletar dados para uma dissertação de mestrado sobre Imigrações Laborais Internacionais Contemporâneas e os novos desafios para a gestão – Haitianos em Lajeado/RS, que estou realizando no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR, da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

DATA: _____ LOCAL: _____

INSTITUIÇÃO/ÓRGÃO: _____

ENTREVISTADO: _____

IDADE: _____

Objetivos:

Saber a percepção de como está sendo a integração socioespacial dos imigrantes na cidade de Lajeado/RS pela gestão municipal. Como os políticos e técnicos percebem as novas demandas para a gestão com a vinda dos imigrantes. Se há racismo e preconceitos; Alteridade e Hospitalidade.

QUESTÕES ESTRUTURADORAS DO DIÁLOGO:

Dados Gerais:

- 1) O que você mais gosta e menos gosta com a vinda dos imigrantes haitianos para Lajeado.

Territorialização:

- 1) Você sabe em que bairros moram os imigrantes haitianos em Lajeado?
- 2) O que você acha de eles estarem concentrados nesses bairros? Qual motivo?
- 3) Você sabe por que Lajeado atrai os imigrantes haitianos?

Integração:

- 1) Como você vê a integração de imigrantes haitianos em Lajeado?
- 2) A prefeitura Lajeado promove/tem políticas de integração para imigrantes?
- 3) O que você pensa da diferença de idioma entre lajeadenses e haitianos?

Alteridade:

- 1) Como você acha que a cidade de Lajeado recebe os imigrantes haitianos?
- 2) Como você vê o envolvimento da comunidade no acolhimento/integração dos imigrantes?

- 3) A prefeitura de Lajeado promove/tem políticas de acolhimento para imigrantes?
- 4) Você vê a imigração como algo positivo para a comunidade? Os imigrantes contribuem para a economia e o desenvolvimento local?

Acesso a Políticas Públicas:

- 1) Na sua área de trabalho, como você vê para a gestão, a vinda dos imigrantes haitianos para Lajeado/RS? Pontos positivos e pontos negativos.
- 2) Quais as novas demandas para a gestão municipal com a vinda dos haitianos?
- 3) Alguma política para imigrantes que seja federal e a gestão municipal sente a necessidade de modificá-la ou adaptá-la para a escala local?
- 4) Alguma política para imigrantes exclusivamente municipal?
- 5) Você percebe imigrantes haitianos sem trabalho necessitando de auxílio social?

Obrigada pela colaboração!

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevista em profundidade: População Local

Gostaria de convidá-la (o) a responder a pesquisa abaixo:

Apresentação: Esta pesquisa tem por finalidade coletar dados para uma dissertação de mestrado sobre Imigrações Laborais Internacionais Contemporâneas e os novos desafios para a gestão – Haitianos em Lajeado/RS, que estou realizando no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR, da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

DATA: _____ LOCAL: _____

INSTITUIÇÃO/ÓRGÃO: _____

ENTREVISTADO: _____

IDADE: _____

Objetivo:

Saber a percepção de como está sendo a integração socioespacial dos imigrantes na cidade de Lajeado/RS pela comunidade local e como a comunidade local percebe as novas demandas para a gestão com a vinda dos imigrantes. Se há racismo e preconceitos por parte da comunidade local. Alteridade e Hospitalidade por parte da comunidade local.

Dados Gerais:

- 1) O que você mais gosta e menos gosta com a vinda dos imigrantes haitianos para Lajeado.

Territorialização:

- 1) Como você vê os imigrantes haitianos em Lajeado? O que te chama mais atenção?
- 2) Você sabe em que bairros moram os imigrantes haitianos em Lajeado?
- 3) Você sabe por que por que esses bairros atraem os imigrantes haitianos?

Integração:

- 1) Como você vê a integração de imigrantes haitianos em Lajeado?
- 2) O que você pensa da diferença de idioma entre lajeadenses e haitianos?

Alteridade:

- 1) Como você acha que a cidade de Lajeado recebe os imigrantes haitianos?
- 2) Como você vê o envolvimento da comunidade no acolhimento/integração dos imigrantes?
- 3) Você acha que a vinda dos imigrantes haitianos para Lajeado possibilitou o surgimento de novos serviços para a comunidade local para atender os haitianos?

- 4) Você conhece alguma entidade ou ONG que auxiliam os imigrantes haitianos em Lajeado?

Acesso a Políticas Públicas:

1. Você acha que a vinda dos imigrantes haitianos gerou demandas para a gestão municipal de Lajeado? Em que áreas?

Obrigada pela colaboração!

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

- Gestores, técnicos da prefeitura
- População Local

Convido-o(a) a participar da pesquisa intitulada “**IMIGRAÇÕES LABORAIS INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS E OS NOVOS DESAFIOS PARA A GESTÃO URBANA: Haitianos na cidade de Lajeado/RS**”, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS). A pesquisa tem como objetivo “**Identificar e compreender as principais demandas para a gestão urbana no que se refere à integração socioespacial de imigrações laborais internacionais contemporâneas, haitianos em Lajeado/RS**”.

O quadro abaixo traz algumas informações sobre o trabalho bem como o contato da pesquisadora responsável, orientadora do trabalho e instituição de ensino onde está sendo desenvolvida.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA	
Título	IMIGRAÇÕES LABORAIS INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS E OS NOVOS DESAFIOS PARA A GESTÃO URBANA: Haitianos na cidade de Lajeado/RS
Instituição de Ensino	Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional PROPUR/UFRGS
Pesquisadora Responsável	Fabiana Braun (fabib74@gmail.com)
Orientadora Responsável	Prof. ^a Dr. ^a Luciana Inês Gomes Miron (luciana.miron@ufrgs.br)
Contato PROPUR/UFRGS	Tel.: (51) 3308 3145 E-mail: propur@ufrgs.br
CEP/UFRGS	Tel.: (51) 3308 3738 E-mail: etica@propesc.ufrgs.br

DECLARO, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa de mestrado acadêmico, “**IMIGRAÇÕES LABORAIS INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS E OS NOVOS DESAFIOS PARA A GESTÃO URBANA: Haitianos na cidade de Lajeado/RS**” de responsabilidade da pesquisadora Fabiana Braun, que tem como objetivo principal “**Identificar e compreender as principais demandas para a gestão urbana no que se refere à integração socioespacial de imigrações laborais internacionais contemporâneas, haitianos em Lajeado/RS**”.

-Declaro ter sido informado(a) que como benefícios: o estudo de 4 (quatro) bairros na cidade de Lajeado/RS) Bairro Centro, Moinhos e Santo André além disso outro benefício é a possibilidade de compartilhar a minha opinião e percepção em relação a vinda dos imigrantes haitianos para a cidade de Lajeado/RS e os novos desafios para a gestão municipal.

-Declaro ter sido informado(a) que como riscos, a geração de expectativas pela falta de compreensão do propósito da entrevista.

-Afirmo ter sido informado(a) de que esta é uma entrevista em profundidade, com duração de cerca de 30 minutos, com gravação de áudio e que posso solicitar a qualquer tempo a interrupção da entrevista, e de que, no caso de me sentir desconfortável para responder qualquer pergunta, basta solicitar à pesquisadora que a retire, pois me é assegurado o direito de não responder o que julgar impertinente ou de conteúdo impróprio.

-Fui ainda informado(a) de que a pesquisadora se compromete a esclarecer quaisquer dúvidas que eventualmente surjam e que posso me retirar desse estudo a qualquer tempo, sem qualquer prejuízo.

-Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus, com a finalidade exclusiva de colaborar com o desenvolvimento da pesquisa. Atesto ter recebido uma cópia deste Termo, assinado pela pesquisadora.

Lajeado, ____ de _____ de 2019

Nome completo do(a) entrevistado(a)

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Fabiana Braun

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE D

ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Para imigrantes haitianos

Gostaria de convidá-la (o) a responder a pesquisa abaixo:

Apresentação: Esta pesquisa tem por finalidade coletar dados para uma dissertação de mestrado sobre Imigrações Laborais Internacionais Contemporâneas e os novos desafios para a gestão – Haitianos em Lajeado/RS, que estou realizando no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR, da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

DATA: _____ TURNO: _____ LOCAL: _____

ENTREVISTADO: _____

QUESTÕES ESTRUTURADORAS DO DIÁLOGO:

Objetivo:

Saber como é a percepção da integração socioespacial dos imigrantes haitianos na cidade de Lajeado/RS pelos imigrantes haitianos. Como é a alteridade, hospitalidade por parte da cidade de Lajeado, se há racismo e preconceito; como é a territorialização do grupo; formas de usar a cidade; habitar, acesso a serviços públicos, problemas enfrentados.

Dados Gerais:

- 1) Idade
- 2) Estado Civil
- 3) Religião
- 4) Grau de Escolaridade
- 5) Profissão no Haiti
- 6) Formação da mãe
- 7) Você tem filhos? Quantos e idade? Moram com você?
- 8) Seus filhos nasceram no Haiti ou no Brasil?
- 9) Seus filhos vão à escola? Qual escola?
- 10) Como você ficou sabendo da cidade de Lajeado?

11) Quem foi a primeira pessoa que você encontrou quando chegou em Lajeado/RS e onde morou?

Territorialização:

- 1) Qual a cidade do Haiti que você morava antes de vir para o Brasil?
- 2) Há quanto tempo você mora aqui? Você pode descrever um pouco do lugar onde mora? Como era sua vida no Haiti?
- 3) Como você vê o espaço público da cidade de Lajeado? Você se sente bem nos parques, praças ou caminhando nas ruas?
- 4) Qual bairro você mora em Lajeado?
- 5) Por que você escolheu morar nesse bairro?
- 6) No seu bairro, o que você mais gosta e o que menos gosta?
- 7) Quantas pessoas moram com você?
- 8) O local que você mora é alugado ou é próprio?
- 9) Como você fez para alugar ou comprar esse imóvel?

Integração:

- 1) Como foi chegar do Haiti para o Brasil?
- 2) Como você vê a diferença de idioma aqui no Brasil?
- 3) Como foi para conseguir documentação e carteira de trabalho no Brasil?
- 4) Qual tipo de documento que você tem?
- 5) Seus filhos nasceram no Haiti ou no Brasil?
- 6) Você tem filhos? Quantos e idade? Moram com você?
- 7) Seus filhos nasceram no Haiti ou no Brasil?
- 8) Seus filhos vão à escola? Qual escola?
- 9) Como você ficou sabendo da cidade de Lajeado?
- 10) Por que você escolheu a cidade de Lajeado para morar?
- 11) Onde trabalha? Qual setor? Há quanto tempo?
- 12) Como você vai para o trabalho?
- 13) Quanto dinheiro você envia para o Haiti, por mês? Quantas pessoas dependem desse dinheiro lá?
- 14) Quando você quer um lazer onde vai?
- 15) Qual Igreja você frequenta?
- 16) Como você se desloca na cidade?

17) Você acha que a comunidade haitiana está integrada à cidade de Lajeado?

Alteridade:

- 1) Como você acha que a cidade de Lajeado/RS recebe os imigrantes haitianos?
- 2) Como você vê os moradores locais de Lajeado? O que te chama mais atenção?
- 3) Quando você fala da cidade de Lajeado, o que você mais lembra?
- 4) Em Lajeado/RS, o que você mais gosta e o que vc menos gosta?

- 5) Você sabe de alguma entidade ou ONG que auxiliam os imigrantes haitianos em Lajeado?

Acesso a Políticas Públicas:

- 1) Quando você tem dor de dente, onde você vai?
- 2) Se você tem uma conterrânea grávida, onde você a leva para tratamento?
- 3) Você usa algum serviço social?
- 4) O que você acha do atendimento da saúde no município de Lajeado? Qual posto de saúde você vai?
- 5) O que você acha do atendimento no CRAS (Centro de Referência em Assistência Social)? Em qual CRAS você vai? Você tem cadastro no – CadÚnico?
- 6) O que você acha do ensino nas escolas municipais?
- 7) O que você acha do acesso a habitação – Programas do Governo Federal

Se você pudesse mandar um recado ao prefeito da cidade de Lajeado, o que você diria?

Obrigada pela colaboração!

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(TCLE)

- Imigrantes Haitianos

Convido-o(a) a participar da pesquisa intitulada “**IMIGRAÇÕES LABORAIS INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS E OS NOVOS DESAFIOS PARA A GESTÃO URBANA: Haitianos na cidade de Lajeado/RS**”, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS). A pesquisa tem como objetivo “**Identificar e compreender as principais demandas para a gestão urbana no que se refere à integração socioespacial de imigrações laborais internacionais contemporâneas, haitianos em Lajeado/RS**”.

O quadro abaixo traz algumas informações sobre o trabalho bem como o contato da pesquisadora responsável, orientadora do trabalho e instituição de ensino onde está sendo desenvolvida.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA	
Título	IMIGRAÇÕES LABORAIS INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS E OS NOVOS DESAFIOS PARA A GESTÃO URBANA: Haitianos na cidade de Lajeado/RS
Instituição de Ensino	Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional PROPUR/UFRGS
Pesquisadora Responsável	Fabiana Braun (fabib74@gmail.com)
Orientadora Responsável	Prof. ^a Dr. ^a Luciana Inês Gomes Miron (luciana.miron@ufrgs.br)
Contato PROPUR/UFRGS	Tel.: (51) 3308 3145 E-mail: propur@ufrgs.br
CEP/UFRGS	Tel.: (51) 3308 3738 E-mail: etica@propesc.ufrgs.br

DECLARO, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa de mestrado acadêmico, “**IMIGRAÇÕES LABORAIS INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS E OS NOVOS DESAFIOS PARA A GESTÃO URBANA: Haitianos na cidade de Lajeado/RS**” de responsabilidade da pesquisadora Fabiana Braun, que tem como objetivo principal “**Identificar e compreender as principais demandas para a gestão urbana no que se refere à integração socioespacial de imigrações laborais internacionais contemporâneas, haitianos em Lajeado/RS**”.

-Declaro ter sido informado(a) que como benefícios: o estudo de 4 (quatro) bairros na cidade de Lajeado/RS) Bairro Centro, Moinhos e Santo André além disso outro benefício

é a possibilidade de compartilhar a minha opinião e percepção em relação a vinda dos imigrantes haitianos para a cidade de Lajeado/RS e os novos desafios para a gestão municipal.

-Declaro ter sido informado(a) que como riscos, a incompreensão das perguntas devido à barreira da língua e a geração de expectativas pela falta de compreensão do propósito da entrevista.

-Afirmo ter sido informado(a) de que esta é uma entrevista em profundidade, com duração de cerca de 30 minutos, com gravação de áudio e que posso solicitar a qualquer tempo a interrupção da entrevista, e de que, no caso de me sentir desconfortável para responder qualquer pergunta, basta solicitar à pesquisadora que a retire, pois me é assegurado o direito de não responder o que julgar impertinente ou de conteúdo impróprio.

-Fui ainda informado(a) de que a pesquisadora se compromete a esclarecer quaisquer dúvidas que eventualmente surjam e que posso me retirar desse estudo a qualquer tempo, sem qualquer prejuízo.

-Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus, com a finalidade exclusiva de colaborar com o desenvolvimento da pesquisa. Atesto ter recebido uma cópia deste Termo, assinado pela pesquisadora.

Lajeado, ____ de _____ de 2019.

Nome completo do(a) entrevistado(a)

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Fabiana Braun

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE F

ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE EM CRIOULO

PARA IMIGRANTES HAITIANOS

IMIGRAN AYISYEN

Entèvyou script

Mwen ta renmen envite ou ranpli sondaj ki anba a:

Prezantasyon: rechèch sa a gen pou objektif pou kolekte done pou yon tèz la tèz sou Ayisyen Entènasyonal Imigrasyon Travay ak nouvo defi yo pou jesyon minisipal - Ayisyen nan Lajeado / RS, ki mwen fè nan Pwogram Postgraduate nan Planifikasyon Iben ak Rejyonal – PROPUR, ki soti nan fakilte a nan Achitèk nan UFRGS.

PWOBLÈM estrikti DIALOGEN:

Objektif:

Konnen ki jan se pèsepsyon a nan entegrasyon an sosyo-espasyal nan imigran ayisyen nan vil la nan Lajeado / RS pa imigran ayisyen. Kouman se alternans a Ospitalite pa vil la nan Lajeado, si gen prejije; ki jan teritoryalizasyon nan gwoup la; fason pou itilize vil la; lojman, aksè nan sèvis piblik, pwoblèm fè fas a.

Repons entèvyou yo pral anrejistre ak transkri yon ti tan pou tèks la nan tèz mèt la. Non moun kap fe entèvyou a pap divilge.

Done Jeneral:

- 1) Laj:
- 2) Eta sivil:
- 3) Relijyon:
- 4) Degre Edikasyon:
- 5) Lang ou pale:
- 6) Pwofesyon an Ayiti:
- 7) Pwofesyon an Brezil:
- 8) Fòmasyon nan maman an:
- 9) Èske w gen timoun? Ki laj yo? Yo rete avèk ou?
- 10) Èske pitit ou yo te fèt an Ayiti oswa Brezil?
- 11) Èske pitit ou yo ale lekòl? Ki lekòl?
- 12) Poukisa ou te chwazi vil Lajeado pou rete?
- 13) Di nou ki jan vwayaj la te ye lew tap vin Brezil.

- 14) Ki moun ki te premye moun ki ou te rankontre lè ou te rive nan Lajeado / RS?
- 15) Depi ou te rive nan Lajeado / RS sa ki te chanje nan lavi ou?

Teritoryalite:

- 1) Ki vil Ayiti oswa ki lòt peyi ou te rete anvan ou te vini nan Brezil?
- 2) Konbyen tan ou genyen ap viv isit la (ane rive)?
- 3) Ki katye w ap viv nan Lajeado?
- 4) Èske ou ka dekri yon ti kras nan kote w ap viv?
- 5) Poukisa ou te chwazi pou viv nan katye sa a?
- 6) Nan katye w la, ki sa ou pi renmen ak sa ou pa renmen?
- 7) Konbyen moun ki ap viv avèk ou?
- 8) Èske kote wap viv la se we oswa pwòp?
- 9) Ki jan ou te lwe oswa achte pwopriyete sa a?

Entegrasyon:

- 1) Kijan ou te soti Ayiti rive Brezil?
- 2) Kijan ou wè diferans nan lang isit la nan Brezil?
- 3) Ki jan ou te jwenn dokiman ak kat travay nan Brezil?
- 4) Ki kalite dokiman ou genyen?
- 5) Èske pitit ou yo te fèt an Ayiti oswa nan Brezil?
- 6) Ki kote ou travay? Ki sektè? Konbyen tan de sa?
- 7) Ki jan ou ale nan travay?
- 8) Konbyen lajan ou voye bay Ayiti chak mwa? Konbyen moun ki depann sou lajan sa a la?
- 9) Lè ou vle yon lwazi kote ou ale?
- 10) Ki legliz ou ale nan?
- 11) Di nou yon ti kras sou legliz ayisyen an?
- 12) Èske ou panse kominote ayisyen an entegre ak vil Lajeado?

Altènativ:

- 1) Kijan ou panse vil Lajeado / RS resevwa imigran ayisyen?
- 2) Ki jan ou fè wè moun nan lokalite yo nan Lajeado? Ki sa ki kapture atansyon a pi plis?
- 3) Lè ou pale sou lavil la nan Lajeado, ki sa ou pi sonje?
- 4) Nan Lajeado / RS, ki sa ou pi renmen ak sa ou pa renmen?
- 5) Èske w konnen nenpòt ki antite oswa ONG ki ede imigran ayisyen nan Lajeado?

Aksè a Règleman Piblik:

- 1) Lè ou gen yon mal dan, ki kote ou ale?
- 2) Si ou gen yon fanm ki ansent, ki kote ou mennenl pran li pou tretman?
- 3) Èske w itilize nenpòt sèvis sosyal?
- 4) Ki sa ou panse sou swen sante nan minisipalite a nan Lajeado? Nan ki post sante ou ale?
- 5) Ki sa ou panse de CRAS (Sant Referans Asistans Sosyal)? Nan Ki CRAS ou ale?
- 6) Kisa ou panse osijè ansèyman nan lekòl minisipal yo?
- 7) Ki sa ou panse sou aksè lojman?

- Pwogram Gouvènman Federal la

Voye yon mesaj bay majistra Lajeado.

Mèsi pou kolaborasyon an!

Fabiana Braun

PROPUR / UFRGS chèchè

APÊNDICE G

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - EM CRIOULO

FÓM DE KONSANTMAN LIB AK ENFÒME

-IMIGRAN AYISYEN

Mwen envite ou patisipe nan rechèch as ki rele “MIGRASYON ENTÈNASYONAL NAN TRAVAY RESAN AK NOUVO DEFI POU JESYON IBEN YO: Ayisyen nan vil Lajeado/RS”, anba devlopman nan pwogram lan postgraduate nan planifikasyon iben ak devlopman nan teritwa Inivèsite Federal la nan Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRS). Rechèch la gen objektif pou “idantifye ak konfrann demand prensipal yo nan jesyon iben ak konsiderasyon sosyo-espasyal nan kontanporen migrasyon travay entènasyonal, ki soti nan ayisyen Lajeado”.

Tablo ki anba a bay kek enfomasyon sou travay la kòm byen ke, kontakte chèchè a ki responsab, konseye travay ak enstitisyon edikasyonèl kote li ap devlope a.

EFOMASYON SOU RECHÈCH LA	
Tit	IMIGRASYON TRAVAYÈ RESAN ENTENASYONAL AK NOUVO DEFI POU JESYON IBEN: Ayisyen nan vil Lajeado/RS
Enstitisyon Edikasyonel	Pwogram postgraduate nan planifikasyon iben rejonèl yo PROPUR/UFRGS
Chèchè responsab	Fabiana Braun (fabib74@gmail.com)
Konseye responsab	Prof. ^a Dr. ^a Luciana Inês Gomes Miron (luciana.miron@ufrgs.br)
Kontak PROPUR/UFRGS	Tel.: (51) 3308 3145 E-mail: propur@ufrgs.br
CEP/ UFRGS	Tel.: (51) 3308 3738 E-mail: etica@propesc.ufrgs.br

Mwen deklare ke mwen te dakó patisipe nan rechèch la met akademik la “ Imigrasyon travay entenasyonal ak nouvo defi yo pou jesyon iben ; ayisyen nan vil la nan Lajeado/RS.” pa Fabiana Braun , ki gen okjetif prensipal se “Idantifye epi konprann demand prensipal pou jesyon iben konsenan entegrasyon sosyo-espasyal imigran ayisyen entènasyonal yo nan Lajeado/RS .

-Mwen deklare ke yo te enfomé ke kom benefis: etid la kat (katriyem) katye nan vil Lajeado/RS nan sant katye a, Centre, Moinhos e Santo Andre plis yon lot benefis se

posibilite pou pataje opinyon mwen ak pesepsyon an, relasyon ak arive imigran ayisyen nan vil Lajeado/RS ak nouvo defi pou jesyon minisipal.

-Mwen deklare ke yo te enfomé ke kom yon risk, enkonpreyansyon nan kesyon yo akòz barye langaj ak jenerasyon an nan ap atann akòz mank nan konpreyansyon yo genyen sou bi entèvyou a.

- Mwen di mwen te enfòm ke sa a se yon entèvyou approfondie de anviwon 30 minit ak anrejistreman odyo e ke mwen ka mande entèripsyon de entèvyou a nenpòt ki lè e ke si mwen santi enkonfòtab pou reponn nenpòt kesyon, jis mande chèchè a yo retire li paske mwen asire dwa pou yo pa reponn ki sa yo konsidere kontni enpreviz oswa apwopriye.

- Mwen te tou enfòm ke se chèchè a pran angajman klarifye nenpòt dout ki ka leve ak ke mwen ka retire li nan etid sa a nan nenpòt ki lè, san okenn prejije.

-Mwen di ke mwen te vle patisipe nan pwòp volonte mwen gratis, san yo pa resevwa okenn ankourajman finansye oswa chay, pou bi pou sèl la kolabore ak devlopman nan rechèch la. Mwen ateste ke mwen resevwa yon kopi tèm sa a, siyen chèchè a.

Lajeado, ___de_____ de 2019

Non konplÈ moun ki tap fe entevyou a

Siyati moun ki tap fe entevyou a

Fabiana Braun

Siyati cheche a